1

JESUS GOSTA DE MIM

A Comissão Episcopal da Educação Cristã, por delegação da Conferência Episcopal Portuguesa, publica o Catecismo "SOMOS +", correspondente ao 8º ano do Programa de Catequese da Infância e Adolescência.

Lisboa, 09 de Julho de 2007

Bispo Auxiliar de Lisboa
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

Guia

Coordenação geral e Edição
do Secretariado Nacional da Educação Cristã

Capa: Zonadesign

ISBN: 978-972-8690-

Depósito Legal: 264493/07

1ª Edição – Setembro 2007

© Todos os direitos reservados para o SNEC

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ
Quinta do Cabeço, Porta D – 1885-076 MOSCAVIDE
Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55 E-mail: educacao-crista@sapo.pt

SIGLAS

AG *Ad gentes*, Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja

ATV CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual* (2005)

CIC *Catecismo da Igreja Católica* (1992)

CT *Catechesi Tradendae*, Exortação Apostólica de João Paulo II, 1979

DCE *Deus Caritas Est*, Carta encíclica de Bento XVI, Natal do Senhor, 2005.

DGC CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – *Directório Geral da Catequese* (1997)

DV *Dei Verbum*, Constituição conciliar, Concílio Ecuménico Vaticano II.

EN *Evangelii Nuntiandi*, Exortação apostólica de Paulo VI ,1975

GS CONC. ECUM. VATICANO II – *Gaudium et spes*, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (1965)

LG CONC. ECUM. VATICANO II – *Constituição dogmática sobre a Igreja* (1964)

SC *Sacrosanctum Concilium*, Constituição sobre a Sagrada Liturgia

Assim, a catequese, como consequência da fidelidade a Deus, deve manter também uma atenção constante ao ser humano, auscultando "as suas experiências mais profundas" (DGC 78); deve respeitar a mensagem e a pessoa concreta "por uma diligente adaptação" (DGC 112) e, num esforço constante de inculturação que respeite a integridade da fé, deve tornar o Evangelho "acontecimento verdadeiramente significativo para a pessoa humana" (DGC 97).

(ATV - Orientações 6)

APRESENTAÇÃO

Caros amigos Catequistas / Caras amigas Catequistas,

Todos temos consciência de como as mudanças no mundo actual são rápidas e constantes. Inserida na comunidade humana, a Igreja tem, necessariamente, de acolher os novos desafios e lançar propostas que ajudem os homens e as mulheres a responder, em cada tempo, às realidades e problemas com a luz e o impulso do Evangelho de Jesus Cristo.

A catequese da infância e adolescência, dirigindo-se a pessoas em crescimento e inseridas em ambientes que se transformam, está também sujeita a dinamismos de mudança, os quais implicam que, periodicamente, se aprofunde a natureza da catequese, se avaliem resultados obtidos e se apontem novos caminhos. Neste sentido, as novas circunstâncias sugerem que, na fidelidade à identidade e aos conteúdos essenciais da catequese, se dê maior ênfase a aspectos doutrinais mais esquecidos, para os quais os documentos do magistério da Igreja alertam, ou a experiência da prática catequética requer, se renovem métodos e se apresentem novas propostas de acção, que favoreçam o crescimento humano e cristão dos catequizandos.

Toda esta tarefa renovadora se consubstancia na publicação de novos catecismos para um itinerário de 10 anos e de guias, correspondentes, destinados aos catequistas. São instrumentos de trabalho, a utilizar em estreita relação com as famílias e com as comunidades cristãs de referência dos catequizandos.

Com o 1º ano de catequese, inicia-se a I etapa do referido itinerário, intitulada "Inserção na comunidade".

O guia do catequista e o manual do catequizando, com o título "Jesus gosta de mim", são instrumentos de apoio e orientação para os encontros de catequese. Para enquadrar estes textos, torna-se indispensável estudar o documento da Conferência Episcopal Portuguesa "Para que acreditem e tenham a vida. Orientações para a catequese actual" (Fátima, 23 de Junho de 2005), dedicado sobretudo aos catequistas, "como manifestação do apoio pela nobre e bela missão da educação da fé que lhes foi confiada" (n. 7). Nele se apresenta uma visão global

sobre a catequese no contexto das transformações culturais que marcam a actualidade, do pensamento do Magistério da Igreja e da relação da catequese com a comunidade cristã, e se sistematizam os principais critérios a ter em conta na revisão dos catecismos.

"Os catecismos são textos escritos de apoio que precisam de vida. É a comunidade cristã e o catequista quem dá vida ao catecismo" (*Para que acreditem e tenham a vida*, n. 7). Os catequistas constituem o primeiro dos meios para a catequese em cada Diocese e, com a ajuda de uma adequada "formação tanto de base como permanente", devem ser "eles mesmos uma catequese viva" (Congregação para os Bispos, *Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos*, n. 128).

Neste sentido, é imprescindível que o catequista se assuma como testemunha da fé e que a catequese se desenvolva na globalidade e complementaridade das suas dimensões. Valorizar a pedagogia em detrimento da transmissão fiel e clara dos conteúdos do mistério cristão, ou transformar a catequese em ensino, desprezando a experiência de vida cristã dos catequizandos, expressa e alimentada na oração, na participação na Eucaristia, no compromisso na comunidade cristã e no testemunho do amor, seria uma grave deturpação e uma ameaça aos bons resultados da acção catequética.

Por outro lado, a missão do catequista não pode prescindir da responsabilidade da família do catequizando, particularmente na fase da infância. Com efeito, a família é a primeira responsável pela educação dos filhos, e a educação, entendida na sua globalidade, inclui a dimensão religiosa. Quer a família seja cristã quer não, o catequista há-de sempre procurar estabelecer a relação mais adequada, que conjugue a sua acção com a da família do catequizando.

Bom trabalho!
Lisboa, 09 de Julho de 2007

D. Tomaz Pedro Barbosa Silva Nunes
Bispo Auxiliar de Lisboa
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

ITINERÁRIO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

(6-16 ANOS)

INFÂNCIA

I ETAPA – Inserção na comunidade

1º Ano	JESUS GOSTA DE MIM	Festa do Acolhimento
2º Ano	ENSINA-NOS A REZAR	Festa do Pai-Nosso
3º Ano	EM TI, VIVEMOS	Festa da Eucaristia

II ETAPA – A vida da fé

4º Ano	AO ENCONTRO... de JESUS	Entrega da Bíblia
5º Ano	À DESCOBERTA... do PAI	Entrega do Credo
6º Ano	NA FORÇA... do ESPÍRITO	Festa da Fé

ADOLESCÊNCIA

III ETAPA – Sentido cristão da vida

7º Ano	PROJECTO MAIS	Bem-aventuranças
8º Ano	SOMOS MAIS	Festa da Vida

IV ETAPA – Compromisso cristão

9º Ano	O DESAFIO DE VIVER	Celebração de Compromisso
10º Ano	A ALEGRIA DE CRER	Festa do Envio

DEZ ANOS DE CATEQUESE – QUATRO ETAPAS

O Programa de Catequese da Infância e Adolescência foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em Abril de 1988. A mesma Conferência Episcopal aprovou a renovação deste Programa, que procura ter como grande referência o Catecismo da Igreja Católica, em Abril de 2005. Em Junho do mesmo ano, publica o documento com o título: *"Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual*", que apresenta a fundamentação teológica, catequética e pastoral do itinerário de 10 anos, tal como é apresentado nos catecismos publicados no ano de 2005 e seguintes.
Assim, pode-se dizer dos 10 Catecismos (e respectivos guias) que apresentam "a fé da Igreja que nos gloriamos de professar". A docilidade a este programa é, pois, um concreto sinal de autêntica comunhão eclesial.

1ª Etapa – Inserção na Comunidade

É uma fase de acolhimento por parte de toda a Comunidade Cristã, que visa a progressiva inserção na vida da fé da Igreja.

2ª Etapa – A vida da fé

Esta etapa é dedicada à primeira síntese da fé cristã. Ser cristão é seguir Jesus e viver à maneira da comunhão trinitária.

3ª Etapa – O sentido cristão da vida

É uma fase de descoberta de Jesus Cristo como o amigo, a grande referência para o sentido da vida e para a resolução das grandes questões existenciais.

4ª Etapa – O Compromisso cristão

Esta última etapa do itinerário de dez anos quer ajudar os adolescentes a realizarem o seu compromisso comunitário e eclesial. Tem ainda em conta a necessidade de uma nova síntese da fé, agora no horizonte adolescente e juvenil.

INTRODUÇÃO

INSERÇÃO NA COMUNIDADE

I. O QUE É A CATEQUESE

A catequese é uma *acção eclesial.* É a Igreja, no seu todo, que faz a catequese, cumprindo a sua missão de ser continuadora da missão de Jesus Cristo: levar a Boa Nova a todos os povos. A Igreja, animada pelo Espírito Santo, conserva no seu coração, anuncia, celebra, vive e transmite o Evangelho através da catequese (cf DV 8).
A *comunidade eclesial* é a *origem,* porque o catequista não actua em nome próprio, mas em nome da comunidade cristã e, por isso, em nome de toda a Igreja (cf EN 60). O catequista pode e deve dizer como São Paulo: "Transmitivos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi" (1Cor 15,3).

Este anúncio não pode prescindir da *família*, do ambiente em que o catequizando vive. Quando falamos em família – como principal transmissora da fé – referimo-nos à família cristã que "tem uma função primária, porque nela se pode realizar o anúncio da fé num clima de acolhimento e de amor, que, melhor do que qualquer outro, confirma a autenticidade da Palavra" (DGC 188). Contudo, é preciso ter em conta que muitas famílias não são cristãs, no sentido de que são incapazes de transmitir a fé, por variadíssimas razões.
Aqui, o catequizando há-de ser acolhido por uma comunidade cristã, onde encontre um clima fraterno e acolhedor, que lhe faça ver a alegria de ser cristão, capaz de lhe suscitar o desejo de seguir Jesus Cristo. O *grupo de catequese*, como grupo primário, é uma boa porta de entrada na família paroquial.

A comunidade é o *âmbito* ou *lugar* normal da catequese. É como o seio materno onde se gera o homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos de Iniciação cristã. O testemunho da comunidade é fundamental: a catequese transmite com mais facilidade aquelas realidades e vivências que realmente existem na comunidade.
A *meta* da catequese é também a comunidade, pois é esta que acolhe os que são iniciados na fé. A catequese correria o risco de se esterilizar, se não houvesse uma comunidade viva que acolhesse cada catequizando. Assim, a comunidade tem uma dupla responsabilidade: de catequizar cada um dos seus membros; e a de os acolher, de modo que possam viver o mais plenamente unidos Àquele a quem aderiram (cf CT 24).

Por último, é a catequese que renova a comunidade, através da Iniciação cristã, a Igreja gera filhos no Filho e conduz à maturidade da fé tanto das comunidades como de cada fiel (cf DGC 21).
Depois do está dito, torna-se claro que a catequese, se quer cumprir os seus objectivos, tem de introduzir o catequizando na vida da comunidade.

Finalidade da catequese

O objectivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão íntima com Jesus Cristo (cf CT 5). Pela sua própria natureza, "a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus seu Pai, que o enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, Seus irmãos e irmãs, de cuja sorte quis partilhar" (DGC 81).

A comunidade, família de famílias, tem um lugar de destaque. São precisas comunidades que mostrem a fé em que acreditam e acolham aqueles que querem aderir a Cristo. A vida litúrgica e de comunhão, o testemunho alegre e o acolhimento caloroso, são expressões de comunidades missionárias que convocam à fé e geram espaços de acolhimento para aqueles que querem aderir ao Reino de Deus.

Tarefas da Catequese

Para que a pessoa se realize, precisa de encontrar um horizonte de sentido. Trata-se de descobrir a dimensão mais profunda da pessoa, aí onde se descobre como que uma abertura ao infinito. Dizer que a pessoa sai de si, é dizer que a pessoa é um ser de relações: ser que se questiona; que reflecte; e que procura a sua origem e o seu fim, para se realizar como pessoa. Nós, crentes, sabemos que só em Cristo se pode encontrar a realização plena.

Para conseguir este objectivo, a catequese deve seguir o modo como Jesus formava os seus discípulos, realizando estas tarefas fundamentais: conhecer as dimensões do Reino, ensinar a orar, transmitir atitudes evangélicas e iniciar à missão (cf DGC 82-87).

É dever da catequese educar nas diversas dimensões da fé: a fé professada; a fé celebrada; a fé vivida; e a fé rezada. Tudo inserido numa comunidade e com sentido missionário. Neste processo de educação da fé, há intervenientes que têm um lugar de destaque. São eles a família e a comunidade cristã.

O conhecimento da fé: a catequese deve conduzir à apreensão de toda a verdade do desígnio salvífico de Cristo. A compreensão da Sagrada Escritura, do Credo e demais documentos da fé da Igreja expressa e realiza esta tarefa.

A educação litúrgica: a comunhão com Jesus Cristo leva à celebração da Sua presença nos sacramentos, pelo que a catequese "além de favorecer o conhecimentos do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo «para a oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces confiantes, para o sentido comunitário, para a

percepção justa do significado dos símbolos…», uma vez que tudo é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica" (DGC 85).

A formação moral: a conversão a Jesus Cristo tem como consequência que o discípulo siga o caminho do Mestre. A catequese deve favorecer uma educação que propicie ao catequizando atitudes próprias do cristão, que lhe transmita a vida em Cristo, concretizada em atitudes e opções morais.

Ensinar a rezar: a comunhão com Jesus Cristo leva a que os seus discípulos assumam a atitude orante e contemplativa do Mestre, conseguindo, deste modo, que a vida cristã seja vivida em profundidade. Aprender de Jesus a sua atitude orante "é rezar com os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da Sua glória" (DGC 85).

Educar para a vida comunitária: a educação para a vida comunitária implica que o catequizando tenha condições para se ir envolvendo de uma forma progressiva na vida da comunidade, assumindo responsabilidades e comprometendo-se com ela. Para isso, a catequese deve fomentar atitudes próprias (cf DGC 86).

A iniciação para a missão: só se adquire a maturidade da fé quando se tem capacidade e necessidade de testemunhar essa mesma fé, nas diversas circunstâncias da vida. A catequese, ao educar para o sentido missionário, capacita os discípulos para a sua missão na sociedade, na vida profissional, cultural e social.

II. ADESÃO A JESUS CRISTO E À SUA IGREJA, NA INFÂNCIA

De acordo com o documento da Conferência Episcopal Portuguesa *Para que acreditem e tenham vida - Orientações para a catequese actual,* a primeira etapa do itinerário da catequese da infância e adolescência está centrada na "**adesão a Jesus Cristo, na comunidade"** que culminará com a primeira Comunhão (cf *ATV, Orientações* 6). No entanto, a catequese é um dos momentos que integram um processo mais vasto, "o processo de Evangelização". Neste processo, a catequese é precedida por uma etapa anterior e precisa de ter continuação. Segundo a Evangelii Nuntiandi, a catequese é precedida pela presença e acolhimento, que aqui é entendido como despertar religioso, e do primeiro anúncio (cf *ATV, Orientações* 3 b). De acordo com estas orientações, o 1º, o 2º e o 3º ano deste itinerário catequético visam o despertar religioso, a iniciação à fé cristã da criança, o iniciar da sua adesão a Jesus Cristo e à sua inserção na comunidade.

O Despertar religioso

O despertar religioso da criança deveria ser feito no seio da sua família. Contudo, o modo de viver na sociedade actual leva a que a maioria das crianças tomem contacto com o ambiente religioso, apenas quando entram para o 1º ano de catequese.

O despertar religioso, sobretudo nas famílias cristãs, é uma forma eminente de convocação e chamamento à fé em Jesus Cristo. Faz-se essencialmente pelo acolhimento, o testemunho e o contacto com o religioso. Os destinatários só escutam verdadeiramente a Boa Nova, se tiverem o coração bem disposto, atento e acolhedor. Nesse sentido, o primeiro passo e a atitude constante para evangelizar consiste em "captar a benevolência" dos destinatários, tornando-se, no meio deles, uma presença amiga, acolhedora e solidária. À semelhança de Jesus que, pela Sua Encarnação, se situou no meio de nós, para nos anunciar o Evangelho (cf EN 21; AG 10; *ATV, Orientações* 3 b1).

Esta é a dimensão que mais imediatamente se deduz do mandato missionário de Jesus. Realiza-se através do "primeiro anúncio", dirigido aos não crentes: aqueles que ainda não fizeram uma opção de fé por Cristo, aos baptizados que, vivem à margem da vida cristã, aos seguidores de outras religiões, etc. (cf AG 14; DGC 51).

Não podemos permanecer na presença solidária e no acolhimento. É indispensável o anúncio explícito de Jesus como Salvador do homem, que conduza ao despertar da conversão da fé.

A iniciação à fé cristã

Esta etapa destina-se às crianças que já fizeram o seu despertar religioso no seio familiar e na comunidade e que, movidas pela graça, decidem seguir Jesus, iniciando uma caminhada que tem como objectivo introduzi-las na vivência da fé, na vida litúrgica e caritativa do Povo de Deus (cf EN 51-53; DGC 51). A Igreja realiza esta tarefa essencialmente por meio da catequese de infância, para os já baptizados, e pelo catecumenado, para aqueles que ainda o não foram, e sempre em estreita relação com os sacramentos da iniciação cristã, nomeadamente o Baptismo e a Eucaristia.

A adesão a Jesus Cristo, na comunidade eclesial

"Ao anunciar ao mundo a Boa Nova da Revelação, a evangelização convida homens e mulheres à conversão e à fé. O apelo de Jesus «arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15) continua a ressoar hoje, através da evangelização da Igreja. A fé cristã é, sobretudo, conversão a Jesus Cristo, adesão plena e sincera à Sua Pessoa e decisão de O seguir. A fé é um encontro pessoal com Jesus Cristo, é tornar-se Seu discípulo. Isso exige o empenho permanente de pensar como Ele, de julgar como Ele e de viver como Ele viveu. Desse modo, o crente une-se à comunidade dos discípulos e assume como sua a fé da Igreja" (DCG 53).

"Este «sim» a Jesus Cristo, plenitude da revelação do Pai, encerra em si uma dupla dimensão: a entrega confiante a Deus e a adesão amorosa a tudo aquilo que Ele nos revelou. Isto só é possível através da acção do Espírito Santo" (DCG 53).

Em síntese, a adesão a Jesus Cristo origina uma transformação no modo de viver e dá início a um processo de conversão permanente que durará toda a vida.

III. DESTINATÁRIOS

A primeira fase do Programa Nacional de Catequese de Infância e Adolescência destina-se às **crianças de 6-9 anos**, o que corresponde aos três primeiros anos do ensino básico. É a primeira vez que entram em contacto com a escola e, provavelmente, com a catequese paroquial.

A linguagem da Bíblia, a mais utilizada na catequese, é uma *linguagem religiosa*, fundamentalmente *simbólica*, na qual se tenta unir o Transcendente à vida humana. É por ela que se procura ajudar a criança a entender a Boa Nova e a aprender a comunicar com o Deus que Jesus nos revelou.

Assim, o despertar religioso e a iniciação à fé cristã passa pela aprendizagem da linguagem simbólica, uma vez que, se esta não for utilizada na catequese, a criança fica incapacitada de aceder ao Mistério de Deus e de poder expressar a sua fé.

Mas a linguagem simbólica apresenta dificuldades, nomeadamente o positivismo adulto da nossa sociedade actual e o realismo psicológico infantil.

De entre as **características evolutivas** da criança desta idade, sublinhamos apenas alguns dos aspectos que nos parecem mais importantes.

a) Desenvolvimento fisiológico

Dos seis aos oito – A criança está a crescer em todas as dimensões: física, intelectual e espiritual. Este processo de crescimento realiza-se mediante uma intensa actividade: correr, saltar, mexer, construir, desenhar. A criança tem necessidade de um contacto directo com o mundo e as coisas que a rodeiam, "tem a vista nas mãos"; "aprende a fazer, fazendo".

Ao aproximar-se dos 9 anos – Entra numa fase de estabilidade que antecede as grandes mudanças que irá sofrer com o despertar da adolescência.
Para os rapazes é a idade da força onde o jogo continua a dominar a sua forma de se relacionar com o mundo à sua volta.
As meninas procuram brincadeiras mais calmas: conversam entre si e começam a partilhar os primeiros segredos.

b) Mudanças psicológicas

Dos seis aos oito – Aos seis anos, ainda gosta muito de ouvir histórias, por vezes não conseguindo distinguir o real do imaginário, uma vez que capta toda a realidade, segundo um mesmo plano: a realidade concreta (pessoas à sua volta) e a realidade invisível (personagens religiosos e dos contos). Só perto dos sete anos começa a distinguir o

real do imaginário, o concreto e o invisível. O concreto é **verdadeiro e real.** O que não se pode ver ou tocar é **falso**.
Começa a desenvolver a sua capacidade de raciocínio objectivo - idade de razão. Compreende ideias muito simples, apercebe-se de alguns dos problemas que a envolvem e tem capacidade de se exprimir de acordo com a realidade que vive.

Ao aproximar-se dos 9 anos – Ainda gosta de ouvir histórias, mas já distingue o real do imaginário.
É já capaz de pensar, de raciocinar, mas o seu pensamento é lógico-concreto, isto é, raciocina com base em dados concretos. Portanto, a sua **inteligência** permanece muito ligada à **realidade concreta.**

– Esta forma de pensar limita a realidade ao estritamente concreto.
– Por isso admitimos que a **realidade** pode ser percebida a partir de **duas dimensões,** uma **concreta,** prática, útil, e outra **simbólica**, aberta a sentimentos humanos, às experiências e à transcendência.

Tem já uma certa consciência de si e das suas capacidades.

c) Transformações afectivas

A criança precisa de um clima de confiança, de ternura e alegria, para que se sinta bem e o seu crescimento seja harmonioso e feliz. O afecto e o carinho dispensado pelos adultos (pais, catequistas e professores) continuam a exercer uma grande influência no seu desenvolvimento.

Dos seis aos oito – Encontra esse clima de afectividade, de um modo particular nos pais. Porque são os mais próximos e aqueles com quem a criança mais contacta, constituem para ela modelo e ponto de referência. A imagem de Deus como Pai e Amigo pode apoiar-se nesta ligação afectiva e na concepção positiva que, regra geral, a criança tem dos pais.
Mas, à medida que vai desenvolvendo o seu sentido crítico, começa a aperceber-se das limitações dos pais e começa a procurar nos outros um ponto de referência. Inicia, assim, a sua independência afectiva dos pais.

Aos nove anos – Reage muito com base na componente afectiva.
É muito sensível à qualidade de relação que os educadores estabelecem com ela: precisa de se sentir aceite e reconhecida por eles.

d) Processo de socialização

Dos seis aos oito – O egocentrismo, característico da etapa anterior, entra em regressão, à medida que vai entrando no mundo dos adultos diferente do familiar, pelo que a sua capacidade de se relacionar com os outros aumenta.

A criança encontra-se, num processo de desenvolvimento e integração social. Começa a alargar o seu círculo de amigos, à medida que vai contactando com novas realidades: a escola, a catequese e outras. A relação que estabelece com os companheiros de escola e brincadeira é homogénea e de igual para igual. Vai formando um grupo de iguais.

Aos nove anos – Dá-se uma diminuição do egocentrismo e uma crescente necessidade de socialização: a criança deseja a companhia dos outros, gosta de estar e de brincar com amigos e colegas.
Gosta de participar e colaborar, começa a aceitar as regras do jogo, quer no convívio em geral quer nas actividades lúdicas.
É capaz de assumir responsabilidade perante os outros, de os respeitar e aceitar sem distinção.
É capaz de se entregar com generosidade ao trabalho e de se integrar em actividades de grupo.
A convivência comunitária é muito do seu agrado.

e) Evolução Moral

Dos seis aos oito – A moral nesta idade surge espontaneamente: surge da facilidade de imitar alguém de quem gosta, e com quem se identifica.
À medida que os anos passam, desperta para o sentido da responsabilidade e da justiça, começa a distinguir o bem do mal e a consciencializar a opção das suas acções – inicia o desenvolvimento da sua consciência moral.

Aos nove anos – É capaz de aceitar uma lei, não pela lei em si, mas pela intenção com que essa lei é proposta; daí uma progressiva interiorização da moralidade.
Capta, cada vez mais, o valor moral das acções com um crescente sentido de responsabilidade e justiça.

f) A nível religioso

Dos seis aos oito – Adere facilmente ao maravilhoso e ao mágico, possibilitando assim a abertura ao transcendente. Tem, portanto, muita facilidade em acreditar.

A criança tem uma relação com Deus muito dominada pela afectividade. Daí a importância do símbolo como meio para aprofundar essa relação. Contudo, só a partir dos sete anos a criança é capaz de aceder a este segundo plano da realidade.

A religião, descobre-a a partir de “coisas” concretas: A **oração** está ligada a um lugar (igreja); a **Palavra de Deus** é um livro; a **Cruz** um objecto religioso. Não consegue libertar-se do concreto nem perceber o sentido simbólico da realidade. Que sentido tem a oração, a Palavra, a cruz?... Só o que vê.

Acontece o mesmo, quando tem de entender as implicações **morais da Religião**. Limita-se a fazer coisas (obedecer, não mentir, ajudar, rezar). Crer é **"saber", o seu modo de viver não é afectado pelos conteúdos religiosos.**

Aos nove anos – Na vivência da sua fé, ultrapassa o círculo familiar e integra-se com gosto na comunidade cristã.
Tem gosto em vivênciar a sua fé dum modo activo, particularmente em celebrações em que se integre na comunidade e em que desempenhe um papel concreto.
Entra na fase do realismo religioso infantil, não tem capacidade de abstrairse da realidade concreta (não existe outra), não é capaz de expressar com linguagem adequada o sentido das coisas, a fé reduz-se à razão lógica humana.
Tem facilidade em captar os valores cristãos na vida dos adultos, se eles forem vividos e testemunhados com coerência.
Começa a rejeitar a religiosidade infantil, entrando assim num processo de profunda reestruturação e numa revisão crítica da atitude religiosa recebida por tradição, na família, na escola e na paróquia.

IV. OBJECTIVOS

A catequese eclesial tem como objectivos a transmissão do conteúdo integral da fé e a inserção na vida da comunidade. Tendo em conta a progressividade da catequese, propõe-se nesta primeira fase a inserção e o acolhimento na comunidade, pelo despertar religioso, a iniciação à vida cristã e à celebração de alguns sacramentos: O Baptismo, para quem é catecúmeno, a Reconciliação e a Eucaristia, para os já baptizados.

Na definição destes objectivos, devem ter-se em conta os seguintes aspectos fundamentais:
– Partindo da situação específica de cada criança, é nesta fase que ela desperta para a fé e a adesão a Jesus Cristo.
– Importa ajudá-la a descobrir Deus Pai e Jesus Cristo à luz do Evangelho.
– Partindo das experiências quotidianas, procure-se facultar a possibilidade de iluminar a sua vida com os valores do Reino.
– Trata-se de propor uma catequese activa, que permita à criança fazer uma caminhada na descoberta da presença do Outro (Deus) e dos outros, em comunidade.

OBJECTIVOS GERAIS DA PRIMEIRA FASE

– Aderir a Jesus Cristo, pelo conhecimento e a vivência do Mistério Cristão (cf CT 20).
– Inserir-se gradualmente na vida litúrgica da Igreja: oração, descoberta do significado do Baptismo, preparação para a celebração da Eucaristia e da Reconciliação (cf CT 23 e 37).

– Desenvolver atitudes de fé, como resposta ao amor de Deus.
– Aprender a ser cristão ou discípulo de Jesus e integração progressiva na comunidade cristã.

OBJECTIVOS GERAIS DE CADA ANO

1º ANO – "JESUS GOSTA DE MIM"

– Proporcionar às crianças um bom acolhimento eclesial, pelos catequistas e por toda a comunidade cristã (cf CT 16 e 24).
– Ajudá-las a conhecer, de modo vivencial e de acordo com as suas capacidades, alguns dos principais mistérios da fé cristã: Deus, Criador e Amigo que cuida de nós: Jesus, na sua relação única com o Pai e o Espírito Santo; a Igreja, como família de Deus.
– Motivá-las para a adesão a Jesus e a celebração da fé na comunidade cristã, levando-as a participar na sua vida litúrgica e experiência de oração.
– Ajudá-las a assumir atitudes de louvor, de gratidão e de amor a Deus e aos irmãos.

2º ANO – "ENSINA-NOS A REZAR"

– Proporcionar às crianças um maior conhecimento de Jesus, como Filho de Deus, em ordem a um encontro mais pessoal e íntimo com Ele (cf CT 5)
– Levá-las a descobrir que o Pai de Jesus é também nosso Pai e que, por isso, em união com Jesus somos todos irmãos.
– Aprofundar a sua adesão a Jesus e a sua experiência de fé, na comunidade cristã a que pertence, continuando a integrá-las na vida litúrgica e de oração.
– Ajudá-las a assumir atitudes de escuta, obediência, respeito, verdade e amor a Deus e aos irmãos.

3º ANO – "EM TI VIVEMOS"

– Motivar as crianças para o seguimento de Jesus e a consequente inserção na Igreja.
– Aprofundar o seu conhecimento vivencial do mistério cristão.
– Despertá-las para a conversão e adesão a Deus, em ordem à educação moral da consciência.
– Levá-las a participar activamente na vida litúrgica, a fazerem experiências de oração e a prepararem-se para a celebração dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação.

V. CONTEÚDOS

No centro do itinerário catequético da primeira fase, está a descoberta a pessoa de Jesus Cristo e o encontro com Ele. Ele é "o Caminho, Verdade e a Vida; e a vida cristã consiste em seguir a Cristo" (CT 5).

1º ANO – "JESUS GOSTA DE MIM"

"Jesus chama-nos" – 1º bloco

No primeiro bloco, os catequizandos são levados a descobrir que são chamados por Jesus para a catequese e, se for o caso, a fazerem o seu despertar religioso.
Assim as primeiras catequeses são essencialmente de descoberta:

– da existência de Jesus como Amigo e, por meio d'Ele, de Deus Amigo e Criador, que cuida de nós e nos faz crescer, nos fala através de sacerdotes, leitores e catequistas;

– dos vários espaços da Sua casa e do grupo dos Seus amigos, a comunidade cristã que os acolhe e na qual são convidados a integrar-se.

Nas últimas catequeses, as crianças descobrem Maria como a escolhida por Deus para ser Mãe de Jesus. Ela acolhe na anunciação, o dom de Deus: ser Mãe do Seu Filho Jesus. No seguimento disto, as crianças são iniciadas na descoberta do verdadeiro sentido do Natal.

"Um menino chamado Jesus" – 2º bloco

No segundo bloco, Jesus é apresentado, em primeiro lugar, como um menino que cresce em estatura, em sabedoria e graça: que ama, e é obediente aos seus pais, de modo especial o seu Pai do Céu. Após este contacto com Jesus, as crianças são levadas a vê-lo como o grande Amigo, que nos ama, até dar a vida por nós, e nos revela o modo de comunicar com Ele e O amar.

Na parte final, são convidadas a ver e a viver em comunidade a Páscoa, como a festa que celebra a ressurreição de Jesus.

"Nós somos do grupo de Jesus" – 3º bloco

Os últimos encontros, realizam-se no contexto do tempo pascal. As crianças como os discípulos de então, são convidadas a anunciarem a Boa Nova de que Jesus ressuscitou e actuou no meio de nós, nomeadamente através da presença do Espírito Santo. Deste modo a própria criança entra no mistério: é o Espírito Santo que faz crescer o número dos cristãos e que Jesus esteja para sempre connosco.

No decorrer deste primeiro ano, as crianças são convidadas a assimilar e memorizar as seguintes **fórmulas, para exprimirem a sua fé**: Avé-Maria, orações da manhã e da noite, sinal da cruz, Glória ao Pai e outras orações simples de louvor e ainda breves textos bíblicos.

2º ANO – "ENSINA-NOS A REZAR"

No 2º ano, procura-se aprofundar o conhecimento de Jesus e de outros conteúdos introduzidos no 1º ano. Nesta continuidade temática, respeitem-se as características psicológicas dos destinatários.

"Queremos conhecer Jesus" – 1º bloco

Nos primeiros encontros, aprofunda-se o conhecimento de Jesus, retomando-se temas apenas introduzidos no ano anterior. Assim, Jesus é apresentado como uma pessoa que, sendo em parte como nós, gostamos de escutar e de seguir como modelo. Com Ele, as crianças são motivadas para amar, respeitar, obedecer e dizer a verdade, na catequese, em família, na escola e na comunidade a que pertencem.

Nas catequeses antes do Natal, Jesus é apresentado como o Filho de Deus, o Deus connosco. Pela sua encarnação, Deus dá-nos Jesus; e Maria, sua Mãe é, por isso, a bendita entre as mulheres.

"Aprendo a dizer «Pai-Nosso»" – 2º bloco

Após o Natal, o Baptismo de Jesus é visto como manifestação do amor de Deus Pai.

É dele que, nos encontros seguintes, Jesus nos fala: como seu Pai e nosso Pai. Com isso, e ao mesmo tempo, as crianças vão sendo progressivamente introduzidas na oração que Jesus nos deixou como modelo. À medida que a vão aprendendo e compreendendo o sentido das suas palavras, serão motivadas para fazerem dela a expressão da sua fé.

Termina-se com uma referência vivencial ao Mistério Pascal: Jesus, que deu a vida por nós e, pela ressurreição venceu a morte.

"Em Jesus somos irmãos" – 3º bloco

Nestes encontros, as crianças são levadas a redescobrir e a celebrar, em comunidade, que Jesus Cristo, nossa luz, está vivo e vive connosco, o Espírito Santo, na acção de fazer de nós Filhos de Deus, irmãos em Cristo, e membros da Igreja.

Tema dos últimos encontros é o mandamento novo do amor, ensinado por Jesus durante a sua vida pública, mas realizado por Ele sobretudo na sua morte e ressurreição. Encerra-se o ano com a entrega solene da oração do Pai-Nosso, o seio da comunidade.

Ao longo deste ano, as crianças são convidadas a assimilar e memorizar as seguintes **fórmulas com que exprimem a sua fé**: Pai-Nosso, Sinal da Cruz, orações antes e depois das refeições, Acto de Contrição, algumas fórmulas litúrgicas, breves textos bíblicos e pequenos extractos de salmos de louvor.

3º ANO – "EM TI VIVEMOS"

No 3º ano continua a aprofundar-se a fé e a adesão a Cristo e a incentivar-se a uma maior inserção na comunidade, no respeito pela evolução das características psicológicas das crianças.

"Eu creio!" – 1º bloco

Até ao Natal procura-se que as crianças, ao aprofundar a sua fé em Deus e em Jesus possam confessar de modo convicto: "Eu creio que és Cristo!" e celebrar, em comunidade, o Amor de Deus por todos os seus filhos numa perspectiva baptismal.

No tempo do Advento são preparadas para a vinda do Senhor, respondendo ao convite de João Baptista, olhando para José, pai adoptivo de Jesus, como um homem justo e bom, e seguindo o exemplo de Maria no acolhimento do Filho de Deus.

No Natal é realçada a dimensão comunitária da sua celebração.

"Nascer de Novo" – 2º bloco

As crianças começam por ser levadas a descobrir os sinais do Baptismo e a tomar consciência de que Deus cuida delas e as faz crescer na fé através do Espírito Santo.

Como preparação para a celebração do sacramento da Penitência, as crianças são confrontadas com duas realidades: primeiro com o pecado, como rejeição livre e destrutiva do amor gratuito de Deus, proposto e vivido por Jesus; segundo com a oferta do perdão, também ela expressão do amor paciente e infinito de Deus. Acolhendo-o, pelo reconhecimento da culpa e pela conversão, podem experimentar a alegria a que pretende conduzir a festa do perdão, celebrada, tanto quanto possível, em comunidade.

Em ordem à vivência mais cristã do Mistério Pasça, aprendem o sentido da Via-Sacra e o significado da Última Ceia.

"Em memória de mim" – 3º bloco

É a altura de as crianças tomarem mais consciência da presença de Jesus na Eucaristia, em ordem a recebê-Lo na 1ª Comunhão e a permanecerem no amor que lhes oferece de modo especial neste sacramento.

Nesse âmbito, é-lhes chamada a atenção para o Domingo, como o dia do Senhor vivido em Igreja, e para as várias formas da presença de Jesus na sua Igreja: na comunidade reunida; na palavra proclamada; nos sinais do pão e do vinho; na caridade fraterna.

No decorrer deste ano, as crianças são convidadas a assimilar e memorizar as seguintes **fórmulas como expressão de fé:** Consagração a Nossa Senhora, Confissão, Via-Sacra, orações para antes e depois da Comunhão, algumas fórmulas litúrgicas, breves textos bíblicos e alguns extractos de salmos de louvor.

VI. ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Como diz o Directório Geral da Catequese, “a tarefa do catequista é proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele” (DGC 139).

É para esse encontro que se orienta a pedagogia catequética, inspirada e modelada pela pedagogia de Deus e que procura essencialmente situar o homem na história do povo de Deus e educá-lo no seguimento de Cristo. A pedagogia divina – do dom, da encarnação e do sinal – é fonte inspiradora da pedagogia da fé (cf DGC 143).

A metodologia proposta vai ter em conta, por um lado, as características psicológicas da criança e a sua situação familiar, social e eclesial; por outro, os conteúdos doutrinais, apresentados de uma forma orgânica e progressiva.

Pretende-se assim respeitar a lei fundamental da catequese: fidelidade a Deus e ao homem. Podem encontrar-se sinais da revelação divina na experiência de cada um. O importante é saber captá-los e aprofundá-los.

A forma de concretizar esta dupla fidelidade varia consoante as acentuações de cada catequese e a situação do grupo dos catequizandos.

Por exemplo, para as crianças provenientes de um ambiente descristianizado, a abordagem aos sinais e às palavras eclesiais tem de ser mais lenta e simples. As crianças de meios rurais convivem mais com os elementos da natureza. As da cidade estão talvez mais familiarizadas com os audiovisuais e têm uma maior riqueza de linguagem...

Outra realidade que condiciona as crianças e se deve ter em conta na catequese, é o ambiente familiar: vivência do amor, situação económica, participação na vida da comunidade cristã, etc..

Para responder a esta diversidade de situações propõem-se, habitualmente, várias alternativas em cada catequese. Só o catequista que conhece o contexto sócio-religioso do seu grupo está em condições de fazer a opção acertada. Pode mesmo haver casos em que nenhuma das propostas apresentadas seja seguida. Para esses casos, são ainda mais necessárias a sensibilidade e a criatividade do catequista.

Outra preocupação é a de estabelecer uma ligação entre a vida do catequizando e a mensagem que vai sendo proclamada, em ordem à sua compreensão e aceitação.

Para tudo isto, exige-se de cada catequese uma dinâmica activa que proporcione a participação constante e gere unidade entre a fé e a vida.

Sem pretender que cada catequese seja rigidamente compartimentada, mas apenas para uma maior facilidade didáctica, os encontros apresentam-se organizados em três momentos:

Experiência humana

Compreende a vida humana e cristã das crianças e a sua capacidade de reflexão sobre ela. Todo o homem, como imagem de Deus, está aberto ao mistério. Precisamente por isso, quando reflecte de um modo mais profundo sobre a sua experiência, sente que tem sede de algo mais. É para saciar essa sede que oferece a vida que jorra do mistério de Cristo; é nas interrogações que levantam que Deus aparece como resposta à procura da parte do ser humano. Na verdade, o que está em causa é a "atenção constante ao ser humano" (ATV, Orientações 6).

Palavra

Consiste na comunicação da mensagem cristã, para dar sentido à existência humana e abrir ao mistério da salvação. A palavra de Deus, que devido à dimensão cristocêntrica da revelação bíblica, é sobretudo do Novo Testamento, vem iluminar a experiência humana. A catequese "deve estar totalmente impregnada pelo pensamento, o espírito e as atitudes bíblicas e evangélicas, através de um contacto assíduo com os próprios textos" (CT 27).

Expressão da Fé

Trata-se da manifestação de fé nas suas diferentes formas: proclamação de verdades reveladas, oração em sentido mais restrito, celebração e compromisso cristão na vida. Quando o catequizando for capaz de confessar a fé, na sua vida, em Igreja, com a sua memória, inteligência e coração, o processo catequético chegou ao seu cume. Porquê? Na confissão de fé dá-se o encontro de comunhão com Jesus Cristo.

Para a preparação de cada encontro são apresentadas algumas observações pedagógicas. Por elas pode ver-se a necessidade de uma pedagogia activa, participativa e dinâmica, em que se desenvolvam as competências de interpretação, de descoberta, de raciocínio, de leitura simbólica, em que pode entrar o grupo, o uso do audiovisual, actividades artísticas (como a pintura, o desenho, o jogo, dança e a música) …

As crianças da idade desta fase precisam de um ambiente rico de símbolos litúrgicos e de sinais que manifestem os valores fundamentais do Evangelho. Elas apreendem mais por imitação e pelo ambiente de fé que as rodeia, do que pelas palavras que ouvem. Além disto, nesta etapa de crescimento, fazer e construir é mais eficaz do que ver ou assistir, uma vez que os catequizandos se encontram numa etapa caracterizada pelo raciocínio concreto, pelo gosto da descoberta por si próprios e pelo jogo. Por exemplo, participar numa dramatização é mais eficaz do que assistir ou ouvir apenas a narração do episódio. Mas que a participação seja bem preparada. Caso contrário, em vez de concentrar, dispersa.

Nos dois primeiros anos desta fase, para que a criança se vá integrando, convém que nos primeiros encontros (1 ou 2) seja ajudada a assumir o ritmo da catequese, através do

domínio corporal (mandar nas mãos, na boca, nos pés...), da descoberta do valor do silêncio, do gosto pela ordem (entrada e saída ordenada, disposição na sala), da capacidade de escuta, do conhecimento mútuo... Para tal, o catequista pode recorrer a jogos, cânticos ou exercícios práticos. Não se esqueçam de que da disciplina inicial depende muito o sucesso de todo o ano.

VII. PERFIL DO CATEQUISTA

O catequista é um cristão chamado por Deus para a missão de anunciar Jesus Cristo Ressuscitado e o projecto de Deus para todos os homens. É sob a acção do Espírito Santo que se torna porta-voz duma mensagem de Deus, testemunha do Seu Reino, para as crianças que lhe são confiadas.

O catequista é portador de um convite a cada criança, para que, a partir da sua situação pessoal, inicie o desabrochar da sua fé, a sua adesão a Jesus Cristo e a sua inserção na comunidade cristã.

Ainda que nenhum catequista seja perfeito, há algumas características que cada um deva, pelos menos, tentar adquirir e desenvolver.

a) Fidelidade a Deus e atenção ao grupo

O catequista deve apresentar a mensagem de Deus de um modo, ao mesmo tempo, fiel às mensagens e adaptado ao grupo. A adaptação, na comunicação da Palavra revelada,"deve permanecer a lei de toda evangelização" (DGC 169).

O catequista partilha a sua fé que nasce e se alimenta do Evangelho que anuncia. Esta fidelidade exige o respeito pelo sentido original e mais profundo da Palavra, tal qual é entendida pela Igreja. A Palavra não pode ser manipulada por interpretações particulares, modas passageiras ou preferências subjectivas.

Esta fidelidade implica também que o catequista não seleccione os aspectos mais fáceis de comunicar, deixando os outros, porventura muito mais importantes, no esquecimento. Implica uma grande humildade diante da Palavra, deixar-se julgar por ela, transformar-se por ela, e não o contrário.

O catequista tem também de ser fiel ao grupo a que se dirige. Exige-se dele uma permanente atitude de acolhimento e de escuta de cada um dos catequizandos que lhe está confiado. É um amigo que valoriza as descobertas e atitudes de cada um, ainda que por vezes sejam incompletas e ambíguas.

Ser fiel ao grupo exige levar a sério as suas experiências de vida, esforçar-se por chegar à criança em concreto, com as suas interrogações, recusas e anseios. Ser fiel supõe respeitar a liberdade da criança e as etapas por que passam a sua vida e a sua fé.

Ser fiel ao grupo supõe o respeito por todas as opiniões dos elementos do grupo e a capacidade de não se estabelecer em juiz. Falhas, cansaços e desilusões hão-de ser vistas como passos necessários, dentro do longo processo de amadurecimento dos catequizandos. Desta forma, a maturidade do catequista ajudá-lo-á a lidar com os erros dos catequizandos e a integrar, adequada e sensatamente, as suas opiniões.

O catequista é sobretudo alguém que testemunha a sua fé com clareza, convicção e alegria. Atitudes que são, já por si próprias, expressão de fé, uma vez que fazem parte da mensagem em que acredita, têm a sua origem em Deus.

b) A atitude do catequista

A forma de actuar do catequista – a sua atitude no grupo, a sua maneira de estar e de se relacionar, o modo como apresenta a mensagem – é fundamental para a educação da fé.

Em catequese, a atitude pedagógica correcta é aquela que leva a criar um ambiente de amizade, confiança e liberdade; faz com que cada membro do grupo se sinta amado, reconhecido e aceite, para que possa participar, de acordo com as suas capacidades. Há que desenvolver um clima que convide à criatividade e à participação empenhada. Mas não se esqueça de que a educação da fé exige um rumo definido e objectivos claros.

O catequista deve conservar a sua autoridade, como um amigo mais velho, de forma discreta, mas activa e dinâmica, orientada em favor do grupo. Só assim está em condições de propor com clareza os objectivos a alcançar, apresentar os temas a desenvolver, procurar as dinâmicas de trabalho.mais adequadas

c) Um novo estilo de relação

O catequista, liberto das tentações do “deixar fazer” e do “dirigismo”, tem que ensaiar um estilo de relação, que seja criador de comunidade, que suscite, em todos os membros do grupo, a vontade de participação, em ordem ao trabalho comum e a uma sadia convivência, ciente de que a pessoa se constrói na relação e a fé amadurece num autêntico clima comunitário.

Para tal, é necessário:

– **Superar as dependências infantis.** Os membros do grupo movem-se entre formas de relação infantis e outras mais maduras. O catequista saberá distingui-las e ajudar a superar as que não levam ao crescimento. É dependência infantil a excessiva identificação da criança com o catequista, que se converte em ídolo, sabe tudo, decide tudo e concretiza tudo. Neste caso, a criança vem à catequese pelo catequista e não por querer descobrir mais sobre Deus, Jesus …

O catequista realiza verdadeiramente a sua missão, se aprende a “desaparecer”, continuando presente e próximo do grupo e de cada um. Fálo, quando procura que, no grupo, cada um construa a sua própria personalidade.
A pedagogia de Deus, revelada em Jesus, é a do dom, da proposta, do respeito pela pessoa e seus dinamismos.

– **Criar uma relação libertadora.** O catequista procure um estilo de relação que permita aos membros do grupo ser actores principais da sua própria educação. Trata-se duma educação libertadora na fé, de promoção humana dentro do plano de Deus (cf EN 30-39). Para isso, o catequista deve:

- Convidar à acção, motivando os catequizandos para descobrirem as coisas por si mesmos, desenvolverem atitudes e capacidades, criarem formas originais de expressão de fé, sem medo de se relacionar e comunicar. Mas a acção perde-se, se não é interiorizada pela reflexão. Para isso, necessitam também de aprender a fazer silêncio, deixando-se interpelar pela Palavra.
- Estar atento a cada catequizando, disponível para partilhar a sua vida e animá-lo em dificuldades. E isto, não só no encontro, mas durante a semana, numa profunda amizade.
- Ser autêntico, como um adulto na fé, que cumpre a sua missão com convicções, entusiasmo e em nome da Igreja.
- Ter, como atitudes construtivas de um relacionamento libertador, amor, disponibilidade, alegria de viver; exigência e, simultaneamente, compreensão; justiça para com todos; aceitação de si próprio e ajuda aos outros.

  No campo da fé, deve ao mesmo tempo, aceitar-se no nível de maturidade cristã e deixar-se interpelar pelo grupo, como voz do Espírito.

d) Atitudes básicas do catequista

O catequista deve:

* **Confiar**

Reconhece os valores pessoais da criança, ainda que envolvidos por muitos defeitos. As crianças intuem com facilidade esta confiança.A confiança não se diz, manifesta-se. O catequista saberá dar-lhes um apoio especial nos momentos críticos e valorizar o seu desejo de descobrir, de jogar, a sua capacidade de iniciativa, de desenvolver o sentido crítico.

* **Respeitar**

Não pode cair na tentação de manipular as pessoas, impor saberes, maneiras de ver, critérios de actuar, mesmo que lhe pareçam os mais adequados. Deve, sim, propor os critérios que brotam da Palavra, suscitando a liberdade na escolha do bem.

Deve esforçar-se por aceitar cada catequizando como é, acreditando no poder salvador de Cristo. E, como Ele, opta por uma atenção personalizada e sabe ter imensa paciência.

* **Criar um clima propício à comunicação:**
  O grupo avança, quando os membros se sentem bem e livres para expressar as suas ideias, sentimentos, projectos, dúvidas e interrogações, o que são e o que vivem.
  Por isso, é necessário desenvolver nos catequizandos competências de escuta, silêncio, respeito pelo outro e de esperar pela sua vez para intervir.
  Isto exige que o catequista seja um bom comunicador e seja, simultaneamente, capaz de criar um clima de sinceridade e atenção. Cultiva a serenidade e tem um coração aberto a todos os catequizandos.

* **Ser testemunha da fé:**
  O catequista é uma pessoa de fé, capaz de a comunicar e partilhar com o grupo. Educa pela presença. Contagia pelo testemunho alegre de vida. Vive em comunidade e educa para a dimensão comunitária da fé e da vida. É rosto e porta-voz da Igreja e testemunha da vivência de fé da comunidade (ATV, Orientações 5).

e) **Em síntese...**
O catequista aceita o papel de educador, consciente, por um lado, do risco, do desafio e do esforço e, por outro, da realização cristã e da felicidade que isso traz. Por isso, procura continuamente aprofundar os seus conhecimentos e a sua vivência de fé e é capaz de a partilhar, como algo imprescindível para e valioso para o cristão

VIII. O CATECISMO E OS MATERIAIS DE APOIO

O **catecismo** é o livro do catequizando.

É indispensável para o encontro catequético, por conter imagens, que servem para o motivar e dinamizar e textos a utilizar em momentos de reflexão individual ou de grupo.

Também apresenta orações, cânticos, passagens de salmos e outros meios para a expressão de fé (desenho, pintura, …) e algumas propostas de compromisso. Contém ainda uma página com sugestões de trabalho individual ou em família, acompanhadas de uma mensagem em que se procura envolver a família da criança na catequese.

É essa de resto, a orientação dos nossos Bispos: “A função do catecismo é servir de apoio a uma experiência de fé que nasce e cresce, proporcionando-lhe desenvolvimento e expressão. Não substitui uma experiência de iniciação. Deve, antes, apoiá-la enquanto ela exige inteligência e conteúdo. Por isso, deve ser de estilo «mistagógico», no sentido de conduzir ao encontro vivo com Cristo” (ATV, Orientações 7).

Os **materiais de apoio** deverão ser abundantes e adequados:

– As músicas, nomeadamente em CD, têm especial atractivo, sublinhando sobretudo dimensão estética do crer.

– As imagens e os dísticos favorecem a interiorização do essencial da mensagem.

– Os cânticos devem ser, por um lado, adequados em estilo, à idade dos catequizandos e ao conteúdo da catequese ritmo e letra

Por outro lado, há outros que, devido ao uso litúrgico, facilitam a integração da catequese na vida da comunidade.

Daí que alguns dos sugeridos possam ser substituídos por outros mais apropriados à situação dos catequizandos.

Jesus chama-nos

1º BLOCO

No primeiro bloco, os catequizandos são levados a descobrir que são chamados por Jesus para a catequese e, se for o caso, a fazerem o seu despertar religioso.

Assim as primeiras catequeses são essencialmente de descoberta:

– da existência de Jesus, e por meio d'Ele, de Deus como Amigo e Criador, que cuida de nós e nos faz crescer, nos fala através de sacerdotes, leitores e catequistas;

– dos vários espaços da Sua casa e do grupo dos Seus amigos, a comunidade cristã que os acolhe e na qual são convidados a integrar-se.

Nas últimas catequeses, as crianças descobrem Maria como a escolhida por Deus para ser Mãe de Jesus. Ela acolhe na anunciação, o dom de Deus: ser Mãe do Seu Filho Jesus. No seguimento disto, as crianças são iniciadas na descoberta do verdadeiro sentido do Natal.

CATEQUESE 1

JÁ VOU À CATEQUESE

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Há sempre uma primeira vez

Todos nós, como adultos, temos consciência da dificuldade que tantas vezes sentimos, quando nos deparamos pela primeira vez com alguma situação desconhecida. Por muito preparados que estejamos, quando nos defrontamos com um meio ou pessoas desconhecidas, temos tendência a ficar retraídos, até mais vulneráveis, em muitos casos, e isto tanto se dá a nível das ideias como, e talvez acima de tudo, a nível do sistema emocional. Por outro lado, tornámo-nos mais observadores, mais ávidos de conhecer. Qualquer coisa em nós permanece como um 'radar' captando tudo o que se passa à nossa volta – ainda que de forma imperfeita.

Quem não experimentou ter que se deslocar para uma terra ou lugar totalmente desconhecido? Quem não teve já, que enfrentar uma entrevista, a fim de se propor a um emprego? Quem nunca teve de enfrentar algo ou alguém pela primeira vez? Tantas coisas que nos acontecem, pela primeira vez, na vida!... Se umas são experiências que nos estimulam e motivam, deixando-nos o belo sentimento de segurança e de metas alcançadas e vencidas, outras podem ser experiências frustrantes, capazes de roubar a vontade, sobretudo quando o sentimento de frustração está associado a uma experiência péssima de falta de acolhimento, ou mesmo de rejeição.

Em todas as experiências que fazemos, especialmente naquelas em que temos de olhar alguém, olhos nos olhos, pela primeira vez, o acolhimento (delicadeza, interesse, respeito, diálogo, escuta) é o factor essencial para criar aquele clima que nos faz ser nós mesmos e assim desenvolver uma personalidade harmoniosamente integrada e socializada.

2. Acolher e ser acolhido

Jesus conhece bem este 'clima' de acolhimento e sabe criá-lo como ninguém. Mas também, como profundo conhecedor do dinamismo do coração humano, sabe quanto é

importante deixar-se ser acolhido. A capacidade para o amor e para o serviço aos demais, dependem fundamentalmente deste dinamismo recíproco de acolher e deixar-se acolher.

Estando Jesus em viagem, entrou num povoado, e certa mulher chamada Marta, recebeu-O em sua casa. Sua irmã, Maria, ficou sentada aos pés de Jesus, escutando-Lhe a Palavra. Marta estava ocupada com muito serviço. Parando, por fim disse: "Senhor, não Te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar." Jesus porém respondeu-lhe: "Marta, Marta, tu andas inquieta e perturbada com muitas coisas, mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte que não lhe será tirada" (Lc 10, 38-42).

Jesus revela uma capacidade enorme para acolher e deixar que O acolham. Mostra que sabe discernir os graus e formas de acolhimento. Ele aprecia o serviço atento e acolhedor de Marta, mas exorta-a delicadamente a rever a forma como o faz e por que o faz. Não tira "a melhor parte" a Maria e nem a nega a Marta. Ele sente-se entre amigos e, como Amigo, ajuda-os a crescer, desde dentro.

3. O acolhimento liberta e desenvolve o ser humano

Sabemos como, por vezes, acolher se torna uma tarefa difícil. Acolher e deixar-se acolher implica que duas vontades se unam: a do coração (afecto) e a da razão (inteligência). São dois dinamismos que precisam de se colocar em interacção, a fim de permitir o crescimento e a liberdade mútuas.

Quem acolhe revela-se e permite que o outro se revele. Cria condições de diálogo e, simultaneamente, as condições de silêncio (interior), tão necessárias para que as relações humanas se estabeleçam na confiança e na simpatia. Um bom acolhimento consegue adivinhar, ou melhor, percepcionar as necessidades do coração do(s) outro(s). O acolhimento gera expectativas e motiva as energias psíquicas, físicas e espirituais face aos empreendimentos.

O acolhimento proporciona um correcto conhecimento. Este, por sua vez, desenvolve a aceitação e a integração do outro como um ser pessoal no qual "me completo". Daí resulta uma capacidade para a doação e para o serviço que é, antes de tudo, uma escuta e resposta gratificante à vida, contribuindo para uma transformação sadia da mesma.

O acolhimento transforma a vida, em ordem a uma personalidade amadurecida. A serenidade e a confiança são a feliz conquista do acolhimento.

OBJECTIVOS

– Proporcionar um bom acolhimento às crianças.
– Conhecer a sala de catequese e os espaços envolventes.
– Despertar uma expectativa positiva e motivadora face à catequese.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A criança está a iniciar um novo período de desenvolvimento. Entra em contacto com um universo mais aberto que a faz sentir-se importante. Porém, este universo, se a atrai, também muitas vezes a assusta e desanima. Por isso, caso algumas crianças se mostrem receosas em ficar com o novo grupo, o catequista deve convidar os pais a participar no encontro de catequese de forma activa. Um bom ACOLHIMENTO, muita compreensão e acompanhamento serão o trampolim seguro que a fará crescer serena, capaz de enfrentar medos e desafios.

As crianças chegam pela primeira vez aos espaços da catequese e entram em contacto com aquele que vai ser o seu catequista. Este, tem o dever de lhe proporcionar aquilo a que ela tem direito: ACOLHIMENTO. Por isso, antes de entrar para a sala, o catequista deve acolher cada criança com muita atenção; deve dar também atenção aos pais, mas sem gastar muito tempo com eles.

No grupo da catequese ela vai fazer a descoberta de novos amigos, que com ela vão ser acolhidos, crescer e conhecer coisas novas. No entanto, algumas mostram-se mais tímidas, pelo que o catequista dever ter o cuidado de deixar que as crianças, sobretudo nos meios grandes, onde nem todas se conhecem, possam ir ao encontro das mais conhecidas e amigas.

Especialmente nestes primeiros encontros, o catequista deve ter o cuidado de preparar atempadamente a sala/lugar de catequese, para que demonstre disponibilidade e atenção, quando recebe os pais e as crianças.

No decorrer deste encontro, o catequista criará momentos lúdicos que promovam o conhecimento mútuo e um primeiro reconhecimento dos espaços envolventes do local onde irá decorrer a catequese. Propomos duas alternativas, entre as quais o catequista deve escolher, de acordo com as características do seu grupo de catequese e dos espaços.

MATERIAIS

– Gravador ou leitor de CD's;
– Dístico:" Bem-vindos";
– Toalha branca;
– Jarra com flores naturais;
– Rosto de Jesus;
– Novelo de lã grossa e cor forte, ou novelo feito com restos de tiras de pano (1ª Alternativa);

MÚSICA

– "Eu venho à catequese".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1. Olá eu, chamo-me (__) e vou ser o vosso catequista. Sabem o que faz um catequista? *(Ouvir as crianças)*

É isso que vamos descobrir nos próximos encontros. Entraram este ano para a escola e fizeram amigos; aqui também vão conhecer novos colegas, que se irão tornar novos amigos. Quem gosta de ter amigos? E de fazer novos amigos? *(Ouvir as crianças)*
Para fazermos novos amigos, é necessário conhecermo-nos bem. Querem fazer um jogo, para nos conhecermos um pouco melhor?

1ª Alternativa

Grupo grande
O jogo é simples: vamos fazer a "teia dos amigos".
Quem já viu uma teia de aranha? Quem faz as teias de aranhas? Parece-vos fácil ou difícil de fazer? *(Ouvir as crianças)*
Se a actividade se realizar na rua, o catequista convida as crianças a fazerem uma roda; se o acolhimento for na sala, coloca as cadeiras em círculo, bem afastadas, e convida as crianças a sentarem-se.

Eu vou começar e cada um de vós vai fazer o mesmo, quando receber o novelo: eu chamo-me _____ e vou ser o vosso catequista durante este ano. Agora vou segurar na ponta da lã e atiro o novelo para o(a) menino(a) que está à minha frente que ainda não conheço e pergunto-lhe: como te "chamas"? Que idade tens?
De seguida, o menino que receber o novelo responde e segura o fio sem o largar, e também ele atira o novelo para outro menino(a) que ainda não conheça bem. Pergunta-lhe como se chama quantos anos tem, etc. Se quiser, até pode perguntar em que escola anda. E todos fazem o mesmo, até que o novelo tenha passado por todos, formando uma grande teia.

(*No final:)*
Reparem: no meio de nós formou-se uma teia, parecida com a das aranhas; mas a nossa é uma **"teia de amizade"**, porque agora já nos conhecemos melhor. Já sabemos os nomes e a idade uns dos outros. Alguns até têm o nome igual ou parecido e até a mesma idade.

2ª
Alternativa

Grupo pequeno
O jogo chama-se "O Jogo do Amigo".
O que fazem os amigos quando se encontram? *(Ouvir as crianças)*
Cumprimentam-se.
E, quando fazemos novos amigos, gostamos de conhecê-los bem, gostamos até de conhecer a família deles, os outros amigos que têm e até gostamos de conhecer a casa deles, e ir para lá brincar.
Hoje vamos fazer um jogo que nos vai ajudar a conhecer-nos melhor.
Formemos uma roda. Um, de cada vez, vai apertar a mão de todos os outros (como fazem os adultos, quando se cumprimentam) e, ao cumprimentar, diz: Olá! Como estás? Bom dia! Boa tarde! Como te chamas?
Não podemos passar adiante sem que todos se tenham cumprimentado e falado.
E eu, que vou ser vosso(a) catequista, também vou jogar.

2. Agora, já nos conhecemos melhor uns aos outros.
No caso dos jogos não se terem realizado ao ar livre, alterar um pouco a forma das questões, para que as crianças descubram as diferenças e as semelhanças entre as salas onde têm aulas e onde vai decorrer a catequese.

Querem conhecer a nossa sala de catequese?
Na escola também têm uma sala de aulas, não é verdade? Gostam dela? *(Ouvir as crianças)*
Na nossa paróquia também temos salas para a catequese *(cuidar da forma como se fala sobre este assunto, pois deve estar o mais possível de acordo com a realidade).*
Vamos conhecer a nossa sala. *(Entram ordenadamente na sala, anteriormente embelezada)*
Gostam? Está bonita? Porque será que está assim arranjada?
É igual à vossa sala de aulas? Quais são as diferenças? *(Ouvir as crianças)*

É aqui, nesta sala, que ao longo deste ano vamos aprender a ser amigos, de verdade, e vamos conhecer um Amigo muito importante, que não vemos com os nossos olhos, mas é a principal razão por que vimos à catequese. Sabem quem é? *(Ouvir as crianças)*

Jesus! Muito bem. É por causa d'Ele que vimos à catequese.
Querem conhecê-lo? *(Ouvir as crianças)*
Para isso, têm de vir todas as semanas à catequese.
Vou contar-vos uma história. Querem escutar?
Eu tinha mais ou menos a vossa idade…

O catequista, em cinco minutos, no máximo conta a sua experiência de, quando criança, foi para a catequese. Realça, desta experiência, o lugar, as condições e o (a) catequista que teve, dando relevo aos aspectos mais positivos da sua experiência.
Caso seja difícil ou impossível falar da sua experiência pessoal, pode pedir ajuda a outro catequista, ou até convidar um adolescente, para dar um breve testemunho da sua.

Gostaram?
Já nos conhecemos um pouco melhor. Já conhecemos a nossa sala de catequese. Mas será que já conhecemos todos os espaços da catequese? *(Ouvir as crianças)*

Como alguns de vós ainda não conhecem, vamos dar um passeio, para descobrirmos todos os espaços do nosso centro de catequese.
Vamos dar a mão dois a dois e vamos sair com muita ordem. Eu vou à frente. Vou ser o vosso guia.

O catequista sai e mostra-lhes, sem demoras, os espaços que circundam todo o ambiente da catequese, sobretudo os mais necessários, como sejam o local do acolhimento – se o houver – e a casa de banho, indicando-lhes as regras de utilização. Se a catequese for dentro da igreja, o catequista terá o cuidado de a mostrar e dar as devidas explicações, porém sem entrar em pormenores, visto que haverão catequeses para esse efeito.
Outra proposta para conhecer bem as instalações, poderá ser feita através da dinâmica "Caça ao Tesouro (ver Doc. 1). Acabada a visita, que não deve ser muito longa, regressam à sala.

3. Tantas novidades que hoje descobrimos: Já conhecemos novos amigos, já me conhecem a mim, já conhecem os espaços da catequese…
Quando os amigos nos dão coisas de que gostamos muito e nos fazem sentir muito felizes, o que é que nós lhes dizemos, para mostrarmos que estamos contentes e agradecidos? *(Ouvir as crianças)*

Isso mesmo: dizemos obrigado. Os vossos pais, familiares e amigos ficam felizes por já estarem mais crescidos e virem à catequese. Querem dizer obrigado, por estarmos aqui todos juntos?
Vamos fazer uma roda e aprender uma canção: "***Eu venho à catequese***".

Se possível, termine-se este primeiro encontro de catequese com um pequeno convívio/ lanche. Podem convidar-se os pais ou outros educadores, que normalmente vêm buscar as crianças, a participarem nele.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

JOGO "CAÇA AO TESOURO"

De modo muito simples e com estratégias do género da gincana, o catequista prepara alguns símbolos de acordo com os espaços que vão visitar. Exemplos:

1. Desenho de uma criança em frente a uma porta e a dizer: "ai, ai, despacha-te daí para fora que estou aflito". Adivinha: "Que local vamos conhecer?" – A casa de banho.

2. "Que bom, agora já podemos correr, saltar e até falar bem alto." Adivinha: "Que local vamos conhecer?" – O pátio…

CATEQUESE 2

TENHO MAIS AMIGOS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Gostamos de ter amigos**

   Um amigo é um tesouro. Quantas vezes ouvimos e sentimos esta verdade?

   A amizade é um bem tão essencial à nossa vida como o ar que respiramos. É condição e fonte de vida nova, que se desenvolve no tempo e se prolonga para além dele.

   Todos aspiramos por amizades profundas, verdadeiras. Nada há mais excelente do que ter um amigo em quem confiar. Só o amor nos pode fazer verdadeiramente felizes. É talvez a única coisa que vale por si mesma.

   A verdadeira amizade é aquela que culmina em amor. Supõe uma entrega em grau particularmente elevado e leva a uma intimidade cada vez mais intensa.

   Atribui-se a Platão a seguinte afirmação: "Só te ama quem ama a tua alma". De facto, tem de ser assim a verdadeira amizade. Esta, não só é pessoalmente desinteressada, como nos leva a preocupar-nos em exclusivo pelo bem da pessoa amada, e encerra, por si mesmo, uma dinâmica de eternidade.

   A amizade cresce no bem que se quer ao outro, no respeito pelas suas diferenças. Supõe um acolhimento integrador das diferenças. Quando conhecidas, respeitadas, proporcionam ao amigo a oportunidade e a alegria de poder crescer e valorizar-se como pessoa. E, nessa pessoa, também eu me torno mais pessoa.

   Esta amizade é, assim, um tesouro, semelhante ao do Reino dos Céus. Neste caso, o que é preciso deixar ou vender são os nossos individualismos e egoísmos (cf Mt 13, 44-46). Mas vale a pena.

2. **Jesus, o nosso melhor Amigo**

   Jesus vive e conhece, mais do que ninguém, a profundidade deste amor, que gera uma confiança sem limites e uma verdadeira fraternidade, vivida na liberdade. Mesmo quando está longe, fisicamente ausente.

Foi o que aconteceu com o seu amigo Lázaro (cf Jo 11, 1-45).

As irmãs mandaram dizer a Jesus: “Senhor, aquele que amas está doente.” Mas, quando Jesus chegou, Lázaro já tinha sido sepultado, havia quatro dias. Nada mais havia a fazer. Marta, porém, disse a Jesus: “Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido. Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá.” Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressuscitará.” Perguntou-lhes onde o tinham colocado e, ao aproximar-se do local, estremeceu de comoção, perturbou-se no seu íntimo e chorou. Até alguns dos judeus presentes reconheceram a sua amizade por Lázaro: “Vede como era seu amigo!”

Depois de retirada a pedra que tapava o sepulcro, Jesus ergue os olhos ao céu, reza a Deus, seu Pai, e brada com voz forte: “Lázaro, vem cá para fora”. E Lázaro saiu.

A força do amor vence tudo, até a morte, e tudo o que a ela conduz: o amor d’Aquele que, ao morrer por nosso amor, ressuscitou para sempre e se tornou definitivamente a “ressurreição e a vida” para quem nele acreditar. “Crês nisto?” – pergunta Ele a cada um de nós, como perguntou a Marta. É que, é da fé no seu amor extremo que nasce e vive o seu amor em nós.

3. O amor que nasce e vive da Fé

O amor aprende-se por contágio. Repare-se na criança pequenina que, nos braços da mãe, estende os seus lábios para o seio de que se alimenta: tanto ou mais do que o leite que bebe, o que ela saboreia é o carinho da mãe que a envolve com os seus braços e lhe transmite o calor do seu corpo e da sua alma, o calor do amor. Por isso é que a criança se entrega sempre de novo e cada vez com mais intensidade: pelo amor a que responde com a entrega confiante, o amor que, assim, vai formando parte integrante da sua vida e lhe dá sentido. Pelo amor que recebe, experimenta e integra na sua vida, aprende que a sua própria vida só tem sentido, se vivida no dom, na entrega, no amor. E quanto maior for a intensidade do amor que recebe, tanto mais intenso será o amor com que se dá.

Uma experiência fundamental para a vida, mas que, infelizmente, é cada vez mais rara no mundo em que vivemos. Daí os desequilíbrios que se notam já nos primeiros anos da escola e crescem com o passar do tempo. Quantos males, dos que padece grande parte da nossa juventude, têm a sua raiz profunda na falta de carinho, afecto, amor, durante os anos de crescimento! Se muitos jovens não sabem o que é amar, no sentido profundo do termo, foi porque nunca experimentaram amor da parte daqueles - pais e outros - dos quais foram recebendo a vida.

E se esses não quiseram ou não puderam transmitir-lhes amor, foi porque lhes faltava a fonte do verdadeiro amor: o Deus cuja vida consiste em amar sem fronteiras, nem de tempo nem de espaço; o Deus cujo amor teve a manifestação mais intensa no dom do seu único Filho, em sentido próprio; o Deus que, neste seu Filho, morre por nós, para

nos libertar de tudo o que é destrutivo do amor: o pecado, fonte de tantos males, tantas desgraças, tanta morte.

É deste Deus que precisamos: do amor que Ele continua a oferecer-nos na sua Igreja; o amor que faz de nós irmãos de todos, até daqueles que não nos amam, os nossos inimigos.

Saboreemos esse amor, deixemo-nos conquistar e contagiar por ele: o amor que está na origem da fé, da entrega confiante a quem tanto nos ama, e, em nós, atinge dimensões que ultrapassam os limites do tempo e do espaço em que decorre a nossa vida.

Entreguemo-nos, pela fé, ao Deus de Jesus Cristo, e estaremos em condições de darmos testemunho dele: no amor que temos, nomeadamente, às crianças que nos são confiadas na catequese. É essa a nossa missão: abrir-lhes os olhos para Deus, que tanto as ama. Vê-lo-ão, na medida em que o experimentam ao vivo em nós.

OBJECTIVOS

– Partilhar a alegria do encontro com novos amigos.
– Compreender a catequese como descoberta de um amigo especial: **JESUS**.
– Respeitar os outros, para viver em amizade.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A criança é muito sensível ao acolhimento que lhe fazem. Os elogios, o carinho fazem-na sentir-se importante e segura. Gosta de ter amigos, quer ter muitos amigos da sua idade; mas dá-lhe particular alegria ter a amizade especial deste ou daquele adulto. Ter um adulto, para além do pai ou da mãe, como grande amigo, ajuda-a a crescer na sua auto-estima. Aprende a ser depositária da amizade: ela recebe amizade e irá retribuir a amizade aos outros. A amizade dos adultos vai ajudar a criança a viver com verdade diante dos amigos, libertando-se progressivamente de interesses próprios e egocentrismos.

Na catequese, precisa de encontrar, na pessoa do catequista, esse amigo que está com ela, para ajudá-la a crescer (exige e estabelece regras) e para vê-la crescer (está presente, para a amparar e estimular nos avanços e nos recuos do seu crescimento). A figura meiga, acolhedora e amiga do catequista deve sobressair no espaço da catequese, para que a criança possa, de facto, confiar nela, sentir carinho, segurança, acolhimento, mas também autoridade (no bom sentido do termo).

Este encontro principia, de uma maneira muito simples, com a descoberta pelas crianças do que distingue um colega de um amigo. Assim, na 1ª Alternativa, são convidadas a participar num jogo, cujo objectivo é permitir o conhecimento maior dos seus gostos (jogos preferidos, desenhos animados, etc). Na 2ª Alternativa, é-lhes proposto plantar a flor da amizade; o objectivo é levar a criança a descobrir o que é necessário para manter uma verdadeira amizade.

Na segunda parte, faz-se uma breve apresentação de **JESUS** como o Amigo, por excelência, das crianças. É seu amigo, porque o é também do catequista. Isto é, na amizade que experimentam do catequista, descobrem a fonte última e fundamental dessa amizade. E, na medida em que experimentam assim o amor de Jesus, sentir-se-ão motivadas para o amor, nomeadamente para com os colegas do grupo de catequese.

No final do encontro, propõe-se um pequeno momento de oração, na qual se agradece a **JESUS** o amor que tem por nós. Termina-a com um jogo, que ajuda as crianças a descobrir como se devem comportar na catequese. E isto, a oração e o jogo, já como vivência do amor.

MATERIAIS

– Leitor de CD (1ª alternativa);
– Música alegre para o jogo " Encontro musical" (1ª alternativa);
– Caixa com um vaso, terra, planta, regador com água, pá (2ª alternativa);
– Dístico: "Jesus";
– Ou a sua imagem, igual ou semelhante à do catecismo;
– Material para jogar "As regras do nosso grupo".

MÚSICAS

– Música alegre (1ª alternativa);
– "Nós Somos Amigos";
– "Obrigado Jesus, porque és meu amigo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Na catequese da semana passada conhecemos novos colegas e fizemos um novo grupo. Cada um disse o seu nome. Nós conhecemos os amigos pelo nome. Querem dizer o nome dos vossos amigos? *(Ouvir as crianças)*

Quem se lembra dos nomes dos novos colegas que conheceram aqui, na semana passada? Vamos ver quem acerta mais. *(Ouvir as crianças)*

O catequista procura identificar a criança ou crianças que mais nomes conheçam, para a elogiar pela vontade de fazer novos amigos.

Será que podemos dizer que já somos amigos? *(Ouvir as crianças)*

Talvez não. É ainda necessário conhecermos os gostos dos outros (jogos preferidos, desenhos animado…), estarmos juntos, partilharmos brincadeiras, termos carinho e amizade uns pelos outros.
Querem conhecer-se melhor?

1ª Alternativa

Grupo grande
Vamos fazer um jogo: eu coloco uma música a tocar e, enquanto a ouvimos, vamos andar pela sala. Quando a música pára, cada um dá o braço ao menino que estiver mais perto de si e começa a conversar com ele, perguntando-lhe: em que escola andas? gostas da tua professora? tens irmãos? com quem costumas brincar mais? qual o teu jogo preferido? qual o teu filme preferido? (…) Depois de ouvir as respostas, é a sua vez de responder às questões colocadas pelo seu par.

Quando o catequista vir que a maior parte das crianças já parou de conversar, continua o jogo, colocando a música, e assim sucessivamente, até que todos tenham falado uns com os outros.

Então o que descobriram? *(Ouvir algumas crianças)*

2ª Alternativa

Grupo pequeno
Os nossos amigos podem ser comparados a uma flor.
Gostam de flores?
Quem já plantou uma flor? *(Ouvir as crianças)*
E, se plantássemos aqui na catequese a "flor da amizade". Para isso, precisamos de alguns materiais. De que materiais precisamos? *(Ouvir as crianças)*

De uma caixa ou açafate grande, que até então permaneceu fechada, e, à medida que as crianças forem mencionando os utensílios necessários, o catequista retira-os da caixa.

Precisamos de uma flor ou planta! – Vamos ver se nesta caixa temos?
Precisamos de terra! – Vamos ver se…
Precisamos de água! – Temos aqui um regador com água…
De uma pá!

(Em cima de uma mesa, coberta com um papel ou plástico, todos colaboram no trabalho de "jardinagem").

A nossa flor já está plantada, e seguimos todas as regras necessárias.
Mas, falta ainda uma regra que temos de seguir, para que ela não morra. Que vamos precisar de fazer? – Regar, dar-lhe luz, falar baixinho com ela…
As flores precisam de tantos cuidados para crescer, como a nossa amizade! Para sermos amigos verdadeiros, é necessário tratarmo-nos com muito carinho e atenção.

2. *(Para as duas alternativas)*
Sabem o que estou a concluir do que fizemos? É isto: não podemos viver sozinhos. Se vivêssemos sozinhos, a nossa vida seria triste. Sabem por que precisamos tanto uns dos outros, para sermos felizes, e por que é que os meninos precisam tanto da mãe, do pai, dos avós? *(Ouvir as crianças)*

Sem os mais crescidos, que nos ensinam tantas coisas, teríamos muita dificuldade em crescer, pois há muita coisa que ainda não sabemos, nem podemos fazer.
Mas, com o pai e a mãe a trabalhar, que seria de nós, se não tivéssemos um professor na escola?
Teríamos dificuldade, em aprender a ler, a escrever, fazer contas…
E aqui na catequese, quem é a pessoa que mais vos pode ajudar a crescer e dar-vos a conhecer muitas coisas importantes para a vossa vida? *(Ouvir as crianças)*

II. PALAVRA

1. Então o que descobriram sobre as qualidades de um verdadeiro amigo? *(Ouvir as crianças)*
Isso mesmo, um amigo é mais do que um colega. Um amigo é carinhoso e atento, brinca connosco, partilha os seus brinquedos, conta-nos os seus segredos, sente a nossa falta, quando estamos longe… Na catequese, cada um de vós pode contar com a amizade dos outros meninos, mas também com a minha.

2. Já algum dos vossos amigos vos apresentou um amigo seu, que vocês não conheciam, mas que, depois de conversarem e brincarem, esse amigo passou, também, a ser vosso amigo? *(Ouvir as crianças)*

Isso aconteceu-me já muitas vezes. Mas recordo com especial carinho, o dia em que a minha catequista me deu a conhecer um grande Amigo dela, que era Amigo de todos, e que iria ser meu Amigo também.
Sabem quem é? Como se chama? *(Sem dizer mais nada, afixar o nome e/ou a imagem de:)* **Jesus**

Este é o nome (e/ou a figura) do meu grande amigo: Jesus! (*Deixar contemplar)*
Foi primeiro com a minha mãe e o meu pai (e irmãos) e mais tarde com a minha catequista que eu descobri que afinal o grande Amigo deles, era também meu Amigo. Só que eu não O conhecia bem, mas a minha catequista sim. Falava-me d'Ele com muito carinho e dizia-me que Ele era muito bom e amigo de todas as pessoas. Gosta de ver as crianças a crescer felizes e muito amigas umas das outras. Eu nunca tinha ouvido falar assim de ninguém. Daí em diante fiquei com muita curiosidade em conhecer **Jesus**.

Descobri muitas coisas sobre **Jesus**; aprendi:
– que **Jesus pensa em mim sempre com carinho**;
– a falar com **Jesus**, no segredo do meu coração, com palavras muito lindas.

Assim fui crescendo com **Jesus** como o meu melhor Amigo.

3. Ao longo deste ano de catequese irei falar-vos dele para que possam conhecê-l'O melhor. Ele também nos vai contar muitos dos seus segredos. Querem conhecer melhor este nosso Amigo?
(Ouvir as crianças; Depois se possível, convidá-las a cantar a 2ª estrofe da canção "Eu venho à catequese:)

Uma vez que já sabem o nome do nosso melhor amigo, querem dizer isso a cantar? É assim:

"Jesus gosta de mim"…

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. O que fazem quando encontram um amigo? *(Ouvir as crianças)*
Claro, quando encontramos um amigo queremos logo falar com ele, cumprimentá-lo, contar o que fizemos …
Querem falar um pouco com **Jesus**?
Que gostariam de Lhe dizer? *(Ouvir as crianças)*
Nós podemos dizer-Lhe tudo o que quisermos. Proponho que hoje lhe digamos obrigado por pensar em nós, por ser nosso amigo. Estão de acordo?

O catequista, em atitude de oração, convida as crianças a fazer o mesmo; depois diz uma primeira vez a oração por inteiro, e uma segunda vez frase por frase, para que as crianças possam repetir:

Obrigado, Jesus,
porque és meu amigo!

Obrigado, Jesus,
porque gostas de mim!

(Depois de recitarem a oração, o catequista pode convidar as crianças a repetir, cantando)

2. Para sermos amigos uns dos outros, temos que nos respeitar. Que acontece, quando não emprestam um brinquedo a um dos vossos amigos? *(Ouvir as crianças)*

Normalmente zangam-se ou ficam tristes, porque o vosso amigo ou vocês não respeitaram uma das regras da amizade: emprestar aos outros as nossas coisas.
Em casa também temos regras: ninguém vai jantar para o quarto, nem dormir para a casa de banho. Também aqui na catequese temos que aprender a respeitar certas regras, para nos mantermos amigos uns dos outros e de **Jesus**.
Querem descobri-las através de um jogo?

Vamos então fazer o jogo: "As regras do nosso grupo" (Documento 1).

3. Vamos ser mesmo um grupo de bons amigos? Vamos cumprir todos os sentidos obrigatórios?

Então cantemos todos, uma canção, em que mostremos a nossa amizade: *"**Nós somos amigos aqui e agora**".*
(Pode cantar-se a 2ª estrofe, com as crianças de mãos dadas).

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

JOGO: "AS REGRAS DO NOSSO GRUPO"

Em cima da mesa o catequista coloca as seguintes imagens:
– Relógio;
– Crianças amigas, a tratarem-se pelo nome;
– Crianças amigas, a trabalhar em grupo;
– Criança atenta a ouvir alguém;
– Criança com dedo na boca (gesto de mandar fazer silêncio);
– Criança a guardar o telemóvel e o "Game Boy";
– Criança de dedo no ar, a pedir a vez;
– Criança com catequista;
– Criança (pequenos símbolos) com o nome de cada uma;
– Crianças a caminharem para a igreja ao lado de adultos (pais).

As crianças primeiro escolhem as imagens e tentam interpretá-las, com a ajuda do catequista. De seguida, vão juntando os dísticos de sentido obrigatório ou de sentido proibido, consoante a situação.

Exemplo:

	Sentidos Obrigatórios	**Sentidos proibidos**
🕒	☺ – Ser pontual	☹ – Chegar atrasado ou faltar

Descobertas as regras, afixam-se por ordem de importância., O catequista procura, com as crianças, descobrir quais as mais importantes, e, de comum acordo, estabelecê-las.

DÍSTICOS (Pode-se utilizar o símbolo dos sinais de trânsito)

Sentidos Obrigatórios	Sentidos proibidos
☺ – Ser pontual	☹ – Chegar atrasado ou faltar
☺ – Somos amigos. Chamamo-nos pelo nome	☹ – Bater. Chamar nomes feios
☺ – Participar (trabalhamos em grupo)	☹ – Ser preguiçoso
☺ – Estar atento	☹ – Estar distraído
☺ – Fazer silêncio/ escutar	☹ – Fazer barulho
☺ – Mandar no corpo/ pedir a vez	☹ – Causar distúrbios
☺ – Vir sempre à Catequese	☹ – Faltar à Catequese
☺ – Saber o nome de todos	☹ – Não chamar pelo nome
☺ – Ir à Missa	☹ – Faltar à Missa

Depois de afixadas, o catequista convida a olhar bem para as imagens e a repetir as regras.

É importante que este painel possa ficar na sala durante o ano de catequese. Mas, o catequista evite servir-se dele constantemente, ao longo do ano para moralizar. As regras são um meio, não um fim em si mesmas.

CATEQUESE 3

VISITAMOS A CASA DE DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Um cristão não pode viver na indiferença

No mundo secularizado em que vivemos, é cada vez maior a descristianização de pessoas baptizadas. De tal modo que até se intitulam de cristãos não praticantes. Como se tal fosse possível! Ou se é e se pratica ou se deixa de ser, por falta de prática.

Nota-se ainda uma indiferença religiosa: não se faz a experiência da íntima e vital união com Deus até se rejeita quem a faz (cf GS 19).

O secularismo, o imediatismo, o hedonismo e tantos "ismos", a que a humanidade rende devoção, têm vindo a mergulhar o ser humano no vazio. Enquanto muitos andam atafulhados de coisas e saberes, a outros falta o essencial para viver, para a dignidade a que têm direito. Na origem de tais desarmonias pessoais e sociais, está a perda da consciência moral e religiosa e da relação com o Ser que nos transcende e, por isso, nos pode levar a transcender-nos, para a abrir-nos aos outros, à vida, ao amor.

O ateísmo, teórico e prático, é uma das realidades mais graves do tempo actual. Embora em formas diversas, aparece hoje especialmente na visão autonomista da pessoa e do mundo. Para o ateísmo, o mundo explica-se por si mesmo, sem ser necessário recorrer a Deus. É bem possível que isto tenha contribuído para o afastamento de Deus, de Cristo e da sua Igreja, por parte de tantos cristãos.

Por isso, neste ambiente cultural, ser cristão implica uma fé esclarecida, viva, fundamentada e provada. O cristão não pode ficar por meias tintas. Ou é ou não é. Quem hoje vai à igreja, tem de estar consciente de que, ao sair para o mundo do trabalho, da escola, da família, da sociedade, leva Cristo e a Igreja consigo. Ser cristão, implica sê-lo em toda a parte.

Se, como proclamaram os Padres do II Concílio do Vaticano, "a luz dos povos é Cristo que resplandece no rosto da Igreja" (LG 1), é dever de todo o cristão, como membro da Igreja, anunciá-lo como Evangelho a toda a criatura Mas que seja um anúncio que se exprima na prática de vida. Só esse convence, conquista, transforma, salva.

2. **Jesus zela pela "Casa do Pai"**

No fundo, foi esta incoerência entre a fé celebrada no culto e não testemunhada na prática de vida, que levou Jesus a intervir com uma violência desusada, na cena da purificação do templo. Vejamos o que Ele nos diz em Mc 11, 17: "Não está escrito: a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões".

Jesus justifica a "limpeza" do átrio externo do templo, com duas passagens do Antigo Testamento: Is 56, 7 e Jer 7, 11. São duas passagens que se completam: para se realizar a promessa de Is 56, 7, tem de deixar de se fazer aquilo de que se é acusado em Jer 7, 11.

Comecemos por esta última acusação. O profeta dirige-se contra aqueles que, no dia - a -dia, levam uma vida contrária à vontade de Deus, e depois, no templo, com as suas devoções Lhe tentam fechar os olhos para não ver o mal que fazem. É assim que o templo se torna um "covil de ladrões". O que compram no átrio do templo, para oferecer a Deus, compram-no com dinheiro obtido ilicitamente, à custa do bem das suas vítimas.

Portanto, a limpeza feita por Jesus, não é tanto contra os que vendem, como sobretudo contra os que compram: depois de "comprar" a vida dos pobres, tentam "comprar" o próprio Deus – o Deus dos pobres e desfavorecidos. É a isto que Jesus se opõe: à tentação de servir-se de Deus para os próprios interesses, em vez de a Ele se entregar pela conversão e a fé. Tentam mandar em Deus, em vez de deixarem que Ele reine sobre eles: no templo e fora dele.

Só esta abertura a Deus e, nele, aos outros, deixando que Ele seja verdadeiramente Deus, com a solicitude universal que lhe é própria, só assim a sua "casa de oração" será "para todos os povos". Para isso, tenho de começar por mim: pela libertação dos meus egoísmos, de uma exclusiva busca dos meus interesses, pela libertação do pecado, que impede que Deus esteja em mim, com o Seu amor sem fronteiras. É esse amor que me leva a acolher todos os outros, independentemente do seu estatuto social, religioso, político ou nacional.

O Reino de Deus, proclamado por Jesus, não tem limites. Todos têm lugar na "casa de oração", a sua Igreja, desde que se convertam ao Deus, cujo Reino Ele anuncia e inicia, sobretudo na sua morte, em que se oferece todo a Deus, num amor ilimitado.

Foi assim que Ele instituiu o novo templo: a Igreja. Nela se entra pela entrega total ao mesmo Deus a quem Cristo se entregou. É "casa de oração", "templo do Senhor", na medida em que Cristo nela se nos oferece, pela Palavra aí proclamada e pelos sacramentos aí celebrados. Uma casa, cujas portas estão sempre abertas para todos.

3. **Cuidemos da casa de Deus que somos e temos**

Diz-nos S. Paulo em Rm 12, 1-2: "Exorto-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja esse o

vosso verdadeiro culto: o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual a vontade de Deus: o que é bom, lhe é agradável, o que é perfeito".

Nestas palavras há, pelo menos, dois pontos que merecem a vossa atenção. O primeiro diz respeito ao verdadeiro culto, em que entramos em total sintonia com Deus. É aquele em que oferecemos os nossos "corpos", isto é, as nossas vidas. Mas esta oferta é feita fora do lugar, em que sacramentalmente nos oferecemos a Deus e Ele nos oferece o dom ilimitado do seu amor.

Isto não quer dizer que o culto realizado na igreja seja desnecessário. Pelo contrário: sem a Eucaristia, muito dificilmente poderemos fazer de toda a nossa vida uma oferta aos outros. Mas, sem esta oferta, feita em todos os lugares em que vivemos, a Eucaristia – sacramentalmente celebrada na igreja – seria em vão. Na igreja recebemos a energia necessária para nos darmos com mais intensidade, em todos os lugares em que continuamos a ser "Igreja", "casa de Deus".

Com isto, chegamos ao segundo ponto: a exortação a não nos "acomodarmos a este mundo". Vimos como hoje a tentação é grande. E muitos cristãos caem nela. Reduzem a prática religiosa às visitas à igreja, se é que fazem isso. Deixam-se contaminar pela mentalidade reinante no mundo, em vez de se orientarem pela vontade de Deus.

Para evitar tal perversão, só há um caminho: entrar com mais frequência na "casa de Deus", e, pela oração e a comunhão fraterna, alimentar e fortalecer a união ao único Deus que nos pode salvar, o Deus de Jesus Cristo que se manifesta de modo especial na sua casa.

Esta é mais uma razão para zelarmos por essa casa, como fez Jesus: zelarmos para que seja verdadeira casa de Deus, em que Ele se manifesta no culto que aí lhe prestamos, um culto tanto mais eficaz, quanto mais nos empenhamos em participar activamente nele.

OBJECTIVOS

– Descobrir as diferenças entre a nossa casa e a casa de Deus.
– Conhecer os lugares mais importantes da igreja e o seu significado.
– Despertar o gosto por ir à casa de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

É cada vez maior o número das crianças que desconhecem a beleza de imitar um adulto nas suas palavras, gestos, e acções dentro da igreja. É que são cada vez mais os adultos que, ou já lá não vão, ou vão apenas ocasionalmente. Daí que muitas crianças desconheçam até a igreja como o lugar onde os amigos de Deus se reúnem, rezam e celebram.

A criança está na fase da vida em que gosta de conhecer coisas e lugares novos. Além disso, nutrida de alto grau de admiração e contemplação, é-lhe fácil aderir ao divino, através dos seus sinais. Mais: não lhe será difícil abrir-se à assembleia dominical, devido à idade de socialização em que está a iniciar a aprendizagem.

Aberta ao mistério, a criança é capaz de o aceitar e de reconhecer a igreja como a casa onde Deus mora. Isto é uma segurança e apoio para a fé que nela começa a crescer ou, pelo menos, a desabrochar. Deus oferece-lhe um lar. Compete aos pais, aos catequistas e a toda a comunidade cristã acolhê-la e dar-lhe o necessário testemunho .

O catequista não se esqueça de completar o convite para a Festa de Acolhimento que se vai realizar no domingo depois desta catequese. Motive também as crianças para convidarem os familiares a acompanhá-las nessa festa.

MATERIAIS

– Folhas de papel A4 (1ªAlternativa);
– Lápis e borrachas;
– Imagens de vários tipos de casas: habitações, hospitais, teatros, igreja, escolas, etc. (2ªAlternativa);
– Imagens do interior de algumas habitações: salas, cozinhas, casas de banho, quartos de dormir e outros elementos que mostrem as diferenças …(2ªAlternativa);
– Dístico: “Jesus convida-nos para irmos à casa de Deus”;
– Leitor de CD/ ou de cassetes;
– Postais ou fotografias da igreja que visitaram, para oferecer a cada uma das crianças, com as seguintes palavras: “A casa de Deus é casa de oração”;
– Lápis de cores.

MÚSICAS

– “Vamos entrando na casa de Deus”;
– “Obrigado Jesus, porque és meu amigo”

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Se a sala da catequese ficar distante da igreja, o catequista pede aos pais para que, neste dia, levem as crianças directamente para a lá. Caso contrário, as crianças podem ir, como habitualmente, para a sala de catequese, onde se preparam para a visita à igreja, acompanhadas pelo catequista.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

Como foi a vossa semana? Arranjaram mais amigos? *(Ouvir as crianças)*

1. Eu hoje trouxe um cântico novo. Querem ouvi-lo?
(Cantar ou escutar "Vamos entrando na casa de Deus")

Quem sabe onde fica a casa de Deus? *(Ouvir as crianças)*
Hoje vamos descobrir uma delas! Mas, antes disso, vamos ouvir mais uma vez o cântico, para ver quem já é capaz de cantar comigo. Não tenham vergonha. Eu estou aqui para vos ajudar. Vamos tentar? *(Ensaiar até todos saberem. Durante o ensaio, o catequista explica brevemente o que é a casa de Deus, com estas ou outras palavras:)*
Deus é Alguém de quem Jesus gosta muito, mesmo muito. Deus é quem faz com que Jesus seja tão nosso amigo. Por isso, Ele vai ensinar-nos muitas coisas sobre Deus. Vão ver que são coisas muito boas. Por isso, é Jesus quem nos convida a irmos à casa de Deus. Porque lá, na casa de Deus, podemos fazer festa com Jesus. Vamos, por isso, aprender bem esta canção. Se a cantarmos bem, Jesus fica muito contente connosco.

1ª Alternativa

O catequista distribui por cada criança uma folha de papel A_4.
Como será a casa de Deus?
Para vermos, vamos primeiro sonhar que somos arquitectos, isto é, desenhamos casas. Pode ser? Fechar os olhinhos um bocadinho! … Agora, Srs. e Sras. Arquitectas, convido-vos a desenhar a vossa casa nessa folha de papel. Não é necessário desenhar muitos pormenores, porque depois falamos todos sobre a nossa casa.

O catequista deve estar atento, para que nenhuma criança fique triste por a sua casa ser diferente da das outras. Assim, no diálogo que se segue, deve realçar que nem todos temos casas grandes, mas o que importa é que sejamos felizes, por poder estar com a nossa família.

O tempo já passou! Querem falar um pouco sobre as vossas casas? *(Ouvir as crianças)*
Então, em primeiro lugar, vão, dois a dois, encontrar as semelhanças entre as vossas casas, conseguem?
Então o que descobriram? *(Ouvir as crianças)*

É claro, todas as casas têm uma cozinha, quartos, salas e casas de banho. Umas mais pequeninas, outras maiores. Uns moram em apartamentos, outros moram em casas e

alguns até vivem em vivendas. Mas isso não tem grande importância. O que é mesmo importante é que todos temos uma casa!
Agora gostava de fazer mais uma pergunta: qual é o local da vossa casa, onde gostam mais de estar? *(Ouvir as crianças)*
Como ouviram, todos temos um local especial onde nos sentimos melhor. E esse local até pode ser diferente: uns gostam mais de estar na sala, outros no quarto, etc.

2ª Alternativa

O catequista afixa imagens de vários tipos de casas: habitações, hospitais, teatros, igreja, escolas, etc.

Para sabermos como é a casa de Deus, vamos primeiro olhar para estas imagens.

Quem sabe dizer o que está representado nelas? Quais são os nomes destas casas ou edifícios? *(Ouvir as crianças)*
Que semelhanças apresentam? *(Ouvir as crianças)*

O catequista afixa as imagens do interior de alguns desses edifícios: salas, cozinhas, casas de banho, quartos de dormir, e outros elementos que mostrem as diferenças.

E quem descobre as diferenças? *(Ouvir as crianças)*

2. *Qualquer que seja a alternativa escolhida o encontro deve continuar*:
Até agora falámos das semelhanças e diferenças que descobriram entre as vossas casas ou entre outros edifícios. Em resumo, descobrimos que:
– as casas têm normalmente uma cozinha, quartos, casa de banho, sala…;
– as nossas casas são diferentes por fora, mas por dentro são mais semelhantes;
– umas são maiores do que outras, mas têm as divisões essenciais para viver.

Gostava que pensassem um bocadinho e, só depois, respondessem a esta pergunta: quando vão visitar a casa de alguém que ainda não conhecem bem, ou que é de uma pessoa muito importante, fazem tudo à vontade como na vossa casa? *(Silêncio)*
Já pensaram um bocadinho? Então como se comportam nessas casas? *(Ouvir as crianças)*
Sabem o que se passa comigo? Eu fico um pouco atrapalhado, nunca sei bem onde me devo sentar e para onde posso ir. Claro, como são mais pequeninos do que eu, há uns que nem se dão conta de que estão numa casa que não é a sua, enquanto outros ficam mais calados e mais quietos. Isto é, sentem-se, como eu, um pouco envergonhados e observam como é que as pessoas se comportam.

II. PALAVRA

1. Agora vamos todos visitar uma casa de Deus. Alguns de vós já a conhecem, mas outros talvez ainda não

(Chegados junto da igreja e todos reunidos, mas ainda do lado de fora, o catequista convida as crianças a olharem para o edifício, e depois a darem uma volta à igreja. Se possível, de uma forma muito breve e simples, adaptada à idade das crianças, pode-se contar a história da construção do edifício).

Esta casa é parecida com a vossa?
Porque é que não é igual? *(Ouvir as crianças)*
As portas, as janelas, os sinos, o tamanho, a cruz lá no alto …Quem já entrou nesta casa? *(Ouvir as crianças)*

Como escutaram, uns já entraram, outros ainda não. Então convido-vos a visitá-la como se fosse a primeira vez que lá entramos. Estão de acordo? E, quando entrarmos, todos vão tentar fazer os gestos que eu fizer. Depois eu explico-vos por que os fiz e o que eles querem dizer.

2. Com calma, tentem cantar comigo: "***Vamos entrando na casa de Deus***".
Quando visitamos os amigos do pai ou da mãe, dos avós, ou quando recebemos visitas em casa, o que é que devemos fazer em primeiro lugar? *(Ouvir as crianças)*

Dizemos olá, cumprimentamos, damos um beijinho e convidamos a entrar na nossa casa. Quem reparou naquilo que eu fiz quando entramos na igreja? *(Ouvir as crianças)(O catequista recorda com as crianças os gestos e sinais.)*

Alguns de vós fizeram o mesmo que eu e outros tentaram fazer. O que fizemos, foi cumprimentar Deus com o Sinal da Cruz, porque entrámos na sua casa. O que nos faz lembrar este sinal? *(Ouvir as crianças)*

Muito bem! *(Aponta para o **crucifixo** e diz:)* – A cruz! O que fiz foi uma cruz sobre o meu corpo. Porque, na cruz está uma imagem de Jesus, a cruz é o sinal dos amigos de Jesus: novos, idosos, jovens, meninos ou meninas como vós. Durante este ano, vamos descobrir o seu significado e quando o devemos fazer. Já viram que, ao entrarmos numa igreja, é o primeiro sinal que fazemos.

Sentamo-nos um bocadinho? Olhem em vosso redor com atenção! Que nome se dá a esta casa? *(Ouvir as crianças)*

Muito bem! Chama-se **igreja**: é este o nome que damos à "**casa de Deus**". Chama-se assim, porque é o lugar, a casa principal, onde os amigos de Jesus se reúnem para rezar, isto é, para falar com Jesus e com Deus. Foi Jesus que nos convidou a vir visitá-la.

Afixar o dístico: **Jesus convida-nos, para irmos à casa de Deus**

E nós viemos responder ao seu convite.
O que vos chama mais a atenção? Olhem em frente…
Aquela mesa grande? Chama-se **altar**! É ali, no altar, que o Sr. Padre faz as festas com Jesus. E sabem que nome se dá à mais bonita dessas festas? – Chama-se Missa. Agora olhem para aquela estante. Chama-se **ambão**! É ali que se lêem as palavras que Deus e Jesus nos deixaram escritas num livro, chamado Bíblia.
A **cadeira grande**? É nela que se senta o Sr. Padre que preside às festas com Jesus, principalmente à Missa.

De acordo com a configuração da igreja, segue-se o que for mais conveniente. Contudo, sugere-se que se vá em último lugar ao sacrário. Aí o catequista faz a genuflexão. Ajoelha no banco e faz o sinal da cruz. As crianças, talvez pouco ou nada habituadas a estes sinais, vão ter dificuldade em imitá-los, mas o mais importante no momento é que tentem e, sobretudo, que os gestos do catequista as interpele.

Com muita calma e em silêncio vamos continuar a nossa visita. Agora vamos descobrir dois lugares especiais e descobrir um pouco do seu significado. Querem ir visitar à **Pia Baptismal**?
Quem sabe para que serve? *(Ouvir as crianças)*

Muito bem! É aqui que os bebés, crianças, ou mesmo adultos, são baptizados.
Sabem por que é que os pais desses bebés e crianças pedem para que elas sejam baptizadas? *(Ouvir as crianças)*

Para ficarem a pertencer ao grupo dos amigos de Jesus. Isto é, pelo baptismo tornamo-nos amigos de Jesus.
Para terminarmos esta nossa primeira visita, convido-vos a irem a um dos lugares mais importantes da igreja: o **Sacrário**!
(Perante o Sacrário o catequista ajoelha e faz o sinal da cruz)

Ajoelhei**,** *(o catequista repete o gesto)* para dizer, com este gesto, que sei e acredito que Jesus está aqui de uma forma muito especial.

3. Embora não possamos ver Jesus, como nos vemos a nós, podemos senti-l'O no nosso coração. Ao ajoelhar é como se desse um beijo a Jesus. Sei que estou na sua casa e sinto que Ele fica muito contente quando cá venho visitá-l'O e rezar. Ajoelhar é um gesto de amor. Vamos aprender a fazê-lo? *(O catequista ensina o gesto, com respeito e paciência)*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Vamos sentar-nos um bocadinho e fazer silêncio?
(O catequista, quase murmurando, lembra-lhes:)
Estamos dentro da igreja, da casa de Deus. É aqui dentro que melhor podemos rezar, isto é, falar com Jesus e com Deus; agradecer-lhes as coisas belas que fazem para nós.Hoje convido cada um de vós a agradecer a Jesus, no silêncio do vosso coração, aquilo de que mais gostaram aqui na igreja. Estão de acordo? Então olhemos todos para o sacrário e, em silêncio, digamos a Jesus do fundo do nosso coração, aquilo que mais gostámos.

(Depois de um breve silêncio o catequista convida as crianças a levantarem-se e a dar as mãos. Depois, voltados para o sacrário escutam ou cantam um cântico de acção de graças, por exemplo:)
"Obrigado, Jesus!" ou
"Vamos entrando na casa de Deus"*.*

Agora que conhecemos melhor a igreja, parece-vos que podemos andar aqui a correr, a saltar, a brincar e falar alto? Não! Porque é a casa de Deus onde devemos fazer silêncio, rezar, falar com Ele no nosso coração. Como fizemos até agora é muito, muito bem! Penso que Deus e Jesus também estão muito contentes convosco.

2. E nós que devemos fazer? Escutar as palavras de Deus e de Jesus e fazer como Eles nos ensinam, ou fazer como as pessoas que não querem ouvi-los? *(Ouvir as crianças)*

Agora já sabem, quando nos reunimos na igreja, rezamos, cantamos, damos graças a Deus e fazemos festa com Jesus. Gostaram de estar aqui? *(Ouvir as crianças)*

Hoje descobrimos que é Jesus que nos convida a virmos à casa de Deus. Que resposta Lhe vamos dar? *(Ouvir as crianças)*

3. Ainda falta fazer uma coisa: no vosso catecismo está um convite para fazer à vossa família, para que, no próximo domingo, venham convosco visitar a casa de Deus e participar na Festa de Acolhimento. Vamos preenchê-lo rapidamente?

Sendo possível, na despedida, oferecer a cada criança um postal ou fotografia da igreja que visitaram. No verso pode escrever-se a data da visita e as seguintes palavras (ou outras): "A casa de Deus é casa de oração".

CATEQUESE 4

FESTA DO ACOLHIMENTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A necessidade e a importância do acolhimento

Despertar e desenvolver o sentido da vida comunitária nos catequizandos é um dos objectivos fundamentais da catequese. Acima de tudo, porque é impossível viver "a fé que actua pelo amor" (Gal 5, 6), fora de uma comunidade crente. Daí a importância de um bom acolhimento, da parte tanto de quem o faz como de quem o recebe.

Aliás, trata-se de uma necessidade sentida, com não menos intensidade, já ao nível simplesmente humano. Quem de nós não aprecia ser bem recebido, quer num consultório médico ou na enfermaria de um hospital, quer em tantos lugares onde procuramos os meios de subsistência de que precisamos? De resto, o sucesso de qualquer instituição que está ao serviço dos outros, depende muitíssimo do modo como nela são acolhidas e tratadas as pessoas que a ela se dirigem.

O que assim se passa com adultos, ganha proporções muito maiores quando se está em idade infantil. A criança é por natureza dependente. A sua vida está dependente daquele de quem vive. E, para viver, precisa não apenas de alimento e outros cuidados básicos. Sem o afecto e carinho de todos, a começar pelos que lhe estão mais próximos, dificilmente atingirá o equilíbrio e a maturidade necessária, para se sentir e comportar como pessoa. Não será a falta disso uma das causas principais da violência da parte de cada vez mais crianças em instituições de educação e ensino, como é o caso da escola?

Esta é mais uma razão para que as crianças da catequese se sintam acolhidas, quer no grupo em que são integradas, quer na comunidade cristã a que pertencem ou vão pertencer desde o baptismo. Progressivamente, elas vão sendo inseridas na comunidade, à medida que crescem na sua fé. Mas há uma razão mais profunda, que tem a ver com a essência da mensagem e da fé cristã, em todas as seus componentes.

2. Jesus Cristo acolhe-nos na sua Igreja

Em vez de Jesus Cristo, poder-se-ia escrever: Deus. Porque o cerne da mensagem e da actividade messiânica de Jesus é o anúncio do Reino de Deus. Um anúncio eficaz: o que proclama e ensina por palavras, vai ganhando visibilidade nas suas acções.

Chama os discípulos para fazerem comunidade com Ele. E de entre eles, estabeleceu doze para estarem com Ele (cf Mc 3, 14). E é com eles que a todos acolhe. De um modo especial aqueles que, por razões diversas, experimentavam com mais intensidade o drama da marginalização: os pobres e os doentes, as mulheres e as crianças, os publicanos e pecadores.

Um acolhimento que era motivo de escândalo: "Por que come Ele com publicanos e pecadores? Perguntavam os doutores da Lei do partido dos fariseus" (Mc 2, 16; cf Lc 15, 1-2). É que, aos olhos dos puritanos da Lei, o acolhimento até à intimidade de uma refeição em comum, significava implicitamente a aprovação da situação pecaminosa em que viviam os que eram acolhidos. Não seria antes de exigir uma conversão prévia?

Só que, para a verdadeira conversão, é imprescindível a acção da graça: aquela que se transmite pelo acto de acolhimento; a graça com que o pai recebe o filho que andava perdido e se reencontra definitivamente no banquete que o pai mandou preparar (cf Lc 15, 11-32). É o mesmo acolhimento que leva o pequeno Zaqueu a restituir "quatro vezes mais" a quem havia defraudado (cf Lc 19, 1-10).

Este modo de actuar de Jesus, ficou-lhe caro. Acabou por ser vítima daquilo que mais combatia: Ele próprio foi excluído e, para mais, pelo modo mais ignominioso e degradante da crucificação. Mas, porque Ele o enfrentou e assumiu com o mesmo amor com que sempre vivera, o que era "escândalo para os judeus e loucura para os gentios" foi transformado na maior manifestação do "poder e sabedoria de Deus" (1Cor 1, 23-24).

Foi pela sua morte e ressurreição que Ele se tornou para sempre "Espírito vivificante" (1Cor 15,45).

É este Espírito de amor ilimitado que recebem os discípulos, para serem suas testemunhas "até aos confins da terra" (Act 1, 8). O Espírito que é transmitido aos que acreditam no Evangelho e são baptizados. E, porque todos os baptizados bebem "de um só Espírito" (1Cor 12, 13), por isso não há entre eles "judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher", mas todos são "um só em Cristo". (Gal 3, 28).

Mas, não é apenas pelo Baptismo que a Igreja acolhe todos os que, independentemente da sua condição humana, se deixam conquistar pelo amor de Cristo. Todos os sacramentos são acções de acolhimento. Um acolhimento que, pela graça que transmitem, nos transforma em agentes do mesmo acolhimento.

3. **Ao serviço do acolhimento**

Tal como aconteceu com Jesus Cristo, no seu anúncio do Reino de Deus, também os cristãos, como membros do seu Corpo, falam mais por gestos do que por palavras. Pelo menos quando os gestos contradizem as palavras, estas perdem toda a credibilidade e acabam por produzir o efeito contrário: em vez de atraírem e conquistarem, afastam e levam à exclusão. Não tem sentido proclamar a mensagem do amor, se não se ama. Nomeadamente através dum acolhimento que seja encarnação e expressão viva do amor.

Se isso é fundamental no catequista, não o é menos na comunidade cristã de que ele faz parte e para a qual tem a missão de conduzir os catequizandos. É na comunidade cristã que as crianças, ao serem acolhidas, experimentam do modo mais vivo e eficaz quem é verdadeiramente o Deus em quem acreditam. E experimentam a sua acção, o seu amor, sobretudo através daqueles que vivem desse amor, nos lugares e momentos em que se reúnem. E o mais privilegiado é, sem dúvida, a celebração da Eucaristia, o sacramento por excelência do memorial do maior acto de amor de Deus em Jesus Cristo e, por isso mesmo, o sacramento que faz da Igreja mais Igreja de Jesus Cristo.

Para que as crianças se sintam verdadeiramente acolhidas e, pelo acolhimento, integradas na comunidade cristã, é necessário que cada uma seja respeitada naquilo que lhe é próprio: na individualidade da sua pessoa, expressa sobretudo pelo nome; na sua condição social, que varia, mas que não pode ser factor de separação e, muito menos, de exclusão; na sua condição de cristão, que já é plenamente (se baptizada) ou caminha para o ser. Tenham-se presentes todos estes factores na preparação e realização desta festa de acolhimento. Dela depende muito: não apenas o futuro da catequese, mas sobretudo o futuro cristão de cada criança. Que elas, pelo acolhimento que recebem, se vão tornando, elas próprias, agentes de acolhimento. Queira Deus!

OBJECTIVOS

– Sentir-se acolhido pela comunidade.
– Celebrar em comunidade o início de uma caminhada de fé.
– Despertar o desejo de participar na catequese com interesse e alegria.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

As crianças já conhecem um pouco mais o catequista, os colegas, assim como os espaços da catequese, e fizeram a sua primeira visita á igreja, no encontro anterior. Estão, portanto, mais à vontade e têm as primeiras noções de como se devem comportar na igreja. Não esquecer que, talvez para a maioria, é a primeira vez que vão participar na eucaristia dominical. Por isso, há que preparar a comunidade para acolher estas crianças e seus familiares, com gestos de amor e alegria.

Se assim for, as crianças ficarão felizes por sentirem que são acolhidas por aquela comunidade de cristãos, que conhecem melhor do que elas quem é Deus e falam com Ele no seu coração.

O catequista pode, na medida do possível, pedir ajuda a outros grupos de catequese, à comunidade, às famílias e ao pároco, para prepararem em conjunto uma celebração simples, bonita e alegre, em que as crianças sintam que algo de extraordinário os une a todos.

Se, por alguma razão, não for possível realizar a Festa do Acolhimento numa eucaristia dominical, pode recorrer-se a uma das seguintes sugestões, a ser trabalhada pelos catequistas, famílias e pároco: numa eucaristia semanal; ou numa festa convívio com as outras crianças da catequese, que recebem os mais pequeninos num clima de partilha, acolhimento e alegria.

MATERIAIS

– Dísticos: "Bem-vindo";" Deixai vir a mim os pequeninos" (Mc 10,14);
– Guião da celebração, para as famílias acompanharem e ajudarem as crianças;
– Diplomas ou pagelas, uma para cada criança, com as frases**: "** Deixai vir a mim os pequeninos" (Mc10,14) e: **"**Fui acolhido pela comunidade no Amor de Deus";
– Outros materiais necessários, conforme a hipótese escolhida.

MÚSICAS

A escolher de acordo com o grupo coral, mas que sejam simples, de teor infantil e fáceis de entender. Se possível, usar alguns daqueles que as crianças aprenderam nas catequeses anteriores

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Antes do início da celebração, o catequista combina com as crianças os últimos detalhes, que deverão ser adequados à realidade do grupo. Aqui, vai apenas uma sugestão de diálogo preparatório.

Olá! Hoje a nossa catequese vai ser diferente! Estão preparados para voltar à igreja? *(Ouvir as crianças)*

Mas, desta vez vai ser com a vossa família e outras pessoas que fazem parte do grupo de cristãos, que se costumam reunir aqui para escutar a Jesus. Não fiquem envergonhados, nem com medo! Estou aqui para vos acompanhar.
Para entrarmos, vamos dar as mãos, dois a dois, e vamos até ao altar. Não se esqueçam de fazer o sinal da cruz. Se ainda não souberem bem, ajoelhem simplesmente à entrada da igreja, está bem?

Chegados junto ao altar, sentam-se nos degraus. Depois, vão fazendo como os mais velhos: se eles estão de pé, ficamos também de pé, voltados para o altar; se eles se sentarem, nós sentamo-nos também.
Quando o Padre disser, vão sentar-se ao pé das vossas famílias, mas sem correr, está bem?

Vamos então entrar!

1ª Alternativa

NA MISSA DOMINICAL OU NUMA MISSA FERIAL

Admonição introdutória – *Antes das crianças entrarem, saúdam-se as famílias presentes e dá-se a conhecer a todos o sentido da celebração.*

Cântico de entrada – *(as crianças entram)*

Saudação especial às crianças

Ritos iniciais

Liturgia da Palavra

Depois da homilia faz-se o compromisso:

Compromisso dos pais ou responsáveis pelas crianças

Sacerdote – O que pedis à Igreja para estas crianças?
Pais – A catequese.
Sacerdote – Porque pedis a catequese para as vossas crianças?
Pais – Para que cresçam na fé.
Sacerdote – Estais dispostos a assumir, de novo, o compromisso de serdes para elas os principais educadores da fé?
Pais – Sim, estamos.
Sacerdote – Estais dispostos a participar na vida da comunidade, para, em conjunto, realizarmos esta missão?
Pais – Sim, estamos.

Compromisso das crianças

Sacerdote – E vós meninos e meninas, quereis vir sempre à catequese?
Meninos – Sim, queremos.

Após o compromisso dos pais ou educadores e das crianças, estas são convidadas a irem para junto dos restantes familiares. Segue-se o ritual próprio da Eucaristia até ao momento de Acção de Graças. Propõe-se que os diplomas ou pagelas sejam entregues a seguir à oração depois da comunhão

2ª Alternativa

ACOLHIMENTO PELAS CRIANÇAS DA CATEQUESE

O catequista reúne-se com as crianças (todas ou, pelo menos, a maior parte) que frequentem a catequese nos anos mais avançados, e, com elas, prepara uma pequena liturgia da palavra em que se pode cantar, jogar, dançar, representar, etc. É nesse ambiente de oração e comunhão fraterna que são recebidas as novas crianças.

No decurso da celebração, o catequista pode preparar um momento em que convida as famílias e as crianças do 1º ano a fazerem os compromissos, previstos na 1ª Alternativa. Após o compromisso, pode fazer-se a apresentação das crianças e entregar-se a cada uma delas o diploma ou a pagela preparada previamente.

Os catequistas podem preparar uma pequena partilha, solicitando o contributo das famílias e das crianças maiores, para que o encontro termine em festa.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Este esquema não passa de uma sugestão, a adaptar, conforme as circunstâncias. Os cânticos devem ser simples e adaptados às crianças. A admonição introdutória e a oração das famílias devem ser redigidas e distribuídas atempadamente, assim como todas as intervenções das crianças e das respectivas famílias. As leituras podem ser feitas por membros das famílias das crianças que vão ser acolhidas ou por colegas da catequese que leiam bem. Uma vez que se trata de uma eucaristia celebrada com crianças, pode fazer-se apenas uma leitura bíblica e a do Evangelho (cf Ritual da Missa com crianças).

ADMONIÇÃO INTRODUTÓRIA

Possivelmente estamos habituados a procurar Deus nas grandes coisas da vida, boas ou menos boas, e esquecemo-nos de que a sua presença também se manifesta nos aspectos mais simples do nosso quotidiano.
Vamos viver um desses momentos! Deus escolheu o brilho dos olhinhos das nossas crianças para chegar até nós e nos iluminar.
Acolhamos estas crianças com todo o nosso amor e alegria de filhos de Deus, sabendo que, nelas, é o próprio Deus que acolhemos.

CÂNTICO DE ENTRADA

Vamos entrando na casa de Deus
Vamos fazer a festa com Jesus

1. Vinde amigos, vinde
vinde à casa de Deus

SAUDAÇÃO INICIAL

S – Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo
Todos – Amen
S – A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.
Todos – Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

SENHOR TENDE PIEDADE

Senhor, tende piedade de nós
Cristo, tende piedade de nós
Senhor, tende piedade de nós

GLÓRIA

Glória a Deus Pai eu canto
Porque fez o céu, a terra, o mar
E a mim também

Eu canto glória a Deus nas alturas
E p'ra nós todos peço o amor a paz e o bem

Glória ao amor eu canto
Porque vive em mim,
Me ensina a amar e ser feliz.

LITURGIA DA PALAVRA

1ª Leitura – *(do dia)*
Todos **– Graças a Deus**

Salmo Responsorial
Refrão **–** *(do dia)*

2ª Leitura – *(do dia) (pode omitir-se. Cf Ritual da Missa com crianças)*
Todos **– Graças a Deus**

ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Aleluia, Aleluia, Aleluia
Aleluia, Aleluia, Aleluia

S – O Senhor esteja convosco.
Todos – Ele está no meio de nós

S – Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo …
Todos – Glória a vós, Senhor.

Evangelho *(do dia, ou Mc 10, 13-16)*
S – Palavra da Salvação
Todos – Glória a vós, Senhor.

Homilia

Compromisso dos pais ou responsáveis pelas crianças

Sacerdote – O que pedis à Igreja para estas crianças?
Pais – A Catequese.
Sacerdote – Por que pedis a catequese para as vossas crianças?
Pais – Para que cresçam na fé.
Sacerdote – Estais dispostos a assumir, de novo, o compromisso de serdes para elas os principais educadores da fé?
Pais – Sim, estamos.
Sacerdote – Estais dispostos a participar na vida da comunidade, para, em conjunto, realizarmos esta missão?
Pais – Sim, estamos.

Compromisso das crianças

Sacerdote – E vós, meninos e meninas, quereis vir sempre à catequese?
Meninos – Sim, queremos.

(Neste momento, as crianças dirigem-se para junto das suas famílias)

Credo

Oração dos fiéis

PREPARAÇÃO DOS DONS

Cântico

Vinde à festa, ao meu banquete,
Comei meu pão, bebei meu vinho,
O meu amor, não é amado.

O que tenho, e o que amo, é para Vós

Tomai meu tempo, gastai-o todo,
Tende em mim toda a confiança
Ponde as mãos, nas minhas mãos.

O que tenho, e o que amo, é para Vós

"Pai que eles, sejam um
Como Tu, és para mim,
E neles serás, reconhecido".

O que tenho, e o que amo, é para Vós

Congregados, num só Povo,
Reunidos, no amor,
Exultemos, neste dia:

O que tenho, e o que amo, é para Vós

Oração sobre as oblatas
S – Concedei, Senhor, à vossa Igreja o dom da unidade e da paz,
Que estas oferendas misticamente simbolizam.
Por Nosso Senhor…
Todos – Amen

LITURGIA EUCARISTICA

ORAÇÃO EUCARISTICA II (das missas com crianças)

S – O Senhor esteja convosco.
Todos – Ele está no meio de nós
S – Corações ao alto.
Todos – O nosso coração está em Deus.
S – Dêmos graças ao Senhor nosso Deus**.**
Todos – É nosso dever, é nossa salvação.

S – Deus, nosso Pai, que sois tão bom, sentimo-nos contentes por estarmos reunidos junto de Vós.
Queremos agradecer-Vos e, com Jesus, vosso Filho, cantar-Vos a nossa alegria.
Todos: **Glória a Vós, Senhor, que tanto nos amais.**

S – Sois tão nosso amigo, que criastes para nós este mundo grande e belo.

Todos: **Glória a Vós, Senhor, que tanto nos amais**.

S – Sois tão nosso amigo, que nos dais o vosso Filho, Jesus, para nos guiar até junto de Vós.
Sois tão nosso amigo, que em Jesus reunis todos os homens como filhos de uma só família.
Todos: **Glória a Vós, Senhor, que tanto nos amais**.

S – Porque sois tão nosso amigo, queremos dar -Vos graças e, com os Anjos e os Santos que Vos adoram no Céu, cantamos com alegria:

Todos:
Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do universo.
O céu e a terra proclamam a vossa glória.
Hossana nas alturas.
Bendito O que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

S – Bendito seja Cristo Jesus, que nos mandastes: o amigo dos pequeninos e dos pobres.
Ele veio para nos mostrar como podemos amar-Vos e como podemos amar-nos uns aos outros.
Ele veio para tirar do coração dos homens toda a maldade que não nos deixa ser amigos, que não nos deixa ser felizes. Ele prometeu que o Espírito Santo estaria connosco todos os dias, para podermos viver da vossa vida.
Todos:
Bendito O que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

S – Deus, nosso Pai, nós Vos pedimos:
enviai o vosso Espírito Santo para que este pão e este vinho
se convertam no Corpo e Sangue de Jesus, nosso Senhor.
Na véspera da sua morte, Jesus deu-nos a maior prova do vosso amor:
quando estava à mesa com os discípulos, tomou o pão, fez uma oração para Vos dar graças;
depois partiu o pão e deu-o aos seus discípulos, dizendo:
TOMAI, TODOS, E COMEI: ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.
Todos: **Jesus Cristo entregou-Se por nós.**

S – Em seguida, tomou o cálice com vinho, fez de novo uma oração para Vos dar graças; depois entregou o cálice aos seus discípulos, dizendo:

TOMAI, TODOS, E BEBEI: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS, PARA REMISSÃO DOS PECADOS.
Todos: **Jesus Cristo entregou-Se por nós.**

S – E disse-lhes ainda: FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.
Por isso, ó Pai, que sois tão bom, lembramos agora a morte e a ressurreição de Jesus, o Salvador do mundo:
Jesus entregou-Se nas nossas mãos, para ser agora a nossa oferta e nos levar até junto de Vós.
Todos: **Glória a Deus, nosso Senhor**.

S – Escutai-nos, Senhor nosso Deus; dai-nos o vosso Espírito de amor a todos nós que participamos nesta mesa santa para ficarmos cada vez mais unidos na vossa Igreja com o Papa Bento XVI, com o nosso Bispo …. e os bispos do mundo inteiro e com todos os que trabalham pelo vosso povo.
Todos: **Somos a Igreja de Cristo, para vossa glória**.

S – Lembrai-Vos de todos os nossos amigos e também daqueles de quem não gostamos tanto.
Lembrai-Vos daqueles que já partiram deste mundo e recebei-os com amor na vossa glória.
Todos: **Somos a Igreja de Cristo, para vossa glória**.

S – Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso,
na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória agora e para sempre.
Todos: **Amen.**

PAI NOSSO *(rezado)*

S – Livrai-nos de todo o mal …
Todos – **Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre**.
S – Senhor Jesus Cristo, que dissestes …
Todos – **Amen**.
S – A paz esteja sempre convosco.
Todos – **O amor de Cristo nos uniu**.

FRACÇÃO DO PÃO

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.

S – Felizes os convidados para Ceia do Senhor.
Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Todos – Senhor eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo.

CÂNTICO DE COMUNHÃO

CÂNTICO APÓS A COMUNHÃO

ORAÇÃO DOS PAIS

Queridos filhos …

(Entrega dos diplomas ou pagelas)

CÂNTICO FINAL

CATEQUESE 5

NA IGREJA,
REÚNEM-SE OS AMIGOS DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Precisamos de um lugar onde sossegar o coração**
   Todos temos necessidade de parar, de fugir à rotina. Precisamos muitas vezes de um espaço de silêncio para conseguirmos pensar, ler a vida, para ganhar forças, para enfrentar os seus desafios e embates, "digerir" o "stress" do quotidiano. Precisamos de tempo e espaço para "respirar fundo". Precisamos de alguém que compreenda aquilo que nós mesmos não compreendemos, que conheça o mais fundo do nosso interior. Precisamos desse ALGUÉM que entre no mais íntimo do nosso íntimo. Precisamos desse espaço, interior e exterior, de harmonia e silêncio, para nos encontrarmos com Ele – o Deus da vida! A igreja é e terá de ser sempre e cada vez mais o lugar, que, por excelência, reúne essas condições para o recolhimento; o espaço que nos oferece as condições para essa paragem interior do nosso ser, que incessantemente busca a paz e o amor de Deus. Precisamos de sinais que nos indiquem as direcções e rumos a tomar, na trama da nossa vida, tantas vezes tecida de perguntas de difícil resposta, perguntas de seres cansados, que, mesmo sem disso terem consciência, procuram o único e verdadeiro descanso: Deus! A casa de Deus é esse lugar de encontro, de paragem obrigatória para quem anda em busca de vida e de sentido para ela. É um lugar para nos encontrarmos com Ele e, nele, connosco mesmos.

2. **Com Deus, sossegamos o coração**
   Nós somos as pedras vivas do Templo do Senhor; somos Povo Sacerdotal, Igreja Santa de Deus (cf 1Pe 20, 5). Destas palavras, depreende-se que o termo *Igreja*, na sua origem não significa propriamente um edifício material, mas a comunidade que nele se reúne. De facto, a palavra "Igreja" provém do grego "ekklesia", que por sua vez é formado a partir do verbo grego "ek-kalein" que significa "chamar de fora". Igreja, portanto, designava na Grécia a "convocação" ou a "assembleia" dos representantes do povo, reunidos por

convocação.Os primeiros cristãos adoptaram o termo, para exprimir as suas assembleias, formadas sobretudo para o culto. Para isso, juntaram à palavra Igreja o nome d'Aquele que, na realidade, os convoca e se torna presente na assembleia reunida: chamaram à sua assembleia, "Igreja de Deus".

Já havia uma expressão semelhante no AT. Só que agora o Deus que está na origem e na base da assembleia reunida é o Deus que se revelara de modo único em Jesus Cristo. Daí o uso também da expressão "Igreja de Cristo". De facto, é pela salvação de Deus, adquirida pela fé em Jesus Cristo, que os cristãos se tornam *sua* Igreja, *sua* assembleia.

É uma "Igreja Santa", porque pertencente ao Deus Santo e por Ele santificada. De tal modo que é na sua Igreja que Deus se manifesta e está presente com a oferta dos seus dons salvíficos: aí se escuta a sua Palavra, aí se reza, aí se recebe o Corpo e o Sangue do seu Filho Jesus Cristo, aí se encontram os cristãos, unidos pelo amor que faz deles a família de Deus. É desta Igreja que todos os cristãos são pedras vivas.

A expressão "pedras vivas", pressupõe o outro significado que, entretanto, o termo Igreja adquiriu: o edifício, no qual se juntam os cristãos para serem "Igreja Santa de Deus". E é devido àqueles que aí se reúnem e Àquele que os reúne, que também esse lugar é santo: foi santificado através da sagração ou bênção com que foi inaugurada, é santificada por aquilo que nela se realiza e por aqueles que nela se reúnem.

É, por isso, o lugar mais propício para o encontro com Deus, para com Ele sossegarmos o nosso coração: quer quando nos encontramos com os outros cristãos – as outras pedras vivas – em celebrações que nos unem ao Senhor; quer quando, individualmente – no silêncio do lugar e entre tantos símbolos que nos orientam para Deus – nos encontramos com Ele, sobretudo na pessoa de Jesus Cristo seu Filho, presente na reserva eucarística.

3. No sossego da casa de Deus

Ordem, harmonia e beleza são condições fundamentais, para encontrarmos o sossego que procuramos na casa de Deus.

Em primeiro lugar, nas celebrações que nelas se realizam. Espera-se daqueles que nelas intervêm mais activamente, antes de mais, que se preparem para saberem o que fazer, quando o fazer e como o fazer: o presidente da assembleia, os leitores que proclamam a Palavra de Deus, os cantores e outros intervenientes na expressão musical, os acólitos e outros ministrantes, etc.. Que todos os gestos e ritos, palavras e sons sejam um convite à escuta, à oração, à comunhão, para que o Deus da paz se torne verdadeiramente presente e activo e encha os corações de todos os participantes, da sua paz, do seu amor, da sua vida. Aquela vida que, ainda na celebração, se manifesta no entusiasmo com que escutam, rezam e cantam, de tal modo que, mesmo os que entram mais apáticos, se deixam contagiar e acabam por ser conquistados para a comunhão com Deus.

Ainda dentro das celebrações, mas também fora delas, quanto bem pode fazer, a quem entra na Igreja, encontrar limpeza e asseio: cada imagem e cada objecto no seu lugar, a luz e a sombra, as flores e outras ornamentações no sítio e na medida certa. Tudo isto podem ser sinais convidativos à união ao Deus que criou o universo tão belo e infunde no coração do ser humano a sensibilidade para a contemplação e admiração de tudo o que é belo e, como tal, reflexo da sua beleza.

Finalmente, o espaço externo envolvente da igreja: também nele, desde a beleza arquitectónica da construção, passando pela altura da torre, até ao adro em que se juntam os crentes, tudo pode ser a expressão do convite d'Aquele que se encontra no seu interior: "Vinde a mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mt 11, 28). E quantos encontram esse alívio, depois de entrarem!

OBJECTIVOS

– Tomar consciência de que todos temos amigos.
– Relembrar que os amigos de Jesus se reúnem na igreja.
– Alegrar-se por pertencer ao grupo dos amigos de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A amizade e o amor, quer dos adultos quer das outras crianças, são imprescindíveis para o desenvolvimento equilibrado de qualquer criança. Sem viver esta experiência fundamental, ela nunca conseguirá amar e ser amiga dos outros. Por isso, nesta catequese propõe-se partir de situações concretas de amor e de amizade vividas pelas crianças.

O que, acima de tudo, esta catequese pretende, é conduzir as crianças de modo a desejarem ter, cada vez mais, Jesus por melhor amigo e quererem ir ao Seu encontro, com todos os outros cristãos, com os quais fazem um só grupo: o grupo dos amigos de Jesus.

Esta catequese pretende, além disso, ajudar as crianças a distinguirem entre igreja (edifício) e Igreja (comunidade/povo de Deus) e ainda a tomarem consciência de que cada uma delas é também chamada por Cristo a fazer parte da Sua Igreja.

A igreja, como espaço de encontro e oração com Deus, não é, muitas vezes, um lugar familiar às nossas crianças. É também nessa perspectiva que se procura transmitir à criança o sentido de pertença ao grupo dos amigos de Jesus.No compromisso, propõe-se a construção de um painel, com a colaboração das crianças. O catequista deve preparar todo o material necessário, para que nesse momento esteja totalmente livre, para explicar às crianças o significado de cada parte do painel. Atingem-se, deste modo, dois objectivos: manter as crianças sempre em actividade e aperceber-se de que a mensagem transmitida é compreendida.No caso da criança que se encontra na catequese, é fundamental que ela se aperceba da convicção de fé do catequista. Uma fé apaixonada e convicta, que a fará experimentar, em si mesma, o amor de Deus, através das manifestações de amor que o catequista dedica ao grupo e a cada criança e dá um sentido visível à mensagem que

transmite. Este testemunho, consequência de uma fé esclarecida e vivida, fará do catequista um cristão credível e desafiará a criança a tornar-se, também ela, uma cristã empenhada. É um dinamismo de fé que, uma vez desencadeado, permitirá que, depois, a criança possa também dar testemunho da presença de Deus, fazendo com que os pais e até outros familiares se aproximem mais de Deus e voltem a ocupar o seu lugar na Igreja.

MATERIAIS

– Dísticos: "Bem-vindos"; " Deus chama-nos a ser seus amigos";
– Fotografias/imagens que ilustrem as questões levantadas (1ª alternativa);
– Um pequeno sino (2ª alternativa);
– Imagem do interior de uma igreja onde se encontram pessoas a rezar;
– Dístico: "Na igreja reúnem-se os amigos de Jesus";
– Imagem de crianças no meio de uma assembleia a celebrar a Eucaristia;
– Dístico: "Queremos pertencer ao Grupo dos Amigos de Jesus!".

Material para a construção do painel final:

– Quadro de cortiça ou cartolinas;
– Dísticos: "Somos o grupo dos amigos de Jesus"; "Jesus";
– Pequenos cartões, um para cada criança;
– Parte frontal da igreja, em forma de desdobrável, de modo a poder abrir-se e ver-se o seu interior;
– Imagens de pessoas a dirigirem-se para Igreja.

MÚSICAS

– Música suave de fundo (2ª alternativa);
– "Tenho um amigo que me ama";
– "Domingo vou à Missa".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

O catequista afixa previamente o dístico da Festa de Acolhimento: "Bem-vindos", e começa a catequese por dialogar brevemente com as crianças, sobre o que sentiram nessa festa. Se tiraram fotografias, é a altura ideal para as mostrar…

1. Então gostaram da festa do domingo passado?
Quem se lembra do nome da nossa festa? *(Ouvir as crianças)*
Muito bem! Celebrámos a Festa do Acolhimento!
Vamos fechar os nossos olhinhos um minuto e cada um vai pensar para si: senti-me querido pelas pessoas que se encontravam na celebração: familiares, catequista, Sr. Padre, crianças mais velhas e adultos? *(Depois uns breves momentos:)*

Então digam lá o que sentiram? *(Ouvir as crianças)*

É claro que uns sentiram-se mais acolhidos do que outros. Todos nós somos diferentes: uns são mais tímidos e não gostam, quando muitas pessoas olham para eles; outros são mais alegres e estão mais à vontade. Talvez aqueles que não estavam nervosos, sentiram melhor que foram recebidos com alegria e amor.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª Alternativa

Todos queremos ter amigos que gostem de nós, sintam a nossa falta, cuidem de nós, mesmo quando não estejam presentes. Qual foi o primeiro grupo de amigos que nos acolheram, nos amam como nós somos, sabem do que gostamos e daquilo de que não gostamos, sabem o nosso nome, deixam tudo preparado para nós, quando saem… Quem já descobriu? *(Ouvir as crianças)*
(O catequista, à medida que vai levantando as questões, vai colocando fotografias/ imagens que ilustrem as situações respeitantes às questões levantadas.)

É claro: é a nossa família. Foi ela que cuidou de nós, quando nascemos, e vai-se preocupando connosco, para que, dentro das suas possibilidades, nada nos falte.
Todos nós gostamos de ter uma família que cuide de nós e nos ame?
De quando é que gostam mais: quando estão sós, com o pai ou a mãe, ou quando há uma reunião de família ou um jantar com outras famílias amigas? *(Ouvir as crianças)*

2ª Alternativa

Quem de vós tem um grupo de amigos? *(Ouvir as crianças)*
Aqui na catequese estamos a construir um grupo de amigos, e na vossa escola já têm um grupo de amigos ou ainda só são colegas? Quem se recorda da diferença entre colegas e amigos? *(Ouvir as crianças)*

O catequista coloca perto de si, em lugar em que não seja visível, o sininho. Para que este jogo resulte, o número máximo de jogadores deverá rondar o das 10 crianças. Um grupo maior causaria confusão, barulho e prejudicaria o jogo, tornando mais difícil descobrir o seu sentido.

Para ajudar a serem mais amigos uns dos outros, convido-vos a fazer um jogo. Querem jogar comigo?

Vamos **jogar ao "Sininho lá da Aldeia"**.
Quem sabe para que serve o sino nas aldeias e até em pequenas vilas e cidades? *(Ouvir as crianças)*

Muito bem! O sino não serve apenas para dar as horas, mas toca sempre que alguma coisa importante vai acontecer. Por exemplo: o sino toca antes da missa, para nos recordar que a reunião dos amigos de Jesus vai começar daí a pouco; o sino toca, para nos lembrar de rezar… Podemos assim concluir: o sino toca, muitas vezes, para nos chamar!

Querem saber as regras do jogo? É fácil! Quando se ouvir tocar o sino, fazem o que o menino que toca o sino disser. Por exemplo, se ele só disser as horas, continuam onde estão; quando um ouvir chamar pelo seu nome, vai para o junto dele; quando anunciar o encontro na igreja ou a catequese, vamos todos. Combinado? Quem ainda não percebeu bem as regras do jogo? *(Ouvir as crianças)*

Quem quer fazer de conta que é a torre da igreja, onde se encontra o sino?

O catequista combina, de forma rápida, com a criança escolhida o que vai dizer, quando tocar o sino: primeiro convida um amigo, chamando pelo seu nome, para junto de si e vai repetindo este convite até ter quatro ou cinco meninos junto de si, de acordo com o número de catequizandos no grupo; depois anuncia que horas são; finalmente, anuncia que o encontro na igreja ou a catequese vai começar.

Estão todos prontos?
Muito bem! Convido-vos a fazer uma roda em volta do *(nome da criança escolhida)* ….
Vão andando e conversando uns com os outros, para se conhecerem melhor. Quando o *(nome da criança)* tocar o sino, param todos e tomam atenção ao que ele anuncia, obedecendo-lhe de seguida.

2. *(Qualquer que seja a alternativa deve seguir-se do seguinte modo:)* Também nós, aqui na catequese, formamos um grupo e estamos a construir um grupo de verdadeiros amigos uns dos outros e de Deus, que nos chamou para virmos à catequese.
O que fazemos neste grupo, que não fazemos nos outros? *(Ouvir as crianças)*

Muito bem! Já visitámos a casa de Jesus. Começámos a aprender a conhecer a Deus, cantámos, rezámos, e até já descobrimos que há um grande grupo de amigos de Deus, que nos recebeu na Festa do Acolhimento.

II. PALAVRA

1. Recordam-se do grupo de pessoas que encontrámos quando visitámos a casa de Jesus? O que faziam elas? *(Ouvir as crianças)*

Algumas estavam a falar com Jesus com palavras, outras faziam-no no silêncio do seu coração… Sabem porquê? *(Ouvir as crianças)*

2. Muito bem! Porque gostam de se sentir perto de Jesus e reunir-se com as outras pessoas que também são amigas de Jesus. Gostam muito de estar juntas, tal como nós aqui na catequese. E, quando estão juntas, gostam de falar com Jesus como a um Amigo, de lhe rezar, de estar com Ele. Por isso, têm um lugar muito especial onde se reúnem, que se chama igreja. Vão lá, porque Jesus as convida a serem seus amigos e amigos de Deus.

(Afixar imagem do interior de uma igreja onde se encontram pessoas a rezar e o dístico:)

Na igreja reúnem-se os amigos de Jesus.

3. Como gostam mais de ver a nossa igreja: cheia de pessoas amigas de Jesus, ou quase vazia, como estava quando fomos visitá-la a primeira vez? *(Ouvir as crianças)*

Quem é que já tinha ido ao encontro dos amigos de Jesus, na nossa igreja, antes da Festa do Acolhimento? *(Ouvir as crianças)*

Eu gosto muito, quando ela está cheia! Então, o mais importante são as pessoas que lá se encontram: os amigos de Jesus.
Nós também fomos chamados para sermos amigos de Jesus. Portanto, na catequese vamos aprender:

– a escutar a Palavra de Deus, a louvá-lo, a cantar-lhe, rezar-lhe …
– a comportar-nos bem na igreja (templo/casa de Deus).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Jesus chamou cada um de nós pelo seu nome, para pertencermos ao seu grande grupo de amigos. Que resposta lhe queremos dar? *(Ouvir as crianças)*

Claro! Também nós queremos ser amigos de Jesus, por isso vimos à catequese e visitamos a casa de Deus.

2. Mas será apenas isso é suficiente, para sermos bons amigos de Jesus? *(Ouvir as crianças)*

Não. É necessário aprendermos a conhecer melhor a Jesus e a Deus, para aprendermos com Ele, pensar n'Ele, visitá-Lo, reunirmo-nos com os outros seus amigos, sermos amigos de todos…
Quem quer pertencer mesmo, mesmo ao grupo dos amigos de Deus? *(Ouvir as crianças)*
Então convido-vos a dizermos todos juntos:
"Quero pertencer ao grupo dos Amigos de Jesus!" (repetir).

Espera-se que todas as crianças se comprometam. No caso de alguma se recusar, o catequista deve inquirir junto da criança a razão… Mas tem de saber respeitá-la, não a forçar, nem humilhar.

Querem agradecer a Jesus por ser tão nosso amigo, que nos conhece a todos pelos nossos nomes?
Então, repitam comigo:
Ó Jesus,
Obrigado por seres meu Amigo.
Ajuda-me a ser também amigo dos outros.
Amen.

*(Pode cantar-se: **"Tenho um amigo que me ama"**)*

3. Querem construir comigo um cartaz, para mostrarmos a toda a gente que queremos ser amigos de Jesus? *(Ouvir as crianças)*
Então, mãos à obra! Em primeiro lugar, vou distribuir um pequeno cartão a cada um, para que escrevam o seu nome.
(Depois de terem escrito o nome no cartão, o catequista convida as crianças a colá-los no painel, previamente preparado e de acordo com o esquema do documento1)

Agora só falta cada um de nós ir colar o seu nome junto do nome de Jesus. Com calma, um de cada vez, vamos até ao painel. Mas cada um deve pensar se quer ou não ser amigo de Jesus e de todas as pessoas.
(Após todas as crianças terem colocado o seu nome no painel)

Que tal está o nosso trabalho de conjunto? *(Ouvir as crianças)*
Para mim, está muito bonito e completo!
*O catequista coloca a canção: **Domingo vou à Missa***
Assim torna-se bem visível que Deus já tem mais amigos! Onde vamos colocar o nosso painel? *(Ouvir as crianças)*

O que vão fazer no próximo domingo com a vossa família? *(Ouvir as crianças)*

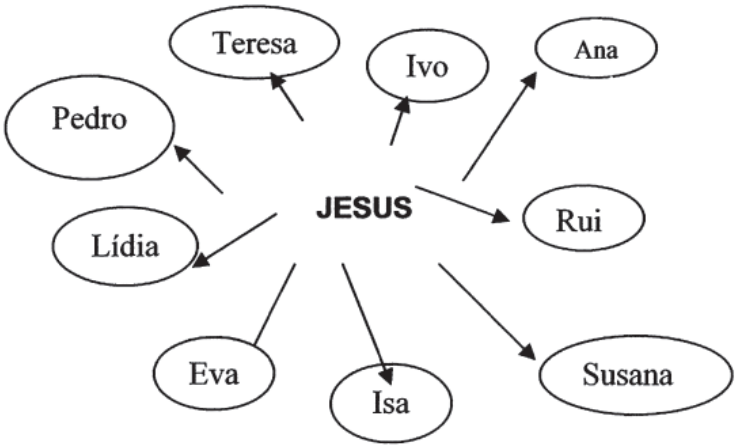
III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

SOMOS O GRUPO DOS AMIGOS DE JESUS

Gravura do interior de uma igreja onde esteja a decorrer uma celebração eucarística*

(Gravuras de pessoas a dirigirem-se para a Igreja)



* A parte frontal da igreja será feita em desdobrável, de modo a poder abrir-se e ver-se o seu interior

CATEQUESE 6

NA IGREJA JESUS FALA-NOS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O poder comunicativo da palavra

Nunca foi tão fácil comunicar, como nos nossos dias. Tem sido tal o desenvolvimento dos meios técnicos que, praticamente já não existem barreiras, nem de espaço, nem de tempo. Seja qual for o lugar em que nos encontramos, com a rapidez do momento podemos entrar em contacto com o outro e ele connosco. E já não apenas pelo som, mas também pela imagem. Tudo isto, porque a comunicação é fundamental à existência humana, como seres sociais que somos.

Quem comunica, pode comunicar-se: abrir o seu íntimo, transmitir o que sabe e conhece, expor os seus problemas e dificuldades, alegrias e tristezas, desejos e necessidades, em suma, a sua vida. E quem assim se comunica, confia-se àquele a quem se abre. Uma confiança que pode gerar e alimentar comunhão, ser fonte de novas energias, luz que orienta pelo rumo certo. Quanto bem pode fazer uma simples palavra! Escrita ou, de preferência, oral: o tom e o modo como se fala, o gesto que acompanha os sons articulados, tudo isso pode fazer com que a palavra seja ainda mais palavra; mais transmissora e geradora de vida.

Mas, também pode acontecer o contrário. Silêncios que causam ou acentuam rupturas. Ou palavras que destroem vidas: pelas ofensas e injúrias que exprimem, pelo ódio e a maldade com que vão carregadas, pelos enganos e desvios que provocam. Momentos terríveis, em que seria muito melhor não ouvir para quem escuta e estar calado para quem fala.

Isto quer dizer que, fundamentalmente, a palavra é aquilo que é quem a diz: causa de morte da parte de quem vive e quer o mal; fonte de vida da parte de quem quer o bem. E, neste último caso, será tanto mais eficaz e vivificante, quanto maior poder e mais vida tiver quem a diz. É por isso que, diante de determinadas pessoas, somos todos ouvidos. Porque elas já fizeram nascer em nós uma confiança total na sua palavra.

2. A eficácia vivificante da Palavra de Deus

"Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o mundo" (Heb 1, 1--2). De facto, Deus, o Deus vivo, manifesta a sua vida na medida em que fala, se comunica. E pela Palavra é criador de vida: do universo em que vivemos e do povo de que somos membros vivos.

Comunicou-se de modo especial através de homens, cujos lábios purificou (Is 6,7) ou simplesmente tocou (Jer 1,5) ou aos quais transmitiu o seu Espírito vivificante (Ez 2,2), para serem seus profetas; homens que passaram a falar em seu nome e cuja palavra, por isso mesmo, tem a eficácia daquele que está na sua origem (cf Is 55, 10-11).

É por ela que Deus mantém a aliança que está na base da existência do seu povo: palavra que orienta, quando o povo se desvia dos seus caminhos (cf Is 55, 6-7), ou que ressuscita, quando o povo fica reduzido a um conjunto de ossos ressequidos (cf Ez 37, 1-14).

Comunicou-se de um modo inexcedível e definitivo, quando nos passou a falar directamente pelo seu próprio Filho: A "Palavra" que "estava em Deus" e "era Deus" e "se fez carne" e veio habitar entre nós; como "Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer" (Jo 1, 1.14.18). De facto, quem vê Jesus "vê o Pai" (Jo 14,5). E foi tal a vida proveniente das obras de Jesus, tantas vezes produzidas ou acompanhadas das suas palavras, que essas mesmas obras se tornaram palavra. É esse um dos termos mais usados no NT para exprimir o Evangelho, cujo conteúdo central é constituído pelo anúncio da morte e ressurreição de Jesus. Quem aceita esse anúncio, pela fé, torna-se uma "nova criação" (2 cor 5, 17; Gal 6,15). Tal é a energia vivificante do Espírito que nele actua (cf 1 Tes 1,5). Até aos nossos dias.

Deus continua a comunicar-se. Hoje, de um modo especial e incontornável, através da sua Palavra, escrita sob a acção do seu Espírito. Ao tornar-se Escritura Sagrada, a Palavra de Deus pode vencer todas as distâncias do tempo e do espaço que nos separam de quem a escreveu, para continuar a ser geradora de vida naqueles que a escutam e se deixam guiar e animar por ela… desde que a sua proclamação e escuta se realizem sob a acção do mesmo Espírito que está na sua origem (cf 2 Ped 1, 20-21).

3. Os ministros da Palavra

São aqueles que têm a missão de a transmitir: pela proclamação à assembleia que celebra, ou pela leitura acompanhada de explicações esclarecedoras e actualizantes.

São *ministros*. No sentido original do termo, são pessoas *menores*, isto é, que reconhecem e respeitam a grandeza inatingível do Deus, que fala pela Sua Escritura, e a Ele se sujeitam. E isso é fundamental para que possam estar à altura da missão que realizam.

É essa atitude de sujeição que leva o ministro em primeiro lugar a escutar as palavras que vai ler. Isto é, a estudar o seu sentido e, sobretudo, a deixar que a sua mensagem penetre na sua própria vida. Ninguém pode comunicar de um modo compreensivo e convincente aquilo que nem conhece pelas suas faculdades mentais, nem pratica nas suas atitudes. E sendo Deus quem fala por meio deles, com muitíssimo mais razão.

Até porque é para isso que Ele nos fala: para que o acolhamos pela sujeição da fé e, desse modo, Ele penetra em nós, para ser a força e luz do nosso caminhar. É exactamente essa mesma atitude de fé que se espera do ministro da palavra. E, sendo uma atitude provocada pela própria Palavra, nessa atitude já se comunica a Palavra, e do modo que mais lhe é próprio: como Palavra da vida. Isto é, na vida do ministro da Palavra reflecte-se ao vivo a Palavra de que é ministro.

Na medida em que tal acontecer, será muito mais fácil que a mesma Palavra seja acolhida por aqueles que a escutam. É que eles não a escutam apenas. Eles vêem-na ao vivo naquele que a transmite e no modo como a transmite.

No que diz respeito ao catequista, isto só vem confirmar a responsabilidade e a grandeza da sua missão… e a seriedade com que deve preparar os encontros da catequese. Com a seguinte certeza: quanto mais der e se der, mais receberá e será. Como acontece sempre com quem vive de Deus e para Deus.

OBJECTIVOS

– Tomar consciência de que comunicamos uns com os outros sobretudo através de palavras.
– Descobrir que, na Missa, Deus fala-nos através do sacerdote e dos leitores.
– Fazer silêncio, para poder escutar a Palavra de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tal como se referiu na catequese anterior, a maioria das crianças, mesmo que despertas para o religioso, não fazem experiência de Deus no seio familiar.

Partindo desta realidade, esta catequese pretende continuar a despertar na criança o sentido de pertença à Igreja, “grupo dos amigos de Jesus”. Ajudá-las-emos a descobrir que Deus nos fala por intermédio de outras pessoas: sacerdote, leitores, catequistas; e que isso acontece de forma especial na catequese e na Missa, quando é lida a Bíblia.

Parte-se da Experiência humana: a criança tem de usar a palavra, como meio de comunicação, e precisa de escutar com atenção, para ser capaz de transmitir fielmente um recado a outra pessoa.

Na primeira alternativa, isso é experimentado através do jogo proposto; na segunda através da história que uma criança é desafiada a contar.

Na parte da Palavra, dá-se especial realce ao lugar e ao momento em que Deus nos fala mais directamente: na catequese, por intermédio do catequista; na Missa, através das leituras bíblicas feitas durante a liturgia da palavra.

A igreja continua a ser apresentada como o lugar, por excelência, de reunião e de festa dos amigos de Jesus. Vale a pena por isso deixar outras coisas para lá ir, ao encontro de Jesus que quer comunicar-se. Procura-se assim despertar na criança o desejo de ouvir a palavra de Deus. O que pode levar a que mais crianças peçam aos pais para as acompanharem à Igreja.

MATERIAIS

– Círio;– Leccionário ou Bíblia;
– Leitor de CDs ou leitor de cassetes (2ª alternativa).

MÚSICAS

– Música suave, com vários sons: de instrumentos musicais, mar, pássaros e sinos;
– "Eu vim para escutar";
– "Domingo, vou à Missa";
– "Vamos entrando na Casa de Deus".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

(Durante o acolhimento na sala, o catequista procure saber, pelo catecismo, se as crianças, fizeram o desenho nele proposto)

1. Como foi a vossa semana? *(Ouvir as crianças)*
Algum de vós se lembrou de convidar os familiares para fazer uma visita à igreja? (*Ouvir as crianças. Às que se lembraram ou conseguiram, dê-se-lhes os parabéns; às outras, que por qualquer motivo não foram, incentivem-se a que tentem mais uma vez.)*

2. Para além da festa de acolhimento, quem é que já foi à igreja, à Missa ou a algum casamento ou baptizado? *(Ouvir as crianças)*
Como é que se comportam os adultos? E os jovens? Lembram-se? *(Ouvir as crianças)*

Se estiveram atentos ao comportamento dos mais velhos, viram que estavam ou deviam estar em silêncio, ou então a responder ao Sr. Padre, e por vezes até cantavam.
Por que será que, na maior parte do tempo, eles ficam em silêncio, e, por vezes, o pai e a mãe dizem-vos para não fazerem barulho e não conversarem uns com os outros?
É a resposta a esta pergunta que vamos tentar descobrir hoje! Quem já souber, guarda para si e, daqui a pouco, já pode dizer.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª Alternativa

Para descobrirem mais facilmente, convido-vos a fazer um jogo, que se chama: "O papagaio Jacob e o seu dono". Querem jogar comigo?

Então peço-vos que escutem com atenção em que consiste o jogo:Vamos fazer uma roda, dando as mãos uns aos outros. *(Dar tempo para o fazer)* Agora preciso de dois voluntários que vão para o centro da roda: um fará de **"papagaio Jacob"** e o outro fará de "**dono do papagaio**", a quem ele vai fugir. Quem quer fazer?

Agora, que já estamos todos em posição, vou dizer as regras do jogo:

1ª – eu vou dizer um segredo ao dono do papagaio;

2ª – o dono do papagaio transmite o segredo ao papagaio; este, depois de o ouvir, vai repeti-lo ao ouvido de um dos outros meninos da roda;

3ª – o menino que recebeu o segredo, tem de comunicá-lo ao seu vizinho, e assim vão fazendo até ao último menino; este, então, volta a dizê-lo ao papagaio;

4ª – o papagaio, depois de receber o segredo que ouviu do último menino, começa a repeti-lo em voz alta, caminhando para junto do dono;

5ª – é então que o dono do papagaio sabe se o segredo do último menino é ou não o mesmo que ele disse no princípio.

Como vêem, têm todos de estar com muita atenção e em silêncio. porque só ganham o jogo, se o papagaio, no fim, disser palavras certas.
Se as palavras estiverem certas, o papagaio e o dono ganham o jogo, e convidam outros dois colegas para jogarmos mais uma vez.

O catequista diz ao ouvido do que faz de dono do papagaio uma das seguintes frases: "Jesus é teu amigo"; "Eu gosto de pertencer ao grupo dos amigos de Jesus"; "Jesus chamou-me e sabe o meu nome desde que nasci". As frases podem ser outras, desde que ligadas aos encontros anteriores. O jogo pode continuar, de acordo com o número de membros do grupo. Isto é, se o grupo for grande, faz-se apenas uma ou duas vezes; se for pequeno, pode fazer-se mais vezes, já que a mensagem dá a volta mais depressa.

2ª
Alternativa

Quem gosta de ouvir histórias?
Claro, todos gostamos de ouvir uma boa história, contada devagar, para termos tempo de imaginar o que se vai passando na história.
Algum de vós sabe uma história que queira contar? *(Ouvir as crianças)*

Muito bem! A/o (N…) vai contar-nos uma história! Mas, para ouvirmos e aprendermos a história, temos de fazer silêncio e escutar com atenção, não é?
Então, silêncio e atenção!

3. *(Qualquer que seja a alternativa escolhida, o encontro deve continuar do seguinte modo:)*
O que descobrimos até aqui? *(Ouvir as crianças)*

As palavras que dizemos servem para comunicarmos uns com os outros. Isto é, servem para contarmos uns aos outros o que aconteceu, algo que aprendemos, uma novidade ou uma história … Todos nós gostamos de falar uns com os outros!
E o que é que foi necessário fazer, para podermos ouvir os outros? *(Ouvir as crianças)*

Tivemos que nos manter em silêncio e com atenção ao que o outro nos estava a dizer.

II. PALAVRA

1. Ainda se lembram da pergunta que eu fiz no princípio do encontro? Até pedi para que, se algum menino já soubesse a resposta, não dissesse e esperasse um pouquinho. *(Ouvir as crianças)*

Vou dizer outra vez a pergunta: Por que será que, na maior parte do tempo em que estão na igreja, as pessoas ficam em silêncio e, por vezes, o pai e a mãe até vos dizem para não fazerem barulho e não conversarem uns com os outros?

Se for fácil a deslocação à igreja, o catequista convida as crianças a irem lá novamente, até junto do ambão. O catequista deixa que as crianças o observem bem e convida-as a colocarem-se, com simplicidade e respeito, na posição que assumem os adultos, na altura em que é lida a Palavra de Deus.

2. Na igreja, em especial aos Domingos e/ ou Sábados à tarde ou à noite, faz-se uma festa muito importante. Sabem que festa é? A Missa. Também se chama Eucaristia.

Quem já foi várias vezes à Missa? Quem é capaz de nos contar o que se passa no sítio chamado ambão? O ambão é o lugar da igreja de onde é lida a Palavra de Jesus e de Deus. *(Ouvir as crianças)*

O catequista realça o momento em que a Palavra de Deus é proclamada no ambão, pelos leitores e pelo sacerdote.

Depois do Sr. Padre iniciar a Missa e de rezar um pouco, junto do altar, convida-nos a sentar, para escutar a Palavra de Deus. Em primeiro lugar, vão dois leitores ao ambão e fazem duas leituras, que se encontravam num livro com a Palavra de Deus.
Quem se lembra do que se passa a seguir? *(Ouvir as crianças)*

Depois de os leitores voltarem ao seu lugar, o Sr. Padre levanta-se e vai até ao ambão. Nessa altura, cantamos com alegria um cântico. Pode ser "Aleluia" ou "Senhor, eu vim para escutar a tua Palavra". E, em sinal de respeito, levantamo-nos, para escutar a Palavra de Deus, lida pelo Sr. Padre.

(O catequista eleva solenemente a Bíblia e diz:) **Jesus fala-nos através das palavras escritas na Bíblia**.

Vamos dizer a Deus que, também nós, queremos ouvir com atenção as suas Palavras, cantando: *"**Eu vim para escutar**"*.

3. Então já descobriram a resposta à pergunta que eu tinha feito logo no início da catequese? *(Ouvir as crianças)*

Normalmente, os adultos e os jovens fazem silêncio, para poderem escutar com atenção a Palavra de Jesus e de Deus, que é lida pelos leitores e o Sr. Padre. Então, se nós queremos conhecer a Deus e a Jesus, o que devemos fazer? *(Ouvir as crianças)*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. É claro: têm de vir à catequese e à Missa para nos encontrarmos com Deus e Jesus e ouvir a sua Palavra.
Deste modo, podemos participar na grande festa que fazem os amigos de Jesus, para estarem mais perto dele, escutarem e aprenderem o que Ele nos quer ensinar.
E na catequese, quem é que transmite as palavras de Deus e de Jesus? *(Ouvir as crianças)*

Sou eu! Ao longo da catequese, Jesus vai servir-se de mim, para ensinar-vos muitas coisas. Mas, para isso, têm que saber fazer silêncio.

2. Querem dizer comigo a Jesus que também nós queremos aprender a escutá-lo? Então, eu digo primeiro devagar e depois dizemos todos juntos:

   Senhor, aqui estou, para aprender a escutar-te,
   na oração, na catequese e em cada dia.

3. Eu sei que é difícil fazer silêncio. Mas, com muita paciência, vamos todos aprender. Para ser mais fácil, vou fazer-vos um convite: durante esta semana, vão tentar estar mais tempo em silêncio na igreja, na catequese e até na escola, durante as aulas. Quem aceita o convite? *(Ouvir as crianças)*

   O grupo dos amigos de Jesus é formado por todos os que escutam a sua Palavra. E vós? Também quereis ser bons amigos de Jesus? *(Ouvir as crianças)*

   Quem se quer comprometer a ir à missa, para escutar a Palavra de Deus? *(Ouvir as crianças)*

   Os que se quiserem comprometer, podem vir colar o seu nome junto do livro da Palavra de Deus.

   *No fim pode cantar-se: "***Domingo, vou à Missa***".*
   Ou outro cântico adequado.

CATEQUESE 7

DEUS CRIA TUDO PARA NÓS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Conhecer a Criação de Deus**

   "A questão das origens do mundo e do homem tem sido objecto de numerosas investigações científicas, que enriqueceram magnificamente os nossos conhecimentos sobre a idade e a dimensão do cosmos, a evolução dos seres vivos, o aparecimento do homem. Tais descobertas convidam-nos, cada vez mais, a admirar a grandeza do Criador e a dar-Lhe graças por todas as suas obras e pela inteligência e saber que dá aos sábios e investigadores" (CIC, 283).

   "O grande interesse atribuído a estas pesquisas é fortemente estimulado por uma questão de outra ordem, que ultrapassa o domínio próprio das ciências naturais. Porque não se trata de saber quando e como surgiu materialmente o cosmos, nem quando é que apareceu o homem; mas, sobretudo, de descobrir qual o sentido de tal origem, se foi determinado pelo acaso, por um destino cego ou uma fatalidade anónima, ou, antes, por um Ser transcendente, inteligente e bom, chamado Deus. E se o mundo provém da sabedoria e bondade de Deus, qual a razão do mal? De onde vem o mal? Quem é o responsável pelo mal? E será que existe uma libertação do mesmo?" (ibidem, 284).

   "Desde os princípios que a fé cristã teve de defrontar-se com respostas, diferentes da sua, sobre a questão das origens" (ibidem, 285).

2. **Deus Criador do Céu e da Terra**

   O autor da carta aos Hebreus diz-nos: "Pela fé, sabemos que o mundo foi organizado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê provém de coisas invisíveis" (Heb 11, 3).

   É esta fé que se exprime noutras páginas da Bíblia, nomeadamente em **Gn 1, 1-2, 4a,** um texto que, pelo menos implicitamente, nos convida a assumir a mesma atitude do Deus criador perante a maravilhosa obra da criação por Ele realizada: a contemplar tudo o que Ele fez "e eis que tudo era muito bom" (1, 31).

É esta a reacção do **Salmo 8**, composto provavelmente a partir do referido texto da criação. Tudo nele gira em volta da pergunta exclamativa: “Que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para dele te preocupares?” (Sal 8, 5). A resposta é dupla.

Pela fé, reconhecemos primeiramente o lugar único que o ser humano ocupa em toda a criação: “Quase fizeste dele um ser divino, de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos, tudo submetestes a seus pés: rebanhos e gado, sem excepção, e até mesmo os animais bravios; as aves do céu e os peixes do mar, tudo o que percorre os caminhos do oceano” (v. 6-9).

E, como expressão de gratidão por tão grande dignidade, a mesma fé leva-nos a exclamar: “Ó Senhor, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra!” (v.2.10).

É este reconhecimento de que a criação é obra de Deus, expresso e acentuado pelo louvor, só possível a quem se sente feito “à imagem e semelhança” de Deus (Gn 1,26), é tudo isso que nos une ao Criador e faz de nós colaboradores na sua criação.

3. Deus faz-nos cooperadores na obra da sua criação.

“É uma verdade fundamental que a Sagrada Escritura e a Tradição não cessam de ensinar e de celebrar: «O mundo foi criado para glória de Deus» (Conc.Vaticano I: DS 3025). Deus criou todas as coisas, explica S. Boaventura, «não para aumentar a sua glória, mas para a manifestar e para a comunicar» (…). Para criar, Deus não tem outra razão senão o seu amor e a sua bondade: «As criaturas saíram da mão (de Deus) aberta pela chave do amor» (S. Tomás…) (…) A glória de Deus está em que se realize esta manifestação e esta comunicação da sua bondade, em ordem às quais o mundo foi criado”.(CIC, 293-294).

É sobretudo pela vivência deste amor e bondade de Deus que nós, crentes, mais podemos colaborar com Ele, na sua contínua e presente acção criadora. Colaboramos pelo trabalho que realizamos e no qual usamos as nossas faculdades físicas e psíquicas para produzir algo que é usado, não apenas em proveito pessoal, mas sobretudo para o bem e a vida dos outros. Colaboramos por meio da nossa solidariedade e da partilha da nossa vida com tantos que, por qualquer razão, vivem em condições desumanas, por falta dos meios materiais mais elementares para a vida. Colaboramos, na medida em que respeitamos a natureza, excluindo e combatendo todos os crimes ecológicos de que está a ser vítima. Colaboramos, sempre que despertamos outros para a bondade e o amor que Deus deposita no coração daqueles que o reconhecem como Criador e Senhor e a Ele se entregam pela fé.

Tal é a missão a que também todo o catequista é chamado.

OBJECTIVOS

– Descobrir a natureza como dom que Deus oferece ao homem.
– Reconhecer que Deus é Criador de todas as coisas.
– Louvar a Deus pelo mundo que criou para nós.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

As crianças, nesta idade, já têm uma forte capacidade de observação e contemplação, captando muitíssimo do que as rodeia. Podem ainda não saber dizer ou exprimir tudo o que captam, mas têm a faculdade de intuir as alegrias e tristezas que as rodeiam.

Manifestam ainda uma grande admiração pelo pai: ele é poderoso. Ao mesmo tempo que admiram tudo o que brota da natureza: também ela é poderosa. É por isso que Deus Pai é apresentado nesta catequese como Criador do mundo.

As duas alternativas, propostas na experiência humana, podem usar-se tanto em grandes como em pequenos grupos. A diferença entre elas deve-se à possibilidade das crianças poderem sair ou não da sala, para contemplar a natureza.

Para além destas duas propostas, esta catequese deixa margem a outras dinâmicas. Por exemplo: um passeio pelo campo, quinta, jardim, rio, praia. Isto, no dia da catequese ou na semana anterior. Outra hipótese é começar a catequese por ver um vídeo, DVD, diaporama, *slides*, várias imagens da natureza em *powerpoint*.

O importante é que as crianças contemplem as belezas da natureza, para as amarem, respeitarem e, por elas, chegarem ao seu Criador, a exemplo do que fez o jovem Francisco de Assis. Para introduzir as crianças na oração, o catequista deve ensaiar-lhes o cântico proposto como parte da oração, ou outro que conheça, mas que seja adequado ao tema.

No final da catequese, as crianças são convidadas a cuidar da natureza, colaborando na recolha selectiva do lixo e colocando-o no respectivo eco ponto. É um dos modos de contribuir para manter belo e asseado o mundo que Deus criou.

MATERIAIS

– Plantas naturais, em fase de crescimento (2ª alternativa);
– Filme de paisagens (2ª alternativa);
– Imagens de animais, paisagens bonitas, flores, etc. (2ª alternativa);
– Flores naturais, se possível, do campo);
– Cartolina para o eco ponto;
– Tesoura;
– Lápis de cores;

MÚSICA

– “Minha alma a cantar”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Já nos encontramos há algum tempo, mas ainda nos podemos conhecer muito melhor. Gostava de saber um pouco mais de cada um de vós. Que costumam fazer ao Domingo? *(Ouvir as crianças)*

Com as respostas a esta pergunta, o catequista pode saber quem são as crianças que vão à Eucaristia, sem serem abertamente interrogadas sobre isso. Ao mesmo tempo, abre o diálogo sobre a natureza. Depois de ouvir as crianças, apresenta de forma sintética, a sua própria experiência.

2. Eu gosto muito de passear, olhar para a natureza. Quem é que gosta também de passear pelos campos? *(Ouvir as crianças)*

1ª Alternativa

Grupo grande

Sendo possível, o encontro pode começar com um pequeno passeio, que permita às crianças contemplar a natureza. Nas cidades e vilas podem visitar um jardim que se encontre perto. Nas aldeias, apesar de viverem no campo, as crianças muitas vezes não se detêm a admirar o que as rodeia.

Querem ouvir uma pequena história de um senhor que gostava tanto da natureza, que tratava todos os seres e coisas da terra por irmãos?

Era um jovem rico, chamado Francisco, que morava na Itália, um país longe daqui, e numa terra chamada Assis. Francisco não era bem como os jovens da sua idade. Gostava muito de animais, plantas e de passear nos campos, para ver os passarinhos, sentir o calor do sol e o vento.
Um dia, começou a olhar à sua volta com mais atenção e viu que a maior parte das pessoas que viviam perto dele eram muito pobres. Então, pensou que não era justo ele ter tanta coisa e os outros nada ou quase nada. Nesse dia, chegou a casa e quis dividir o seu dinheiro pelos pobres. Só que os pais não estiveram de acordo. Então, o jovem Francisco decidiu ir viver como os pobres e trabalhar para os ajudar.
Ao verem o seu exemplo, outros jovens foram viver com ele, para aprender a amar os homens e a natureza. Francisco descobriu que Deus é quem cria tudo o que ele tanto

amava e, por isso, rezava muitas vezes uma oração de agradecimento muito bonita. No vosso catecismo vem um bocadinho dela.

Quem gosta de animais e de plantas? *(Ouvir as crianças)*

Têm algum animal ou planta em casa? *(Ouvir as crianças)*

Quem costuma cuidar deles? *(Ouvir as crianças)*

2ª Alternativa

Grupo pequeno

O catequista coloca as plantas e as fotografias no devido lugar, antes das crianças entrarem na sala. É natural que elas, à medida que vão chegando, queiram observar logo o que é novo na sala. Convém deixá-las um pouco à vontade, até observarem tudo, e só depois iniciar o encontro.

Começa com um diálogo sobre a relação das crianças com a natureza que as rodeia:

O que é que descobriram hoje de diferente na sala? *(Ouvir as crianças)*

Quem gosta de animais e de plantas? *(Ouvir as crianças)*

Quem tem algum animal ou planta em casa? *(Ouvir as crianças)*

Quem costuma cuidar deles? *(Ouvir as crianças)*

O mundo, em que vivemos, tem muitas coisas bonitas. Querem ver e conhecer mais?

O catequista pode apresentar um filme, com paisagens variadas e/ou imagens de animais, flores etc.

3. *(Qualquer que tenha sido a alternativa escolhida, o encontro deve continuar assim:)*
Já tinham pensado como é lindo o mundo em que nascemos e vivemos? *(Ouvir as crianças)*

O mundo está cheio de coisas lindas e boas, todas para nós. Alguns meninos gostam muito de flores, de animais; outros gostam muito de brincar na praia; outros, no Inverno, gostam de brincar na neve…

Quem terá feito estas coisas tão bonitas, para nós?

II. PALAVRA

1. Vou contar-vos um segredo! Sentimo-nos bem com a natureza, ela faz-nos felizes, não é?

Pois bem: foi Deus quem criou para nós, e continua a criar ainda hoje, tudo o que de bom há no mundo. É Ele, que nós não vemos com os nossos olhos, mas que está no nosso coração, a dar-nos amor e vida. É Ele que faz aparecer e crescer tudo no mundo, com muito amor.

2. Ao olharmos para o céu tão grande, tão azul de dia, e tão escuro e com tantas estrelas de noite; ao olharmos para o mar, também tão grande e forte; ao olharmos para os montes, as árvores, as flores, podemos pensar: Foi Deus! Foi Deus quem fez tudo isto!

Devem estar a pensar como é que eu sei este segredo. A resposta, encontrei-a aqui na Bíblia, que é o livro no qual Deus nos fala.

(Sendo possível, antes de proclamar a Palavra, o catequista coloque, junto à Bíblia, um lírio ou uma flor semelhante.)

Olhem para esta flor. É um lírio.

Um dia, Jesus que gosta muito de Deus, ao pensar nas coisas belas que Deus faz, ficou muito encantado a olhar para uma flor igual *(ou parecida*) a esta. *(O catequista mostra a flor)*

Acham-na bonita? *(Ouvir as crianças)*

Jesus gostou muito dela. Era uma flor muito bonita. Achou-a tão bonita, que disse o que estava a sentir aos seus amigos. Esse momento foi tão importante, que as suas palavras ficaram escritas, para sempre, na Bíblia.

Querem escutar essas palavras? Então, vamos fazer silêncio e estar, com muita atenção, ao que Jesus nos diz:

Olhai, meus amigos. Olhai para as aves do céu: não semeiam nem ceifam; mas Deus, que é Pai, alimenta-as. Olhai também para os lírios do campo: vede, como eles são lindos, belos.

(cf Mt 6, 26-28)

O catequista deve guardar um breve momento de silêncio, e, se necessário até com gestos, pedir às crianças que se mantenham em silêncio, para interiorizar a palavra proclamada.

Que disse Jesus? *(Ouvir as crianças)*

Os pássaros, os lírios, as flores, todas as coisas que Deus faz na natureza, são muito belas. É Deus que as faz crescer.

3. Agora, já sabemos por que é tão importante respeitar e amar a natureza: porque Deus cria-a para nós, para nos fazer felizes e para que nada nos falte: a comida, a frescura do vento, o calor do verão, a chuva que rega os campos, etc.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Deus é tão nosso amigo, que cria um mundo tão belo para nós. Quem quer dizer, comigo, obrigado pelo seu amor?

   De pé, vamos dar as mãos uns aos outros e dizer devagarinho, todos ao mesmo tempo, e de seguida cantar:
   Louvado sejas, Senhor,
   pelo mundo que criaste para nós.

   Cântico: *"Pelo céu e pelo mar, aleluia!"*

2. Se Deus cria a natureza para nós, por nosso amor, então que devemos fazer?
   Pois é, temos de cuidar da natureza. Não a podemos estragar, nem deitar lixo para o chão. Se o deitarmos, temos de o apanhar.
   O que devemos fazer para não estragar a natureza?
   Queres dizer (N)? *(Ouvir as crianças)*

   O catequista pode ajudar as crianças a concretizar o seu compromisso.

   Se cuidarmos do mundo tão belo que Deus fez para nós, poderemos sempre dizer:
   O mundo que Deus fez é belo!

   Querem dizer comigo? Então digamos:
   O mundo que Deus fez é belo!

3. Tenho mais uma proposta: vamos construir um eco ponto, para o papel que gastamos na nossa catequese. Estão de acordo? Não é nada difícil e, se trabalharmos em conjunto, deixamo-lo pronto num instantinho.

   Depois da construção, pode cantar-se de novo:
   "**Pelo céu e pelo mar, Aleluia!...**"

CATEQUESE 8

DEUS FAZ-NOS CRESCER

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Sozinhos, crescemos pouco e mal

Se olharmos à nossa volta, verificamos que a natureza se renova constantemente. Tudo nela nasce, cresce, se transforma, morre e se renova. Nós, seres humanos, não escapamos a este ciclo: nascemos, desenvolvemo-nos, transformamo-nos. Esta força vital do crescimento e da transformação não está apenas no início da nossa existência, mas prolonga-se pelos anos fora, no desenrolar de cada dia. É um processo inacabado.

Crescer, deixar e ajudar a crescer, implica respeito, dedicação e muito amor: um grande respeito por tudo aquilo que Deus criou e, consequentemente, um grande respeito pela pessoa humana. Neste respeito pela pessoa humana estão incluídos os direitos que dimanam da sua dignidade (cf CIC, 1930-1931).

Deus tudo criou para nós, mas nós fomos criados para servir e amar a Deus e lhe oferecer toda a criação (cf CIC, 358). Sabemos que isto, muitas vezes, não acontece na sociedade e no mundo em que vivemos. No mundo, caminha-se entre extremos contraditórios: defende-se a vida e os direitos humanos, por um lado; mas, por outro, promulgam-se os direitos ao aborto, à eutanásia e desprezam-se os deficientes e os idosos; o direito ao salário justo, a uma habitação digna, à saúde, ao alfabetismo, é contraposto por um aumento de salários em atraso, despedimentos sem pagar direitos, habitações indignas e rendas altíssimas. Em muitos casos, as pessoas são mesmo lançadas para a marginalidade. Os denominados “primeiro, segundo e terceiro mundos” são uma construção do homem, em nada digna da intenção e do fim para que Deus nos criou…

A mais bela obra de Deus é a pessoa humana (cf Gn 1,26-31; 2,4b-17). Esta, porém, continua a negar o seu próprio crescimento e o de toda a criação, ao querer fazer-se mais do que Deus, pondo e dispondo a seu belo prazer de tudo o que lhe foi confiado (cf Gn 3,1-6; 11, 1-4).

Não podemos crescer, se nos colocamos à margem do "solo" que nos é adequado. Deus dá-nos a vida, para que dela cuidemos. Mas só o podemos realizar em união com Ele: mantendo-nos na nossa condição de criaturas e "respirando" o seu Espírito, aquele com que nos anima (cf Gn 2,7). Como fez Jesus e nos ensina a fazer, para podermos crescer de um modo integral.

2. O crescimento integral de Jesus

"Entretanto o Menino crescia e robustecia-se, enchendo-se de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele" (Lc 2,40). Este, sim, foi um crescimento integral: não apenas nas capacidades físicas e psíquicas, nos conhecimentos humanos por elas adquiridos, mas também e sobretudo na "graça de Deus". Sem ela, corre-se o perigo de a vida que se tem, ser usada apenas para proveito próprio, tanto, que acaba por se atrofiar e, mais cedo ou mais tarde, deixar de ser vida… em crescimento.

Aliás o que aconteceu com o Menino de Nazaré, aconteceu com outros homens de Deus: João Baptista (Lc 1,80), Samuel (1 Sam 1,21). À medida que iam crescendo humanamente, crescia neles a presença vivificante de Deus, o Senhor de quem depende a vida, na criação e na história.

Quem assim cresce, acaba por se tornar agente do crescimento nos outros. E, também neles, um crescimento integral. Veja o caso de Jesus.

Ao mesmo tempo que ao cego da nascença abriu os olhos da cara, abriu-lhe os olhos da fé (cf Jo 9,1-40). À multidão, que a Ele ocorre em busca de pão para o corpo, Ele oferece-se como o verdadeiro "pão da vida" o único que, tendo "descido do céu" e depois da entrega da sua "carne pela vida do mundo" garante uma vida ilimitada, a vida que só Deus pode dar (Jo 6, 26-58). À mulher samaritana, cuja vida definhava por exclusões sociais e religiosas e pela exploração de um homem que não era seu marido, Jesus oferece a "água viva" que não sacia apenas a sua sede de vida, mas nela se torna fonte de água que "jorra até à vida eterna", a água da fé no único "Messias" e "Salvador do mundo" (Jo 4,4-42).

Foi essa a condição que Jesus adquiriu definitivamente, quando, na cruz, levou ao extremo o seu amor. É dele, do seu Espírito vivificante, que vivem ainda hoje os que, conquistados e transformados por tal amor, se tornam e são "uma nova criação" (2 Cor 5, 17; Gal 6,15). Seremos nós?

3. Crescemos, na medida em que fazemos crescer para Cristo

Se Cristo, conforme acreditamos e confessamos, "é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura" (Col 1,15), então é n'Ele que encontramos o caminho para o verdadeiro crescimento. De facto, "foi Ele que a alguns constituiu como Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres, em ordem a preparar os santos para uma actividade de serviço, para a construção do Corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto, à medida completa

da plenitude Cristo. Assim, deixaremos de ser crianças, batidos pelas ondas e levados por qualquer vento de doutrina, ao sabor do jogo dos homens, da astúcia que maliciosamente leva ao erro; antes, testemunhando a verdade e o amor, cresceremos em tudo para aquele que é a cabeça, Cristo" (Ef 4,11-15).

Isto é, na senda das primeiras testemunhas de Cristo, cujo testemunho se encontra primariamente na Escritura, também nós somos testemunhas: cada cristão, como membro do seu Corpo, que é a Igreja. Cada qual com o seu carisma. Mas todos "para uma actividade de serviço" a exemplo d'Ele que "não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de todos" (Mc 10,45).

É a seu exemplo e com a sua energia que nós, no serviço que realizamos, contribuímos "para a construção" do seu Corpo. Sabendo que, quanto mais o fizermos, mais adultos seremos, isto é, com capacidade para não nos deixarmos contagiar pelo modo de pensar e viver egoísta do mundo em que vivemos. Crescemos, na medida em que testemunhamos "a verdade no amor": o amor que se realiza no serviço gratuito e generoso; o amor que é a expressão mais viva da verdade em que acreditamos. Crescemos, porque o testemunho confirma e fortalece em nós aquilo, ou melhor, Aquele de quem damos testemunho.

É disso que fazemos experiência na catequese. Uma das experiências mais belas: quanto mais nos damos, no que dizemos e fazemos, mais recebemos. Recebemos, porque aquilo que damos se torna fonte de vida naqueles a quem o damos: as crianças que crescem do único modo integral; crescem com a vida que lhes damos. Ou melhor: com Cristo, o homem mais perfeito, de quem e para quem vivemos.

OBJECTIVOS

– Descobrir que crescer é bom e nos faz felizes.
– Reconhecer que é Deus quem cuida de nós.
– Empenhar-se em colaborar com Deus na sua obra criadora.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A criança sente-se feliz e segura, quando os adultos se ocupam dela. Suporta muito mal visitas e amigos dos pais ou outros familiares que lhe dão pouca ou nenhuma atenção. Ela precisa dos estímulos dos adultos para crescer. Na medida em que está a crescer, ao entrar e avançar pela 2.ª infância, tem de sentir esse afago dos adultos que lhe dizem: *estás muito lindo; muito crescido; como já és capaz de…* etc.. A criança, de um modo bem visível, sente: depressa os sapatos começam a magoar; as mangas das camisolas ficam curtas; as calças já não abotoam… É maravilhoso para ela, criança, se os adultos o perceberem e fizerem com que ela o perceba.

Ela cresce não só fisicamente, mas também no conhecimento, na vontade e nos sentimentos. É missão dos catequistas olhar, acompanhar e ajudar neste processo de crescimento, não só ao nível da dimensão humana, mas sobretudo ao nível da fé.

Esta catequese pretende iniciar as crianças no apreço pela vida e pelo crescimento como dons de Deus, para a felicidade e alegria de todos. É Ele quem nos faz crescer e mais deseja o nosso crescimento.

Na experiência humana são colocadas duas alternativas muito diferentes em termos pedagógicos: a primeira baseia-se na observação de roupas, fotografias, e no diálogo com as crianças; na segunda, sugere-se um jogo que desenvolve na criança várias competências, como o sentido de observação, a busca do conhecimento dos outros e o sentido da alegria partilhada. Este jogo não tem vencedores nem vencidos: joga-se pelo gosto de jogar, pela alegria que causa no grupo e, no caso desta catequese, para ajudar a perceber que, embora todos estejam a crescer, não são todos iguais nem crescem todos da mesma maneira. Se for esta a opção escolhida, o catequista terá que providenciar um local onde exista um pavimento limpo e quente, de preferência com uma alcatifa ou uma manta.

MATERIAIS

– Várias roupas de bebé;
– Saco para meter os sapatos das crianças (2ª alternativa);
– Álbum de fotografias de uma criança ou mais, em diferentes fases de crescimento;
– Dísticos: “Deus” (em cartolina com formato de sol); “Meu Deus, Tu fazes-me crescer;
– Gravador ou leitor de CD’s;
– Imagens de campos, animais, árvores (cf Desenvolvimento);
– Desenhos e pintura da catequese anterior;
– Imagem de criança a rezar;
– Folha de papel cenário ou papel castanho e marcadores grossos (ver Expressão de Fé).

MÚSICAS

– “Fazes-me viver”;
– “É bom sermos amigos”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Quem se lembra do que combinamos na catequese da semana passada?
Quem se lembrou de separar o lixo? Fizeram o trabalho do catecismo? (*Ouvir as crianças*)

Já estais mais crescidos. Já sois capazes de fazer coisas importantes e úteis.
Em bebés eram capazes de fazer coisas assim?

- Não, porque eram muito pequeninos.

1ª Alternativa

Grupo grande

O catequista leva várias roupas de bebé e crianças muito pequenas e também um pequeno álbum delas, ou mais. Faz uma pequena exposição com as roupas, ou vai tirando-as uma a uma, de um saco e colocando em lugar visível, à medida que as mostra às crianças.

Gostam destas roupas? A quem servem? Quem quer experimentar? Já não vos servem. Só servem a bebés. E vós deixastes de ser bebés.

Reparem nestas fotografias. Vou mostrar algumas a um menino de cada vez. Vamos respeitar a vez, todos as veremos. O (N) era um bebé muito lindo, não acham? Todos os bebés são lindos. Tenho a certeza de que cada um de vós era um bebé muito lindo. Mas, não seria nada bonito, se os bebés não crescessem. Todos têm de crescer…

2ª Alternativa

Grupo pequeno

Jogo: "Cada sapato no seu pé"

Vamos fazer um jogo? Todos vão para cima deste tapete grande, tiram os sapatos (…) e metem-nos no saco que tenho na mão. Temos de ser rápidos.
O (N) vem ao saco e, sem espreitar, mete a mão e tira um sapato. Depois vai calçá-lo no pé da menina ou do menino que pensa ser o dono. Tem de procurar até acertar. Quando descobrir o dono do sapato, calça-o no seu pé. Depois é ele que vem tirar outro sapato do saco e faz o mesmo, até todos estarem calçados.

(No final do jogo:)
Foi divertido? Imaginem o sapato da (N), que é a mais baixinha, no pé do (N) que é o mais alto. Não lhe serviria!
Estais a crescer. Uns mais altos, outros mais baixos, mais fortes ou mais magros; a verdade é que todos estão a crescer.

2. (*Qualquer que seja a alternativa escolhida, o encontro pode continuar assim:)*
Há muitas coisas que agora fazem, mas que em bebés não podiam fazer. Querem pensar e dizer algumas? *(Ouvir as crianças)*

Já conhecem as letras; já sabem ler algumas palavras; ajudam a mãe; são capazes de lavar os dentes sozinhos, já se vestem (às vezes não lá muito bem; sobretudo se têm de ir a uma festa, a mãe tem de ajudar); já sabem atravessar a rua com muito cuidado… Tantas coisas importantes que já são capazes de fazer!

Acham que já cresceram tudo ou ainda falta crescer mais? *(Ouvir as crianças)*

Têm ainda muito para crescer: em tamanho e em sabedoria.

Eu já não cresço mais em tamanho, mas continuo a crescer em todas as outras coisas. No saber, tenho muitas coisas novas para aprender. Na vontade, sei que muitas vezes não posso fazer só o que quero. Em bons sentimentos, tenho de aprender a ser cada vez melhor e mais amigo de todos.

Todos crescemos, de maneira diferente; mas estamos sempre a crescer. Será que só as pessoas crescem? A natureza também cresce, tudo o que nela existe cresce.

Reparem na nossa planta da catequese passada: está a crescer. Temos de tratar bem dela, para que fique cada vez mais bonita.

II. PALAVRA

1. Na semana passada, vimos como Deus criou tudo para nós… É Ele também que faz crescer todas as coisas: as flores, as árvores, os animais…, manda a chuva e o sol…

É Deus que faz crescer, mas também precisa da nossa ajuda. Quer que cuidemos da natureza, para que ela não se estrague. Não podemos estragar as coisas criadas por Deus, porque todas nos fazem muita falta.

Para crescer, precisamos da ajuda uns dos outros. Vós precisais dos pais, avós, tios, primos, dos professores e catequistas. Estamos aqui para vos ajudar a crescer, e vós também tendes que vos esforçar: comer bem, deitar cedo, dormir muito, estudar as lições, brincar e rezar para que Deus nos ajude a crescer e para lhe agradecer muitas coisas boas que Ele nos dá. Rezar também ajuda a crescer o nosso coração.

Ainda mais que os pais, avós, tios, professores, amigos e catequistas, é Deus quem mais nos ajuda a crescer!

*Afixar o dístico: "**Deus**" (em cartolina com formato de sol)*

***Atenção:** Deixar que as crianças manifestem, a seu jeito, a ideia que têm de Deus. Só assim as poderemos ajudar. Também não é necessário que elas compreendam bem a distinção entre Jesus e Deus. São muito pequenas e, com o tempo, lá chegarão. Importante, sim, é que o catequista tenha esta noção bem clara e saiba dizer "Deus", quando quer falar de Deus, e "Jesus", quando fala de Jesus.*

2. É Deus quem nos faz crescer. Ele faz-nos crescer a nós e a todas as coisas da natureza. Porque Deus cuida de nós, deu tantas coisas boas ao mundo: o sol, os astros, as árvores de fruto, os campos para os lavradores plantarem o trigo e tantos cereais, que muitos meninos gostam de comer pela manhã. Deu-nos muitos animais, uns para nos fazer companhia e outros para nosso alimento.

É Deus quem dá inteligência às pessoas: para tratarem das terras e termos alimentos; para construírem fábricas e oficinas; para fazerem o vestuário e o calçado que protege o nosso corpo…

É Deus quem dá também o amor ao nosso coração, para nos tratarmos com carinho e ajudarmos uns aos outros a crescer.

Tanta coisa boa que Deus faz!

Afixar imagens, ou projectar "slides" ou acetatos, ou fazer uma apresentação em "Powerpoint", de forma a visualizar tudo aquilo que se vai referindo, como exemplo do que Deus faz. Exemplos: Campos, animais domésticos; árvores de fruto; leite; crianças de mão dada; criança a ajudar a mãe; pai a ensinar o filho; piquenique; médico a cuidar de doente; jovem a cuidar de idoso…

3. É Ele, Deus, que nos faz crescer: Nós não O vemos, como nos vemos uns aos outros. Mas Deus é assim como o sol: está sempre no Céu com a sua luz e calor a dar vida à terra. Mesmo que as nuvens e a chuva escondam o sol, nós sabemos que ele está lá. E quando vem a noite sabemos que o sol está na mesma. E no dia seguinte volta a aparecer.

Com Deus é também muito assim: está sempre perto de nós. E está também no nosso coração, com muito amor, a fazer-nos crescer. Não o vemos, mas sentimos o seu amor.

Não devemos esquecer que Deus está connosco. Por isso podemos e devemos falar com Ele no nosso coração e agradecer-lhe tantas coisas que Ele nos vai dando, para nos ajudar a crescer. Assim como este menino *(afixar imagem de criança a rezar e deixar contemplá-la).*

Se falarmos com Deus no nosso coração, vamos descobrir, como Jesus descobriu, que Deus é grande: maior que o mundo, que o céu e o sol. Porque foi Deus quem criou tudo isso para nós.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Que grande maravilha! Como Deus é tão grande!
(Afixar o dístico: ***Meu Deus, Tu fazes-me crescer.****)*
Querem comigo agradecer a Deus, por ser tão bom e grande, que nos fazer crescer, a nós e a todas as coisas? Então ponham-se de pé e digam comigo:

Meu Deus, Tu fazes-me crescer!

(Afixar ou mostrar roupa de bebé e dizer:) Já fomos bebés pequeninos, e Deus ajudou-nos a crescer, e tornámo-nos maiores; alguns foram para a creche e agora já andam na escola. Digam comigo:

"Meu Deus, Tu fazes-me crescer!"

(Afixar imagem de criança a comer pela sua mão e dizer:) Quando éramos bebés, a mãe metia-nos a papa na boca; mas crescemos e aprendemos a comer com a nossa mão; alguns até já sabem comer de faca e garfo. Digamos todos:

"Meu Deus, Tu fazes-me crescer!"

(Afixar imagem de criança na escola; a lavar os dentes, etc. e dizer:) Quando éramos bebés, não sabíamos cuidar de nós, nem sequer tínhamos dentes para lavar; agora lavamos os nossos dentes, cuidamos de nós, já sabemos ler e já sabemos arranjar as nossas coisas. Então digamos todos:

"Meu Deus, Tu fazes-me crescer!"

(Afixar imagens de adultos a trabalhar, de plantas a crescer, etc. e dizer:) Tanta coisa que Deus faz para nós e nos confia para que as tratemos bem. Ele ajuda-nos a crescer, mesmo quando já somos adultos. Rezemos-lhe:

"Meu Deus, Tu fazes-me crescer!"

Em vez de se afixarem as imagens, pode dar-se uma a cada criança e, à medida que reza, ela levanta-a, e pode, de seguida, afixar a imagem. Mantém as crianças activas.

2. Mas Deus não quer fazer tudo sozinho. Por isso, nos criou parecidos com Ele em inteligência, para que possamos ajudar todas as coisas a crescer.

Temos de cuidar bem de nós e da nossa saúde: comer alimentos que nos façam crescer, e não só guloseimas.

Temos de nos lavar bem, para andarmos limpinhos e asseados: tomar banho todos os dias, lavar os dentes todos os dias, lavar as mãos.

Temos de dormir muito. Não ficar a ver televisão, na hora de dormir.

Temos de estudar, brincar e trabalhar. Mas, não podemos fazer tudo ao mesmo tempo: para estudar é preciso deixar a brincadeira; e para andarmos bem dispostos, precisamos de brincar, mas só nas horas que são para brincar.

Vós estais a crescer. E durante o nosso ano de catequese, Deus vai fazer-vos crescer ainda mais: em inteligência, nos bons sentimentos do coração, em amor e em tamanho.

Querem ter a certeza de que, até em tamanho, ireis crescer durante o tempo da catequese?

Vamos fazer uma prova?!

O catequista afixa numa parede uma folha de papel de cenário ou de papel castanho. Convida as crianças a encostarem-se à parede, com as costas voltadas para a folha, e, com um marcador grosso, se possível com uma cor diferente para cada criança, faz um traço visível por cima da cabeça da cada uma e por cima do traço escreve o seu nome. No final e num lugar bem visível da folha, escreve o ano, mês, dia e hora da medição.

Tirei as medidas e escrevi o nome de cada um, e até a data deste dia. Daqui a uns meses, antes das férias grandes, voltamos a tirar as medidas. Iremos descobrir se vão crescer e quanto.

3. Temos, pois, de colaborar com Deus. Assim, durante esta semana, vamos cuidar mais e melhor da nossa higiene. Vamos fazer as coisas bem feitas!

O que vamos fazer?

Podem desenhar a tarefa que acham mais importante para fazer durante a semana.

Pode terminar-se com uma das seguintes canções:

"Fazes-me viver", "É bom sermos amigos".

CATEQUESE 9

CHAMA-SE MARIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Encontros e desencontros

A nossa vida é tecida de encontros e desencontros. Se há encontros que nos ficam para sempre gravados na memória do coração, o mesmo acontece com os desencontros (afastamentos). Existe uma grande diferença entre as duas experiências: uma deixa marcas de felicidade, alegria, esperança, amor; a outra deixa marcas de dor, solidão, por vezes, de revolta e medo.

Mas são estes encontros e desencontros, próprios das relações humanas, que nos ensinam a viver, a cuidar da vida, respeitando-a e acolhendo cada pessoa, como dom de Deus.

Alguns encontros são capazes de transformar, por completo, todo um percurso de vida. Quantas vezes, por causa de um mero encontro, duas pessoas se quiseram bem, apaixonaram-se e, a dois, transformaram, para sempre, o rumo das suas existências. Quantas vezes, por causa de um simples encontro com alguém que há muito não víamos, acabámos por mudar todo o projecto que tínhamos para esse dia.

Também por causa de desencontros não desejados, muitas vezes evitamos acontecimentos graves na vida: "Joana estava muito cansada, por causa dos exames da faculdade. Tinha combinado ir à discoteca com os seus amigos, mas o cansaço era mais forte que ela; estava aborrecida, não sabia que fazer. Resolveu não ir, apesar de desejar divertir-se. Na manhã seguinte sabe do acidente destes. Também eles estavam cansados, e o sono pegou o condutor".

Estes e tantos outros exemplos ensinam-nos que, no processo dos encontros e desencontros da vida, nada acontece por acaso e que precisamos de estar atentos para saber ler os acontecimentos, os sinais da presença de Deus com que estão marcados. E em alguns há mesmo uma intervenção directa de Deus. Na Anunciação, Maria tem um encontro ímpar, que vai alterar, em definitivo, todo o rumo, não só da sua vida pessoal, mas da história da humanidade, na sua relação com Deus.

2. O encontro de Deus com Maria de Nazaré

Conforme nos é narrado em Lc 1, 26-38, é um encontro de fé: de um lado, Deus com a sua graça; do outro, Maria com a sua entrega livre e total.

Mas a iniciativa é de Deus. É Ele quem decide enviar o seu Anjo à jovem Virgem de Nazaré. E logo as primeiras palavras que a ela dirige, são uma expressão da sua predilecção, do seu amor. Maria é "cheia de graça" porque "o Senhor está com ela" (1,28). Aquele Deus, cujo ser é *estar com* os seus (cf Ex 3,14), é o mesmo que assim se manifesta a Maria, porque a ama, com um amor absolutamente gratuito. Ama-a mais do que a qualquer mulher sobre a terra. E se Deus assim a ama é porque muito tem para lhe pedir.

Maria apercebe-se disso. Daí a sua primeira reacção: sente-se perturbada, atónita, atemorizada. É a reacção habitual e inevitável da criatura perante a revelação do Criador.

Quanto mais próximo Ele se manifesta, maior é a sensação da distância infinita que dele nos separa. Mas também, maior é a possibilidade de Ele se apoderar de nós e nos capacitar para aquilo que só Ele tem poder para realizar.

No caso de Maria é a missão de ser Mãe do "Filho do Altíssimo" (Lc 1, 34), o Deus que, no passado da sua história salvífica, descera do seu trono celeste, para fazer aliança com o seu povo, nomeadamente através de David, o rei que Ele escolhera para seu "Ungido", e ao qual prometera firmar "para sempre o seu trono real" (2 Sam 7, 14. 16). Chega o momento em que a promessa adquire a sua realização definitiva. Maria será a mediadora principal: O filho que dela nascerá, "reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim" (Lc 1,33).

A reacção é de novo de incapacidade. Maria, nem sequer "conhece homem" (1, 34). Isto é, nem sequer ao processo mais normal de concepção e geração de um filho ela está em condições de acesso. Mas também não é esse o caminho para poder ser mãe de quem é "Santo e será chamado Filho de Deus". Se o Filho que vai ter, vem todo de Deus, só Deus, com o seu Espírito vivificante, pode fazer o que ao homem é impossível (1, 35-37).

E é Ele quem, para já, torna possível a resposta de fé de Maria: "Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra" (1, 38). Como escrava, torna-se propriedade total daquele a quem se entrega. É uma entrega totalmente livre, porque é a resposta ao amor, à graça, à eleição. Ela dá-se toda ao Deus que primeiro se deu a Ela e, por ela, ao seu povo, a toda a humanidade. Tal é o poder da fé, ou melhor, da graça que está na origem da fé. Tanto, que a própria fé é uma graça.

3. Mediadores do encontro com Deus

Mediador deste encontro é cada cristão, cada qual à sua maneira, no seu lugar, com o seu carisma como membro do Corpo de Cristo, o Filho de Deus nascido de Maria e que,

sobretudo pela sua morte e ressurreição, se tornou a expressão mais viva e vivificante do amor, da graça, do dom de Deus.

É desse corpo que cada cristão é membro. Pelo mesmo caminho da fé, seguido por Maria, também nós nos tornamos propriedade de Cristo, *escravos do Senhor*, porque Ele primeiro nos ama. E é na medida em que nos deixamos conquistar pelo seu amor ilimitado, que nos entregamos a Ele pela fé e Ele se apodera de nós, das nossas qualidades e riquezas humanas e as eleva ao nível da graça, as coloca ao serviço do dom, da vida.

De tal modo que, quem está assim *cheio* do Filho de Deus e por Ele possuído, não pode deixar de o *dar à luz*: Ele transparece nas nossas palavras, nas nossas acções, na nossa generosidade e dedicação. E torna-se, principalmente para aqueles que usufruem desse amor divino em nós, um desafio à fé, à entrega ao mesmo Deus… numa cadeia que nunca mais terá fim.

Que isto seja mais um motivo que dê sentido e força aos encontros da catequese que organizamos e em que participamos.

Eles são um dos momentos mais privilegiados da mediação da fé: do encontro de Deus com os catequizandos. A exemplo e com a protecção de Maria, Mãe do Filho de Deus… e dos filhos de Deus, isto é, da Igreja.

OBJECTIVOS

– Relembrar que todos temos uma mãe.
– Admirar Maria, por Deus a ter escolhido para Mãe de Jesus.
– Aprender a invocá-la com as palavras da Ave-Maria.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A criança tem grande necessidade de carinho. Ela fixa com facilidade os lugares e os encontros com as pessoas que lhe deixam esta marca afectiva.Nesta idade, ela mantém uma ligação afectiva, muito profunda, com a mãe. Regra geral a criança admira a mãe e procura imitá-la. Imitará as qualidades e defeitos da mãe. Daí o cuidado que a mãe deve ter consigo mesma, devido ao impacto que a sua postura tem na educação dos filhos. Nascemos para o bem, temos de educar para o bem. A vida é dom de Deus, e importa que deva ser querida e desejada pelos pais, em todas as suas manifestações. A criança dá um grande valor à vida. Da sua experiência de amada e acolhida no meio familiar em que se encontra, sobretudo na sua relação com a mãe, irá fazer depender o seu gosto de viver. Conscientemente, nenhuma criança nega a vida; porém, as experiências negativas de muitas, transformam-nas em crianças tristes, revoltadas, amedrontadas, deprimidas. A falta de experiência do amor a que têm direito, pode matar uma criança. Ao contrário, a experiência deste amor dá-lhe aquela auto-estima que a tornará confiante, segura, para superar os momentos de desencontros que se geram no mundo das relações humanas e familiares, durante o seu processo de crescimento.

Nesta catequese, o catequista tome cuidado, nomeadamente na linguagem, sobretudo no caso de haver alguma criança no grupo que tenha uma experiência negativa da mãe.

Procure, por isso, conhecer suficientemente a relação de cada criança com a sua mãe, para poder gerir, adequadamente, a experiência humana. Regra geral, e apesar de tanto desfasamento familiar, a maioria das crianças, nesta idade, é com a mãe que nutre uma relação mais afectiva e próxima.

MATERIAIS

– Imagens (em fotos, gravuras, "slides", vídeo ou "powerpoint" de animais e de crianças a nascer e nos primeiros meses de vida (1.ª alternativa);
– Fotografias de mães, se possível das crianças, durante o tempo de gravidez (2.ª alternativa);
– Imagem ou gravura de Maria, Mãe de Jesus;
– Imagens para acompanhar a narração de Lc 1, 26-38;
ou
– CD-ROM "O Menino Jesus", só a passagem da Anunciação (Porto Editora Multimédia);
ou
– Encenação (roupas necessárias e a gosto);
ou
– Sombras chinesas (pano branco, foco, cartolina preta, paus ou arame grosso);
– Uma Bíblia;
– Uma vela grande;
– Velas pequenas (uma para cada criança);
– Flores de papel (ver final do desenvolvimento);
– Dístico: "Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco".

MÚSICA

– "Palavra de Gabriel" (http://fonoteca.cm-lisboa.pt).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Hoje vamos ver como vivem os bebés …imaginem, ainda antes de nascerem. Querem saber como é?

1ª
Alternativa

Grupo grande

O catequista apresenta uma exposição de fauna marítima, fauna animal, e vida humana.Importa que sejam imagens da vida no seu processo de nascimento. Por exemplo: animais a nascerem; peixes pequeninos; mãe a dar à luz; um bebé a comer a primeira refeição, etc..Se se utiliza fotos/ imagens, é interessante afixá-las, à altura das crianças, numa das paredes da sala ou até em todas, dando assim a impressão de uma grande exposição. Quanto mais completa e bem preparada estiver, tanto maior será o deslumbramento nas crianças.

(Sugestões para o diálogo:) Olhem este bebé elefante a nascer. Como ele é pequenino ao pé da mamã elefante, mas nasce maior do que nós…Reparem nos bebés humanos: quando nascem, são bem mais pequeninos…E os porquinhos… tantos a mamarem o leite da mãe… Como ela quer que todos os filhos se alimentem e cresçam saudáveis. E ali um bebé…, mesmo a nascer, parece um menino ou menina?

Com estes ou outros exemplos, deve o catequista ajudar as crianças a admirar a vida e o esforço de viver. Procure tirar partido dos comentários e admirações das crianças e ligar as imagens à experiência pessoal de cada uma.Deverá salientar, não tanto o acto do nascimento, mas os cuidados que todas as mamãs prestam aos seus filhos, mesmo as de animais.

O nosso Deus fez mesmo um mundo muito bem feito. Não vos parece?Já ouvimos, na catequese, que, de tudo o que Deus criou neste mundo, o mais importante somos nós. Tudo o resto foi para nos fazer mais felizes. Mas, tanto os animais como as plantas são importantes e, como nós, gostam muito de viver e crescer. Olhem para este bebé, acabadinho de nascer. Sabem de onde nascem os bebés? – Da barriga das mães. Durante nove meses o bebé desenvolve-se dentro da mãe.

Olhem para estas gravuras. Aqui o bebé ainda mal se vê... Aqui já está maior: olhem as mãos, os pés a cabeça. Tudo indica que vai nascer com muita saúde... Olhem para esta fotografia: como o bebé está grande. Está pronto a nascer!

O que fazem as mães, quando se aproxima o dia do bebé nascer? (…)Quando as mamãs ficam grávidas, a barriga vai tornando-se grande? Quem lhes dá a notícia? Os médicos, geralmente.

2ª
Alternativa

Grupo pequeno

Levar para a catequese fotografias das mães de algumas crianças, quando andavam de bebé.Pode também ser da própria catequista (se for um catequista casado, pode ser da esposa). Neste caso, conta a sua própria experiência (ou da esposa).Pode ainda pedir a uma mãe para dar o seu testemunho na catequese, de preferência a de uma criança. Se no grupo alguma criança tiver um irmão nascido há pouco, e a mãe puder falar do nascimento dos dois, incluindo a alegria da notícia, seria o ideal. Neste caso, acabada a entrevista, a mãe pode sair.Pode ainda apresentar-se um vídeo ou livro com imagens, adaptadas à idade das crianças.

Que estamos a ver nestas fotografias? – Sim é a tua mãe (N.), quando andava de bebé de ti. E esta é a mãe do (N.)*(Se for a catequista a mãe:)* E esta? – Sim, sou eu, quando andava de bebé de (N.). – Querem que vos conte o que senti, quando soube que estava grávida? (…) Sabem quem me deu a notícia? *(No caso do testemunho de uma mãe:)*

Hoje temos uma visita surpresa. Sim, a mãe de (N.) e do seu irmãozinho.Vamos perguntar como é que a mãe de (N.) soube que ia ser mãe? E que sentiu, quando soube que ia ter o (N.) e, mais tarde, o (N.)?

Dar tempo às crianças para porém todas as perguntas sobre a gravidez, o bebé, o colega da catequese, etc..

2. *(Qualquer que seja a alternativa, a catequese continua assim:)*
Quem são as pessoas da nossa família que mais cuidam de nós? Normalmente, são os nossos pais. Mas as mães têm um jeito diferente dos pais. Não vos parece? Dão-nos muita atenção, logo a partir do dia em que percebem que andam de bebé. Têm mais cuidado com a alimentação, procuram descansar mais, para o bebé nascer calminho. Preparam as roupas para ele, o quarto. Até pensam no nome que lhe querem dar quando nascer. Algumas começam logo a preparar o quarto deles e a arranjar o dos pais para lá colocarem o berço durante os seus primeiros meses de vida. Até pensam no nome que lhe querem dar. Já lhe fazem festinhas, na barriga da mãe, falam-lhe. Quem já encostou a cabeça na barriga da mãe, quando o mano estava para nascer?Depois de nascermos, as nossas mães continuam a cuidar de nós. Educam-nos, alimentam-nos, tratam das nossas roupas. Quando ficamos mais crescidos, levam-nos à escola, à catequese, ajudam-nos a fazer os deveres de casa. Tratam de nós, quando estamos doentes.

Os pais e as mães fazem muitas coisas para nós. Há meninos, que é a avó; outros, são as madrinhas ou as tias; outros até têm uma mãe que não é da família, mas que as adoptou. São as mães de coração. Todos gostamos muito da nossa mãe.

Porque gostamos tanto dela, quando chegamos a casa, que fazemos? – Damos-lhe um beijo. Contamos o que aprendemos na catequese e na escola.

Nós gostamos muito da nossa mãe, mas, também das mães de alguns amigos nossos. Quem gosta da mãe de algum amigo?

Às vezes tanto as nossas mães, como as dos nossos amigos, contam-nos histórias, até do tempo em que éramos bebés. A quem é que a mãe contou uma coisa engraçada, do tempo em que era bebé? *(Ouvir as crianças))*

II. PALAVRA

1. Hoje quero falar-vos da Mãe de Jesus, o nosso grande amigo.
(O catequista afixa uma gravura de Maria grávida ou com o Menino ao colo).
Aqui está uma imagem da Mãe de Jesus!

Sim, Jesus também teve uma Mãe, como nós. De hoje em diante, vamos conhecer melhor o nosso amigo Jesus, desde que começou a formar-se na sua Mãe até crescer e fazer-se um homem.

Quem sabe como se chama a Mãe de Jesus? Maria. Foi uma mãe, muito carinhosa e boa. Cuidou muito do seu Filho: alimentou-o, mudou-lhe a roupa, ensinou-o a andar, a falar. Mais tarde, ensinou-o a trabalhar, a respeitar os mais velhos, a ser amigo sobretudo dos mais pobres e doentes. E o mais bonito de tudo: ensinou-o a falar com Deus Pai.Era boa a Mãe de Jesus. Mais do que todas as mulheres do seu tempo. Porque a Mãe de Jesus era, também, muito amiga de Deus, o verdadeiro Pai de Jesus. José, com quem Maria se casou, era um pai de coração: aquele que Deus escolheu para ajudar Maria a cuidar do Seu Filho Jesus.Ainda antes de saber que ia ser Mãe de Jesus, Filho de Deus, Maria já falava muito com Deus e fazia as coisas boas que Deus quer. E Deus escolheu--a para ser Mãe de Jesus.Querem saber como tudo aconteceu?

Maria não recebeu a notícia como as outras mães. Recebeu-a através de um Anjo que Deus enviou do Céu.

2. *Propõem-se* ***quatro alternativas para a apresentação da Palavra****: sob a forma de narração; através de um pequeno teatro de sombras chinesas; encenação ou apresentação de diaporama, vídeo ou CD-ROM.*

1ª ALTERNATIVA

Narração (pode ser acompanhada de imagens, até se formar um painel)

Narrador: Em Nazaré, pequena cidade da Galileia, vivia uma jovem chamada Maria. Era linda, simples e boa. Toda a gente gostava dela.

(Imagem de Maria a ir à fonte, saudando as pessoas).

Um dia, estava Maria em casa.

(Imagem de Maria a bordar)

De repente, a casa ficou cheia de luz e apareceu-lhe um Anjo, enviado por Deus. O Anjo saudou Maria, dizendo:

(Imagem do Anjo a falar com Maria)

Anjo: Avé Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo!

Foste escolhida por Deus, para dares à luz um Filho que se chamará Jesus

Narrador: Maria, ao ouvir esta saudação do Anjo, ficou muito admirada e perguntou-lhe como poderia ser isso, pois ainda não estava casada.O Anjo respondeu:

Anjo: O Espírito Santo de Deus virá sobre ti e a força dele estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso é que o Menino que vai nascer de ti é santo e será chamado Filho de Deus.

(Imagem de Maria atenta a escutar)

Narrador: Maria, ao ouvir estas palavras, disse ao Anjo:

Maria: Eis a serva do Senhor. Faça-se em Mim segundo a tua palavra!

(Imagem de Maria de joelhos diante do Anjo)

Narrador: O Anjo, então, retirou-se. E foi assim que Jesus, o Filho de Deus, foi gerado, na barriga de Maria.

(Imagem de Maria sozinha em casa)

Maria fica sozinha em casa.
Cântico – convidar as crianças a escutarem "***Palavra de Gabriel***".

2ª ALTERNATIVA

Diaporama sobre a Anunciação; ou CD-ROM, por exemplo: "Era Uma Vez – O Menino Jesus", (Porto Editora Multimédia).

3ª ALTERNATIVA

Encenação da narração da 1ª alternativa (em vez das imagens; crie-se um cenário simples.

4ª ALTERNATIVA

Sombras chinesas. Podem ser criadas com expressões corporais dos catequistas ou através de pequenas silhuetas recortadas em cartolina, de preferência em cor preta. Podem ser uma casa, Maria com cântaro à cabeça, duas ou três pessoas da aldeia, Anjo e Maria de pé, Maria de joelhos, etc.

3. *Depois da apresentação, o catequista continua com o seguinte diálogo:*
Quem foi que deu a notícia a Maria de que ia ser Mãe de Jesus, o Filho de Deus?*(Ouvir as crianças).* Maria ficou um bocadinho assustada: um Anjo de Deus em sua casa! E depois ficou a pensar como é que podia ser Mãe, se não tinha marido. E que lhe disse o Anjo? – Que Jesus seria Filho de Deus. E Deus pode fazer todas as coisas que aos homens são impossíveis.Então, Maria acreditou. Por isso, disse ao Anjo:

Faça-se em mim a vontade de Deus.
E, com alegria, começou a esperar e a preparar o nascimento de Jesus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Tudo isto, sabem onde vem escrito? – Na Bíblia (*abrir a Bíblia na respectiva passagem bíblica*)
(Depois de acender a vela, continua:)
Vamos deixar a Bíblia aberta, aqui onde se conta o encontro de Maria com o Anjo. E, porque é muito importante, vou acender uma vela e colocá-la ao lado da Bíblia, para dizer a Deus que também nós, como Maria, acreditamos na sua Palavra.Vamos agradecer a Maria por ela ter aceitado ser a Mãe de Jesus?E sabem qual é a melhor maneira de lhe agradecer? – É saudá-la com as mesmas palavras do Anjo.

*Ao lado de uma imagem de Maria e perto da Bíblia, coloca-se ou afixa-se o dístico: "***Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco***".*

De pé, todos juntos vamos rezar, agradecendo a Maria por ter dito Sim:
(O catequista reza e convida a repetir Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.)

2. Tenho aqui uma vela para cada um de vós. Todos aqueles que acreditam de coração, tal como Maria, nas Palavras de Deus, acendem uma vela nesta que está ao pé da Bíblia e colocam à volta da Palavra de Deus. *(Acendem-se as velas e colocam-se no lugar referido)*

3. Como estamos contentes pelo amor que Deus nos tem!... Dá-nos o seu amor, o amor de Maria, a Mãe de Jesus, o amor de Jesus, o amor das nossas mães e até o amor de pessoas que, não sendo nossas mães, nos amam como se fossem nossas mães.Querem

levar uma mensagem de amor às vossas mães (ou pessoa que faz de mãe), assim como o Anjo fez com Maria? Querem levar-lhe uma flor, com um desenho feito por vós?

Vamos fazer um desenho do encontro de Maria com o Anjo. Cada um pode desenhar aquela parte deste encontro de que mais gostou.
(O catequista pode entregar a cada criança uma grande flor, com as pétalas já pintadas, mas com a corola em branco, para poderem fazer o desenho).

CATEQUESE 10

O NATAL DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Preparar o Natal**

   As quatro semanas do Advento que têm como finalidade ajudar a preparar-nos para receber o Deus Menino, para que Ele *nasça* ou *renasça* em nós e, por meio de nós, no mundo em que vivemos: em tantos que O não conhecem, que O conhecem mal ou que não têm condições de experimentar a alegria e a paz na plenitude que só Ele pode proporcionar.

   Porém, quantos cristãos não preferem antes instalar-se nas suas comodidades, no prazer da sua casa! E, tal como então, Ele não encontra lugar na *hospedaria* do coração humano. Talvez porque este está cheio, satisfeito com tantas exterioridades: enfeites nas ruas, montras, casas, árvores e jardins; *pais natal*, com ofertas para todos os gostos; centros comerciais, lojas, confeitarias, com os produtos mais cativantes; presentes de todo o género, para todas as idades; e até o presépio, quando e onde ainda é feito, quantas vezes não passa de mais uma mera ornamentação… que não brota da alma nem atinge o coração.

   O Natal, porém, não é isto. Ou melhor, não é só isto. O Natal de Jesus desafia ao desprendimento, à entrega, à fé e ao amor. Desafia à união com Aquele: o Deus feito Menino.

   Felizmente, ainda há muitos cristãos despertos para o verdadeiro Natal. Há muitos que o celebram, conscientes da sua realidade. Até no coração de tantas pessoas, em que, talvez sem a fé cristã, domina a recta consciência, o respeito e pelo outro, independentemente do credo que professam.

   O Natal tem o condão de reunir famílias, povos, e até credos, num clima de paz que se não respira noutras épocas do ano. O Natal tem o condão de ligar a história do passado ao presente, preparando o futuro. Quantas instituições de solidariedade surgiram a partir deste dia, tendo em conta a mensagem do Deus Menino? Promovem-se campanhas a

favor dos mais pobres, dos marginalizados, dos doentes e dos presos, dentro e fora dos hospitais e das cadeias.

Contra a escuridão da noite, que, entre nós e nesta época do ano, atinge a máxima extensão, é mais intensa a busca da luz. E, talvez por isso, o Natal seja, por excelência, a festa da luz: a que brilhou com tal intensidade nos céus de Belém, que continua ainda hoje a iluminar tantas vidas. A nossa também?

2. O Natal cristão

Encontramos essa luz, se nos deixarmos guiar pelas leituras bíblicas, por exemplo, da Missa da Meia -Noite. Eis um pedaço da primeira:
"O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; habitavam uma terra de sombras mas uma luz brilhou sobre eles. Porque um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; tem a soberania sobre os seus ombros, e o seu nome é: Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno; Príncipe da Paz" (Is 9, 1.6).

Este "povo que andava nas trevas", na origem, era possivelmente o Povo de Israel, a seguir a uma guerra fratricida entre o Reino do Norte (Israel) e o do Sul (Judá).

Perante a ameaça de uma invasão do imperador da Assíria, o rei de Israel tentou obrigar o de Judá a associar-se a uma coligação de defesa contra a Assíria. O rei de Judá, Acaz, não só não aderiu à coligação, como teve a infeliz ideia de pedir socorro ao inimigo comum: o imperador assírio. Este não se fez rogado: entre 732 e 722 a.C., invadiu e destruiu todos os povos coligados, entre eles o, de Israel. Uma devastação que deixou, de facto o "povo nas trevas", mesmo o de Judá, que politicamente ficou dependente da Assíria.

É neste quadro que Isaías, em nome de Deus, promete um novo rei: um descendente de Acaz que, desde criança, deveria realizar a sua missão de rei, em total dependência de Deus. Nele, Deus iria manifestar todo o seu poder, fazer brilhar a luz da paz.

Esta profecia ganhou nova actualidade, depois do ano 538, isto é, do exílio na Babilónia (587-538). Embora independentes religiosamente, os judeus da Palestina continuaram política e economicamente dependentes: primeiro dos persas, depois dos gregos e finalmente dos romanos. Explorados por todos, viviam da esperança de que um dia iria nascer o "menino" que seria, de facto, o "Príncipe da Paz": a paz que nasce da libertação de toda a espécie de jugo e opressão.

A expectativa teve finalmente a sua realização. É solenemente proclamada pelo Anjo que apareceu aos pastores de Belém, envolvidos pela luz brilhante da "glória do Senhor": "Não temais! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Messias Senhor, na cidade de David. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura" (Lc 2, 10-12).

“Um Messias Senhor”…”envolto em panos e deitado numa manjedoura”? Isto é uma contradição: se era “Senhor”, então tinha de nascer como um imperador (a quem se dava o título de Senhor): não “envolto em panos”, como um bebé qualquer, nem muito menos num lugar destinado a animais.

Mas é exactamente assim que Ele manifesta a sua soberania de Messias Salvador, o único capaz de instaurar um reino de paz. Enquanto o imperador romano manifestava o seu poder através de um recenseamento, cujo objectivo era obter mais impostos dos povos que explorava, o Menino de Belém vai reinar através da solidariedade, do desprendimento, em favor daqueles que, quando nascem, são simplesmente envoltos em panos e não têm mesmo onde ser reclinados, senão numa manjedoura.

É assim que nasce a verdadeira paz, aquela que o coro celeste canta, num hino que perdura até hoje: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados” (Lc 2,14). A paz que nos oferece o Messias Menino nasce do amor, de que só Deus se pode gloriar: o amor que Ele faz crescer no coração de quem, pela fé, a Ele se une e lhe dá glória. Seremos nós?

3. O Natal dos cristãos

Se o Salvador já veio, se Ele é o Messias que Isaías profetizou, e o Anjo proclamou ter nascido em Belém, como é que são ainda tão densas as trevas no mundo? Que fazer para as dissolver? Como agir, para que a paz reine no coração dos homens e os una no amor? O caminho é-nos indicado por S. Paulo, na segunda leitura da Missa da Meia-noite de Natal:

“Manifestou-se a graça de Deus, fonte da salvação para todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos, para vivermos no tempo presente, com temperança, justiça e piedade, aguardando a ditosa esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo, que se entregou por nós, para nos resgatar de toda a iniquidade e preparar para si mesmo um povo purificado, zeloso das boas obras” (Tit 2,11-14).

É na “graça de Deus”, que teve a máxima manifestação na entrega da vida de Jesus Cristo por nós na cruz, é nessa graça que brilha a luz que pode conduzir a humanidade à verdadeira paz: a que se alcança pela “temperança, justiça e piedade”, componentes imprescindíveis do amor, aquele que se realiza nas “boas obras”.

Contemplemos e adoremos este Deus que se tornou presente entre nós no “Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura” e ficou para sempre connosco, quando Ele “se entregou por nós” para nos resgatar de toda a iniquidade. Confiemo-nos a Ele, e a sua graça tornar-se-á visível, palpável em nós: na entrega por tantos ‘meninos’, muitos dos quais sem panos, nem manjedoura, por causa de tanta “impiedade” e “desejos mundanos” que ainda reinam em tantos corações.

São esses seres frágeis e pobres que devemos colocar no presépio da nossa vida: semelhante ao que, com as crianças vamos montar nesta catequese. Elas precisam de descobrir que o verdadeiro Natal é aquele em que o amor do Menino Deus que deu a vida por todos nasce nos seus corações

OBJECTIVOS

– Reconhecer que todos temos uma família.
– Descobrir que Jesus também teve uma família que O acolheu.
– Fazer festa no Natal, celebrando o nascimento de Jesus.

OBSERVAÇOES PEDAGÓGICAS

A criança gosta de tudo o que tem vida, e, por isso, gosta de toda a festa, em que canta, dança, joga, com a família e os amigos.

A festa que habitualmente mais aprecia é a do Natal. Há nela um quê de mágico, que lhe prende o coração. Os sinais de festa, tão do seu agrado, estão por todo o lado e com muita intensidade. Além disso, a sociedade apresenta-a em especial, como festa das crianças. Estas vêem-se envolvidas por cores e luzes, lendas e histórias e um sem número de brinquedos.

Estes motivos de alegria são importantes para a criança, mas não se pode ficar por aí. O Natal não é só isto. O Natal é Jesus, vivo e presente no meio de nós. E, talvez melhor do que ninguém, a criança pode aperceber-se de que o Natal de Jesus é o de uma criança que veio para que a ninguém falte o amor e a dignidade.

Quando bem acompanhadas e formadas, as crianças, nesta idade, têm uma enorme capacidade para a dádiva de si e das suas coisas. Mesmo com dor, chegam a renunciar ao seu brinquedo preferido, para o dar a crianças que pouco ou nada têm.

Para esta catequese, podem convidar-se também os pais. Se não puderem participar a tempo inteiro, que ao menos, quando vierem buscar os filhos, se lhes dê oportunidade de tomar parte no convívio de um pequeno lanche partilhado.

Que tudo se prepare de acordo com as possibilidades da paróquia e do grupo. Mas, que não se descure, apenas porque dá trabalho. Se necessário e possível, prolongue-se um pouco mais o tempo da catequese. Os pais compreendem e, geralmente, aceitam muito bem, desde que informados e preparados.

Antes da entrada na sala, pode fazer-se um jogo, que lembre a figura do pai- natal. Mas, não se fique por aí. Interessa, sim, que, partindo do que a sociedade mais oferece à criança, ela possa descobrir, no decurso da catequese, que o centro desta festa é o Menino, nascido de Maria.

MATERIAIS

– Bíblia;
– Papel de cenário (para desenhar o pai natal);
– Árvore de natal (pode ser artificial) ou um ramo que se assemelhe;
– Enfeites vários;
– Dístico: “Deus connosco”; “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados”;
– Imagens para o presépio;
– Caixinhas ou outro símbolo, com mensagem de Natal para cada criança;
– Um coração (ou mais, se forem muitas as crianças).

MÚSICAS

– “Noite feliz”;
– “Olhei para o céu”;
– “Glória in Excelsis Deo”;
– “Senhor, para Ti o meu coração”;
– Ou outras, alusivas ao Natal.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *À hora de começar a catequese, a sala já está preparada. Não se enfeite demasiado e evite-se tudo o que não seja alusivo ao Natal, como sejam serpentinas, balões, etc..Haja o cuidado de deixar um lugar de destaque para o presépio.*

Enfeite-se também uma pequena árvore de natal. Por debaixo dela, coloquem-se pequenos presentes, caixinhas ou outro símbolo, com breves mensagens de Natal para cada criança. Outros presentes são para oferecer a Jesus, Maria e José: respectivamente, uma pequena caixa com uma manta pequenina, para cobrir o menino, e a imagem de um coração; uma caixa com um raminho de flores; uma caixa com pequenos pedaços de madeira.

1ª Alternativa

Grupo grande

Jogo: O Pai Natal Maluco

Preparação: *Desenhar um pai natal em papel de cenário ou outro. Depois, recortar as diversas partes: cabeça, tronco, cada membro e as barbas.*
Na parte de trás de cada peça, afixar uma fita autocolante ou outro material aderente. Numa parede afixar um pedaço de papel de cenário em branco, para aí colar as partes do pai natal. Ou, então, utilizar a própria parede, se reunir condições.

Número de participantes: *Tantas crianças, quantas as peças em que se dividiu o pai natal – 6 ou 7. As restantes formam a claque que anima mais o jogo.*

Duração: *cerca de 10 minutos*

Regras de funcionamento: *na folha de papel em branco afixam-se, ao meio, as partes do pai natal e convidam-se as crianças que vão jogar a observá-lo bem. Diante delas, voltam a retirar-se as peças. De seguida, tapam-se os olhos a cada criança e dá-se-lhes uma peça. Terão de identificar a peça que lhes coube. Depois, começando pela criança que tem a "cabeça", cada uma vai colar a peça que tem. Porém, é entre elas que têm de decidir qual a peça seguinte a ser afixada.*
O catequista e, em especial, as outras crianças podem dar indicações (acima; abaixo; não é aí…).

As crianças, ao participarem, dão provavelmente orientações menos exactas do que as do catequista, mas tornam o jogo mais vivo e divertido.
No final o catequista estabelece um breve diálogo com as crianças, procurando informar-se sobre a importância da figura do pai natal na sua vida e na dos seus familiares.

Após o jogo:
Quando as crianças entram na sala, ao som de música natalícia, o catequista deixa que elas observem e comentem as diferenças que notam. Depois, continue com estas ou outras palavras:

A nossa sala está diferente! Porque será? – Porque é Natal!

2ª Alternativa

Grupo pequeno
Preparar a sala, como se propõe antes da 1.ª alternativa.

Jogo: Os Carimbos de Natal

Material: *presépio, anjo, pinheiro, enfeites, pai natal, boneco de neve, prenda, etc.*

Finalidade: *através da escolha dos "carimbos" de que as crianças gostam mais, o catequista pode perceber um pouco a caminhada interior de cada uma e o que é para ela o Natal.*

Regras de funcionamento: *cada criança escolhe um máximo de 4 carimbos diferentes e faz com eles um desenho sobre o Natal, numa folha A4.*
Acabado o desenho, cada criança mostra-o e diz a razão da sua preferência. No final, vê-se qual o carimbo mais escolhido.
O catequista ajude a identificar os símbolos mais alusivos ao Natal de Jesus.

2. *(Qualquer que seja a alternativa, o encontro pode continuar assim:)*
Temos a sala enfeitada, porque estamos perto do Natal!
O Natal não é a festa do "pai natal", mas a do nascimento do Menino Jesus. Por isso, é tão grande e bonita. E porque será que o nascimento de Jesus é assim tão importante?

II. PALAVRA

Quem se lembra de que falámos aqui na semana passada? *(ouvir as crianças)*

1. Falámos de Maria, de um encontro que ela teve com um Anjo enviado por Deus. Quem quer contar o que o Anjo anunciou a Maria? *(ouvir as crianças)*

Isso mesmo. O Anjo disse a Maria que Deus a tinha escolhido para ter um Filho, que é Filho do próprio Deus!

Passaram-se nove meses. E o que é que aconteceu? Alguns de vós talvez já saibam, mas outros talvez não ou não saibam tudo. Então eu vou contar, como vem aqui na Bíblia. **Lc 2, 1-11**

Pode contar-se como uma história, ser encenada ou proclamada a partir da Bíblia. Sendo contada pelo catequista, mantenha a Bíblia aberta no lugar referido

Nessa altura, quem mandava na terra de Maria e José era o imperador de Roma. Era um homem pouco amigo de Deus e das pessoas.

Para arranjar mais dinheiro, mais impostos, ordenou que todas as pessoas fossem dar o nome à terra onde tinham nascido. José e Maria viviam em Nazaré, mas José tinha nascido em Belém. Era uma longa viagem, de Nazaré a Belém, sobretudo para Maria que estava à espera que Jesus nascesse. Mas lá foram.

Chegaram a Belém, precisamente na altura de Jesus nascer. José procurou logo lugar numa casa, mas não encontrou. Estava tudo cheio. Tiveram que ficar numa gruta, onde se abrigavam os animais.

Foi aí que nasceu o Menino Jesus. Depois de nascer, envolveram-no em paninhos, que eram as fraldas que então se usavam. Depois deitaram-no numa manjedoura, isto é, no sítio onde se deita a palha para os animais comerem.

Como vemos, Jesus, o Filho de Deus, nasceu pobre, mas no meio de muita, muita alegria. E como é que a gente sabe isso? Ouçam.

Não muito longe daquela gruta, andavam uns pastores, com os seus rebanhos. Era de noite. Mas eles, de repente viram uma luz muito forte e apareceu-lhes um Anjo. Ficaram muito assustados. O Anjo disse-lhes: "Não tenhais medo! Hoje, na cidade de Belém nasceu-vos um salvador, o Filho de Deus. É o Messias, isto é, aquele que Deus envia à terra e que todos muito desejam. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura."

De repente, os pastores viram muitos outros Anjos a juntar-se ao que lhes tinha dado a grande notícia. E, todos juntos, cantavam: "Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens por Ele amados!"

Estão a ver: até os Anjos do Céu vieram cantar. Não era para menos. Era o Filho de Deus que acabava de nascer. Deus, dá-nos o seu Filho! Tão bom que Ele é!

2. Querem saber o que aconteceu por causa disso?

Jesus ficou conhecido também por um outro nome. Sabem qual é? *(o catequista afixa e depois lê, calmamente, o dístico:)*

"Deus connosco"

(Deixa contemplar e depois comenta:)

Jesus é mesmo Deus connosco! Foi Deus que quis que Ele se chamasse também assim. Mostra como Jesus é muito, muito importante para nós. Foi o melhor que Deus nos podia dar!

III. EXPRESSÂO DE FÈ

1. Foi mesmo lindo o nascimento de Jesus, o Deus connosco, não acham?

Que pena não podermos lá estar, para nos juntarmos à festa. Não gostavam?

Mas nós podemos juntar-nos hoje. A nossa sala até já está quase toda preparada. Já está muito bonita, mas ainda falta alguma coisa. Ora reparem bem.

O que é que falta e, que nós podemos fazer, para nos lembrar como foi o nascimento de Jesus? (*As crianças notarão ou já notaram que falta o presépio.)*

Falta o presépio!

Vamos construí-lo?

O presépio é muito importante, porque nos pode ajudar a festejar o nascimento de Jesus. É que o presépio é composto por imagens das pessoas que estiveram lá, quando Jesus nasceu.

(Levar num cesto as imagens do presépio, mas sem a do Menino)

Mas vamos colocá-las, só quando for a vez de cada uma.

Comecemos pelo livro que nos conta o nascimento de Jesus. Como se chama? – A Bíblia.

Sem a Bíblia, nós nunca saberíamos como tudo aconteceu. *(Pousa-se a Bíblia, aberta, junto ao lugar onde vão colocar a manjedoura).*

Maria estava grávida	*Imagem de Maria, de um lado do lugar da manjedoura*
"Partiu com José para Belém"	*Imagem de S. José, do outro lado da manjedoura*
"Entraram na gruta para animais"	*Burro, vaca, ovelhas …*
"Também tinha uma manjedoura**"**	*Manjedoura, entre Maria e José e perto da Bíblia*
"E Maria teve o Menino Jesus**"**	*Catequista ou criança, se possível vestida de Anjo, traz a imagem do Menino. Entretanto todos cantam ou escutam:*
Cântico: "Noite Feliz"	*Imagem do Menino na manjedoura*

Mas, deram-se ainda mais acontecimentos, depois do Menino nascer. Vamos recordar:

"Nos campos andavam pastores a guardar os rebanhos"	*Coloca-se pastores e ovelhas*
"Apareceu-lhes um anjo"	*Coloca-se o Anjo (por cima da gruta)*
"Uma multidão de Anjos canta "Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens por Ele amados!""	*Coloca-se o dístico por cima da gruta ou noutro lugar de destaque (se possível ao som da música natalícia)*

Que bom! O nosso presépio está pronto, já podemos festejar. Vamos fazê-lo com uma canção.
Querem pôr-se de pé, para cantar (ou ouvir)
(Podem-se utilizar-se instrumentos musicais)

Cântico: ***"Olhei para o céu"***.

2. *(Depois do cântico, o catequista continua:)*
Gostam do nosso presépio? Ele está, de facto, muito lindo!:..

Mas, ainda lhe falta uma coisa. Ou melhor, alguém. Quem é capaz de adivinhar quem lá falta?

Deixar que as crianças se exprimam. Se falarem, por exemplo, nos Magos, dizer que isso tem de ficar para outra altura: eles não chegaram logo a seguir ao nascimento de Jesus. Em vez disso, o catequista refira:

Quem falta somos nós. Não acham que nós devíamos estar também no presépio?

E como é que nos vamos pôr lá? Têm alguma ideia? *(Deixar que se exprimam)*

Eu tenho uma ideia. Vamos a ver se estão de acordo comigo.

(O catequista mostra uma cartolina recortada em forma de coração e diz:)

A melhor maneira de estarmos junto de Jesus é com o nosso coração. Porque nós gostamos muito dele. Querem lá meter este coração a representar o nosso?

(Depois de colocar o coração em cima da Bíblia ou por detrás da manjedoura ou outro lugar que pareça apropriado, o catequista convida as crianças à oração:)

Querem dizer a Jesus que lhe oferecemos o nosso coração, em sinal do nosso amor?

Então cantem comigo:
"Senhor, para Ti o meu coração"

(Pode cantar-se uma estrofe. No final dizer:)

Haverá mais alguma maneira de mostrarmos a Jesus que o amamos? Há sim. Eu vou mostrar.

3. Cada um de vós vai receber uma prenda. Mas, só depois de todos receberem é que podem abrir.
O catequista distribui por cada criança uma pequena lembrança, por exemplo uma pequena vela em forma de estrela ou outro símbolo de natal com uma mensagem igual para todos. Por exemplo: "Jesus veio para todos. Mas em especial para os que nada têm. Não vos esqueçais deles neste Natal".

O Catequista lê a mensagem e pergunta:
Que podemos nós fazer, neste Natal, pelos mais pobres?

Deixar que as crianças façam as sugestões.
Entretanto o catequista procure orientar para uma finalidade concreta. Podem associar-se a iniciativas da paróquia.
Se se ficar pela iniciativa pessoal ou do grupo, seria bom que os pais se juntassem aos filhos

Jesus quer o nosso coração, para viver nele e fazer dos meninos e meninas pessoas muito boas, que não se esquecem de ninguém, sobretudo dos mais pobres. Foi isso que Jesus fez.

Todos os que estão dispostos a viver ajudar os pobres, neste Natal podem assinar o nome no coração que demos a Jesus. E, para não se esquecerem do que prometeram, levam a mensagem e colocam-na no presépio lá de casa.

As crianças que se dispuserem, escrevem o nome no coração e voltam a colocá-lo no presépio. Se forem muitas as crianças, podem usar-se vários corações.

Como o Menino Jesus deve estar contente! Já estamos a fazer o que os anjos cantaram: a paz entre as pessoas, sobretudo as que mais precisam de amor.

4. Convívio: Agora, vamos festejar uns com os outros, como amigos que somos.

Os catequistas aproveitem o convívio para conhecer melhor os pais presentes. Podem falar-lhes do compromisso das crianças, para as ajudarem na sua realização. No final, podem todos cantar um cântico de Natal em volta do presépio.

Um menino chamado Jesus

2º BLOCO

No segundo bloco, Jesus é apresentado, em primeiro lugar, como um menino que cresce em estatura, em sabedoria e graça: que ama, e é obediente aos seus pais, de modo especial o seu Pai do Céu. Após este contacto com Jesus, as crianças são levadas a vê-lo como o grande Amigo, que nos ama, até dar a vida por nós, e nos revela o modo de comunicar com Ele e O amar.

Na parte final, são convidadas a ver e a viver em comunidade a Páscoa, como a festa que celebra a ressurreição de Jesus.

CATEQUESE 11

JESUS TEM VISITAS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **As festas natalícias**
   A alegria do nascimento de Jesus invade os corações dos homens. Tudo respira ainda festa. Nas casas, nas ruas e nas igrejas a celebração do Natal deixou um sinal de felicidade e de esperança. A paz parece ter encontrado a sua morada entre nós e construído a sua casa no mundo. Todos nos alegramos com a Boa Nova que irradia do presépio.

2. **O Natal de Jesus**
   O mesmo aconteceu quando Jesus nasceu. Pouco depois do seu nascimento, o Menino de Belém encheu de alegria aqueles que ousaram pôr-se a caminho para o visitar. Sim! Tal como qualquer recém-nascido, também o Menino Deus teve visitas.

   Os primeiros a visitá-lo foram os pastores:
   "Quando os anjos se afastaram deles em direcção ao Céu, os pastores disseram uns aos outros: «Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer». Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura" (Lc 2, 15-16).

   Quem primeiro descobre Jesus são os pastores, homens pobres e humildes que, ainda surpresos e maravilhados, reconhecem naquele Menino recém-nascido o Messias há tanto esperado, o Salvador do mundo! Deus fez-se homem na pobreza da manjedoura de Belém e foram os pobres e humildes de coração os primeiros a visitá-lo e a adorá-lo.

   Mas, os pastores não foram a única visita do Menino Jesus. Também os Magos se encheram de alegria com o nascimento do Salvador e quiseram visitá-lo:

   "Depois de ter ouvido o rei, os Magos puseram-se a caminho. E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o Menino, parou. Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria; e, entrando na casa, viram o Menino com Maria, Sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra." (Mt 2, 9-11)

Seguindo a luz que indica o caminho, a luz que irradia de Jesus Cristo, Deus feito homem, estes Magos de nações diferentes e distantes representam, de forma simbólica, todos os povos pagãos. A Boa Nova do nascimento do Salvador, não é só para alguns. É para todos os homens e mulheres que ousaram e ousam acreditar que Cristo é o Messias, o Filho de Deus. Os Magos representam os *povos pagãos*, que vêm adorar aquele que é rejeitado pelo poder político e religioso do *povo judeu*.

Também eles levam presentes ao Menino: ouro, incenso e mirra. Presentes que simbolizam as dádivas de todos os povos ao Messias esperado e que são também símbolos da realeza (ouro), da divindade (incenso) e da humanidade sofredora (mirra) de Jesus Cristo.

3. Viver o Natal

Os Magos e os pastores representam aquela minoria (o fermento que leveda toda a massa) dos que, atentos à promessa de Deus, a esperam com toda a confiança. Por isso, não se deixam influenciar nem intimidar pelos poderes instituídos. Não se preocupam com questões de indumentária, raça, influência, estatuto ou religião, mas em colocar todo o seu ser na busca da verdade e do bem. São os que estão totalmente abertos para acolher a Boa Nova. Para tal, arriscam ir ao encontro do Senhor, perdem o medo e avançam. Os pastores e os Magos representam, acima de tudo, todos os que neste mundo andam à procura de Deus com um coração humilde e generoso.

E nós? Não será que nos esquecemos, muitas vezes, de percorrer os caminhos da humildade e da verdade que os pastores e os magos ousaram percorrer?

Pensar na visita que Jesus recebeu dos Magos e dos pastores é pensar simultaneamente na visita que também nós queremos fazer-Lhe: uma visita diária, que nos compromete num estar contínuo com Ele, numa aliança de comunhão com Deus e com os homens. Visitar Jesus, é visitar todos os homens e mulheres que o mundo continua a rejeitar. Visitar o Menino no presépio é descobrir o amor de Deus pelos homens, que não nos pode deixar indiferentes àqueles que esperam a visita de alguém que encha de sentido as suas vidas.

No Natal, Deus deu-nos o mais belo e precioso presente – o seu Filho Jesus Cristo, o Amor feito homem. O Amor não é um presente só para nós, um exclusivo de alguns eleitos, é um dom a partilhar: recebestes gratuitamente, pois dai gratuitamente, diz Jesus (cf Mt 10, 8).

Visitar o Menino que, na pobreza e humildade da manjedoura de Belém, inunda de alegria o mundo, é comprometermo-nos em ir ao encontro de todos os homens, levando-lhes o presente que Deus nos deu: o Amor.

OBJECTIVOS

– Recordar que, quando uma criança nasce, recebe visitas.
– Descobrir que também o Menino Jesus teve visitas.
– Reconhecer nas visitas recebidas por Jesus um apelo a visitarmos os outros.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

As crianças apreciam bastante as visitas dos amigos. Gostam de se sentir alvo das suas atenções e interesses. Geralmente, a par de uma visita recebida, *vem mais um presente*. Cedo entram na trama do ter e do receber.

Contudo, também gostam muito de visitar e presentear. É a alteração da rotina que promove nelas o desenvolvimento de todo o seu ser. Estão na idade de começar a perceber a outra dimensão de visitar e ser visitado, agora numa perspectiva de solidariedade; de aprender a ir ao encontro do outro, não apenas de uma forma recreativa, mas de caridade, justiça e mesmo voluntariado, como prevê o compromisso desta catequese.

Aos poucos tem de ajudar-se as crianças a perceberem o que é a justiça social e a tomarem consciência de que delas também depende praticar a justiça: em casa, na escola, na catequese, em toda a parte elas são chamadas a viver em verdade, aprendendo a dar ao outro o que lhe pertence, seja a nível do ter, seja do ser. Com esta catequese, através do testemunho dos pastores e dos magos, pretende-se introduzir a criança na vivência da virtude da caridade e a descobri-la na sua relação com a verdade e a justiça.

Nesta idade, a criança tem abertura para começar a julgar o bem e o mal a partir da sua própria consciência, estando a iniciar um processo psicológico de *consciência moral*. Esta é uma fase muito boa para ajudá-la a formar a sua própria consciência, sem disfarces ou negligências morais. Esta é a idade das acusações: todos os outros fazem e dizem asneiras, menos ela. O catequista ajudará a criança a assumir a sua responsabilidade moral, a aceitar o erro do outro e a perdoar.

Deste modo esta catequese pretende proporcionar os primeiros passos de adesão efectiva à fé e, por isso, abrir a criança ao espiritual. Na medida em que ajudarmos a criança a viver uma autêntica e profunda espiritualidade (cf DGC 177) tanto mais esta aprenderá a viver o *ser* e o *fazer,* como autêntico percurso de missão, onde o respeito por si e pelo outro será a norma máxima.

Aprenderá que ir ao encontro dos outros é, antes de tudo, viver em verdade nas pequenas coisas e acontecimentos do dia a dia, com todos os que estão à nossa volta. Só a verdade nos liberta e não permite exclusões. Aceita a todos e vai ao encontro de todos, tal como o Rei Venceslau que não permitia excluídos no seu reino (cf 1.ª alternativa).

Temos de ir ao encontro de Jesus e descobrir a sua estrela; essa luz que, através da escuta da sua Palavra e da oração, nos leva ao encontro de todos, os de perto e de longe.

Nota para o catequista: *Esta catequese será feita em pleno mês de Janeiro: mês dedicado à Infância Missionária. Tente-se, ao longo deste mês, orientar as catequeses neste sentido. Desenvolvendo nelas as dimensões de voluntariado, solidariedade, caridade e oração.*
Uma vez que esta catequese irá coincidir, mais ou menos, com a semana da Epifania, é importante que o compromisso seja canalizado para atitudes concretas ligadas à missão

(por exemplo; cada criança, na catequese ou em casa, com ajuda de familiares, pode fazer e pintar um postal. Este será exposto no dia da Infância Missionária, para depois serem vendidos. O resultado obtido será enviado para as missões) ou ainda para atitudes de voluntariado com as crianças (por exemplo: organizar uma visita a uma instituição, ou a alguma criança, pessoa ou idoso que gostaria de receber a visita delas).

MATERIAIS

– Imagem dos Magos (para o presépio);
– Coroas de tamanho natural e em cartolina de cor dourada;
– O presépio (como foi construído na catequese anterior – 2ª alternativa);
– Cartolinas recortadas em forma de pequenos corações, uma para cada criança;
– Material para afixar as cartolinas na coroa ou nos corações oferecidos na catequese anterior;
– Dístico: "Deus connosco" (catequese 10).

MÚSICA

– "Os três reis do Oriente".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

*Na **sala** deve estar montado o **presépio**, tanto quanto possível, com as mesmas figuras que tinha no final do encontro anterior, incluindo os corações com os nomes das crianças.*

*O tempo de **acolhimento** na sala pode, ser hoje, mais longo, para que todas as crianças possam contar, como viveram o Natal. Geralmente, gostam de dizer que presentes receberam. O que pode levar uns a uma atitude de competição uns (quem recebeu mais e melhor) e outros de humilhação (receberam menos e/ou pior), etc..*

Para evitar isso oriente-se o diálogo para o essencial, pedindo-lhes que, de tudo o que receberam, digam as duas coisas que consideram mais importantes e porquê. O catequista pode assim conhecer os principais interesses das crianças; a avaliar um pouco a caminhada feita, a nível da fé ao longo do primeiro período.

Para que as prendas não sejam o principal, evite-se começar por elas. Respeitem-se, contudo, as crianças, e dê-se-lhes a saber que terão ocasião de contar tudo mais tarde.

Pontos possíveis para o diálogo:

– *Com quem celebraram o Natal (vivência familiar);*

– *Como e com quem realizaram o compromisso da última catequese;*

– *Onde colocaram a mensagem que levaram;*

– *Se fizeram o Natal de alguém mais feliz, partilhando;*

– *Quem fez o trabalho do catecismo mostrando-o;*

– *De todos os presentes que receberam, quais os dois de que mais gostaram e porquê.*

De seguida, o catequista dá também um testemunho breve de como viveu ou está a viver, o Natal.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Ambas as seguintes alternativas podem ser usadas em grupos grandes ou pequenos.

1ª Alternativa

O **Conto** que se segue pode ser simplesmente narrado pelo catequista, ou pode ser apresentado em teatro de fantoches, de sombras chinesas, ou mesmo de uma encenação. Por ser talvez a forma mais difícil, apresente-se a de **teatro de fantoches**. Os fantoches podem ser bonecos, ou feitos em forma de luva.

Narrador	- Um dia, estava o Rei Venceslau, no seu castelo, sentado à janela, olhando para a neve branquinha que cobria a terra. Apesar do frio cruel, a Lua brilhava, e assim conseguiu ver que um pobre velho, apanhava alguns ramos secos. Mas sem resultado, pois a neve cobria quase tudo.Intrigado por ver aquele velhinho cá fora com tanto frio, mandou chamar o pajem.	
Rei	- Pajem! Pajem! Pajem, meu amigo fiel. Vem cá.	*Chama alto, olhando para dentro da casinha.*
Narrador	- O pajem chegou depressa.	*Chega a correr e faz uma vénia ao rei*
Pajem	- Aqui estou, majestade! Às vossas ordens. Que me quereis?	*Faz gesto de inteira disposição.*
Rei	- Diz-me, sem demora, quem é aquele velhinho com ar tão pobrezinho? Onde é que ele mora, para andar cá fora com tanto frio?	*Ambos olham de longe para o velhinho*
Pajem	- Majestade, é de bem longe este camponês, a sua pobre casa fica junto aos montes de Santa Inês.	*Voltado para o rei*

Rei	- Andar cá fora, a esta hora, a apanhar lenha! É porque vive muito pobre. No meu reino não quero que ninguém passe mal. Oh, não! Quero que tenham tudo o que precisam.- Como não sabia eu deste pobrezinho?- Pajem, meu bom e fiel amigo: traz-me carne, pão e vinho, e lenha para queimar. Vamos já levar-lhe tudo, aquecê-lo e dar de jantar.	*Rei levanta-se, e, enquanto fala, o pajem já está dentro do "castelo" (casinha) a tratar de tudo o que o rei manda…*
Narrador	- E lá foram o rei e o pajem sempre a caminhar, através da noite e do vento a assobiar. A noite estava mesmo muito fria! De repente, o pajem pára e diz:	*Ambos caminham para a frente e para trás da "casinha". O pajem vai atrás do rei.*
Pajem	- Majestade, estou muito cansado. A neve esfria cada vez mais e enterro-me nela. O vento está mais forte. Já mal posso caminhar.	*Parados*
Rei	- Pajem, meu amigo, tu és capaz. Temos de ir ao encontro do velhinho. Vê as pegadas que eu deixo, avança sobre elas que já não te enterras. Perto de mim, não sentirás tanto frio e terás mais confiança.	*Pajem põe-se atrás das costas do rei…*
Narrador	- O pajem seguiu os passos do seu bom rei e em cada pegada sentia um doce calor. E lá chegaram ao seu destino, aos montes de Santa Inês, onde morava o velhinho. Chegando, bateram à porta: truz, truz, truz!O velhinho abriu com medo; mas, ao ver o bom rei, logo o convidou a entrar na sua humilde casa.	*Batem à porta. Velhinho espreita e abre a porta admirado*
Velhinho	- Faça o favor de entrar, Sua Majestade. A minha casa é pobre e não tenho nada para oferecer. Mas pode sentar-se e agasalhar-se do frio. Embora eu não tenha lenha, sempre é melhor que estar lá fora… Que me quereis meu bom rei?	*Velhinho oferece a sua casa…*
Rei	- Para mim, não quero nada, meu bom homem. O que eu quero é que não passes fome nem frio. Nem tu, nem ninguém no meu reino. Por isso, vim trazer-te tudo o que precisas …	*Rei dirige-se ao velhinho*
Narrador	- O Rei mandou-o sentar-se junto à lareira e descansar. Entretanto, o próprio rei acendeu-lhe a lareira, e logo a casa ficou iluminada e muito mais quentinha. O pajem, na cozinha, preparava o jantar.Quando o velhinho já estava quente, sentou-se à mesa e o pajem serviu-lhe o jantar. O rei estava feliz, ao vê-lo tão satisfeito.Então o velhinho muito agradecido, e com um grande sorriso, disse ao rei:	*Pajem serve, o velhinho come… e o rei observa*
Velhinho	- Meu bom rei, se não fosse Vossa Majestade, esta mesma noite teria morrido de fome e de frio. Há muito que não comia e a lenha acabou-se. Como vivo só e já sou velho, não tenho forças para trabalhar.Muito obrigado!	*Velhinho dirige-se ao rei*

Rei	- Não quero ninguém a passar mal no meu reino. Do que eu tiver, quero que o meu povo tenha também. E, logo de manhã, vais comigo para o meu castelo e lá o Inverno ficarás. Meu pajem e eu cuidaremos de ti.	*Rei fala ao velhinho*
Narrador	- E todos muito felizes abraçaram-se.	*Todos se abraçam*

– De que é que gostaram mais?
– O rei Venceslau era bom ou mau?
– Ele preocupava-se mais consigo ou com os outros?
– Por que é que os reis devem ser bons?
– Conhecem algum rei ainda melhor do que Venceslau?

2ª Alternativa

O catequista mostra às crianças uma coroa, relativamente grande (tamanho natural) e de cartolina de cor dourada. Depois diz-lhes:

Quem me sabe dizer o que é isto? *(Deixar que se exprimam)*

E quem é que usa ou usava uma coroa?

Antigamente eram quase só os reis e/ou as rainhas.

E por que é que eles usavam uma coroa?

Para mostrar que eram importantes, que mandavam no seu país… para que as pessoas pudessem ter o que precisavam e viver em paz.

Conhecem algum rei ou rainha? *(Deixar que se exprimam; o catequista pode referir alguns dos mais conhecidos nos países de regime monárquico. Depois continua:)*

Querem saber qual foi o melhor rei que existiu até hoje? *(Depois de se exprimirem, o catequista não comenta as respostas, mas passa para o seguinte:)*

2. *(Qualquer que seja a alternativa, o encontro continua assim:)*
Voltem-se para o nosso presépio. Talvez lá nós consigamos descobrir qual foi o melhor rei que até hoje existiu.
Ele está (quase) tal e qual o fizemos na última catequese. Vejam lá se falta nele alguma coisa do que lá colocámos…
Não falta nada pois não? Estão lá o Menino Jesus, Nossa Senhora, S. José, os pastores… e até lá estamos nós. Lembram-se de que modo? *(Deixar que se exprimam)*

Isso mesmo: no coração. Até estão escritos (alguns de) os nossos nomes.

Mas, se virem bem, o presépio não está ainda completo…

Além da visita dos pastores Jesus teve mais visitas. Foi visitado por umas pessoas que vieram de muito longe, para O ver e adorar. Sabem quem foram? Os Magos, vindos do Oriente.

Por isso é que nós não os pusemos lá, quando construímos o presépio.

Eles não chegaram logo, logo a seguir ao nascimento de Jesus.

Hoje já podemos ver como e quando é que eles chegaram. É uma história muito linda, que possivelmente alguns de vós já conhecem. Mas, mesmo assim, vale a pena ouvi-la outra vez, é tão linda!

Querem ouvir?

Até porque queremos, pôr no presépio também os Magos. Foi tão importante a sua visita, que vem escrita no Livro da Palavra de Deus.

II. PALAVRA

1. ***Mt 2, 1-12*** *pode ser lido ou, de preferência exposto como se apresenta a seguir. Convém que os intervenientes tenham a Bíblia aberta e leiam de lá uma ou outra palavra. Pode ainda usar-se um diaporama, vídeo, DVD ou CD-ROM, por exemplo: "Era uma vez – O Menino Jesus".*

Narrador – Jesus nasceu numa pequena cidade chamada Belém. Nesse tempo, era governada por um rei chamado Herodes. Era vaidoso e egoísta; só pensava nos seus interesses e queria reinar sempre e a todo o custo.
. Algum tempo depois do nascimento de Jesus, chegaram à capital, a cidade de Jerusalém, uns Magos vindos de longínquos países do Oriente. Vinham guiados por uma estrela. Mal chegaram perguntaram:
Onde está o Rei dos Judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l'O.

Narrador – Depressa a notícia chegou ao rei Herodes que ficou muito preocupado. Mandou chamar os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei e perguntou-lhes onde deveria nascer o Menino que os reis magos procuravam. Eles responderam;

Sacerdotes e doutores – Em Belém, pequena cidade da Judeia, pois assim foi escrito por um profeta.

Narrador – Herodes ficou com medo que o Menino pudesse de verdade vir a ser rei e lhe tirasse o trono. Então, chamou em segredo os Magos e pediu-lhes informações exactas sobre a data em que a estrela que eles seguiam lhes tinha aparecido. Depois, enviando-os a Belém, disse-lhes:

Herodes – Ide e informai-vos muito cuidadosamente acerca do Menino; e depois de O encontrardes, vinde comunicar-me para eu ir também adorá-l'O.

Narrador – Depois de terem ouvido o rei Herodes, os Magos puseram-se a caminho e eis que a estrela que tinham visto aparece de novo. Ao ver a estrela sentiram imensa alegria. Seguiram-na, e a estrela guiou-os até ao lugar onde Jesus estava.
Entrando, viram o Menino com Maria sua Mãe e José. Ajoelhando-se, adoraram-n'O e, abrindo os seus cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.
Nessa mesma noite, enquanto dormiam, um Anjo avisou-os em sonhos que não voltassem a Jerusalém, ao palácio do rei Herodes. Então, os Magos regressaram à sua terra por outro caminho.

2. *(Depois da proclamação ou narração, o catequista orienta a seguinte reflexão:)*

Então, gostaram da história? Vamos conversar um bocadinho sobre eles, antes de metermos os Magos no presépio. Está bem?

Alguém me sabe dizer o que faziam os Magos? *(Deixar que se exprimam. É possível que as crianças digam logo que eram reis. Mas o catequista realça o seguinte:)*

Os Magos eram pessoas que estudavam as estrelas. Como sabem, as estrelas não são todas iguais. Há umas que brilham mais do que outras. Ora, uma noite, a noite em que Jesus nasceu, aqueles Magos, mesmo muito longe, viram aparecer no céu uma estrela muito brilhante e chegaram à conclusão de que deveria ter nascido uma pessoa muito importante em qualquer ponto da terra. Deixaram-se guiar pela estrela e foi assim que chegaram a Jerusalém, a capital do país em que nasceu Jesus

E o rei Herodes? Será que ele queria mesmo ir adorar Jesus ou estaria a preparar uma armadilha para O matar, com medo de que Ele se tornasse rei no seu lugar.*(Deixar que se exprimam)*

Herodes era mau. Por isso o que ele queria era mesmo matar Jesus. Ainda bem que Deus avisou os Magos para voltarem por outro caminho.

E os Magos?...

Então vamos meter os Magos no presépio. *(Pode ser feito por três crianças, seguindo as orientações do catequista. Depois pergunta:)*

Ainda se lembram o que é que eles ofereceram a Jesus? *(Ouvir as crianças)*

Incenso, ouro e mirra eram prendas muito, muito caras. Só se ofereciam a pessoas muito importantes. E Jesus merecia aquelas prendas? *(Deixar que se exprimam)*

Olhem ali para o quadro/placar. Ainda lá está escrito "Deus connosco". Quer dizer então que nunca houve ninguém na terra tão importante como Jesus. Por isso é que os Magos se ajoelharam *(assim – o catequista pode exemplificar)* diante d'Ele e Lhe ofereceram prendas tão valiosas.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Ainda se lembram de eu vos ter perguntado: quem foi até hoje o melhor rei em toda a terra? Não foi Herodes, pois não?
Então quem terá sido? Olhem bem para o presépio. Quem é a pessoa mais importante lá? *(Deixar que se exprimam).*

É Jesus. O que os Magos lhe ofereceram só se oferecia aos grandes reis. Quer dizer que eles descobriram que Jesus era de facto o maior rei.
Teremos ocasião na catequese, de aprender muitas coisas acerca de Jesus. E veremos que Ele, de facto, foi o melhor rei. Tanto bem que Ele fez…Sobretudo aos mais pobres. (Muito mais que o rei Venceslau. O rei Venceslau, se foi tão bom, foi porque aprendeu de Jesus).

2. *(Para a 2ª alternativa da experiência humana:)*
Se Jesus é o maior rei, não acham bem que Lhe entreguemos a coroa que aqui temos? *(O catequista em silêncio e com dignidade coloca a coroa, por exemplo, por detrás da manjedoura e deixa contemplar).*

(Para todos:)

Que poderemos nós (ainda) oferecer a Jesus nosso Rei? Como não temos ouro nem outras coisas preciosas, há uma outra coisa que podemos oferecer e que agrada muito mais a Jesus. É o nosso coração, cheio de amor para com todos.

Querem fazer isso? Então vamos fazer assim: cada um de vós vai desenhar num coração o que fez de bom neste Natal ou aquilo que quer fazer. De acordo?

(O catequista distribui por cada criança uma cartolina em forma de coração e dá-lhes uns minutos para fazerem os desenhos. No fim convida-as à oferta do seguinte modo:)

Estão prontos? Então vamos fazer assim: primeiro, vamos colocar o coração que desenhámos nas nossas mãos abertas e estendidas para o Menino Jesus *(o catequista exemplifica)* e diremos todos, umas palavras a Jesus. Depois, cada um vem aqui colocar o seu coraçãozinho junto de Jesus e depois de o entregar dá um beijinho à imagem do

Menino Jesus. Enquanto vão oferecendo os corações cantaremos: "**Senhor, para ti, o meu coração**".

Então ponham-se todos de pé, … coloquem os corações nas palmas das mãos… e digam depois de mim:

Ó Jesus, recebe o meu coração,
como recebeste os presentes dos Magos.
Faz que o meu coração seja bom como o teu.

O catequista pode ir afixando os "corações" oferecidos pelas crianças ou na coroa antes oferecida (2ª alternativa) ou nos corações grandes oferecidos na catequese anterior. Para isso precisará da ajuda de outro(s).catequista(s). Convém também que seja ele a segurar a imagem do Menino Jesus para que as crianças a beijem mais facilmente.

Podem cantar-se várias estrofes do cântico: "Senhor, para ti, o meu coração". No final podem, todos em conjunto, repetir a oração feita atrás. De qualquer modo, o catequista convida as crianças a rezá-la em casa, com a ajuda dos pais ou outro educador, servindo-se para isso, do texto que vem no catecismo.

CATEQUESE 12

JESUS CRESCIA COMO NÓS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O dinamismo do crescimento humano

Todo o ser humano nasce, cresce e desenvolve-se, no meio dos outros e na sociedade. Acontece de um modo mais rápido e intenso durante a infância e a adolescência, com um desenvolvimento particularmente visível no foro físico e psíquico.

Mas, mesmo passada essa fase, ser humano algum pode parar no seu crescimento. Também neste campo se pode aplicar o provérbio: "parar é morrer".

De facto, a vida só é vida enquanto se desenvolve, se renova, cresce. É uma necessidade inerente à nossa matéria.

Tão importante como isso, é que o crescimento seja equilibrado e integral.

Não basta desenvolver-se no foro físico. Precisa de ser acompanhado pela contínua aquisição de conhecimentos, que permitam uma boa relação com o próprio, os outros, a natureza… E precisa, não menos, de ser alimentado por uma contínua relação com o Outro: o Deus de quem procede toda a vida… pela fé.

É nisto que é exemplar o crescimento de Jesus.

2. O crescimento humano do Filho de Deus

Aquele Menino, que no Natal contemplamos deitado na manjedoura, com o passar do tempo, cresceu, como qualquer menino do seu tempo:
"Depois de terem cumprido tudo o que a Lei do Senhor determinava, regressaram à Galileia, à sua cidade de Nazaré. Entretanto o Menino crescia e robustecia-se, enchendo--se de sabedoria e a graça de Deus estava com Ele" (Lc 2, 39-40).

Não temos muitos dados bíblicos sobre a infância de Jesus. Sabemos que, como qualquer primogénito Judeu, foi ao Templo de Jerusalém para ser apresentado ao Senhor (cf Lc 2, 22-23). Sabemos ainda que Maria e José tiveram que fugir para o Egipto, pois o rei Herodes mandara matar todos os meninos até dois anos de idade (cf Mt 2, 13-17).

Sabemos também que, aos doze anos, por ocasião da Páscoa Judaica, foi com Maria e José a Jerusalém e lá se perdeu, entre os Doutores da Lei, a ouvi-los e fazer-lhes perguntas (cf Lc 2, 41-49).

Estes acontecimentos, que marcam a infância de Jesus, são um sinal de que Ele afinal era um Menino diferente, e são já um anúncio da sua missão. É o Filho de Deus, o Salvador da humanidade, que veio ao mundo para dar a sua vida pela salvação dos homens. Exemplo disso é a atitude do velho Simeão no momento da apresentação no Templo. Tendo pegado em Jesus Menino nos seus braços, pronunciou estas palavras proféticas:

"Agora Senhor, segundo a tua Palavra, deixarás ir em paz o teu servo, porque meus olhos viram a salvação que ofereceste a todos os povos, luz para se revelar às nações e glória de Israel teu povo" (Lc 2, 24-32).

Mas, mesmo assim, o Menino cresceu e fez-se homem, como qualquer outra criança:

"Depois, desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2, 51-52).

Teve uma família que o amou e educou. Uma educação exemplar, pelo seu equilíbrio e integridade: não apenas em estatura física e em conhecimentos humanos e religiosos, mas também na graça divina, essencial para a sua relação com Deus e com os homens. Uma vida verdadeiramente feliz.

E será assim que, pelos trinta anos, começará a anunciar a Palavra de Deus, escolherá os Doze, será seguido por multidões sequiosas de Verdade e Salvação. A cada passo, confirmará a sua missão messiânica com os sinais do poder divino: restituirá a vista aos cegos, curará os doentes, ressuscitará os mortos… Isto é, ajudará outros a despertar e crescer para uma vida equilibrada e integral, uma vida feliz.

3. Crescer sempre

Como Jesus, também nós crescemos. Com Ele, podemos aprender a crescer felizes.

Jesus cresceu no seio duma família que era uma comunhão de amor. Os seus pais amaram-no muito e ensinaram-no a caminhar por si próprio. Ensinaram-no a ter uma fé viva, a ser temente a Deus, solidário e comprometido com os problemas do povo. Ensinaram-no, com o seu exemplo, a ter uma atitude permanente de respeito e serviço aos demais. Ensinaram-no a crescer no conhecimento e amor a Deus, servindo ao próximo.

Aos doze anos, procurou aprender mais, ficando no Templo. Escutava com interesse os ensinamentos dos sábios e interrogava-os aberto aos desígnios e à vontade de Deus a

seu respeito. Maria e José, por vezes, não o entendiam, mas respeitavam-no e sempre o amaram.

Assim, uma família unida, como a de Jesus, é o presente mais maravilhoso de que cada um de nós pode desfrutar.

OBJECTIVOS

– Descobrir que crescer é bom e nos faz felizes.
– Tomar consciência de que Jesus também cresceu como nós.
– Dar graças a Deus por crescermos à semelhança de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Nesta idade, a criança por vezes conhece regressões psicológicas, em que adopta atitudes demasiado infantis, tendo posturas que já não estão de acordo com a sua idade. Geralmente são passageiras. Revelam o medo de crescer, face às exigências que o mundo lhe pede. O colo, que em muitos casos vê agora ocupado por um irmão mais novo, os mimos de quando era bebé, são ainda uma recordação muito próxima.

Por um lado, sente-se feliz por estar a crescer. Mas, por outro lado, constata que crescer exige sacrifícios ao seu corpo, ao seu afecto e à sua vontade. Mas estes sacrifícios são também autênticos desafios. Ultrapassadas e vencidas as dificuldades, sobretudo se estimulada e elogiada, a criança sente-se protagonista do seu próprio processo de crescimento. Crescer torna-se então uma alegria e um mérito, pois deve-o a muitos esforços que faz, como, por exemplo, deixar de brincar quando tanto lhe apetecia, para cumprir os deveres escolares.

Sente-se vencedora, em muitas circunstâncias, e contente. Com os mais velhos e os adultos, gosta de mostrar que até já ajuda o pai e a mãe. E que até já é capaz de lhes ser útil, em situações mais complicadas.

Está feliz, por já ser maior e por notar que os adultos também estão contentes com o seu crescimento. Mesmo se eles não notam (pelo menos tanto quanto as crianças desejam), fazem-se notar: “Mãe, já chego ao armário da cozinha da avó”. Volta-se para o irmão mais velho e diz: “Já te dou pelos ombros”. “Pai, já sei contar até…” “ Ajudei o meu pai a fazer…”. “Hoje, na escola, a professora deu-me uma bolinha verde…”; “ajudei o meu bisavô a calçar os sapatos”. Que orgulhosa está a criança. Sente-se a crescer em tamanho e inteligência. Já é mais *sábia*.

Também os pais se sentem felizes e têm orgulho em mostrar aos amigos o filho mais crescido. Ficam satisfeitos, quando familiares e amigos elogiam o crescimento e a educação deles.

O crescimento harmonioso da criança terá de se dar simultaneamente a quatro níveis: físico; intelectual; moral e espiritual. Os adultos muitas vezes esquecem os dois últimos

níveis: o espiritual e, tantas vezes, o moral, dando, prioridade às duas primeiras dimensões. Sem o saberem, muitos estão a truncar o desenvolvimento integral da criança.

Nesta catequese pretende-se ajudar crianças e pais a perceber que crescer não é apenas uma questão física e intelectual. Crescer é uma questão de *sabedoria* e, por isso, crescer é também sinónimo de *desenvolvimento da sabedoria*.

MATERIAIS

– Painel da catequese 8 para o Jogo das medidas (2ª alternativa);
– Canetas de cor (2ª alternativa);
– Toalha; Margarina ou manteiga; Pão (grande); Jogo do pão (3ª alternativa – ver em anexo);
– Cartaz: "A minha família e quem me ajuda a crescer";
– Imagens:
– Jesus em criança (cerca de sete anos);
– Maria (a trabalhar);
– José (a trabalhar);
– Avô – Joaquim;
– Avó – Ana;
– Dísticos: "Quero fazer tudo o que Deus Pai quer que eu faça!"; "Estatura".

MÚSICA

– "Já fui pequenino".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1.

1ª Alternativa

Grupo grande

Jogo: Adivinha a Profissão

Todos sentados, formam uma roda. O catequista, antes de propor o jogo, pede, a cada um que, se souber, diga qual é a profissão do pai e da mãe, ou de outra pessoa lá de casa de quem goste muito.

Quem quer fazer um jogo? É o jogo das profissões!

Metade dos meninos ficam na sala e a outra metade vai para fora. Mas, ninguém fica atrás da porta a escutar. Posso confiar?

Depois de saírem o catequista combina com as outras crianças, que ficaram na sala, a profissão que vão imitar, mas sem palavras, só com gestos e sons. (Que sejam as profissões dos pais, das mães, etc.). Entra uma das crianças de fora. O catequista pergunta:

– N : - Vê se consegues adivinhar qual é a profissão que vamos imitar!

O grupo da sala imita a profissão combinada. Vão dando uma ajuda para a criança acertar. Logo que o consiga, batem-se palmas e chama-se outra criança, que fará o mesmo da anterior. Depois de algumas profissões acaba o jogo. O catequista conclui:

Que bonito! Sois mesmo muito inteligentes. Vê-se que estão mais crescidos. Já conhecem com facilidade tantas profissões, sobretudo aquela em que o pai e a mãe trabalham. Quando eram mais pequenos, conseguiam descobrir? …

2ª Alternativa

Grupo pequeno

O catequista afixa na parede o papel de cenário com as medidas deles (ver cateq. 8).

Lembram-se deste cartaz? – Foi na catequese "Deus faz-nos a crescer" que o fizemos. Ainda passou pouco tempo desde que tiraram a medida. Vamos ver em que dia foi? (…) Passaram-se só (X) semanas. Vamos ver se cresceram desde então?

Cada criança coloca-se, de costas para a folha, junto ao risco que tem o seu nome, e, com uma caneta da mesma cor utilizada na catequese 8, faz a segunda marca.
No fim, o catequista regista o dia da medição.

Afinal alguns meninos, desde então, já cresceram um bocadinho; outros nem por isso; mas irão crescer mais tarde.
O certo é que todos estão diferentes do dia em que chegaram à catequese.

Que bom sabermos que Deus nos ajuda a crescer!

Será que crescemos só em tamanho? Em que mais podemos crescer? *(Deixar que se exprimam)* Em inteligência, educação e respeito. E isto aconteceu.

2. *(Seja qual for a alternativa, o encontro continua assim:)*

É tão bom crescer, ser útil e responsável! Já sois capazes de tantas coisas! Até já podeis ajudar as pessoas adultas: os vossos pais, avós, professores, catequistas… Tantas pessoas que podeis ajudar. Estão contentes por isso? Então, vamos cantar a nossa alegria por crescermos. Lembram-se da canção "Já fui pequenino"? Então cantemos. Até a cantar, se vê que já cresceram. Que bem que alguns cantam!...

Mas, para crescer todos precisamos da ajuda dos outros. E quem mais nos ajuda a crescer? *(Deixar que se exprimam)* – Em primeiro lugar é a família. Sem a família e os amigos, as pessoas não crescem felizes: são os pais, que cuidam de vós, da vossa saúde, e outras necessidades. Outras vezes são os avós, os tios, os padrinhos, que cuidam de vós. Mas todos gostam de vos ver crescer, de saber o que se passa convosco, na escola, na catequese, com os amigos... Os professores também vos ajudam a crescer, sobretudo em sabedoria.

Querem pensar um bocadinho nas pessoas da família que mais cuidam de vós e vos ajudam a crescer?

O catequista pode, entretanto, escrever no quadro pessoas que mais contribuem para o crescimento das crianças: pais, avós, professores, etc, incluídas no cartaz:"A minha família é quem me ajuda a crescer".

Vejam como todos temos famílias tão parecidas, mas também diferentes. O importante é que todos vos querem ver crescer.

E Jesus? Será que Jesus também teve uma família que o ajudou a crescer? E a crescer em quê? Terá sido como nós?

II. PALAVRA

1. *(O catequista afixa no centro do quadro/placar a imagem de Jesus em criança. Depois diz:)*

Conhecem-no? É Jesus, quando teria mais ou menos a vossa idade.

Agora vamos conhecer a sua família. Alguns de vós já sabeis. Por exemplo, quem era a mãe? *(Ouvir as crianças e afixar a imagem de Maria de um dos lados da de Jesus)*.

Muito bem: a mãe de Jesus era Maria.

E o pai? Não o Pai do Céu, mas aquele que Ele escolheu para cuidar de Jesus. Quem era? *(Ouvir as crianças e depois afixar a imagem de S. José do outro lado da de Jesus).*

S. José. E até está a trabalhar. Sabem o que ele fazia, qual a sua profissão? Era carpinteiro. E deve ter ensinado a Jesus a mesma profissão.

Faltam os avós. Mas só sabemos o nome de dois, os pais de Maria.

Quem sabe como se chamavam? *(Ouvir as crianças e afixar dum lado de Maria a imagem de Ana e do outro a de Joaquim).*

Aqui estão as imagens dos dois avós maternos de Jesus: Ana e Joaquim

Só falta saber o que é que eles fizeram a Jesus para ele crescer.

Sabemos que Jesus nasceu em Belém. Mas não foi lá que viveu. Tal como muitos meninos nasceram numa terra, mas depois os pais vão viver para outra, assim aconteceu com Jesus, que nasceu em Belém. Como os pais ouviram dizer que Herodes o queria matar, então, primeiro fugiram para o estrangeiro para um país chamado Egipto. Herodes não mandava lá e, por isso, não podia fazer mal ao Menino. Mais tarde, quando ouviram dizer que Herodes tinha morrido, voltaram ao seu país e, foram para Nazaré, a terra dos pais de Jesus.

(O catequista pode servir-se de um pequeno mapa o para ilustrar o percurso indicado).

Foi em Nazaré que Jesus cresceu desde pequenino, até se fazer um homem.

E cresceu em quê? Terá sido como nós?...

Querem ouvir como foi? Está aqui escrito na Bíblia.

*(O catequista abre a Bíblia em **Lc 2, 39b-40**, mas lê só na versão que se segue:)*

Então, ouçam com atenção, até para mostrarem que já não são nenhuns bebés. Eu vou ler:
"Maria e José regressaram à sua cidade de Nazaré.
Entretanto, o Menino crescia em estatura".

(O catequista, pode repetir e afixar o dístico: "Estatura" abaixo da imagem de Jesus)

2. Jesus crescia em estatura. O que quer dizer isso? Que vos parece? *(Ouvir as crianças e continuar:)*

Quer dizer antes de mais, que Jesus era como todos os meninos: comia, brincava e dormia. Era isso que o ajudava a crescer em estatura.

E, à medida, que ia crescendo, ia fazendo muitas outras coisas, que ia aprendendo com os pais. Sim, Jesus era, de certeza, muito obediente aos pais e avós.

Portanto, crescia como nós devemos crescer.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Sabem de que me estou a lembrar? Se Jesus, com a vossa idade, vivesse convosco, de certeza que também estava contente por crescer. E era capaz de cantar a canção que há pouco cantámos. Querem cantá-la outra vez, agora a olhar para Jesus? Então, de pé, olhemos para Jesus e cantemos: "Já fui pequenino".

Havia uma outra coisa muito importante que Maria e José ensinavam a Jesus. E que nós também aprendemos, aqui na catequese. Quem sabe o que é? *(Ouvir as crianças e depois afixar o dístico:)*

"Quero fazer tudo o que Deus Pai quer que eu faça!"

José e Maria ensinavam Jesus a conhecer melhor a Deus. Por isso é que Jesus certamente dizia estas palavras: "Quero fazer tudo o que Deus quer que eu faça". Foi assim que Ele se tornou tão obediente aos pais e crescia de um modo tão feliz.

2. Querem pedir a Jesus, que vos ajude a ser meninos bons e que ajude os adultos para vos darem bons exemplos?

Então, de pé, digam as palavras que eu vou dizer:
"Ó Jesus, eu quero conhecer Deus Pai
e pedir-Lhe que me faça crescer como tu. Amen."

ANEXO

3ª
Alternativa

Grupo pequeno
O catequista prepara uma pequena mesa com uma toalha, de preferência branca, e em cima dela coloca um pacote de Manteiga ou margarina.

O que é isto que aqui tenho? Manteiga (margarina)
Quem gosta? – Querem comer um bocadinho? *(A esta questão as crianças vão logo perguntar pelo pão).*
(O catequista com ar de espanto:) Pão? - Querem pão? - Porquê? (…)
Se querem pão?! Então*!...*

(O catequista abre um saco de pão, mas tira de lá algumas espigas. As crianças dirão: "Isto não é pão. Não se pode comer". Ao que o catequista replicará:)

É trigo! Se não fosse o trigo, não tínhamos o pão fresquinho, de que os meninos gostam e que vos ajuda a crescer. Sem o trigo e outros cereais, não haveria pão.
Querem fazer um jogo? O vencedor ganhará um pão.

Acabado o jogo, a criança que ganhar recebe um pão. Mas o catequista pergunta-lhe:

N que pensas fazer com este pão?

Espera-se que a criança diga: "comer com manteiga". Se disser que o faz com todos, muito bem; senão, o catequista terá que canalizar para aí.

O que te faz mais feliz? Comer sozinho o pão que ganhaste, ou esperar pelo fim da catequese e partilhar com os teus amigos o pão com manteiga? (…)
Tu ganhaste o pão, no jogo. É teu! Mas a manteiga que eu trouxe é para todos, porque não fazia parte do prémio… Posso fazer dela o que eu quiser.

Espera-se que a criança partilhe o pão com os colegas. O que será feito no final da catequese.

Gostaram do jogo? Como estão crescidos! Quando eram mais pequenos eram capazes de jogar este jogo? E jogá-lo com respeito?

Estais mais crescidos em tamanho, mas também em inteligência. Quando chegaram à catequese, não sabiam tantas coisas como agora sabem. Têm crescido em tamanho, mas também em inteligência e em amizade. Até são capazes de partilhar um pão uns com os outros.

CATEQUESE 13

JESUS CRESCIA EM SABEDORIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Precisamos de nos identificar uns com os outros**

   Quando uma mãe dá à luz, ainda mesmo antes de se refazer do seu esforço, a sua primeira preocupação dirige-se para o filho. Só quer logo saber se é perfeito e saudável. À boa notícia, segue-se uma grande curiosidade: conhecer todos os pormenores do corpo do seu bebé e todos os sinais. A isso prende-se outra curiosidade: com quem se parece (mais)?

   Há muitos casos em que, logo à nascença, o bebé apresenta traços de semelhança muito nítidos: com o pai, a mãe, um irmão ou, algum familiar mais próximo. É normal: sempre que nasce alguém todos os que lhe estão mais próximos se consolam em descobrir, naquele pequeno ser que desponta para a vida, os traços, as tendências, as semelhanças com este ou aquele.

   Todos gostamos de ter familiares e amigos com os quais nos sentimos ligados, seja ao nível físico, psicológico e mesmo espiritual. Necessitamos de rever a nossa imagem e de a consolidar na imagem daqueles com quem mais nos identificamos. A tentação é disfarçar os nossos defeitos apontando os defeitos dos outros. O mesmo se diga para os dons e qualidades. Encontrá-los nos outros, idênticos aos nossos, desafia-nos e ajuda-nos a crescer. Faz-nos ver não só que não estamos sós, mas também estrutura e consolida a nossa identidade, que é, em parte, herdada dos que nos geraram para a vida.

   Também o Menino Jesus foi alvo da curiosidade dos homens: Com quem seria parecido aquele Menino?

2. **Jesus é *parecido* com Deus seu Pai**

   Com quem seria parecido Jesus? Não sabemos se, fisicamente, era parecido com Maria, e tinha traços dela. A Bíblia não se ocupa disso. Contudo, sabemos, que em Nazaré,

todos O conheciam como Filho de Maria e José: “Não é Ele o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria?” (Mt 13, 55a).

Sabemos que, na sua natureza humano-divina, era um com Deus seu Pai: “Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, de modo que sejam um, como Nós somos Um” (Jo 17, 22).

Nos Evangelhos da Infância, tudo indica que Jesus cresceu e se desenvolveu como qualquer menino, mas, mesmo tempo transparece claramente que, desde a sua concepção, este Menino não é como os outros. É em tudo igual a nós, excepto no pecado (cf Heb 4, 15). Nesse sentido se escreve que “desceu com seus pais e voltou a Nazaré… e crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 51-52).

Aos doze anos, quando vai ao Templo de Jerusalém com Maria e José (Lc 2, 41-49), quase se fica com a sensação de que Jesus se comporta como um adolescente que se apanha sozinho e faz o que quer e bem lhe apetece.

Na realidade, não é isso que acontece. Ao contrário, Jesus revela uma maturidade muito grande. Está na casa do Pai a cuidar das coisas do Pai. Jesus é a criança a passar precocemente para a maturidade, por isso, intervém no discurso dos “grandes”, a propósito de Deus. Por que é que uma criança, que ama a Deus, não pode ter uma palavra a dizer acerca de Deus que seja tão importante como as palavras dos “grandes”? Este rapazinho de Nazaré ensina, então, aos “grandes” muitas novidades acerca de Deus; tantas e de tal maneira, que eles estavam admirados com toda a sua sabedoria, pois desconheciam a razão por que Jesus sabia tantas coisas acerca de Deus.

Aquele Menino, vindo de Deus, era *parecido* com Deus seu Pai. Desde a mais tenra idade os desejos e o querer do Pai eram o querer de Jesus, seu Filho. Deus é seu Pai, e Ele é seu Filho! Daí que os “grandes” tivessem dificuldade em compreender o que saía da boca daquela criança. Eles conheciam suficientemente a Deus, pelo estudo da sua Palavra e pela obediência à Lei. O Menino conhecia Deus como Pai, e na intimidade do coração pela meditação da sua Palavra. Amava a Lei do Pai, tornando-se assim superior à lei dos “grandes”.

Jesus era um menino como nós, mas, ao mesmo tempo, diferente. Na sua liberdade, optou sempre por seguir e fazer tudo e só o que o Amor do Pai lhe indicava.

3. Queremos ser como Tu

E nós, que queremos ser? Na medida em que vamos crescendo em estatura e amadurecendo em sabedoria e inteligência, com quem queremos parecer-nos?

Desde pequenino, Jesus revela ter consciência de que as coisas e as pessoas deste mundo são passageiras. Só o deixam de ser, na medida em que com elas vivemos e convivemos, integrados no projecto do amor de Deus:

"Sua mãe e seus irmãos vieram ter com Ele, mas não podiam aproximar-se por causa da multidão. Anunciaram-lhe: «Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem ver-te.» Mas Ele respondeu-lhes: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática»" (Lc 8, 19-21).

Na medida em que crescemos em estatura, também abandonamos tudo o que é "pequeno", os velhos hábitos da infância, e vamos adquirindo outros, que nos responsabilizam cada vez mais.

Crescer significa também escolher. Na medida em que a criança vai crescendo, vai também começando a fazer as suas próprias escolhas. Temos de saber escolher, deixando que o espírito e o coração se abram cada vez mais à luz do Evangelho. Este crescimento da sabedoria torna-nos capazes de escolher o único tesouro, a única pérola que vale a pena amar: Jesus Cristo.

Na medida em que as nossas escolhas se pautam pelas escolhas de Cristo, elas tornam-nos mais parecidos com Ele. Aprendemos a viver na graça de Deus, porque a graça é, antes de tudo e principalmente, o Espírito Santo. O mesmo Espírito que habitava Jesus e conduzia toda a sua vida (cf Lc 4, 18-19). É a graça de Deus que nos torna capazes de colaborar na salvação dos outros e no crescimento do corpo Místico de Cristo, que é a Igreja (cf CIC 2003).

O homem foi destinado para reproduzir a imagem do Filho de Deus feito homem – "imagem de Deus invisível" (Cl 1, 15) – para que Cristo seja o Primogénito de uma multidão de irmãos e irmãs (cf CIC 381)

Só com a graça de Deus, se vive como Seu filho e se põe em prática o Evangelho de Jesus. Assim trabalharemos para que todas as crianças sejam parecidas com Jesus, o Filho de Deus. É desta maneira que a beleza de Deus, o seu amor, se tornará visível nas suas palavras e nas suas acções.

Jesus é verdadeiramente Filho de Deus feito homem, *nosso irmão*, sem deixar de ser Deus, *nosso Senhor* (cf CIC 469).

OBJECTIVOS

– Alegrarmo-nos por aprender todos os dias coisas novas.
– Descobrir que Jesus também gostava de aprender.
– Imitar Jesus, procurando crescer em sabedoria.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A criança cresce, confrontando-se. No entanto, é preciso ter em conta que as comparações esmagam-na, ao passo que a verdade a ajuda e estimula. Nada pior que compará-la com… fazendo-a sentir rebaixada, humilhada. Mas, nada melhor que confrontá-la e ajudá-la a crescer na sua auto-estima: já consegue; já chega ao ombro do irmão; é aplicada; é um bocadinho teimosa, mas convence-se, sempre que lhe falamos, etc..

Nesta fase, se por um lado se abre progressivamente ao social, por outro é ainda bastante egocêntrica: quer as atenções todas para si; ser a melhor; que gostem mais dela. Esconde os seus pequenos defeitos – dos quais começa a tomar consciência – nos defeitos dos irmãos, amigos, colegas. O queixume, na maioria das crianças desta idade, é uma constante.

Temos de a ajudar a crescer. Se não lhe dermos atenção, se encontra um adulto sem grande capacidade para a educar nesta dimensão, corre o risco de tornar-se uma criança dependente, sem grande capacidade para ler e gerir os seus sentimentos e os alheios.

Ajudar a criança desta idade a crescer na interioridade é o que se pretende com esta catequese e as que se seguem.

O Menino Jesus é, por excelência, um modelo educativo. Jesus era um menino em tudo igual, aos outros excepto numa coisa: não fazia nem imitava os defeitos e as asneiras de ninguém, nem fazia queixumes. Só procurava conhecer e fazer o Bem.

Sem entrar numa definição de pecado, pretende-se, com esta catequese, começar a *desenvolver na criança a consciência moral,* de modo que seja ajudada a saber distinguir o bem do mal.

Aprenderá que escolher e fazer o bem, torna-nos diferentes. Escolher viver no amor de Deus é escolher a diferença. Desde muito pequena, a criança tem de aprender a descobrir e a conhecer a sua singularidade como filho de Deus. Sentir-se amada é o que a personaliza como pessoa. De Jesus, igual a elas, mas tão diferente, irá aprender essa singularidade que o amor vivido em Deus lhe dá.

Também nesta catequese, em especial na experiência humana, teremos em conta a diversidade das crianças de acordo com as suas origens e nacionalidades. Hoje em dia no nosso país, sobretudo nos meios urbanos, é cada vez mais comum as crianças conviverem e terem amigos de outras raças e culturas. Se tivermos destas crianças na catequese, devemos realçar esta amizade e estimulá-la.

MATERIAIS

– Imagens de crianças esquimós (1ª alternativa);
– Imagens de crianças de várias nacionalidades (2.a alternativa);
– Imagem de Jesus em criança (catequese 12);
– Imagem de criança judia, com cerca de 7 anos, a ler a Torah (em forma de rolo);
– Dísticos: “Sabedoria”; “Diante de Deus e dos homens”; “Estatura” (catequese 12);
– Folhas para as crianças desenharem.

MÚSICAS

– “Xiquiqui o esquimozinho” (CD – Parabéns – Os meninos rabinos, Metro Som, faixa 3 (1.ª alternativa);
– Guizos e ou pandeiretas;
– “Eu venho à catequese” (catequese 1).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. No quadro/placar está afixada a imagem de Jesus criança, usada na catequese anterior, com o respectivo dístico "Estatura". Ao lado deles serão afixadas a imagem e respectivo dístico, relativos a esta catequese.

1ª Alternativa

Grupo grande

Dança e canção: Xiquiqui o esquimozinho".

As crianças dançam em roda esta canção, fazendo os gestos que estão indicados em cada uma das estrofes. Para o refrão convém que um pequeno grupo tenha guizos e os toque no momento apropriado da canção:

Xiquiqui é um esquimó Nasceu na terra da neve. O seu pequeno trenó Corre leve, leve, leve.	*Apertam os braços em cruz contra o peito e encolhem-se, imitando que estão cheios de frio.*
REFRÃO ***Puxado a oito cãezinhos*** ***O trenó do Xiquiqui*** ***Faz ouvir os seus guizinhos*** ***cli-cli-cli, cli-cli-cli***	*Tocam guizos uns e outros imitam que estão a puxar rédeas que fazem correr os cães da neve.*
Dizem que é seis meses dia Na terra do Xiquiqui E há um sol de magia Diferente do sol daqui.	*Com os braços fazem um circulo, imitando um grande sol.*
Tem fato e gorro de pele Que lhe fica muito bem E porque na terra dele Faz muito frio também.	*Com as mãos indicam o corpo todoImitam que estão cheios de frio encolhendo-se com os braços em cruz*

As focas e pinguins Que são animais amigos. Mas também ursos ruins E tidos por inimigos	*Imitam focas e pinguins…* *Ursos maus*
À ceia junto à lareira, Onde a família se aquece A avó canta de maneira Que o Xiquiqui adormece.	*Fazem o gesto de mãos a aquecer à lareira*
Xiquiqui adormeceu Embalado pela avó. E sonha que vai pró céu Montado no seu trenó.	*Inclinam a cabeça sobre um dos ombros e fecham os olhos como quem sonha….*

Pode ser cantado ao som do CD.

Gostaram?
(Entretanto o catequista afixa uma ou duas imagens de crianças do Pólo Norte - esquimós)

Os meninos do mundo são todos iguais? Não. Uns são louros, outros morenos, uns são pretos, outros brancos, uns têm olhos pequenos, outros têm-nos grandes…

Os meninos da terra da neve podem ir à praia como nós? Ou andarem como nós de calções e *t-shirts* de manga curta? Porquê?

Será que as escolas deles são diferentes das nossas?

2ª Alternativa

Pequeno grupo
Em cima de uma mesa grande ou afixadas na parede, o catequista coloca várias gravuras (se possível o dobro do número de crianças do grupo) de crianças de várias raças e culturas. Que nelas se notem, tanto quanto possível, as diferenças sociais e mesmo económicas. Evitem-se, contudo, imagens de crianças em situações de pobreza ou degradação extremas. Mas que todas mostrem crianças alegres.

Querem ver as fotografias que vos trouxe. São meninos mais ou menos da vossa idade.

Depois do catequista convidar as crianças a verem as imagens ou fotos, pode colocar uma música agradável de fundo. O catequista esteja atento á observação das crianças, e se for necessário esclareça brevemente, alguma dúvida.
Depois diz:

Imaginem agora que, a partir das imagens que viram, tinham de escolher um menino ou menina para vosso(a) amigo(a) …

Um de cada vez vai buscar a imagem ou foto do menino(a) que escolheria… Mas, se algum menino queria a mesma que outro já tirou, pode escolher outra ou então dizer que é a mesma.
(Depois de todos escolherem:)

Agora cada um de vós vai dizer aos outros por que escolheu a fotografia que tem na mão.

O catequista procure conduzir o diálogo, respeitando as opções das crianças e apoiando todos os aspectos positivos das suas escolhas. Realce as diferenças, fazendo notar que elas não podem ser causa de distanciamento, mas de aproximação e amizade.

2. *(Seja qual for a alternativa, o encontro continua assim:)*
Há muitos meninos e meninas neste mundo. A todos Deus ajuda a crescer, mas não crescemos todos da mesma maneira e com as mesmas coisas. Em cada parte do mundo há coisas que nos ajudam a crescer, mas que não são iguais. Por exemplo: os meninos da China comem mais arroz e bebem mais chá que os meninos da Europa. Os meninos da África quase nunca precisam de andar de guarda-chuva, nem de usar botas de Inverno.

Também as línguas: as mesmas coisas chamam-se com nomes diferentes. Por exemplo nós dizemos amor, os meninos da França dizem “amour”, os ingleses dizem “love”. *(Se houver no grupo crianças de outros países perguntar-lhes como se diz nos seus)*

Mas, apesar de tantas diferenças, todos podemos ser amigos uns dos outros. Há meninos que são amigos de meninos que nasceram na Ucrânia, na África, na Espanha, no Brasil. Quem tem algum amigo de outro país? *(Deixar que as crianças falem das suas experiências ou de outros que conheçam).*

Será que Jesus também era assim? Era um menino como nós ou seria muito diferente?

II. PALAVRA

1. *Afixar, ao lado da imagem de Jesus, usada na catequese12,um menino judeu a ler a Torah em forma de rolo.*

Olhem para este menino. *(Deixar contemplar e depois perguntar:)* Quem será ele? Será Jesus? Vamos tentar descobrir.

Olhem primeiro para a cor da pele, dos olhos, do cabelo. É um pouco diferente dos meninos da nossa terra, não é?

E a roupa com que está vestido…É igual à que nós vestimos hoje? – Também não. Então de onde será ele? …

Eu digo: esta imagem representa um menino da terá e do tempo de Jesus. Portanto, poderia ser Jesus, não acham?

2. Vamos ver melhor. Que está ele a fazer? O que será aquilo que ele está a segurar com as mãos? Alguém me sabe dizer? *(Ouvir as crianças)*

É um livro. Os livros no tempo de Jesus não tinham

A mesma forma dos livros de hoje. Hoje os livros têm folhas, como, por exemplo os vossos catecismos. No tempo de Jesus eram diferentes: eram feitos de uma só folha e esta era enrolada. Para se lerem, enrolavam-se de um lado e desenrolavam-se do outro.

Portanto, temos ali a imagem de um menino, da terra de Jesus, a ler, a estudar.

E para que estudam os meninos? *(Ouvir as crianças. No fim o catequista afixa, por baixo da imagem, o dístico: "Sabedoria")*

Nós lemos e estudamos para aprender, para ter mais **sabedoria**. É o que está ali escrito.

Também vós ides à escola para saber mais coisas, não é verdade?

Já era assim no tempo de Jesus. Portanto, aquela imagem será de Jesus ou não? *(Ouvir as crianças)*

Para vermos se realmente pode ser Jesus, não há nada melhor que irmos ler no Livro da Palavra de Deus, onde se fala tanto de Jesus. Querem que eu leia?

*(O catequista abre a Bíblia em **Lc 2, 52** e lê na seguinte versão:)*

Então ouçam para ver se é Jesus ou não:

"Jesus crescia em sabedoria…diante de Deus e dos homens"

(O catequista pode repetir:) Crescia em sabedoria…

Então, esta imagem pode ou não ser de Jesus?

Claro que pode ser. Jesus lia, estudava, como outros meninos do seu tempo, para crescer em sabedoria. Como nós fazemos hoje.

3. Mas, falta sabermos que livro é que ele está a ler. Quem sabe? *(Ouvir as crianças e depois afixar por baixo da "Sabedoria", o dístico:)*

"Diante de Deus e dos homens"

Livro Jesus crescia em sabedoria diante de Deus e dos homens. Primeiro diante de Deus. Quer dizer que o livro ou rolo que Ele lia tinha de falar de Deus.

Que livro era? … Exacto: era o livro da Palavra de Deus. Como este de que eu li, só que feito de forma diferente e mais pequeno. Na altura, era só uma parte deste livro da Palavra de Deus que hoje temos. Mas era o livro que falava de Deus, daquilo que Ele quer de nós.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Sabem o que estou a descobrir hoje? É que Jesus também na sua sabedoria é muito semelhante, mas também diferente de nós. Como Ele crescia em estatura ou tamanho; também crescia em sabedoria. Como nós devemos fazer. A diferença maior é que Ele lia o Livro da Palavra de Deus muito mais do que alguns meninos de hoje. Aí é que Ele aprendia a ser amigo de todos: mesmo dos que eram diferentes, de outros povos e outras línguas. Porque Deus manda-nos ser amigos de todos.

Mas é isso ou não o que também vós quereis? Há bocadito mostraram que sim; quando falámos de meninos e pessoas de outros povos e terras. Portanto nisso, já estamos a procurar ser mais parecidos com Jesus.

E também na outra coisa que Jesus fazia. Digam-me cá: para que é que nós vimos à catequese e vimos à igreja à missa? Não é também para ouvirmos a Palavra de Deus, crescermos no conhecimento de Deus, na sabedoria que Ele nos dá?

E estão contentes por isso? Por vir à catequese? Então eu proponho que vamos dizer isso, mas a cantar. Ainda se lembram da canção "Eu venho à catequese"?

Então, vamos cantá-la com muita alegria.

2. Agora proponho-vos que façam um desenho parecido com aquele que afinal representa Jesus. Mas com uma diferença: em vez de Jesus, vão desenhar a vossa figura; e em vez do livro da Palavra de Deus, vão desenhar o vosso catecismo. Ou seja: cada um vai desenhar a sua figura a ler o catecismo.

3. *(Depois de todos desenharem, o catequista propõe:)*
E se agora fôssemos apresentar os desenhos a Jesus? Podemos fazer assim: vamos abrir o catecismo na catequese de hoje *(Os catequistas ajudam as crianças);* agora vamos colocar lá o desenho que fizeram… E assim, com o catecismo aberto nas nossas mãos estendidas, rezamos a Jesus.
"Ó Jesus,
ajuda-me a crescer
em estatura e sabedoria,
como Tu.
Amen

E agora cantemos outra vez: "**Eu venho à catequese**".

4. Podem levar os desenhos para vossa casa e mostrá-los aos vossos pais. Mas expliquem-lhes o que é que eles querem dizer.

   Para isso, podem também servir-se do vosso catecismo.

   E só mais uma coisa: Não se esqueçam de dizer a Jesus, as palavras que lhe dissemos há pouco. Elas vêm no catecismo.

   Peçam aos vossos pais para vos ajudarem a lê-las, de manhã e à noite, está bem?

CATEQUESE 14

JESUS CRESCIA EM GRAÇA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O ser humano quer ser feliz

Todos procuramos a felicidade. Se perguntarmos aos pais o que mais desejam para seus filhos, respondem: "que sejam felizes". Perguntemos, seja a quem for, o que mais deseja da vida e a resposta é quase invariável: "ser feliz".

Este desejo, porém, muitas vezes está revestido de uma certa dose de megalomania e de uma grande dose de egoísmo: *eu* quero, *eu* desejo, *eu* preciso; tu tens de *me* fazer feliz. A sabedoria popular expressa esta atitude com um ditado, de todos conhecido: "A avareza rompe o saco". Se sou avarento de felicidade e, ao mesmo tempo, a quero toda só para mim, certamente corro o risco de ficar sem nada.

São poucos os que dizem: quero fazer feliz tal pessoa, e, menos ainda, os que buscam as raízes da verdadeira felicidade: aquela que está em Deus e que é fruto duma vida de comunhão com Ele e com os irmãos. Só quem vive na *graça de Deus*, amando a Deus e o próximo, pode encontrar a verdadeira e eterna felicidade.

Porque será que uns, tendo tanto, parece que nada os faz sorrir com alegria, e outros, tendo tão pouco, às vezes até no meio de grandes dificuldades, têm no rosto um sorriso revelador de grande felicidade interior. É bonito, e um sinal de esperança para a humanidade, ver pessoas que trazem a felicidade estampada no rosto. É assim o verdadeiro cristão. Uma pessoa de fé viva e profunda, que testemunha, com a sua felicidade, a graça de Deus derramada em seus corações.

Felizmente, ainda se encontram muitas pessoas para quem a felicidade é sinónimo de "andar na graça de Deus"; "basta-me o dom da graça de Deus". Terá a graça de Deus a ver com o nosso estado de felicidade? Poderá esta causar a nossa felicidade?

2. Jesus seguiu o caminho da felicidade

S. Lucas legou-nos uma preciosa síntese, a respeito da infância de Jesus e da missão materna e paterna de Maria e José. Diz-nos que "Ele era submisso a seus pais", que

“crescia e se robustecia; estava cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com Ele” (Lc 2, 51-52). S. Lucas afirma e reforça, deste modo, que a plenitude da graça de Jesus Menino transbordava, manifestava-se e irradiava de forma crescente e impressionante no seio da Sagrada Família, no âmbito dos vizinhos, entre os habitantes de Nazaré e inclusive no meio dos doutores da Lei. O evangelho de Lucas diz-nos que Jesus, por ocasião da sua peregrinação a Jerusalém, foi admirado pelos rabinos no Templo; ficaram surpreendidos e encantados, ao vê-lo exprimir-se com tanta facilidade, inteligência e sabedoria. Deve ter sido maravilhoso ouvi-lo expor o sentido religioso de perguntas tão difíceis para a sua idade.

Tão maravilhoso, que até seus pais ficaram admirados, quando encontraram o Menino no Templo no meio dos doutores. E mais admirados ficaram com a resposta que Ele lhes deu, quando Maria Lhe disse que andavam aflitos à sua procura: «Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse. Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens (Lc 2, 49--52).

Maria, naquele momento, não compreendeu, mas meditava e guardava todas as palavras, todos os acontecimentos, em seu coração. Eram uma família feliz. As palavras do Evangelho deixam transparecer esse amor feito de dádiva e entrega a Deus e aos homens. José e Maria tomavam assim consciência do dom da graça de Deus, que tanto enchia de fortaleza, inteligência e felicidade aquele Menino.

3. A nossa felicidade é fruto do Amor divino

A felicidade autêntica, que a humanidade de tantos modos procura, reside precisamente nisto: viver na graça de Deus. É Ele que nos robustece e dá fortaleza para viver a vida com sabedoria e felicidade. Não a felicidade das coisas efémeras, que depressa passam e parecem nunca nos saciar, mas a felicidade e alegria que permanece para sempre. A comunhão amorosa com Deus.

A este propósito, o Catecismo da Igreja Católica afirma: “A nossa justificação vem da graça de Deus. A graça é o *favor*, o *socorro gratuito* que Deus dá, a fim de respondermos ao seu chamamento para nos tornarmos filhos de Deus. Introduz-nos na intimidade da vida trinitária” (CIC 1996-1997).

Sendo a graça um *dom* de Deus que nos é dado por sua livre iniciativa, reclama a *resposta livre* do homem; só livremente é que o homem pode responder e entrar na comunhão do seu Amor.

É Deus que toca os corações dos homens, “colocou no homem uma aspiração à verdade e ao bem, que só Ele pode satisfazer” (CIC 2002). Esta *aspiração à verdade e ao bem*

com que Deus toca e move o coração dos homens corresponde, pelo menos em parte, ao que habitualmente chamamos *desejo de ser feliz*.

É necessário que sigamos o testemunho da Família de Nazaré e aprendamos dela a viver à sombra da graça de Deus, que quer fazer morada no nosso coração.

Ninguém vai a Deus, é Deus que vem até nós. Abramos-lhe a porta da nossa vida, para que pobres ou ricos, na alegria ou na tristeza, na força ou na fraqueza, sintamos sempre a alegria da graça de Deus. A quantidade desta graça não depende das virtudes humanas, mas do ardor do nosso desejo. Quanto mais desejamos sinceramente viver na graça e de Deus, mais poderemos recebê-la. Deus é um Pai generoso e dá-se totalmente ao coração que O acolhe com humildade e confiança.

Viver na graça de Deus é abrir-se à generosidade e à humildade. O homem humilde reconhece que nada é, sem a graça de Deus. Jesus crescia e a graça de Deus estava com Ele. Assim seja com todos nós cristãos, particularmente se somos catequistas.

OBJECTIVOS

– Viver na graça de Deus, aprendendo a escolher o bem.
– Saber que Jesus gostava de escutar a Palavra de Deus.
– Tomar consciência de que todos temos capacidade de decisão.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A Declaração Universal dos Direitos da Criança, no segundo princípio, diz: "A criança deve beneficiar de protecção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, intelectual, moral, espiritual e social, de forma saudável e normal e em condições de liberdade e dignidade"

Infelizmente, na nossa sociedade, este princípio universal ainda não é totalmente cumprido. E, onde ele é cumprido, regra geral, a atenção vai para os campos de domínio físico, intelectual e social. O aspecto moral e mormente o espiritual é, em muitos casos, descurado, senão rejeitado ou relegado para o campo da indiferença. Sob o princípio da defesa do avanço intelectual e tecnológico, falar de espiritualidade, para muitos, é sinónimo de falta de evolução. A sociedade tende a abafar o sentido do espiritual, tendo da espiritualidade um conceito erróneo.

Com esta catequese, na transmissão da noção de *crescer em graça,* pretende-se ajudar ao desenvolvimento integral da criança. Falar da graça de Deus é ajudar a criança a desenvolver-se espiritualmente, cultivando a *relação* com Deus. É ajudá-la a ser pessoa capaz de ler e viver a sua vida já à luz da fé.

Partindo de um dos órgãos mais preciosos da vida humana – o coração, um elemento concreto e simbólico, do qual a criança já tem uma determinada noção – procura-se levar a criança a tomar consciência de que, quanto mais perto se estiver do coração de Deus e mais atento à Sua Palavra – tal como Jesus – tanto mais e melhor se cresce e se é feliz.

Na 1ª alternativa, a cor preta do coração aparece com uma conotação negativa, correspondendo à interpretação mais comum. Se, entretanto, no grupo da catequese houver crianças de pele escura e isso for motivo de mal-estar, convém ou não seguir esta alternativa ou mudar o preto por outra cor. Evite-se tudo o que possa levar a exclusões de ordem racista.

MATERIAIS

– Coração grande, com frente e verso de cores diferentes: preto e vermelho (1ª alternativa);
– Corações pequenos, tantos quantas as crianças, também com uma face em cor preta, e outra em vermelho, coladas a um pau (tipo pau de balões ou de espetadas…) (1ª alternativa);
– Coração grande vermelho dos dois lados. De um lado tem a seguinte frase: "Coração Generoso" (2.ª alternativa);
– Dístico: "Graça";
– Corações pequenos, um para cada criança, com a oração: "Ó Jesus, ajuda-nos a ser bons e a andar na Graça de Deus, como Tu".

MÚSICAS

– "Coração generoso"
– "Senhor, para Ti o meu coração".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

No quadro/placar estão afixadas as duas imagens de Jesus, das duas últimas catequeses: de um lado, Jesus em criança, e, por baixo, o dístico "Estatura"; do outro, Jesus a ler a Torah e o dístico "Sabedoria". O espaço entre as duas deve ser suficiente para nele caber o coração desta catequese.
A canção que se sugere para a segunda alternativa, vai ser cantada no fim da catequese. Para quem optar pela primeira alternativa seria bom que a ensaiasse, no acolhimento, antes de começar a catequese.

1. Quem rezou, durante a semana, a oração que aprendemos e rezámos, aqui na Catequese, na semana passada? *(Ouvir as crianças)*

E, se começássemos a catequese com essa oração? Vamos pedir a Jesus que nos dê muita sabedoria e inteligência para entendermos e guardarmos bem a Palavra de Deus que hoje vamos escutar na catequese.

Oração:
"Ó Jesus,
ajuda-me a crescer
em estatura e em sabedoria. Amen."

1ª
Alternativa

Grupo grande
O catequista apresenta um coração grande, de um lado vermelho e do outro preto. Mostra o lado preto e evita que as crianças vejam o vermelho. Mas, não se esqueça o que é dito no final das observações pedagógicas quanto à cor preta.

O que é isto? … Um coração.

É bonito? (…) Não?! – O nosso coração é preto?

Será que algum menino já se sentiu um dia tão triste…, tão aborrecido…, ou tão zangado, que até ficou com o coração tão apertado, tão sem alegria, que foi como se ele tivesse ficado às escuras? *(Ouvir as crianças)*

Pois é, quando temos o coração triste, parece que fica escuro!

E, quando fazeis o bem, ou os amigos vão brincar convosco; a professora dá um elogio… Como fica o vosso coração? Feliz, alegre, contente!... Qual será então a cor do nosso coração? (…) – Vermelho é a cor do nosso coração. Quando estamos felizes, o nosso coração não fica apertado. Fica grande (como este) e, porque se sente feliz, fica muito vermelhinho.

(Vira o coração, mostra-o e depois afixa-o, no centro do quadro/placar, (entre as duas imagens de Jesus) com o lado vermelho voltado para fora.)

Querem fazer um jogo? – É o **jogo dos sentimentos**.

Sentimento é tudo aquilo que o nosso coração sente. Quando é tristeza, é um sentimento mau. Quando o coração tem muito amor e alegria dentro dele, é um sentimento bom.

Vamos descobrir alguns sentimentos bons e outros mais. Vou dar a cada um, um coração, mais pequenino, mas igual a este grande que vos mostrei.

(O catequista distribui os corações pequeninos, vermelhos de um lado e negros do outro)

Pousam os corações no chão. Quando disser um sentimento bom, levantam e mostram o lado vermelho. Quando o sentimento for mau, levantam o lado preto.

Agora que já conhecem as regras, vamos começar o jogo.

(O catequista, sem pressas, vai dizendo alguns sentimentos.)

– Bondade é um sentimento bom ou mau? – É um bom sentimento!
– Alegria é um sentimento bom ou mau? – É um bom sentimento!
– Inveja é um sentimento bom ou mau? – É um mau sentimento!
– Ciúme é um sentimento bom ou mau? – É um mau sentimento!
– Obediência (ser obediente) é um sentimento bom ou mau? – É um bom sentimento!
– Amizade é um sentimento bom ou mau? – É um bom sentimento!
– Mentira é um sentimento bom ou mau? – É um mau sentimento!
– Sabedoria é um sentimento bom ou mau? – É um bom sentimento!
– Graça é um sentimento bom ou mau? – É um bom sentimento!

(Sendo, provavelmente desconhecida a palavra "graça" as crianças vão certamente hesitar. Depois do catequista dizer que é um bom sentimento, dá o jogo por terminado e explica:)

Alguns meninos, Quando me ouviram a dizer "graça", ficaram sem saber bem que cor do coração escolher. Foi porque não conheciam esta palavra.

Será que Jesus a conhecia?

O que será que a Palavra de Deus nos terá a dizer?

2ª Alternativa

Grupo pequeno

Sem comentários, o catequista, afixa um grande coração, no centro do quadro/placar, entre as duas imagens de Jesus. (No coração está escrito: "Coração generoso")

Que grande coração temos hoje na nossa sala!

Querem saber o que nele está escrito? Eu vou ler e, depois, podemos ler todos juntos.

(Lê pausadamente, de seguida convida as crianças)

Muito bem! Estão cada vez mais crescidos. Não só em estatura (tamanho) mas também em sabedoria: até já conseguem ler palavras difíceis.

Mas, o que quererá dizer: "coração generoso"? *(Deixar as crianças se exprimam).*

Ter um coração generoso é ser bom.

Mas querem saber melhor o que é um coração generoso? …

Vamos descobrir através de uma canção. É muito bonita. Até se pode dançar. Eu ensino.
Nós temos um coração
Depois de aprendida, o catequista pode ensinar a dançar.

Percebem, agora o que quer dizer "coração generoso"? …

É um coração, grande, onde caiba só o bem; é amigo de todos; ajuda; ama; reza… enfim, é um coração cheio de Sabedoria, não só para aprender a fazer as coisas bem feitas, mas acima de tudo para ser muito bom para com todos, mesmo para com aqueles que às vezes nos magoam.

Haverá alguém assim com um coração tão grande e generoso?

2. *(Seja qual for a alternativa, o encontro continua assim:)*

Olhem bem para o lugar onde eu afixei o coração.

Por que será que ele está entre as duas imagens de Jesus?

Será que aquele coração é o de Jesus? *(Ouvir as crianças)*

Sem dúvida que pode ser o coração de Jesus, cheio de bons sentimentos: de bondade e de amor. Para isso é Que Ele cresceu em estatura e Sabedoria, como já vimos.

Mas, de quem é que Ele aprendia a ter assim um coração tão bom e generoso?

Seria só de S. José e de Maria? *(Ouvir as crianças)*

Não era só deles que Ele enchia o coração de bons sentimentos. Havia alguém muito mais importante e que tem um coração muito, mesmo muito bom.

Querem saber quem é?

Eu vou contar, com a ajuda do livro da Palavra de Deus.

II. PALAVRA

*(O catequista abre a Bíblia em **Lc 2, 41-42.52** e expõe o seguinte:)*

1. Todos os anos, na grande cidade, em Jerusalém, juntavam-se muitas pessoas, para fazer uma grande festa. Agradeciam a Deus muitas coisas… as coisas da terra, os frutos, as sementes; e também por estarem todos unidos naquele país (Palestina).

Sabem onde se juntavam todas as pessoas sempre que iam a Jerusalém? No Templo. Quem sabe o que é o Templo? (…) Era uma casa, parecida com as igrejas, onde as pessoas se juntavam para rezar e louvar a Deus. Era mesmo a casa de Deus, naquela terra e naquele tempo.

Pois bem: quando Jesus tinha 12 anos, Maria e José levaram, mais uma vez, Jesus ao Templo.
Jesus gostou muito, mesmo muito de ir ao Templo. Gostou de ouvir falar de Deus Pai. E gostou muito de falar com Deus: de agradecer-lhe todas as coisas boas que Deus, seu Pai, concedia àquele povo. Foi um encontro com Deus muito importante para Jesus. Importante em quê?
(O catequista afixa a imagem de Jesus a rezar no centro do grande coração que está no centro do quadro/placar. Deixa contemplar e continua:)

Jesus ficou ainda mais no coração de Deus: um coração muitíssimo bom e generoso. Estava tanto no coração de Deus que o próprio coração de Jesus ficou muito mais cheio da bondade e do amor de Deus.
De tal maneira que Jesus ficou lá no Templo. E Maria e José nem deram por isso. E depois, quando descobriram, até passaram por uma grande aflição. Mas essa é uma história que irei contar no próximo encontro.

2. Agora basta sabermos o que acontecia com Jesus, depois de Ele, alguns dias mais tarde, ter voltado para Nazaré a sua terra. Querem saber?
Então eu vou ler:

"Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça,
diante de Deus e dos homens": (Lc 2, 52)

Aqui está. Depois daquela visita ao Templo e daqueles dias a ouvir e a falar com Deus, Jesus ainda crescia mais em estatura, em sabedoria e … *(O catequista afixa, por baixo do coração, o dístico:)*
"Graça"

Graça é o amor, a bondade que Deus tem e dá sobretudo às pessoas que se encontram e falam com Ele. Era o que acontecia com Jesus.

O Amor de Deus Pai estava no coração de Jesus e era esse amor, do qual Jesus nunca se afastava, que lhe dava força para Ele ser cada vez mais bom. Atento a toda a Palavra de Deus, mas também atento àqueles a quem amava.

3. Jesus era mesmo um menino como nós, mas também sabemos que era diferente de nós. Pois, há tantos meninos que não falam nem querem falar com Deus; não rezam. Não querem ir à igreja. Por isso é que muitos são desobedientes; às vezes teimosos e mal educados… Tanta coisa feia que muitos meninos fazem, que até se afastam da Graça de Deus. E não são só os meninos, não. Os adultos também. Muitos adultos

fazem coisas muito mais feias que os meninos. Esquecem-se e afastam-se da graça de Deus, porque não querem fazer a sua vontade.

E nós não queremos ser assim, pois não?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Portanto, aquele coração grande representa o coração de Deus, mas também o coração de Jesus: também o seu coração está cheio da graça, da bondade, do amor de Deus.

E o nosso coração como está ele? De certeza que todos gostamos de ter também um coração cheio de bondade e da graça de Deus e de Jesus.

Vamos pedir-lhe que nos ajude a ser assim amigos de Deus e bons como Ele?

De pé, e de mãos dadas, vamos pedir a Jesus que nos ajude a ser bons como Ele e a andar sempre na Graça de Deus. Para andarmos na graça de Deus não nos podemos esquecer de rezar.
Então, digam comigo:
"Ó Jesus,
ajuda-nos a ser bons
e a viver na Graça de Deus,
como Tu.
Amen"

2. É uma oração muito linda, não é? Ela vem no catecismo. Podem dizê-la todos os dias, com a ajuda dos vossos pais.
Mas, para não se esquecerem do coração de Deus e de Jesus e assim, andarem sempre na sua graça, vou oferecer a cada um de vós um coração em ponto pequeno. Está lá escrita a mesma oração. Só lá falta uma coisa: é um desenho com a vossa figura. Querem fazê-lo lá em casa? Assim mostram que também querem estar no coração de Deus e de Jesus.

3. *(Depois de distribuir os corações, podendo acompanhar a entrega com um beijo, o catequista conclui:)*

Querem cantar a canção que aprendemos hoje? Pois agora já sabemos bem que quem anda na GRAÇA de DEUS, tem um coração grande, isto é, tem um coração generoso, sempre bom e amigo de fazer o bem, seja aos pais, aos irmãos, a todos, mesmo àqueles de quem não gostamos tanto.

Então cantemos o cântico:
"**Coração generoso**" (ou: "Senhor, para ti o meu coração").

CATEQUESE 15

JESUS GOSTA DE SEU PAI

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Ter um pai na nossa vida

Quando idealizamos a figura do pai, rápida e naturalmente a associamos a confiança, amizade, protecção, amor, respeito, carinho, etc.. Com efeito, o pai é uma das principais referências da nossa vida, presente para sempre no nosso coração. O pai é o amigo de todas as horas, o conselheiro dos grandes momentos, o exemplo a seguir, o amparo sempre presente.

Infelizmente nem todas as crianças têm oportunidade de ter um pai assim. Muitas experimentam uma relação afectiva com o pai algo ténue, distante; outras vivem a ausência total do pai; outras experimentam um pai frio, violento; muitas infelizmente nunca tiveram alguém a quem verdadeiramente possam chamar pai.

Todas as crianças do mundo precisam de ter um pai que vele por elas e as ame. Todo o ser humano procura um pai que sempre ampare. Mesmo quando a relação com o pai é negativa, todos precisamos dum Pai, de alguém a quem possamos chamar paizinho!

2. Jesus ama o Pai acima de todas as coisas

Também Jesus teve um Pai. Com efeito, usou muitas vezes o termo Pai, aplicado a Deus. Fala do Pai que está nos Céus e dirige-se a Ele com a palavra *Abba* (que quer dizer *paizinho*), nome cheio de afecto, que demonstra a ternura e o amor de Jesus pelo Pai.

Deus quer ser o ponto de referência dos pensamentos, das acções, da vida do homem; quer ser amado “com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças” (Dt 6, 5). Também nós desejamos ser amados com todas as forças. Essa experiência de amor vem-nos desde o seio materno; todos precisamos de ter um pai e uma mãe que goste muito de nós e que não morra… Só Deus tem esse amor materno e paterno que não acaba nunca… Deus cria para o amor e porque é amor quis dar-nos um pai e uma mãe, berço que prepara para a resposta amorosa da nossa vida.

“Deus que criou o homem por amor, também o chamou ao amor, vocação fundamental e inata a todo o ser humano. Porque o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus que é amor. Tendo-os Deus criado homem e mulher, o amor mútuo dos dois torna-se imagem do amor indefectível com que Deus ama o homem. E este amor, que Deus abençoa, está destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum do cuidado da criação (CIC, 1604).

Deus é Pai. É o amor do Pai que capacita o Filho para amar. (cf Jo 17, 26). E ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho se dignar revelar (cf Mt 11, 25-26). É Jesus e só Jesus que nos pode levar ao Pai, que Ele tanto ama e quer fazer amar.

Quando rezamos ao Pai, estamos em comunhão com Ele e com o seu Filho Jesus Cristo. É então que o reconhecemos num encantamento sempre novo. Porque a glória de Deus é que nós o reconheçamos como *Pai*, Deus verdadeiro. Damos-lhe graças por nos ter revelado o seu nome, por nos ter dado a graça de acreditar n’Ele, de sermos habitados pela sua presença. Jesus é o Filho que ama o Pai acima de todas as coisas. É inteiramente habitado pela sua presença.

Jesus revela-nos definitivamente o autêntico rosto do Pai. Esse rosto manifesta-se num amor paternal, ternura entranhável, sempre disposto ao perdão, alegria que dissipa e supera todas as tristezas. Este é o Deus que Jesus revela com a sua vida, a sua pregação, a sua oração e sobretudo com a sua morte e ressurreição. Apresenta-nos um Pai bondoso, sempre próximo, que segue com o seu olhar todas as pequenas coisas, as pequenas incidências da nossa vida, que conhece todas as nossas necessidades, que nos perdoa e tem sempre a sua casa aberta para receber com alegria o filho perdido.

Para nos ajudar a melhor entender o Pai, Jesus quis desvelar-nos o mistério da sua oração, do seu tratamento íntimo com Ele. Graças à oração de Jesus, descobrimos que o Pai é uma presença contínua, alguém que nos convida sempre a dialogar com Ele. Por isso Jesus reserva tempo para a oração, na madrugada, ao cair da tarde, da noite, ou mesmo no centro da sua actividade. E esta presença infunde-nos, por sua vez, respeito e confiança e abre o nosso coração. Mas a revelação suprema do amor do Pai realiza-a o próprio Jesus na sua morte.

3. Deus, o único Pai

“Pode uma mulher esquecer-se do seu bebé? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria” (Is 49, 15)

A criança que perde os pais, não pode estar sozinha, precisa de ter alguém em quem depositar confiança, alguém que lhe dê segurança. Ela procura espontaneamente um modelo, um ponto de referência na vida.

Com Deus também é assim: não se pode viver sem Ele, não podemos ficar órfãos d’Ele; quem O rejeita, substitui-o imediatamente com qualquer outra coisa. Corre-se um perigo: a escolha do deus errado, por isso, do pai errado.

Nem toda a gente conhece Deus como Pai. Contudo, sem esta relação filial, corremos o risco de nos relacionarmos com um Deus Omnipotente, mas distante, longe da nossa vida, das nossas inquietações, do nosso tudo. Deus criou-nos para andar connosco ao colo (cf Os 11, 3-4). Por isso, Deus é o Pai que tudo pode fazer pelos seus filhos: nada é mais forte que o seu poder. Deus é o Pai misericordioso: nada é mais profundo que o seu amor. Nenhum ódio, nenhum pecado, por pior que seja, pode ser mais forte que o perdão de Deus. Por isso Deus diz: "pode uma mãe esquecer o seu filho? Eu não te esqueceria!"

Ter um pai assim é o que todos desejamos. Em Deus Pai – Pai de Jesus e nosso Pai – encontramos o Pai que todos sonhamos: sempre forte, sempre presente, educando-nos e defendendo-nos.

OBJECTIVOS

– Relembrar que todos temos um pai.
– Descobrir que o Pai de Jesus é Deus.
– Desejar falar com Deus como Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Nesta catequese, ao apresentar aos catequizandos, Deus Pai e o amor de Jesus pelo seu Pai, o catequista deve ter em conta que muitas crianças têm uma experiência negativa do Pai. Com delicadeza, deve mostrar ás crianças que Deus é um Pai que as ama sempre, sobretudo quando se sentem rejeitadas por aqueles que as deviam amar.

Nesta fase etária as crianças, já se sentem grandes, manifestam uma forte tendência para imitar os adultos. Entre estes a figura dos pais é a que mais sobressai. O pai tem para ela uma grande importância: é o melhor, o mais forte, o que mais sabe; um verdadeiro herói na vida da criança. É a figura do pai quem mais lhe inspira confiança, segurança e força. Só uma experiência fortemente negativa faz com que a criança aborreça o seu pai. Caso contrário, a criança não se cansa de admirar, contemplar e sobretudo elogiar o pai junto dos seus amigos.

Com base nesta experiência humana, esta catequese pretende apresentar Jesus como Aquele que também ama muito o seu Pai, e que o Pai de Jesus é o melhor de todos os Pais, porque é Deus – nunca se engana – e é Pai de todos nós, mesmo dos nossos pais.

Com base nesta experiência e porque toda a criança se maravilha quando o pai lhe dedica muito tempo, a escuta e ajuda a crescer, queremos nesta catequese iniciar a criança no diálogo assíduo e amoroso com Deus Pai. Daí a oração da manhã. Qual é a criança e o pai que pela manhã não gostam de ouvir os bons dias que tem para dar um ao outro? Deus é também o Pai que gosta de ouvir o nosso *bom dia*. A criança começará a perceber que rezar pela manhã é *dar* e *receber* de Deus Pai um gesto parecido ao que recebe dos pais.

MATERIAIS

– Imagens de crianças com o pai a trabalhar, a brincar, a estudar, a ler, a rezar (1ª alternativa);
– Papel de desenho A5 ou metade (conforme o número de crianças);
– Nomes;
– Dísticos: "Graça" (catequese 14);"Jesus gosta muito de seu Pai"; "Oração"; "Deus também é nosso Pai"
– Imagem: Grande coração com a imagem de Jesus em oração (catequese 14).

MÚSICA

– "Deus nosso Pai, que sois tão bom!".

• • •

***Nota para o catequista**: Na próxima catequese (16), se se optar pela 2.ª alternativa, o catequista deve informa-se da profissão do pai de cada criança. Crie o jogo de cartas, com pequenos cartões de cartolina, numa das faces escreve o nome da profissão, a outra fica em branco, para o trabalho de cada criança (cf catequese 16).*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *No quadro/placar está afixada a imagem usada na última catequese: o coração com Jesus em oração e, por baixo, o dístico "Graça"*
Quem de vós mostrou aos pais o coração que levaram na última catequese? *(ouvir as crianças)*
E eles ajudaram a rezar a oração escrita no coração? *(Ouvir as crianças. No caso positivo, o catequista conclui:)*
Não há dúvida que tendes bons pais. Não querem falar mais sobre eles?

1ª Alternativa

Grupo grande
Conta-se uma cena familiar, em forma de história. Pode ser ilustrada com imagens, que mostrem o amor do pai pelos filhos: acolhimento, protecção, ternura, proximidade. A que se segue é uma sugestão; mas pode ser outra história, o mais real e verdadeira possível.
Quero contar-vos uma história. É a **História do Luís Manuel**

O Luís Manuel é um menino da vossa idade: tem 6 anos e já anda na escola. Está a aprender palavras que se escrevem com a letra L, e já a sabe fazer muito bem.

Nesse dia, chega a casa muito contente, porque já conhece outra letra do seu nome.

Quando o pai chega a casa, o Luís corre para ele e, muito contente, diz-lhe:

- Papá, papá, já aprendi outra letra do meu nome, anda ensinar-me mais.

O pai está cansado do trabalho, mas responde-lhe com paciência:

- Está bem filho, o pai já vai!

O Luís, porém, está tão contente com a descoberta, que não pára de chamar o pai:

- Anda depressa, pai.

O pai estava a fazer um trabalho muito importante para apresentar no dia seguinte, no escritório. Mas vendo o Luís tão entusiasmado, deixa o seu trabalho e vai ajudar o filho.

Entretanto, chega ao pé deles o André, irmão mais velho do Luís, e diz muito aflito ao pai que precisa da sua ajuda para tirar umas dúvidas de matemática, porque tem um teste para fazer no dia seguinte. O pai está cansado. Mas ao ver os seus dois filhos com tanta vontade de aprender e a precisarem da sua ajuda, diz com muita paciência:

- Tenham calma que eu ajudo os dois.

E, quando ajudava e ensinava os filhos, pensava: Eles ainda são pequenos, precisam muito da minha ajuda. Quando forem dormir, eu faço serão e acabo o meu trabalho para levar amanhã para o escritório.

Assim, no dia seguinte, o Luís foi todo feliz para a escola, porque já sabia escrever o seu nome todo. E o André fez muito bem o teste de matemática; a professora até lhe deu os parabéns.

Tanto o Luís como o André, gostam muito do pai e, na escola, quando receberam o bom resultado dos seus trabalhos, logo se lembraram da ajuda que o pai lhes tinha dado; sem ela não teriam sido tão bons alunos.

Em casa, o pai ficou muito feliz, quando soube os resultados dos filhos, e eles deram-lhe um beijo e disseram-lhe muito obrigado pela ajuda maravilhosa que o pai lhes dera.

2ª Alternativa

Grupo pequeno

O catequista afixa várias imagens de crianças com o pai. Ex: o pai a brincar com os filhos; com filho(a) às cavalitas; a ajudar a fazer os deveres de casa; a lavarem o carro; a passearem de bicicleta, etc..

O catequista convida cada criança a escolher, uma imagem e a dizer por que a escolheu. Certamente a relacionam com a experiência que têm do pai ou com aquilo que gostariam de fazer com ele.
Realce-se o quanto é bom ter um pai. Mas, tenha-se um cuidado especial e haja com as crianças que têm uma experiência negativa do pai.

2. *(Seja qual for a alternativa, o encontro pode continuar assim:)*
Que bom é ter um pai assim! Mesmo muitos dos que não podem estar sempre com os filhos, quantas coisas boas eles não fizeram pelos filhos.
Mas infelizmente também há meninos que não têm pais assim. Há pais que não ligam aos filhos e outros até lhes fazem mal. É uma tristeza ter pais assim.
Mas, a maior parte dos pais pensam muito nos filhos, mais que neles próprios. Às vezes até deixam as suas coisas para o último lugar, só para darem atenção aos filhos e cuidarem deles.

E nós? Que podemos nós fazer pelos nossos pais? Querem dizer como é que podemos mostrar-lhes que gostamos muito deles? *(Ouvir as crianças)*

É isso mesmo: falar com eles e escutá-los; contar as coisas que aprendem na escola e na catequese fazerem as coisas bem feitas…

Às vezes fazemos coisas tão lindas e importantes com o pai, que depois temos necessidade de as contar aos nossos amigos. Quem tem coisas assim? *(Ouvir as crianças)*

Já aconteceu com algum de vós estar na escola, na catequese ou em casa e, de repente, começar a recordar alguma coisa bonita que tenham vivido com o pai.

Vamos fazer um jogo: cada um fecha os olhos e vai tentar lembrar uma coisa bonita que viveu com o pai. Se não for com o pai, pode ser com o avô ou alguém que seja muito importante para vós. (*Depois de um breve silêncio:)*

Agora cada um vai fazer um desenho daquilo que se lembrou

(Não alongar. No final o catequista afixa os desenhos, em volta da imagem de Jesus, podendo pedir a algumas crianças que o comentem o seu desenho).

Tantas coisas bonitas de que cada um de vós se lembrou.

Sem os termos visto, os vossos pais até estiveram aqui. Ao recordarem-se deles, quase puderam falar com eles. Eles estão sempre no nosso coração.

E é sempre assim. Quanto mais amigos os pais são, mais perto os sentimos, mesmo que não estejam à nossa beira.

Mas, porque será que tantos pais são assim tão bons?

Será que eles aprenderam de Jesus?

II. PALAVRA

1. Já vimos que Jesus era muito amigo de seu Pai do Céu. Senão, olhem bem para aquela figura de Jesus dentro daquele grande coração.

O que está a fazer Jesus? *(Ouvir as crianças)*

E lembram-se a que lugar é que Ele foi rezar? *(Ouvir as crianças)*

Foi no Templo de Jerusalém, quando tinha 12 anos. Ao falar com Deus, ficou mais no coração de Deus e Deus ficou mais no coração de Jesus.

Mas, a semana passada, eu não contei tudo o que se passou com Jesus naquela visita ao templo de Jerusalém. Querem ouvir o resto?

*O catequista abre a Bíblia em **Lc 2, 41-42** e expõe o seu conteúdo com as seguintes palavras ou outras semelhantes. Pode também ser proclamado por três: narrador, Maria e Jesus*

Narrador: Aconteceu que quando acabaram os dias da festa, Jesus resolveu ficar lá, sem que Maria, sua mãe e S. José soubessem. Como eram muitas as pessoas, pensavam que Ele vinha com outros familiares ou amigos. E só depois de um dia de viagem é que descobriram que afinal Jesus não vinha com ninguém.
Imaginem a aflição deles. Se fosse, por exemplo, convosco e os vossos pais…
Voltaram logo para trás à procura de Jesus por toda a parte. Mas só passados três dias é que o encontraram. E sabem onde? …
Claro, no Templo, na casa de Deus. Mas não num sítio qualquer do Templo; Jesus estava no meio dos doutores, pessoas que estudavam e sabiam muito sobre Deus. Agora vós, se calhar, pensais que ele estava lá a ouvir os doutores. Nada disso. Estava lá a ensiná-los. Só com doze anos, e sabia de Deus muito mais do que os doutores, os sábios.
Toda a gente estava admirada… e os pais de Jesus também. Por um lado, ficaram aliviados por o terem encontrado. Por outro, admirados com a sabedoria dele. Sua mãe perguntou-lhe então:
Mãe de Jesus: "Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andámos à tua procura".
Narrador: Ele respondeu-lhes:
Jesus: Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar na casa de meu Pai!"
Narrador: *(Afixa o dístico "Jesus gosta muito de seu Pai"; por baixo da figura de Jesus e comenta:)*

2. Por que é que Jesus ficou no Templo?... Porque gosta muito do seu Pai.
   Era o Pai que o fazia crescer em estatura, sabedoria e graça. Que o fazia ser tão bom? Com um coração grande e generoso como o do Pai. E o que o fazia depois ser muito obediente a Maria e José?
   Jesus sentia que toda a força que tinha para ser cada vez melhor era o Pai que lhe dava. Deus Pai morava no seu coração, então Jesus arranjava sempre tempo para poder estar com Ele.
   E possivelmente fazia como nós fizemos: fechava os olhos e pensava no que Deus Pai teria para lhe dizer.

3. Claro que Jesus falava com Deus Pai de uma forma diferente daquela com que falava com José e Maria e também diferente daquela com que nós falamos com os nossos pais. Como é que Ele fazia?
   (Apontar para a imagem de Jesus em oração)

   A esta maneira de Jesus falar com Deus chama-se ORAÇÃO.
   *(Afixar dístico "**Oração**" por baixo do anterior)*

   Jesus desde muito pequenino, todos os dias falava com Deus. Não fazia como alguns meninos que logo pela manhã, quando se levantam, só pensam em lavar-se, tomar o pequeno-almoço, ver alguns bonecos na TV… Alguns até refilam quase todos os dias com o pai, a mãe, os irmãos.
   Jesus, todos os dias de manhã quando se levantava, a primeira coisa que fazia era falar com o Pai do Céu. Dizia-lhe que gostava muito dele e pedia-Lhe força para ser um menino bom, fazer sempre a vontade de Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Que bom que Jesus era! Começava tão bem o dia! E se nós aprendêssemos a fazer como Ele? É que o Pai de Jesus também é nosso Pai!
   (Afixar o dístico "Deus também é nosso Pai", por baixo dos anteriores e convidar à oração:)

   E se nós fossemos já falar com Deus nosso Pai? Podemos até falar-lhe a cantar.
   É assim: "Deus nosso Pai, que sois tão bom! Bendito sejais! Glória a vós, Senhor!"

   (O catequista ensaia e depois convida as crianças a porem-se de pé e a cantarem com os braços levantados para o alto. Depois de cantarem uma vez, convida ainda:)
   Que bonito! Estamos a louvar a Deus nosso Pai, como fez Jesus! E louvamo-lo porquê? … Olhem para os desenhos que fizeram sobre os vossos pais… Se temos pais tão bons

foi porque Deus os deu. Não querem agradecer-lhe por isso? … Então cantemos outra vez de braços levantados e olhando para os vossos desenhos:

"Deus, nosso Pai, que sois tão bom!"…

2. Querem aprender uma oração para rezar ao Pai de Jesus e nosso Pai, todos os dias de manhã? Olhem, ela vem no catecismo.
(O catequista indica a página, ajuda a encontrá-la e depois ajuda as crianças a lê-la. Quando a souberem suficientemente, convida-as a rezá-la:)

Jesus, eu já acordei
Quero dizer-Te «bom dia»,
De manhã até à noite
Sê a minha companhia

Ó Jesus, meu bom amigo,
Ó Jesus meu bom irmão,
Quero levar-Te comigo
Guardado no coração

Agora, não se esqueçam de a rezar todos os dias. Era assim que fazia Jesus.
Por isso é que Ele era tão bom!

3. Olhem, para não se esquecerem, peçam a ajuda dos vossos pais.

Podem mesmo dizer ao vosso pai da terra que hoje agradeceram a Deus, o Pai de Jesus e nosso Pai do Céu, por terem uns pais tão bons. E, se os vossos pais rezarem convosco, ainda serão melhores pais. Sim todo o pai que é amigo de Deus é também amigo dos filhos. Aprende de Deus a ser cada vez melhor. Por isso, peçam aos vossos pais para rezarem convosco a oração da manhã que hoje aprendemos. Está bem?

E não querem louvar e bendizer outra vez a Deus pelos pais que vos deu?

Então ponham-se de pé, levantemos as mãos para o Céu e cantemos todos:

"**Deus, nosso Pai, que sois tão bom!**"

CATEQUESE 16

JESUS FALA COM O SEU PAI

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Precisamos de palavras vivas

Quem não gosta que lhe falem? Quem não aprecia uma boa palavra? Boas ou más, as palavras nascem do coração. Sobretudo quando não são mera informação, mas exprimem o que nos vai no interior e interpelam aqueles a quem as dirigimos.
Vivemos num mundo em que se usam e gastam palavras, empregam-se e exprimem-se. Mas, muitas delas não passam de ruídos, desprovidos de sentido e sem eficácia nos outros.

Arrancadas do solo da alma, as palavras, em muitos dos casos, não crescem como factor de discernimento e intuição, mas são clichés batidos, que nada dizem. Para a maioria das pessoas do nosso tempo nada é tão familiar como as palavras, mas também nada é tão vulgar. Parece que, cada vez mais, de todas as coisas que se fazem, as palavras são as menos importantes, aquelas das quais mais se abusa, as que recebem menos consideração. Por que razão?

Porque, de um modo geral não nos identificamos com as palavras que dizemos e estas não nos identificam. Quantas palavras deixaram de ser um compromisso. Quantas delas são vazias, porque está vazio o coração de quem as pronuncia: vazio de afecto, de amor. Falta-lhes a vida que dê vida a quem as ouve: a vida que, em si mesma, seja palavra e faça das palavras fonte da vida.

Contudo, todos precisamos de palavras que falem e procuramo-las de facto. O nosso coração anela por uma palavra de confiança, dita por pessoas cujas palavras sejam realmente significativas e que, por isso, conquistem, convençam, transformem. Como foi a Palavra de Jesus.

2. Jesus é a Palavra de Deus que se fez carne

O Evangelho de S. João começa com estas palavras: “No princípio existia o Verbo; e o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. (…) E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós” (Jo 1,1.14).

É assim que Jesus é denominado: como Palavra (=Verbo), que faz parte do ser de Deus, desde o "princípio" que está para além de todos os princípios, isto é, desde toda a eternidade, desde que Deus é Deus. É Palavra por duas razões. Primeiro porque Deus é, por natureza, comunicação: pela vida que tem e que dá. Isto é, Deus é impensável sem a Palavra com que se comunica, como a vida é impossível sem comunicação. Segundo, porque Deus jamais se comunicou tanto aos homens, como em Jesus de Nazaré: "A Deus, jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer" (Jo 1, 18).

E deu-o a conhecer do mesmo modo como Deus sempre se deu a conhecer: através de *obras*. Obras que falam por si; que se tornam *palavras realizadas*, dando consistência e eficácia às *palavras ditas*, que as precedem ou acompanham. O Reino de Deus, definitivamente inaugurado por Jesus, manifestava-se, ao mesmo tempo, no Evangelho com que proclamava a sua chegada e nas acções que realizava e pelas quais Deus libertava as pessoas dos males que as oprimiam. Daí a autoridade única e convincente de Jesus, objecto da admiração de todos: "Que é isto? Eis um novo ensinamento, e feito com tal autoridade, que até manda aos espíritos impuros e eles obedecem-lhe" (Mc 1, 27). O Evangelho que proclamava, aparecia ao vivo nas acções que realizava. Por isso, as suas palavras tinham um poder interpelativo único: devido à total sintonia entre o que dizia e o que fazia.

Uma sintonia que Ele mantinha e alimentava através de uma relação permanente e profunda com Deus pela oração. Era tanto mais Palavra de Deus, quanto mais intenso era o diálogo vivo que mantinha com Ele; Aquele, a quem se dirigia com o termo aramaico "Abba", que significa *papá*. Tal era a intimidade filial que o unia a Deus.

Embora, "segundo o seu coração de homem", tenha aprendido a rezar, sobretudo da sua Mãe, a sua oração brotava-lhe duma fonte diferente e secreta, como deixa pressentir quando diz, aos doze anos: «Eu tenho de estar na casa do meu Pai» (Lc 2,19). "Aqui começa a revelar-se a novidade da oração na plenitude dos tempos: a *oração filial*, que o Pai esperava dos seus filhos, vai finalmente ser vivida pelo próprio Filho Único na sua humanidade, com e para os homens" (CIC 2599).

E também a este nível Jesus é a Palavra de Deus: "É *contemplando* e escutando o Filho que os filhos aprendem a orar ao Pai" (CIC, 2601). Com efeitos semelhantes aos que se verificavam em Jesus: com o coração cheio de Deus, também as nossas palavras se encherão de significado porque em sintonia com o nosso modo de pensar e agir, a sintonia que se alcança na sintonia com Deus.

3. Palavras que falam

Quando o coração, cooperando com as forças da fé contra o tumulto, a ansiedade e o barulho exterior, consegue manter viva a tranquilidade e a união interior, sentimos como as nossas palavras podem ser vida. Elas abrandam a dureza do medo e abrem as asas da esperança.

Mas, sabemos que nem sempre é assim. O que falta às nossas palavras? Oração, silêncio, despojamento; numa palavra, falta Aquele que é a Palavra e educa o nosso ser para que não diga palavras vãs. E educa-o, sobretudo na sua relação filial com o Pai.

É isto que todos, sobretudo pais e educadores cristãos, precisamos de aprender: a pureza do coração. Se as nossas mentes e corações não mudam, até neles germinar a semente da fé, então as nossas palavras não serão palavras de Deus, mas de homens, e a nossa oração não será oração que se volta para Deus, mas se volta para nós.

Só um coração "decidido a converter-se, aprende a orar na fé": aprende a falar com Deus para, nesse diálogo filial, se deixar encher d'Ele, do seu amor, da sua vida (cf CIC 2609).

OBJECTIVOS

– Lembrar o gosto que temos de falar com a nossa família.
– Descobrir que Jesus dialogava com o seu Pai através da oração.
– Comprometer-se a rezar todos os dias.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

As crianças gostam imenso de conversar. Chega a ser impressionante como, nesta fase, seres ainda tão novos conseguem estabelecer entre si longas conversas, sobretudo quando estas se prendem à acção: brincar, estudar, ajudar.

Mas, com quem elas gostam muito de estabelecer diálogo, é com os adultos. São estes que lhes ensinam coisas importantes, desvendam segredos e mistérios, vencem medos e ajudam a crescer. Aprendem, imitando; aperfeiçoam-se, conversando.

São os pais, aqueles em quem elas mais confiam e com quem sentem segurança neste caminho de aprendizagem; e o pai, em particular, ao falar com a criança, dá-lhe uma força tal, que é como se lhe passasse um certificado de emancipação.

Esta experiência de escuta, seja com o progenitor, seja com alguém que realmente a ame, é fundamental para que a criança compreenda a atitude de Jesus: Ele gosta de dialogar com seu Pai e fala dele.

Nesta catequese, dá-se especial atenção ao diálogo, como experiência humana. É indispensável que se tenha conhecimento prévio da situação familiar de cada uma das crianças e se conduza bem o diálogo. Só assim se pode contribuir para que elas consigam ganhar gosto de falar com Deus Pai – mesmo sem O verem – no segredo do coração e percebam que Deus nunca se esquece de nós.

MATERIAIS

– Lápis para escrever;
– Pequenos cartões em cartolina (tamanho do baralho de cartas);
– Lápis para desenhar e pintar;

– Imagem de Jesus em oração (catequese 14);
– Dísticos: “Jesus gosta muito de Seu Pai” (Catequese 15); “Deus também é nosso Pai” (Catequese 15); “oração” (Catequese 15); “Bendigo-te, ó Pai, porque revelaste estas coisas aos pequeninos”;
– Vela grande e bonita (se possível, uma nova, para despertar a atenção das crianças);
– Cartaz com a oração da noite.

MÚSICA
– “Deus é bom para mim!”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. No quadro/placar encontram-se afixados: a imagem de Jesus (catequese 14) e os dísticos “Jesus gosta muito de Seu Pai”; “Deus também é nosso Pai” e “Oração” (todos da catequese15).

Durante o acolhimento, já na sala, o catequista recorda, o compromisso da catequese anterior e procura saber quais as crianças que todos os dias rezaram, com os pais, a oração da manhã.

1ª Alternativa

Grupo grande
Olhem para o vosso catecismo (indicar a página). Tantas profissões! Conhecem essas profissões? Vamos tentar descobrir e completar o nome delas. Eu ajudo!...
Após descobrirem e completarem o nome das profissões, segue-se:

São pessoas a trabalhar. Há muitas profissões!
O vosso pai também trabalha? Algum de vós tem o pai com uma profissão igual ou parecida com uma destas do catecismo? (…)
Querem dizer uns aos outros em que é que o pai trabalha? (…)

Os vossos pais fazem coisas muito importantes. O trabalho que eles fazem, seja ele qual for, é muito necessário, para que todas as pessoas tenham uma vida melhor e sejam mais felizes.

2ª
Alternativa

Grupo pequeno

Convém que o catequista conheça a profissão do pai de cada criança. Caso ainda não saiba, deve consultar as fichas das crianças ou informar-se com a devida antecedência.

Quem quer jogar às cartas? (…)
Mas, as cartas do nosso jogo ainda não estão completas. (*Enquanto o catequista mostra as cartas):* De um lado têm escrito alguma coisa, mas no outro estão em branco. Querem ajudar a acabar as cartas, para depois fazermos o jogo com elas? (…)
Dou uma a cada um. Todos ficam com o lado escrito voltado para si.

Entrega, a cada criança, a carta em que está escrita a profissão do pai. Se estiver desempregado, deve mencionar. Ex.: Polícia, enfermeiro, empresário, jardineiro, mecânico, vendedor…

Querem ler o que está escrito na vossa carta? Eu ajudo! … É a profissão do teu pai ? E esta tem o nome da profissão do pai de (N).

Cada um recebeu uma carta com o nome da profissão do pai. Quem é que já foi ao lugar de trabalho do pai e o viu a trabalhar? (…)

Do lado em branco da carta, cada menino vai desenhar o pai a trabalhar.

Acabado o desenho, o catequista continua o diálogo:

Agora que cada um já fez o desenho, vou recolher as cartas todas. (*O catequista recolhe-as)*) Vou baralhá-las e tirar à sorte, uma de cada vez. Quando a levantar, mostro só o lado do desenho e só pode falar e ficar com a carta o menino que fez esse desenho da profissão do seu pai.

Baralha as cartas e cada criança tira uma à sorte. Sem ver, dá a carta ao catequista e este mostra-a às crianças.

Esta carta é do (N.) e esta do (N.).
Agora que cada um reconheceu a sua carta, um de cada vez vai contar o que sabe da profissão do pai. No fim, vamos juntar duas a duas as profissões mais parecidas e depois vamos pousá-las à volta da Bíblia, o livro da Palavra de Deus.

2. *(Continuação para as duas alternativas:)*

Quem gosta de ouvir o pai a contar as coisas que faz no seu trabalho? (…)

Já algum menino ouviu o pai falar das coisas que ele faz? (…)

Quem gosta de conversar com o pai? (…)

O que é que costumam falar os dois? (…)

Tanta coisa que há para dizer! Já contaram algum dia um segredo ao pai? Ou o pai a vós? (*Não é para contarem os segredos, mas só para saber se os têm)*

É tão bom falar assim com o pai! Mas, o mais importante é ter alguém no nosso coração que é tão amigo que até podemos dizer-lhe segredos ou mesmo rezar com ele.

- Quem reza com o pai? (…) (*É possível que digam que o fizeram durante essa semana. Catequese 15)*

Na última catequese, já descobrimos que os bons pais são muito nossos amigos. Fazem tudo por nós. E por isso é que nós gostamos deles e falamos com eles.

II. PALAVRA

1. Com Jesus passou-se algo de muito parecido. Havia Alguém que tinha um lugar muito especial no seu coração. Sabem quem era?
Tendo presente o que aprenderam, nomeadamente na catequese anterior, as crianças irão responder: Deus ou Deus Pai.
Exacto! Era Deus, Seu Pai! Basta olharem ali para o quadro/placar.
Jesus dedicava muito tempo ao Pai do Céu. Falava com Ele. Procurava saber o que mais lhe agradava e fazia sempre a Sua vontade. Jesus não O via com os olhos, como via a sua mãe, Maria, e José, seu esposo. Mas sentia que Deus, seu Pai do Céu, vivia no seu coração e estava muito próximo.
Ainda se lembram daquela história que eu contei na última catequese? Quando Jesus tinha 12 anos? …

Deixar que as crianças contem o episódio de ***Lc 2, 41-52****. O catequista sempre que necessário, vai completando. Mas procure, através de perguntas, que as crianças o façam. Pode, entretanto, ir chamando a atenção para os dísticos que se encontram no quadro/placar. Depois de recordarem o episódio, o catequista pergunta:*

Lembram-se o que acontecia com Jesus por Ele ser tão amigo do Pai do Céu e lhe rezar tanto? Como é que era a vida de Jesus, por exemplo, com Maria e S. José e as outras pessoas? *(Ouvir as crianças e completar com:)*
Jesus obedecia aos seus pais da terra. Devia de os ajudar muito.

E, por isso, crescia … lembram-se em quê? *(Ouvir as crianças)*

Exacto: em sabedoria, estatura e graça. E se Ele crescia em graça, como é que Ele se comportava com as outras pessoas?

O Pai de Jesus dava-lhe muita força, para Ele ser amigo de todos. Por isso, Jesus não era invejoso, egoísta ou ciumento. E quando, para o experimentarem, faziam troça de Jesus, ele não se irritava, porque estava disposto a perdoa.

Muito bem! Estou muito contente por ver como vós estais com atenção e estais assim a crescer também em estatura, sabedoria e graça. E Jesus certamente também está contente convosco. Porque assim mostrais que sois filhos de Deus. Sim, porque Deus também é nosso Pai *(Apontar dístico)*

2. Mas será que Jesus só rezava ao Pai, quando era criança e jovem?
Que vos parece? *(Ouvir as crianças)*

Quando Ele era uma pessoa adulta, continuava a rezar. Nessa altura ainda mais. É que, se os adultos deixam de rezar, podem perder a força e a vontade de serem bons, de terem um coração como o de Deus e de Jesus.

Aqui na Bíblia *(o catequista pega nela)* até vêm algumas orações que Jesus dizia quando era adulto. São todas muito bonitas. Querem ouvir uma das mais bonitas?

*(O catequista abre a Bíblia em **Mt 11, 25** e lê calmamente:)*

Então ouçam esta linda oração de Jesus:
"Bendigo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra,
porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos
e as revelaste aos pequeninos"

Afixar por cima da imagem de Jesus, o dístico: "Bendigo-te, ó Pai, porque revelaste estas coisas aos pequeninos" e o catequista pode repetir a leitura. Depois pergunta:

Gostaram? Eu também gostei. Por duas razões. Querem saber quais são?
Primeiro porque Jesus nesta oração fala de vós… Sim, sim. Ele louva, bendiz o seu Pai do Céu, por causa de vós. Está aqui: "Porque revelaste" ou mostraste estas coisas "aos pequeninos". Ora os pequeninos sois vós. Vós que estais aqui na catequese e já aprendestes tantas coisas sobre Jesus e sobre Deus. Não acham lindo Jesus estar a rezar também por causa de vós…

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Mas há uma segunda razão, por que eu gosto muito desta oração de Jesus. É esta: esta oração é parecida com aquela oração que aprendemos na semana passada, e até a cantámos. Lembram-se *(o catequista pode cantar uma vez).*

Nós dizemos a Deus Pai: “Bendito”, e Jesus diz na sua oração: “Bendigo-te, ó Pai”!

Bendigo-te e bendigo é quase o mesmo. É dizer bem a Deus, louvá-lo.

Que bonito! E se nós fossemos cantar a mesma oração, agora também por aquilo que ouvimos de Jesus?... Então ponham-se de pé, levantemos as mãos para o céu e cantemos:

“Deus é bom para mim!”…

2. Na semana passada aprendemos uma oração para dizermos de manhã, quando nos levantamos. Eu sei que os (alguns) meninos já a rezaram, com a ajuda dos pais.

E foi bonito, não foi? Assim, o dia até se passa melhor.

Mas, falta aprendermos uma oração, para rezarmos à noite, antes de nos deitarmos. Sim, porque Jesus não rezava só de manhã. Também à noite. E, às vezes era até a noite inteira. Tão amigo Ele era de Deus Pai.

Então querem hoje aprender uma oração para dizer à noite?...

Ela vem também no catecismo. *(O catequista indica a página e ajuda a encontrá-la. depois ensaia uma vez a oração. No fim convida a rezá-la:)*

Vamos fazer assim: primeiro vamos acender uma vela que colocamos junto do Livro da Palavra de Deus *(o catequista acende)*. Esta vela indica a luz de que precisamos quando é escuro. Mas indica também que é Deus e Jesus que nos iluminam, nos mostram tantas coisas boas.

E agora, voltados para a vela e a Palavra de Deus, podemos todos rezar:

Muito obrigado; Jesus,
Pelo dia que passou
Perdoa as minhas maldades,
Tu bem sabes como eu sou.

Uma noite descansada
Eu Te peço, ó meu Jesus,
Dá a todas as pessoas
Teu amor e tua luz

3. Não se esqueçam de a rezar lá em casa. Vão colocar o catecismo aberto num lugar importante e, com a família, rezá-la todos os dias. Assim vamos ficando mais parecidos com Jesus, que rezava todos os dias, de manhã e à noite. Esta é a nossa oração da noite.

4. *(As crianças que seguiram a 2ª alternativa, podem agora colocar as suas "cartas" junto da Bíblia. Depois disso, e também para as outras, o catequista convida mais uma vez à oração:)*

Para que os vossos pais e outros familiares vos ajudem a rezar a oração da noite, vamos louvar a Deus nosso Pai por eles. Está bem?

Então, levantemos as mãos para Deus e cantemos:
"**Deus é bom para mim!**"…

Então não se esqueçam da oração da manhã e da noite.
Se a fizerem, já posso desejar-vos: Boa Noite… com Jesus!

CATEQUESE 17

JESUS É AMIGO DE TODOS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Precisamos de amigos…**
   Pela razão mais óbvia: somos seres, por natureza, sociais. A vida que cada um de nós adquire e tem, deve-a, praticamente na sua quase totalidade, aos outros. A começar pelos nossos pais que, não apenas nos geraram, mas nos foram proporcionando tudo o que nos permitiu crescer, a todos os níveis da nossa existência. E crescemos tanto mais, para uma vida íntegra e equilibrada, quanto maior foi e é o amor, o carinho, a dedicação com que, naquilo que nos deram e dão, se deram a eles próprios. Nesse sentido, podemos dizer que somos filhos do amor… e, como tal, em condições de podermos amar.

   Mas o leque de amigos estende-se, tem de se estender, muito para além das fronteiras da família carnal a que pertencemos. Crescemos tanto mais, quanto mais forem as pessoas em quem podemos confiar. Experimentamo-lo, de modo especial, nas horas difíceis ou felizes em que a vida, por qualquer razão, nos foge ou nos enche. É nessas alturas que melhor reconhecemos que "os amigos são para as ocasiões" e que "quem tem um amigo, tem um tesouro": pela palavra de consolo, ânimo ou orientação que dele recebemos; pela generosidade e gratuidade com que nos estende as mãos e partilha connosco o que de momento não temos; ou simplesmente pela disponibilidade e prontidão com que nos escuta, quando precisamos de alguém com quem possamos abrir-nos, desabafar o problema ou a dor que nos oprime e destrói ou comunicar e festejar a alegria que não conseguimos conter em nós. É a partir desses momentos extremos, que esses a quem nos comunicamos, passam com mais intensidade a fazer parte da nossa vida… e nós da deles.

   E é também nesses alturas que eu melhor me apercebo de que, se a minha vida é realmente um dom, ela só tem sentido, se vivida como tal. Isto é, eu não preciso apenas de *ter* amigos, mas, na mesma proporção, preciso de *ser* amigo. E numa medida que,

pela fé, ultrapassa os limites das minhas capacidades humanas: a medida de Jesus Cristo.

2. **Jesus Cristo, o maior amigo…**

   Maior, porque, ninguém como Ele, manifestou de um modo tão intenso e extenso o que é, ao mesmo tempo, parte integrante e fonte da verdadeira amizade.

   Não excluiu ninguém. E se alguém Ele preferiu, forem aqueles que, pelas razões mais diversas, eram os mais desprezados e excluídos: os pobres e os doentes, os publicanos e os pecadores, as mulheres e as crianças. Porque foi ao seu encontro e os acolheu, sem outra finalidade que não fosse proporcionar-lhes o bem, a vida, o apreço de que precisavam, por isso é que Ele foi tão bem acolhido por eles. Um acolhimento que lhes abria o caminho para a conversão: para a abertura aos outros, à partilha de bens, ao amor sem limites. Veja-se, por exemplo, o que aconteceu com o publicano Zaqueu (cf Lc 19, 1-10).

   Deu também especial atenção a um grupo mais íntimo de amigos: aqueles que, deixando tudo, as redes, a barca ou o telónio (cf Mc 1, 16-20; 2, 13-14), o seguiram. Chamou-os e, de entre eles, "estabeleceu doze para andarem com Ele e para, os enviar a pregar" (3, 14). Isto é, para a seu tempo e por sua vez, darem testemunho vivo e activo do mesmo amor que haviam experimentado: quer quando foram chamados, quer, sobretudo, quando Ele, pela morte na cruz, deu a maior prova do Seu amor e o tornou para sempre presente entre nós, como Ressuscitado. Foi também então que adquiriu expressão mais viva a mensagem do Reino de Deus que, em toda a sua actividade messiânica, anunciara.

   Para isso privilegiou uma permanente e profunda comunhão com Deus através da oração: desde o primeiro dia da sua vida pública (cf Mc 1, 35) até ao início e o fim do drama da sua paixão e morte (cf 14, 32-42; 15, 34). Era, sem dúvida, desta intensa amizade com Deus que auria a energia da sua inexcedível amizade com os homens: a amizade que ainda hoje continua ou manifesta através daqueles que a Ele aderem e dele vivem.

3. **A comunidade dos amigos de Jesus**

   É a Igreja, a que pertencemos, a *sua* Igreja. *Sua*, porque nascida do seu coração aberto, do qual "brotou sangue e água" (Jo 19, 34), isto é, a água que é símbolo do Espírito com que derramou o seu sangue, deu a sua vida por nosso amor. Sua, porque aberta aos que, pela fé e pelo baptismo, *bebem* e vivem do seu Espírito (cf. 1Cor, 12, 13). Sua, porque alimentada pelo pão e pelo vinho em que nos dá o seu corpo e, o seu sangue que fazem de todos os que os tomam um só corpo (cf 1Cor 10, 16-17).

   É por isso que esta Igreja é chamada "Corpo de Cristo" do qual "cada um, pela sua parte, é um membro" (1Cor 12, 27). Somo-lo, na medida em que vivemos da e na amizade de Cristo, que continua a dizer-nos: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos

outros, na medida em que eu vos amei. Nisto todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 34-35).

"Todos saberão", ou seja: aquilo que nos identifica é aquilo que temos de testemunhar. Tratando-se do amor, não se pode verdadeiramente testemunhar, senão pela prática: entre os cristãos e destes para com os não-cristãos. Na certeza, de que esse é o único meio eficaz de os conquistar para Cristo: na medida em que são amados.

Felizmente é isso que acontece em tantos lugares do mundo. Entre eles, estão tantas salas de catequese. Será uma delas, a do meu grupo, neste encontro?

OBJECTIVOS

– Reconhecer que, para sermos felizes, necessitamos de amigos.
– Descobrir que Jesus era amigo de todos.
– Aprender a ser amigo como Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

As crianças estão a entrar numa faixa etária, em que - não deixando a tendência por vezes acentuadamente individualista, mas necessária para aquisição da sua personalidade, - passam a uma abertura, cada vez mais acentuada, para outro, o colega de escola ou da catequese. Isto é, apreciam cada vez mais ter amigos e dispõem-se a colaborar na aquisição e manutenção dessa amizade.

Isto facilita a compreensão e aceitação da mensagem desta catequese: *Jesus, como amigo de todos*. É talvez o aspecto mais atraente de Jesus, que pode e deve servir para a vivência da sua mensagem. A começar pelo grupo da catequese: se o catequista conseguir que entre as crianças se estabeleçam laços de verdadeira amizade, então o objectivo mais prático desta catequese foi alcançado, e, no fundo, de toda a mensagem cristã. É importante que as crianças, lentamente, vão ganhando consciência de que fazem parte da Igreja de Jesus Cristo, a Igreja onde Deus, seu Pai, se revela e Ele continua a actuar.

Escusado é dizer que a atitude do catequista é fundamental. A mensagem que transmite nesta catequese tem de transparecer em toda a sua vida cristã, incluindo as suas relações com as crianças, sobretudo neste encontro. Este é um daqueles encontros em que falam muito mais os gestos e as atitudes do que as palavras.

MATERIAIS

– Lenços ou panos para vendar os olhos das crianças (1ª e 2ª alternativa);
– Dístico: "Bendigo-te, ó Pai, porque revelaste estas coisas aos pequeninos";
– Cartaz com Jesus rodeado de pessoas, a curar um doente, e o dístico: "Jesus é amigo de todos";
– Cinco imagens relativas à vida de Jesus (ver desenvolvimento).

MÚSICA

– "Com Jesus".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Antes de começar a catequese, o catequista pode afixar dois cartazes, relativos às catequeses 15 e 16, com as orações da manhã e da noite. Aproveite depois o tempo do acolhimento, para as recordar e para motivar as crianças a rezá-las diariamente. Para isso, pode também servir-se do catecismo, onde se encontram.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *(Ver Documentos 1 e 2)*

1ª Alternativa

Grupo grande

Desenvolvimento do jogo: "O avião sem piloto"

Querem fazer um jogo? (…)

São todos precisos. Mas, é claro, nem todos fazem o mesmo. Eu vou explicar. O **jogo** chama-se **"o avião sem piloto".** É um avião que anda a voar, mas sem piloto. Ou melhor, o piloto está fora do avião, enquanto este anda a voar. O jogo consiste em o avião, com a ajuda do piloto, poder aterrar no lugar certo, o lugar que for indicado pela torre de controlo. Parece complicado, mas não custa nada. Claro, se forem capazes de jogar bem.

Vamos lá então. Primeiro precisamos de um menino que faça de "avião" e outro que faça de "piloto". Quem quer fazer? (…) Como o "piloto" está fora do "avião", este não vê nada. Portanto vou fechar os olhos ao "avião" *(o catequista venda os olhos ao "avião")*.

Agora vamos ao "aeroporto". Primeiro os limites do aeroporto: vão ser os restantes meninos, todos uns ao lado dos outros *(o catequista ordena as crianças)*. Só falta a "torre de controlo": podem ser estes dois meninos *(o catequista indica duas das crianças que estão nos "limites do aeroporto")*. É junto desta torre que o "avião" tem de aterrar. Para isso, o menino que faz de "piloto" vai colocar-se atrás da "torre de controlo" *(o catequista desloca para lá a criança que faz de "piloto")*.

Para começar o jogo, só falta saber os sinais que o "piloto" vai dar ao "avião" para que ele possa aterrar, sem bater nas barreiras da pista *(o catequista leva a criança que faz de*

"piloto" para junto do que faz de "avião" e combina entre eles o código secreto a usar: por ex., "vermelho" - para parar; "verde" - para avançar; "azul"- para a direita; "laranja" - para a esquerda. Depois leva o "piloto" para trás da "torre de controlo"). Só mais uma coisa: os meninos que fazem de "limites da pista" não podem fazer barulho, a não ser que o "avião" esteja a ir contra a barreira. Se isso acontecer, accionam os "alarmes" *(o catequista indica um sinal de alarme)*.

Está tudo pronto? Então podemos começar: o "avião" pode começar a voar, guiado pelos sinais do "piloto".

Quando o "avião" aterrar no lugar certo, as crianças que fazem de "torre de controlo" e de "piloto", dão as boas vindas, aplaudindo-o. Se não demorar muito, o jogo pode ser repetido.

2ª Alternativa

Querem fazer um jogo? (…)

Ninguém pode ficar de fora *(Se as crianças forem em número ímpar, o catequista entra também no jogo)*. Vão ver que vão gostar muito.

O **jogo** chama-se **"Reconheço a voz do meu amigo"**. Portanto cada um de vós tem de arranjar um amigo, para jogar *(Ajudar as crianças a organizarem-se aos pares)*.

Agora, vamos vendar os olhos a um dos amigos de cada par *(são vendados os olhos, se necessário, com a ajuda do respectivo elemento de cada par)*.

É preciso que os meninos de olhos vendados não vejam mesmo nada. Não se pode fazer batota. Portanto, verifiquem bem se não vêem mesmo nada. Agora vamos separar os amigos: os de olhos vendados vão para o centro *(ajudar a conduzi-los para lá)*. Os outros formam uma roda à volta, mas um bocadito longe do centro *(ajudar a organizar a roda)*. Só falta saber em que consiste o jogo. É assim: cada menino que está na roda, vai chamar pelo nome do seu amigo de olhos vendados, até ele chegar ao pé de si. Atenção: os que estão na roda não podem sair de lá. O amigo de olhos vendados é que tem de deslocar-se até encontrar o amigo. E este só pode chamar pelo nome do amigo. E os que estão de olhos vendados tenham cuidado em não chocarem uns com os outros. Por isso, antes de se deslocarem, ouçam bem de onde vem a voz do amigo que chama.

Prontos? Então pode começar ao jogo.

(Depois de todos se reencontrarem:)

Agora podem tirar a venda dos olhos do amigo e abraçarem-se por se terem reencontrado sãos e salvos.

2. *(Para qualquer das duas alternativas:)*
Gostaram do jogo? O que vos pareceu mais importante: o jogo, ou os amigos com quem fizeram o jogo? As dificuldades que encontrarem no jogo foram vencidas, porque jogámos em equipa.

Já sois capazes de trabalhar e brincar em equipa, ou seja, com outros meninos. Isto mostra que já estais a ficar mais crescidos, que até já sabeis confiar nos amigos.

Convidei-vos para fazer um jogo – e foi muito bonito ver como fostes capazes de contar com os vossos amigos. Quando brincamos ou estudamos com os amigos, parece que tudo corre melhor.

Reparem no vosso catecismo: - *Imagem de criança a andar de baloiço* – Que está a mesma a fazer? Parece-vos que é capaz de o fazer sozinha?

– Que precisa ela para poder baloiçar? (…) Claro., da ajuda de alguém?!

Agora imaginem que esta menina era a vossa melhor amiga. O que fariam? (…) Ajudavam-na. Como?

II. PALAVRA

1. Também Jesus, o nosso Amigo, não fez sozinho todas as coisas que o Pai pediu para fazer.
Quando Jesus falava com o Pai, não falava só de si mesmo. Pensava em todos e sentia, no seu coração, que Deus Pai O chamava a ser amigo de todos. Por isso é que Jesus lhe rezava aquela oração que ouvimos a semana passada. Ainda se lembram dela? *(O catequista afixa, em silêncio, o dístico:)*

Dístico:**"Bendigo-te, ó Pai, porque revelaste estas coisas aos pequeninos"**

Jesus está a louvar o Pai do Céu pelas coisas boas que Ele fez aos pequeninos. E quem eram estes pequeninos? *(Ouvir as crianças)*
Sim, eram os meninos e meninas como vós…Mas seriam só os pequenos em idade e estatura?

2. *(Afixar cartaz com Jesus a curar e o dístico:* ***Jesus é amigo de todos****).*
O que estamos a ver neste cartaz? (…)

Jesus com um grupo de amigos, todos felizes, à sua volta. E Jesus está a curar um doente. Ora os doentes são como os pequeninos. Como aos meninos ainda lhes falta muita coisa que têm os adultos, aos doentes falta a saúde. Se ninguém cuidar deles, não podem viver.

3. Mas, temos ali umas imagens em cima da mesa. Vou pedir a alguns de vós que peguem nelas. Depois, vamos fazer pequenos grupos com cada um dos que têm imagens (*o catequista distribui as crianças, procurando agrupar as que menos se conhecem ou se encontram*).

   Agora, em cada grupo, vão olhar bem para a imagem e vão dizer uns aos outros o que vos parece que Jesus está a fazer. *(O catequista pode ir, de grupo para grupo, ajudando a identificar o que é indicado por cada imagem).*

   Criança com imagem
   Jesus parece que está a chamar umas pessoas e elas deixaram o barco, as redes... Vê-se que Jesus tem amigos e alguns que são amigos especiais.

   Criança com imagem
   Jesus está a curar um doente paralítico: Ele quer o bem dos doentes.

   Criança com imagem
   Jesus está numa casa chamada sinagoga, a falar às pessoas: fala-lhes do amor do Pai.

   Criança com imagem
   Jesus está a curar uma menina. Parece que o pai e a mãe estavam muito aflitos. Mas, vendo a filha curada, estão muito felizes.

   Criança com imagem
   Jesus está rodeado de meninos como vós: Ele é mesmo amigo de todos. Nem sequer das crianças se esquece.
   (No final do trabalho dos grupos:)

   No vosso pequeno grupo, já todos sabem o que Jesus fazia, de acordo com a imagem que escolheram. Agora, vamos saber o que descobriu cada grupo. O menino que recebeu a imagem, vem aqui à frente (*ao pé do catequista*) e levanta a imagem. Depois os outros do seu grupo vêm ao lado do amigo dizer a todos o que descobriram Jesus a fazer. Só depois vou afixar as imagens no quadro/placar para todos vermos.
   (Depois de afixar as gravuras, o catequista continua:)

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Sabem uma coisa? No tempo de Jesus, muitas das pessoas grandes não se preocupavam com as crianças. Mas Jesus era diferente. Não fazia como essas pessoas que não queriam saber das crianças, nem dos doentes. Jesus preocupava-se com todos: **Era Amigo de todos** (*apontar para o cartaz*).

   Querem agradecer a Jesus por ser tão nosso amigo?

Então vamos pôr-nos de pé e vamos dar as mãos uns aos outros. É que, se somos amigos de Jesus, também somos amigos uns dos outros. Por isso, demos as mãos. Bonito! Agora digam, todos depois de mim:

Obrigado ó Jesus,
por seres amigo de todos nós.

E agora podemos cantar uma **canção**. Querem aprendê-la? É assim:
"Com Jesus"

2. Mas nós às vezes não conseguimos ser amigos de todos, como foi Jesus, pois não?

Então, em segredo, cada menino vai fechar os olhos e pensar naquela pessoa, grande ou da vossa idade, de quem tem dificuldade em ser amigo. E também pensa se podemos fazer alguma coisa para nos tornarmos amigos.

(Depois de um breve silêncio:)

Agora vão desenhar no que pensam que podemos fazer, para sermos amigos de todos, como Jesus. *(Esta actividade pode ser proposta como trabalho para casa, sobretudo se faltar tempo na catequese)*

3. Em casa vão pedir aos pais que continuem a rezar convosco a oração da manhã e da noite, para termos coragem, como Jesus, de sermos amigos de todos, até daquela pessoa em que acabámos de pensar.

Para não se esquecerem, vamos cantar outra vez:
Cântico: ***Com Jesus***

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

JOGO: O AVIÃO SEM PILOTO
(a fazer de preferência, fora da sala de catequese)

Pretende-se que as crianças confiem nos amigos e, com a ajuda deles se desloquem com segurança.

Material: Lenço ou pano para vendar os olhos

Como jogar:

1. Uma criança faz de "avião", outra de "piloto", e as restantes formam os limites do aeroporto. Duas destas crianças são o local certo, a torre de controlo, onde o avião tem de aterrar sem bater.
2. A que faz de "avião" tem os olhos vendados.
3. A que faz de "piloto" orienta à distância (por detrás das duas crianças que fazem de "torre de controlo"), desde o ponto de partida até à meta.
4. Com a ajuda do catequista (e em segredo) as crianças "avião" e "piloto", combinam um código secreto, para as instruções a transmitir pela que faz de "piloto". Por exemplo: vermelho: parar; verde: avançar; azul: para a direita; laranja: para a esquerda.
5. As crianças "barreiras" não podem fazer barulho, sempre que o avião se descontrolar, mas apenas se ele bater, devem accionar os alarmes (a inventar com o catequista).
6. Vence o "avião" que aterrar junto da "torre de controlo" sem bater.
7. As crianças da "torre de controlo" e o "piloto", quando o avião chegar sem bater, dão as boas vindas (inventar um som de aplauso).
8. Podem alternar-se as crianças e repetir o jogo (se não demorar muito tempo).

DOCUMENTO 2

JOGO: RECONHEÇO A VOZ DO MEU AMIGO

Material: Lenços ou panos para vendar os olhos

Finalidade: Ter confiança nos amigos; demonstrar amizade e educar nos afectos, de uma forma natural e sã.

Como jogar:

1. As crianças organizam-se aos pares de amigos.
2. A uma de cada par são vendados os olhos.
3. As crianças de olhos vendados vão para o centro e as restantes formam uma roda, a uma certa distância.
4. O jogo começa com cada criança de olhos vendados a procurar juntar-se ao respectivo par, mas guiada apenas pela voz do amigo, que chama pelo nome o amigo de olhos vendados.
5. Quando se reencontram, as crianças que chamaram, tiram as vendas dos olhos dos amigos e abraçam-nos como sinal da amizade e de felicitação (por se terem reencontrado).

CATEQUESE 18

JESUS GOSTA DE MIM

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Gostar e amar

Não são a mesma coisa. Embora muita gente os confunda e diga que ama, quando de facto, o que sente é apenas o prazer de gostar. E, quando não é mais do que isso, a relação assim expressa está condenada, mais cedo ou mais tarde, ao fracasso. Veja-se o que acontece em tantas uniões matrimoniais.

Então, onde está a diferença? No fundo, é a mesma que o Papa Bento XVI, na Encíclica *Deus é amor*, encontra entre os termos gregos *eros* e *agápê*. A palavra *eros* pode ligar-se ao *gostar* e a palavra *agápê* ao *amar*.

Escreve o Papa que "os gregos (…) viram no *eros* sobretudo o inebriamento, a subjugação da razão por parte duma *loucura divina* que arranca o homem das limitações da sua existência e, neste transtorno de uma força divina, faz-lhe experimentar a mais alta beatitude". Assim exaltado e "celebrado com uma força divina", o *eros* acaba por conduzir a uma "degradação do homem", manifestada nos cultos da fertilidade, em que as "prostitutas sagradas não são tratadas como seres humanos e pessoas, mas servem apenas como instrumentos para suscitar a *loucura divina*: na realidade, não são deusas, mas pessoas humanas de quem se abusa" (DCE, 4).

"Para obter a felicidade que o *eros* promete, mas por si só não dá, o homem precisa do *agápê*, que se tornou (…) o termo característico para a concepção bíblica do amor. Em contraposição ao amor indeterminado e ainda em fase de procura, este vocábulo exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro, pelo outro separando assim o carácter egoísta que antes claramente prevalecia. Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade: procura ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, mais, procura-o" (DCE, 6).

Quer dizer que *eros* (gostar) e *agápê* (amar) se excluem? Pelo contrário, completam-se. Segundo Bento XVI, "depende primariamente da constituição do ser humano, que é composto de corpo e alma. (…) Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como herança apenas animalesca, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se ele, por outro lado, renega o espírito e consequentemente considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde igualmente a sua grandeza. (…) A fé cristã sempre considerou o homem como um ser uni-dual, em que espírito e matéria se compenetram mutuamente, experimentando ambos precisamente desta forma uma nova nobreza"" (DCE, 5). Do mesmo modo, "*eros* e *agápê* – amor ascendente e amor descendente – nunca se deixam separar completamente um do outro" (DCE, 7), no homem e no próprio Deus.

2. **"Como o Pai me amou, também eu vos amei"** (Jo 15, 9)…
Estas palavras foram ditas por Jesus aos discípulos, durante a última Ceia. Escritas por S. João umas boas dezenas de anos depois, referem-se ao amor de Jesus, que teve a sua maior prova na entrega da vida na cruz. Foi então que Ele "levou o seu amor por eles até ao fim" (Jo 13, 1).

   É o amor que lhe vem da sua condição divina de Filho Unigénito de Deus (cf. Jo 1, 18). "Tanto amou Deus o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigénito" (Jo 3, 16). Jesus é, pois, a encarnação mais viva e extrema do amor de Deus: dom do Filho que, por sua vez, se deu todo, até à última gota de sangue e água (cf Jo 19, 34).

   Trata-se do amor *agápê*. É este o termo, como substantivo ou verbo, usado por S. João em todas as passagens em que fala do amor de Deus por nós. Mas não deixa, por isso, de ser também *eros*. Principalmente se se tem em conta o AT, onde o amor matrimonial se tornou uma das imagens mais expressivas do amor de Deus para com o seu povo. Sobretudo os profetas Oseias e Ezequiel descreveram esta paixão de Deus pelo seu povo, com arrojadas imagens de intimidade esponsal (cf DCE, 9).

   "Mas já aí o *eros* de Deus pelo homem (…) é ao mesmo tempo totalmente *agápê*. E não só porque é dado de maneira totalmente gratuita, sem mérito algum precedente, mas também porque é amor que perdoa (…). É tão grande, que chega a virar Deus contra si próprio, o seu amor contra a sua justiça (cf Os 11, 8-9). Nisto o cristão vê já esboçar-se veladamente o mistério da Cruz: Deus ama tanto o homem que, tendo-se feito Ele próprio homem, segue-o até à morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor" (DCE,10).

   É este o amor que Jesus nos tem. Se nos deixarmos conquistar e transformar por ele, o *eros* que sentimos em nós passará a ser também *agápê*. Deixaremos de viver apenas ao sabor do que nos dá gosto, para, na relação com os outros, os amarmos como são e conforme o bem do que necessitam. Estaremos nomeadamente em condições de responder ao seguinte convite de Jesus:

3. **“Deixai vir a mim os pequeninos”** (Mc 10, 14) …
É assim que Jesus reage à atitude dos discípulos “que repreendiam os que os haviam trazido” (Mc 10, 13). Faziam-no, não para proteger Jesus para que Ele pudesse descansar. Não há a mínima alusão a isso, nem no texto nem no contexto em que o episódio é contado.

A razão era outra, aquela que é referida em Mc 9, 34: a discussão entre os discípulos “sobre qual deles era o maior”. Portanto, o desejo do poder, da carreira, da ascensão a todo o custo. Mesmo à custa das crianças, que, como tantos outros seres na sociedade de então (e de hoje), pela sua fragilidade e dependência, só dão trabalho… a quem pensa só em si próprio e nos seus interesses; a quem vive exclusivamente ao sabor dos seus gostos.

Ora são exactamente os mais pequenos os preferidos de Jesus: nesta cena e na cena semelhante da grande parábola do Juízo final (cf Mt 25, 31-46), onde o amor se torna o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a eternidade da vida humana.

Jesus identifica-se com os necessitados, famintos, sedentos, forasteiros, encarcerados. “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40). O amor a Deus e ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus (cf. DCE, 15).

Portanto, em última análise, são pequeninos aqueles que nos podem conduzir para Deus: “Em verdade vos digo: quem não receber o Reino de Deus como um pequenino, não entrará nele” (Mc 10, 15). Isto é, só na medida em que nos tornamos dependentes, como as crianças, nos podemos abrir a Deus. E, em Deus, poderemos fazer como Jesus, que “as abraçou e abençoou, impondo-lhes as mãos” (Mc 10, 16).

Este é o amor que espera de nós cada criança, que nesta catequese é convidada a reconhecer e a confessar: *Jesus gosta de mim*. Talvez nenhuma delas saiba ainda distinguir racionalmente entre *gostar* e *amar*. Também para isso são demasiado pequenas. Mas, na prática sabem distinguir muito bem entre quem gosta delas por interesse e quem as ama e lhes perdoa. Que o catequista, porque as ama, as ajude a passar do *gostar* ao *amar,* como fez Jesus e continua a fazer, naqueles que o seguem.

OBJECTIVOS

– Descobrir o que significa ser amado.
– Alegrar-se por se sentir amado por Jesus, o Filho de Deus.
– Empenhar-se em viver como amigo de Jesus no amor aos outros.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Ao preparar o ambiente para o acolhimento, e no caso de se optar pela 2ª alternativa de experiência humana, o catequista coloca em cima da mesa, perto da Bíblia, uma série de prendas pequeninas (chocolates, gomas, chupas, etc.). Importa que sejam do gosto das

crianças e que estejam embrulhadas com papel bonito e com laço. Se preferir, o catequista pode colocar uma em cada lugar que vai ser ocupado pelas crianças.

Importante também é que o catequista saiba tirar partido do impacto que a surpresa vai certamente causar nas crianças, quando entrarem na sala.

Convém que os doces sejam comidos só no final da catequese.

Para a experiência humana apresentamos duas alternativas:

Na 1ª, convidam-se as crianças a observar um grande embrulho. Este só deverá aparecer na sala, depois do acolhimento, devendo permanecer oculto até então. Se houver mais do que um catequista pode ser um deles a apresentá-lo nessa altura.

Na a 2ª alternativa os pequenos embrulhos, referidos atrás, já se encontram sobre a mesa, quando começa a catequese.

As crianças por serem ainda muito pequenas e sensíveis a presentes, vão com certeza ficar surpreendidas e desejosas de conhecer o conteúdo. Que o catequista aproveite isso, para valorizar a catequese.

MATERIAIS

- Pequenos embrulhos com chocolates, gomas, etc, um para cada criança (1ª alternativa);
- Um embrulho grande (2ª alternativa) com o seguinte:
  Exterior: pode ser formado por uma caixa grande, do tamanho de papel A4, forrada de todos os lados com papel de fantasia infantil e com um laço longo e bonito.
  Deve estar bem forrada de modo a que, ao ser aberta, não se note o arranjo feito na caixa. Daí que o ideal seja forrar por partes.
  Interior: uma *cartolina* em forma de coração, com o dístico "Como o Pai me ama, também eu vos amo", escrito de um dos lados; *cartões pequenos* em forma de presente, um para cada criança; pequenas bandeiras, uma para cada criança, com um coração desenhado e o dístico "Jesus gosta de mim"; chocolates ou outras guloseimas, a distribuir pelas crianças no final da catequese;
- Pequenos embrulhos ou sacos individuais com laço;
- Cartaz com Jesus rodeado de pessoas e a curar um doente, com o dístico"Jesus, é amigo de todos" (catequese 17);
- Imagem de crianças a receber um presente em forma de coração;
- Dístico "Como o pai me ama, também eu vos amo", escrito numa cartolina em forma de coração (já no embrulho da 1ª alternativa);
- Cartolinas pequenas, uma por cada criança.

MÚSICAS

- "Deixai vir a mim as criancinhas";
- "Obrigado Jesus, porque és meu amigo";
- "Eu tenho um amigo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Antes de começar a catequese, o catequista pode ensaiar o cântico* ***Eu tenho um amigo****.*

1ª Alternativa

Grupo grande
Apresentação do grande embrulho, com o material referido e entra o catequista com ele (ou retira-o do local onde estava oculto).
Que surpresa! Um presente!... E tão grande!
Para quem será? (…)
De certeza que estão todos muito curiosos em saber o que está lá dentro.
Têm de esperar um bocadinho. Antes disso, digam-me:

2ª Alternativa

Grupo pequeno
Ao darem com os pequenos embrulhos (na mesa ou nos seus lugares), as crianças ficam certamente surpreendidas. Algumas hão-de perguntar ao catequista se são para elas, outras se são para abrir. Como ainda não são delas, aguardarão ansiosamente pelo sinal positivo do catequista., que se não deve fazer tardar.

Que surpresa! Podem desembrulhar, mas só desembrulhar…
Gostaram da surpresa? Até parece que todos fazem anos. Não é por isso, mas pareceu-me que iam gostar de receber uma pequena prenda.
Gostam de chocolates? São vossos. Mas não são para comer já. Vamos aguardar um bocadinho. É que hoje vamos ter muitas novidades, e, no fim, o chocolate (ou outra guloseima) até vai saber melhor. Cada um guarda-o num lugar seguro.

2. *(Continuação para qualquer uma das alternativas:)*
– Gostam de receber prendas?
– Quando é que nós costumamos receber mais prendas? *(Ouvir as crianças)*

No Natal, nos anos, quando recebemos a visita de familiares e amigos…

Quando nos comportamos bem… e fazemos coisas que agradam aos pais, aos avós, aos professores. Nessa altura recebemos presentes.

E vós, também gostais de oferecer presentes? A quem mais gostais de oferecer? (…)

Dar e receber presentes significa que gostamos muito dos amigos, da família… E que eles gostam muito de nós. Às vezes, até procuramos saber qual é o presente que os nossos amigos mais gostariam de receber.

(Afixar num dos lados do quadro/placar imagem de crianças a receber um presente em forma de coração e deixar contemplar)

Parece que estes meninos estão muito contentes… Estão a oferecer um presente, uns aos outros… todos têm a forma de um coração… que será que está lá dentro?

(Deixar que as crianças se exprimam, revelando assim os seus interesses)

3. Há presentes que nós oferecemos, mas que não podemos embrulhar. Já pensaram nisto?

Sabem de algum presente que podemos oferecer, mas que não cabe em caixa nenhuma, nem se pode embrulhar? *(Deixar que se exprimam)*

É o nosso coração, o nosso carinho, a nossa amizade, a nossa ajuda, a nossa oração…

É o que estão a fazer os meninos na imagem: estão a oferecer uns aos outros o coração. É que estas coisas tão boas moram só no nosso coração, e o coração não se pode embrulhar. Mas podemos oferecê-lo sempre, e o mais maravilhoso é que ele nunca deixa de ser só nosso.

Que prenda bonita nós temos dentro de nós, e não sabíamos!

Será que Jesus também ofereceu e recebeu destas prendas, que só se dão com o coração?

II. PALAVRA

1. Na semana passada, descobrimos que Jesus é amigo de todos. Ainda se recordam de algumas pessoas de quem Jesus era especial amigo? *(Deixar que as crianças se exprimam)*. Dos que o seguiam, dos doentes, dos velhinhos, das crianças…
(O catequista afixa no outro lado do quadro/placar o cartaz da catequese anterior, em que Jesus está rodeado de pessoas e a curar e o dístico "Jesus é amigo de todos")

Lembram-se desta imagem? Jesus era amigo de todos. Na semana passada, até ficámos a saber que Jesus era especialmente amigo das crianças. Mesmo que no seu tempo as

pessoas grandes não lhes ligassem muito, a não ser os pais e as mães, que não se esqueciam dos seus filhos.

Querem que eu vos conte qual foi o presente do coração que um dia Jesus deu a umas crianças que foram ter com Ele?

Andava Jesus, com os seus amigos a percorrer toda a região onde vivia. Falava do amor do Pai, curava doentes.

Um dia, em que Jesus estava rodeado por muita gente adulta que O queria escutar, algumas mães levaram-lhe os filhos. As crianças, ao verem Jesus, correram para Ele. Só que algumas pessoas, mesmo amigos de Jesus, mas que ainda não O conheciam bem, começaram a afastar as crianças e disseram às mães que as levassem dali para não incomodar Jesus.

Acham que os amigos de Jesus estavam a fazer bem? (…)

E Jesus quereria que as crianças se fossem embora? (…)

Não. Claro que não. Quando Jesus se deu conta do que se estava a passar, ficou triste e disse umas palavras muito importantes. Tanto, que as pessoas nunca mais esqueceram e até ficaram aqui escritas, para sempre, na Bíblia. Querem saber? *(O catequista abre a Bíblia em **Mc 10, 13-16** e continua:)*

Eu até me vou sentar e fazer uma roda convosco. Assim, parece que é mesmo Jesus a dizer-nos o que eu vou ler aqui no livro da Palavra de Deus.

Se as crianças não estão sentadas em círculo ou semicírculo, podem fazê-lo agora, se as condições da sala e o número o permitirem. Depois do catequista se sentar ao nível das crianças, continua:

Foi isto que Jesus disse às pessoas que queriam afastar dele as crianças: **"Deixai vir a mim os pequeninos e não os afastais, porque o reino de Deus pertence aos que são como eles".**

Que bonito! Depois Jesus acolhia as crianças, abraçava-as e até lhes punha as mãos sobre as suas cabecinhas para as abençoar, isto é, para lhes desejar todo o bem.

Ao fazer assim, Jesus oferecia-lhes aquele presente que não se embrulha, mas que é muito mais importante: o presente do coração.

Como Jesus gostava das crianças, como vós! E como gosta ainda!

2. E sabem porquê? Sim, o que é que leva Jesus a ser tão bom para as crianças como vós? Ele é que vai dizer-vos.
E são palavras tão bonitas, que são mais um presente. É um presente do seu coração.
(Para a 1ª alternativa:) Para, vermos melhor vamos abrir o presente da caixa grande.

O catequista retira da caixa um cartão de cartolina, dobrado em quatro e preso com um laço; se tiver seguido a 2ª alternativa, retira-o de um lugar onde até então não tinha estado à vista das crianças.

Que será isto? Vou abrir!
Desdobra-o e surge um coração com a frase de ***Jo 15, 9:***
"Como o Pai me ama, também eu vos amo"*.*

Mostra-o por uns momentos às crianças, depois afixa-o, lê calmamente o seu conteúdo e, em seguida, continua com estas ou outras palavras:

Aqui está: Jesus ama-nos tanto, dá-nos o seu coração, porque Deus seu Pai o ama tanto. O amor de Deus, nosso Pai, chega até nós em Jesus. O coração de Jesus é o coração de Deus. Por isso é que Jesus é tão bom.
Que lindo presente que Jesus nos oferece hoje na catequese.
Vamos colocá-lo ali, para não o perdermos de vista. *(o catequista afixa, ao centro do quadro/placar, o coração e deixa contemplar)*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Se Jesus é tão amigo de cada um de nós, não querem agradecer-lhe?
Então, de mãos dadas, vamos para aquele coração com as palavras de Jesus e, ao mesmo tempo, rezar todos:
"Obrigado ó Jesus,
por gostares tanto de mim"

(Também se pode cantar o cântico: ***Obrigado ó Jesus, porque és meu amigo****).*

2. Nós já sabíamos que Jesus gosta muito de nós. Não é verdade? Já sentíamos isso, desde que vimos à catequese.

Mas agora que O ouvimos já temos toda a certeza. E ficámos a saber, por que é que Ele gosta tanto de nós: por causa de Deus, seu Pai, que quer ser também nosso Pai.

E nós? Temos algum presente para lhe dar? Mas reparem a um amigo assim não se pode dar uma coisa qualquer. O que é que havemos de oferecer? Tem de ser qualquer coisa que venha do nosso coração. Pensem lá um pouco…

(Depois dum brevíssimo silêncio, o catequista ouve as crianças e diz:

Coisas que vêm do nosso coração, são, por exemplo: o nosso amor, a nossa amizade, carinho, ser bom, ser amigo, obediente, dizer a verdade, não amuar, ajudar, rezar…

3. Cada um vai pensar numa só coisa e depois desenha (…) num papel que eu vou distribuir

(Depois de uns breves momentos de silêncio e de as crianças se desenharem, o catequista propõe:)

E se nós fôssemos colocar as coisas do nosso coração, que queremos oferecer a Jesus, aqui em volta do coração que representa o amor de Jesus? Acham bem?

(As crianças vão, uma a uma, entregar os papeis, que o catequista vai afixando em volta do grande coração. Enquanto isso, podem cantar:)

"**Obrigado Jesus, porque és meu amigo**"
ou: "**Eu tenho um amigo**"

(No final o catequista comenta:)

4. Agora reparem bem no que queremos oferecer a Jesus: são coisas muito parecidas com aquelas que Jesus tem para nos dar. Quer dizer que nós queremos aprender dele, para termos em nós o que Ele tem. Assim é que é mesmo ser amigo do nosso grande amigo.

(Para a 1ª alternativa:) Para não esquecermos o nosso grande amigo, temos aqui mais coisas na prenda da grande caixa: uns pequenos cartões, em forma de presente que têm escrito esses presentes do coração (*retira-os da caixa e entrega-os…)*

E quando forem para casa podem agitar a bandeira e dizer a todos:
"Jesus gosta de mim!"

Mas o nosso presente é mesmo uma surpresa: ainda há mais…
(O catequista entrega um chocolate a cada um)

(Para a 2ª alternativa:) Agora já podem comer os bombons. Mas, lembrem-se de que Jesus é muito, muito mais doce. Comemos, para festejar a sua bondade.

No final, pode cantar-se
Deixai vir a mim as criancinhas
ou ***Eu tenho um amigo.***

Os que seguiram a 1ª alternativa, podem sair da sala cantando e agitando as bandeiras.

CATEQUESE 19

EU GOSTO DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Cristãos "praticantes" e não "praticantes"**

   Tornou-se uma distinção corrente e recorrente. São considerados "praticantes" os cristãos que se dizem cumpridores das suas obrigações religiosas: além do Baptismo, a Primeira Comunhão e, em muitos casos, a Confirmação, frequentam com regularidade a missa dominical, pertencem, muitos deles, a movimentos, ou associações eclesiais, colaboram activamente em iniciativas e acções da Igreja. São, pois, pessoas a quem, as comunidades cristãs muito devem. Entre elas estão, certamente, todos os catequistas. Felizmente.

   Dizemos "felizmente". Porque pode haver catequistas, e diz-se que os há, que, por exemplo, não participam habitualmente na Eucaristia dominical, ou, pelo menos, não são lá vistos.

   Neste caso, estariam já no grupo dos "não praticantes".

   Pelo menos na acepção mais comum da expressão, são os cristãos que, depois do Baptismo e da Primeira Comunhão e, nalguns casos, a Confirmação se ficaram ou foram ficando por aí. Deixaram de recorrer aos serviços da Igreja, a não ser em ocasiões excepcionais: uma doença grave, o casamento próprio ou de um familiar ou amigo, o baptizado de um filho ou familiar, um funeral. Nessa altura voltam a entrar na igreja se é que alguns entram mesmo. Mas, mais nada.

   Entretanto, consideram-se e identificam-se como cristãos. As razões pelas quais não põem em prática os deveres especificamente religiosos são certamente muito variados. Com frequência dizem: os que vão à igreja são piores que outros. Neste caso, piores do que eles. Pode ser uma simples desculpa. Mas, com base no que, de facto, pode acontecer e muitas vezes acontece mesmo: cristãos que reduzem a sua prática cristã às quatro paredes da igreja onde vão e ao tempo que aí passam. Ou seja, também eles são apenas cristãos a meias.

Dizemos “também”. Porque, se uns reduzem a sua prática á participação naquilo que nos põe mais directamente em relação com Deus, os outros preocupam-se apenas em viver em boas relações com o próximo. Se é que se chegam a preocupar ou, pelo menos, não deixam, mais cedo ou mais tarde, de o fazer.

Seja como for, a pergunta impõe-se: poderá um cristão contentar-se em sê-lo a meias? Mais: poderá alguém, nessas condições, chamar-se verdadeiramente cristão?

Não se trata apenas de pôr em questão a habitual divisão entre “praticantes” e “não praticantes” ou a concepção de “prática cristã” que lhe está subjacente. O que está em jogo é a essência do cristianismo e o acesso à salvação que nele nos é oferecido. Ou, se quisermos, é a concepção de Deus e da vida que só nele encontramos.

2. Dois amores num só

A questão foi posta a Jesus: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” (Mt 22, 34; cf Mc 12, 28). Ou então, na versão de Lc 10, 25: “Mestre, que hei-de fazer para obter a vida eterna?”. A pergunta é a mesma. Porque o objectivo da “Lei” é a obtenção de uma vida sem limites, que só Deus nos pode proporcionar.

E em todos os Evangelhos a resposta é praticamente idêntica: o amor a Deus e o amor ao próximo. E sempre um amor total: “com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente”, no caso do amor a Deus; e “como a ti mesmo”, no que toca ao amor ao próximo (Mt 22, 37. 39). Se o amor a Deus é classificado como “o maior e o primeiro mandamento”, do amor ao próximo diz-se ser “o segundo”, mas “igual” ao primeiro (22, 38-39).

Isto, para já, significa que não há um sem o outro, mas que ambos formam uma unidade indissociável. Toda a Bíblia o diz. Pense-se no Decálogo, cujos mandamentos se resumem em dois (cf Ex 20, 1-17; Dt 5, 6-22). Ou leia-se o que está escrito em 1 Jo 4, 20: “Se alguém disse: “Eu amo a Deus”, mas odeia a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama o seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?”

Bento XVI comenta assim esta última passagem: “Nela se destaca o nexo indivisível entre o amor a Deus e ao próximo: um exige tão estreitamente o outro, que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar. O citado versículo joanino deve, antes, ser interpretado no sentido de que o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o fechar os olhos diante do próximo nos torna cegos também diante de Deus” (DCE, 16).

É o que Jesus nos diz, por exemplo, com as palavras que acompanham o gesto em que toma um menino e o abraça: “Quem receber um destes meninos em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber, não me recebe a mim, mas Àquele que me enviou” (Mc 9,37). Aqui Jesus aparece também como Aquele em quem mais se fundem os dois amores: nele, encontramo-nos, ao mesmo tempo, com Deus, que o enviou, e o próximo, a quem foi enviado.

E é tal a identificação com ambos, que só nas obras de misericórdia em favor dos mais necessitados se obtém a misericórdia salvífica e definitiva de Deus no juízo final: "Sempre que o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes" (Mt 25, 40). Mais pequeninos são aqui todos os mais carenciados ao nível humano e social. Foi deles que Jesus se fez seu irmão e Deus seu Pai. Só dando-nos a eles, ouviremos a Jesus: "Vinde benditos de meu Pai!" (Mt 25, 34). É um sério aviso para quem reduz a sua prática religiosa aos actos mais específicos da relação com Deus.

Mas serão eles desnecessários? Isto é, não será o amor de Deus fundamental para o amor ao próximo?

3. O primeiro é o amor de Deus

Não é por acaso que Jesus, na resposta à pergunta sobre o maior dos mandamentos, apresenta sempre em primeiro lugar o amor a Deus. É que, só Deus ama ao nível e com a exigência em que somos desafiados a amar. Só no seu amor encontramos a fonte do verdadeiro amor. Que amor?

Aquele que nos é descrito em 1 Jo 4, 5-10: "O amor de Deus manifestou-se desta forma: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não somos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados".

Amou-nos e continua a amar-nos. Segundo Bento XVI, "na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, nós experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos deste modo a reconhecê-la na nossa vida quotidiana (…). Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta "antecipação" de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor" (DCE, 17).

Mas que amor? Aquele que "consiste precisamente no facto de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não só com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo. Para além do aspecto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção… Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor que ele precisa (…). Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem de Deus" (DCE, 18).

Neste caso, o aviso é para os cristãos que não estão conscientes da importância deste amor de Deus, ou não sabem onde o encontrar. Isto é, não sabem que Ele "incessantemente vem ao nosso encontro, através dos homens nos quais Ele se revela, através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia" (DCE, 17).

Pertence a nós mostrá-lo, sobretudo através daquilo que o contacto com Deus produz em nós: o amor que encarnou de modo único em Jesus Cristo e ganha uma visibilidade nova e viva na "carne", isto é, na vida daqueles que confessam ser de Cristo. É esse amor que as crianças da catequese esperam, nomeadamente dos seus catequistas, para que possam também elas confessar: "Eu gosto de Jesus"; um "gosto" que se concretiza no "gosto" pelos outros, todos os outros. Queira Deus que assim aconteça!

OBJECTIVOS

– Recordar que todos temos amigos especiais.
– Saber que, para Jesus, o que fizermos aos outros, é a Ele que o fazemos.
– Empenhar-se em fazer a vontade de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

O tema desta catequese é a consequência lógica e necessária do tema da catequese anterior: à descoberta de que "Jesus gosta de mim" as crianças só podem responder: "Eu gosto de Jesus". É amor que gera amor. Aliás é a única maneira de aprender a amar: sentindo-se amado.

Mas, tratando-se do amor cristão, tem de ser à medida do amor de Cristo: um amor que se concretiza no amor aos outros; um amor que exige, muitas vezes, renúncias a bens ou interesses próprios; um amor que seja verdadeira conversão ao outro.

Daí a importância dessas crianças não só experimentarem, sentirem-se amadas por Cristo, mas também de compreenderem de que amor se trata.

O primeiro aspecto é o fundamento para o segundo: a adesão a Jesus é a força que as pode levar a entregar-se como Jesus se entregou por todos.

O campo imediato é o do grupo da catequese, onde pode ainda haver crianças que se não sintam perfeitamente integradas. É uma ocasião para os catequistas e as restantes crianças fazerem um esforço complementar para que tal não continue acontecer.

MATERIAIS

Para a 1ª alternativa da experiência humana:

– Cartolina vermelha em forma de coração (cf documento 1);
– Imagem de caixote de lixo (cf documento 1);
– Cartola em cartolina preta (cf documento1);
– Pequenos cartões.

Para o resto da catequese:

– Coração**,** bandeira (usados na catequese 18);
– Cartolina em forma de coração, do tamanho indicado no catecismo e com a frase: "Jesus, aceita o nosso coração", uma por cada criança (cf documento 2);

– Dísticos: “Obrigado”, “Agradar”, “Eu gosto de Jesus”, “Amor”, “Dizer a verdade”, “Amizade”, “Carinho”, “Ser obediente”;
– Imagens: “Pai cansado”, “Criança a ajudar a mãe”, “Avô a cortar a relva”, “Crianças a estudar”, “Criança a rezar”.

MÚSICAS
– “Tão perto de mim”;
– “Senhor, para ti o meu coração!”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Quem se lembra das palavras que Jesus nos disse na catequese da semana passada? (…).
Quem quer contar o que se passou, quando levaram algumas crianças a Jesus, e alguns amigos dele não queriam deixar? *(Ouvir as crianças)*

1ª Alternativa

Grupo grande
O catequista afixa no quadro/placar, de um lado, um coração, do outro, uma imagem de um caixote de lixo, com configuração dos recipientes de computador.

Depois pega num chapéu em formato de cartola, semelhante aos que são usados pelos mágicos (cf documento 1) e diz:

Quem viu os mágicos no circo a tirar coisas de dentro de um chapéu preto? (…)

Nós hoje também temos aqui um desses chapéus. Mas não é para fazer magia. É só para nos ajudar a conhecer algumas palavras.

Vamos dar dois nomes a essas palavras:

A umas chamamos “mágicas” e às outras “vazias”. As “mágicas” são as que indicam o bem; as “vazias” indicam o mal. As palavras que indicam o bem são aquelas que dizem o que Jesus fez e nos pediu para fazermos: o bem. As palavras “vazias” são aquelas usadas para coisas que nos deixam tristes e, de certeza, também entristecem Jesus.

Vamos descobrir quais são umas e outras? Fazemos assim: um menino de cada vez, tira um cartão do chapéu. A quem sair uma palavra boa, vai afixá-la dentro do coração; e a quem sair uma palavra má? … Coloca-a no coração ou no balde do lixo? (…). Claro as

más vão para o lixo (cf documento 1; *depois de esvaziarem o chapéu, o catequista continua:*)

Nas palavras "mágicas" estão coisas que transformam tudo em bem. Mostram o que Jesus foi e fez: mostram amor. Nas palavras "vazias" estão coisas que estragam sempre tudo, não fazem ninguém feliz.
Agora olhemos bem para as palavras boas. Há uma que aparece muitas vezes. Qual é? (…). – Amigo!

2ª Alternativa

Grupo pequeno
Às vezes não é fácil sermos amigos dos outros. Sobretudo daqueles de quem não gostamos tanto, achamos pouco simpáticos. Às vezes é só por serem diferentes de nós. Porém, não reparamos que podemos estar a perder um grande amigo. Sim, lá por sermos diferentes, não quer dizer que não possam ser grandes amigos.
A esse propósito, conheço uma história muito engraçada. Querem ouvir?

Um dia, estava um leão a dormir, quando um pequenino rato se pôs a correr por cima do seu corpo. O leão acordou, apanhou-o e, zangado, estava já disposto a devorá-lo. Mas o ratinho, amedrontado, suplicou-lhe que o soltasse, dizendo-lhe que, se lhe poupasse a vida, saberia agradecer-lhe, e, quem sabe, até salvar-lhe a vida.

O leão, ao vê-lo tão pequenino e frágil, riu-se dele e pensou: "Como pode este animalzinho tão pequenino agradecer-me e salvar-me a vida? Mesmo assim, vou soltá-lo. É tão pequeno". E resolveu mesmo poupá-lo e deixá-lo ir.

Pouco tempo depois, o leão, distraído, caiu numa armadilha que uns caçadores de leões tinham montado. Nisto viu-se enfiado numa grande rede e atado a uma árvore com uma corda muito grossa. Começou a gemer, mas ninguém o salvava. Já sabia que, quando chegasse a manhã, os caçadores viriam capturá-lo.

Ao longe, o rato ouviu uns gemidos. Pareciam de um leão. Correu a ver o que se passava. Logo reconheceu que era o leão que lhe tinha poupado a vida. Correu velozmente para ele, roeu a corda e libertou-o.

O leão ficou muito surpreendido: afinal era aquele rato pequenino o único que lhe conseguiu salvar a vida. E ficou-lhe muito agradecido.

Então o rato disse: "Não há muito tempo que te riste de mim e não esperavas qualquer agradecimento da minha parte. Mas agora ficas a saber que, entre os mais pequeninos e fracos, também há muita coisa boa para dar aos mais fortes". "Tens razão"! - disse o leão - "Ainda bem que te não comi. Deste-me uma grande lição, amigo. Obrigado. Afinal, todos podemos ser amigos!".

– Parece-vos que é fácil ser amigo daqueles que são diferentes, por serem talvez, menos bonitos e arranjados, ou mais pobres?

Nem sempre é fácil! O que é que esta história nos quererá dizer? (…)

2. *(Continuação para as duas alternativas:)*
O catequista afixa no quadro/placar a cartolina em forma de coração, usada na catequese anterior, e uma bandeira (cf 1.ª alternativa da experiência humana da mesma catequese). Depois continua:

Não é fácil ser amigo. Por vezes até é muito difícil. É que até os amigos se aborrecem, ficam tristes e zangam-se uns com os outros.
Mas, na semana passada, ficámos a saber que temos um amigo que nunca se zanga connosco e que está sempre à nossa espera, para nos dar o seu amor… Quem é Ele? (…)
É Jesus! Jesus é o nosso maior amigo.

(Para os que na catequese anterior seguiram a 1ª alternativa:)
Todos os meninos puseram a bandeira num lugar importante e agradeceram a Jesus por Ele gostar de nós? (…)

II. PALAVRA

1. O que é que nós fazemos às pessoas que gostam muito de nós? (…)
Damos abraços, beijos. São modos de lhes agradecermos. E muitas vezes dizemos mesmo: **Obrigado** *(O catequista afixa o dístico)***.**

E também gostamos de lhes agradar *(O catequista afixa o dístico).*

E para lhes agradecermos e agradarmos, damos-lhes presentes do nosso coração, aqueles que não se embrulham: amor, dizer a verdade, amizade, carinho, ser obediente.

(*À medida que o catequista vai recordando, aponta para os respectivos dísticos, nos cartões*).

Reparem só: os presentes que os nossos amigos, os nossos pais e outras pessoas que amamos certamente mais gostam de receber são iguais àqueles de que Jesus gosta. E aqueles de que Jesus mais gosta são os mesmos que fazem felizes os outros.

2. Jesus, quando os discípulos seus amigos queriam afastar as crianças, disse-lhes para não o fazerem. Um tempo depois disse-lhes outra coisa que também os deixou a pensar. Querem escutar? (*O catequista abre a Bíblia em* ***Mt 25, 45*** *e, depois de uma brevíssima pausa para concentração, lê pausadamente:*)

**“Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos,
foi a Mim que o deixastes de fazer.”**

Ouvistes bem? Eu volto a ler (*lê de novo*).

Sabem quem são estes “pequeninos” de que fala aqui Jesus? – Aqui não são apenas os pequeninos em idade, como vós ou outros meninos mais novos.

São aquelas pessoas que outros desprezam: ou porque são pobres, não têm que comer ou que vestir, não têm casa, estão doentes. São pessoas a quem os outros não ligam nada. Até alguns que se dizem amigos de Jesus.

3. Vós sois amigos de Jesus, não sois? (…)
Pois bem, o que Jesus nos diz com estas palavras (*se necessário, o catequista volta a ler*) é isto: Mais importante que dizer a Deus e a Jesus que gostamos muito deles, é fazermos as coisas boas que eles nos ensinam.

É o mesmo que às vezes acontece entre vós e a vossa mãe: Há meninos e meninas que, às vezes, dão muitos beijinhos à mãe, ao pai, aos avós. Até lhes oferecem presentes no dia dos anos, no dia do pai ou da mãe, no dia dos avós. Mas quando estes lhes pedem ajuda, ou qualquer pequeno sacrifício, como seja comer a sopa, não fazer barulho, estudar, esses meninos ficam logo amuados, fazem birra e não ligam nada ao que o pai ou a mãe diz. E assim, deixam tristes aqueles que os amam. E deixam Jesus também muito triste. Estão a negar-lhe os presentes do coração.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Mas, nós não queremos ser assim. Queremos ser verdadeiros amigos de Jesus, porque afinal Ele é o nosso maior amigo. Por isso é que nós gostamos tanto dele.
(*O catequista afixa o dístico*:)

“Eu gosto de Jesus”

(*O catequista lê e convida as crianças a repetir com ele*:)
Querem todos dizer comigo? Então digamos todos: “Eu gosto de Jesus!”
Que bom Jesus gostar de nós e nós também gostarmos de Jesus!

2. Sabemos o que mais agrada a Jesus: o nosso coração. Termos um coração como o dele. Isto é, sermos amigos dos outros como ele é nosso amigo.

É com o coração que estamos mais atentos aos outros. Reparamos no que eles mais precisam; e até somos capazes de fazer coisas que não nos apetecem muito, mas fazemos com muito carinho, porque sabemos que vamos dar alegria àqueles que amamos.

O catequista afixa as seguintes imagens e vai comentando-as:

Pai cansado
Se o pai está cansado, o meu coração diz-me que não devo fazer barulho.

Criança ajudar a mãe
Se a mãe me pede ajuda, o meu coração diz-me que devo ajudar.

Avô a cortar relva
Se o avô diz para não pisar a relva, o meu coração diz-me que devo obedecer.

Criança a estudar
Se tenho trabalhos da escola para fazer, o meu coração diz-me que me devo aplicar e não ser preguiçoso.

Criança a rezar
Chega a noite e são horas de descansar. Nessa altura que me diz o coração? Que não me devo deitar, sem dar as boas noites a Jesus e agradecer-lhe o meu dia.

3. É assim que somos amigos de Jesus. É assim que mostramos que gostamos d'Ele. E se nós lhe disséssemos isto: que gostamos muito d'Ele?

Mas, sabem que só podemos dizer-lhe isso, oferecendo-lhe o amor do nosso coração. Vamos então dizer-lhe que Ele pode contar com o nosso carinho; Ele e todos…

E, porque queremos ter um coração que saiba ser amigo, eu vou dar, a cada um, um coração que tem escrita a nossa oferta.

O catequista entrega a cada criança uma cartolina em forma de coração com a frase:"Ó Jesus, aceita o nosso coração!", *conforme indicado no documento 2. Depois continua*:

Querem então rezar a Jesus essa oração que está escrita nesse coração, que representa o nosso? Então eu digo primeiro e depois todos dizem a seguir:
"Ó Jesus, aceita o nosso coração"
(*Pode cantar-se o cântico*) "Senhor para ti, o meu coração! ".

No final o catequista continua:

4. Agora podem abrir o vosso catecismo, porque está lá um lugar para colar o coração com essa oração tão bonita a Jesus.
Querem abrir para ver? (…)

Estão a ver? Estão aí desenhados três corações. Um está em branco. É nesse que vão, lá em casa, colar o coração que têm na vossa mão.

E os outros dois que significam? O da esquerda representa o de Jesus. Está lá escrito: "Jesus gosta de …" Falta uma palavra. Qual será? – Exactamente: "mim". O da direita representa o vosso coração. Também ele está por completar. Só tem escrito "Eu gosto de …". O que é que falta? – Jesus!
(*O catequista decide se as crianças completam as frases agora, na catequese, ou em casa).*

Que bonito os dois corações lado a lado!
Os dois juntos, é como se Jesus e nós caminhássemos lado a lado.
Ele hoje disse-nos que gosta muito de nós. E nós também lhe dissemos que gostamos muito d'Ele.

5. Temos ainda uma linda canção para aprender e cantar a Jesus. Vamos aprendê-la bem, para, em casa, cantarmos aos nossos pais, avós, tios, amigos. Para cantarmos àqueles que nos amam e que nós amamos.

Cântico:
Jesus falou que gosta de mim
Também eu vou gostar de Jesus.

(*No final*:)
Lá em casa, não se esqueçam de pintar o que está na outra figura do catecismo. Estão lá as coisas que devemos fazer para Jesus gostar de nós e nós gostarmos tanto d'Ele.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

O CHAPÉU DAS PALAVRAS MÁGICAS

O chapéu, tipo cartola, pode ser feito à mão, com cartolina preta e com uma fita de cor.

Dentro, o catequista coloca vários cartões de cores diferentes e fortes, cada um com a sua palavra. Mas há uma que se repete: “amigo”

É sobre essa que se vão debruçar.

Coração em cartolina vermelha
(para afixar as palavras boas)

Balde de lixo
(para afixar as palavras)

DOCUMENTO 2

CATEQUESE 20

EU QUERO SER COMO JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O voluntariado

Um dos fenómenos mais positivos dos nossos tempos é o crescente número tanto de formas de voluntariado como de pessoas, de praticamente todas as idades, que a ele se dedicam.

Actuam predominantemente a nível local. Mas há, sobretudo em organizações não governamentais, pessoas que se deslocam muito para além da sua terra, país, raça e religião. Vão para onde são precisas, algumas para actividades que chegam a durar anos. A maioria é de carácter directamente caritativo.

Dizemos "directamente", porque em todo o voluntariado o que está em jogo é sempre, directa ou indirectamente, a caridade. Mesmo um cristão que se dedique livre e gratuitamente à catequese, fá-lo por amor: movido pelo bem que quer aos catequizandos e sabendo que a formação e educação cristã é tão ou mais importante para a vida, como os bens materiais. E se há pessoas, por exemplo um reformado, que se dedicam aos outros para ocupar o tempo e evitar a solidão, pelo menos aquilo que fazem, é sempre um bem para quem é feito. E, quantas vezes, a experiência desse bem acaba por se impor de tal maneira, que passa para primeiro plano, como motivação. Daí os sacrifícios a que a pessoa é capaz de sujeitar-se: o bem que faz aos outros torna-se um bem próprio a que dificilmente é capaz de renunciar.

Esta dimensão caritativa é fundamental no voluntariado. Sobretudo na época e na sociedade em que vivemos, em que as relações entre as pessoas estão cada vez sujeitas ao utilitarismo, uma das expressões mais visíveis do egoísmo. E quanto mais egoísmo reinar na sociedade, maior é o perigo de ela se desmoronar.

É bastante nesse sentido que Bento XVI fala da função e do efeito educativo de todo o voluntariado: "Tal empenho generalizado constitui, para os jovens, uma escola de vida que educa para a solidariedade e a disponibilidade para darem não apenas qualquer

coisa, mas darem-se a si próprios. À anticultura da morte, que se exprime por exemplo na droga, contrapõe-se deste modo o amor que não procura o próprio interesse, mas que, precisamente na disponibilidade em "perder-se a si mesmo" pelo outro (cf Lc 17, 33 e paralelos), se revela como cultura da vida" (DCE, 30).

O que significa que, não só o voluntariado se funda afinal no que está também no centro da mensagem cristã, mas que o próprio cristianismo é impensável sem o voluntariado. Vejamos em que sentido.

2. "Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, façais também" (Jo 13, 15)

Estas palavras foram pronunciadas por Jesus na sequência de uma das mais belas e significativas cenas de voluntariado por Ele protagonizadas: a lavagem dos pés aos discípulos durante a última ceia, descrita em Jo 13, 1ss.

Que foi um acto absolutamente inesperado e, como tal, absolutamente livre, mostra-o a reacção de espanto e, inicialmente, até de rejeição da parte dos discípulos. "Senhor, tu é que me lavas os pés?" – pergunta Simão Pedro, aparentemente o único que teve a coragem de exprimir o que todos os outros certamente sentiam. Com razão: lavar os pés era uma actividade a que só escravos não judeus estavam obrigados. Se outras pessoas o faziam, como, por exemplo, um filho ao pai ou a esposa ao marido, era unicamente por deferência, por amor. Mas, de um superior a um inferior, significava a total inversão da ordem hierárquica. Portanto, Jesus "degrada-se" ao nível de um escravo: aquele que é total propriedade da pessoa a quem serve.

O gesto de Jesus exigia, por isso, uma explicação. E Ele, de facto, apresenta as razões do que faz. São duas, e ambas têm a ver com o género e o significado da morte a que iria ser sujeito. Também a crucifixão estava, por lei, primariamente reservada a escravos ou a pessoas de nível social idêntico. De qualquer modo, significava uma total degradação, não apenas social, mas até religiosa. Só que Jesus vai transformar tal rebaixamento no acto mais elevado e glorioso de amor: aquele em que quem ama dá-se todo, por aqueles a quem ama. Oferece-se, para se tornar sua total propriedade. Com que efeitos?

- Primeiro um efeito salvífico: "Se Eu não te lavar os pés não terás parte comigo" (Jo 13, 8). Esta é a primeira razão do gesto de Jesus, transmitida a Pedro. Isto é, o banho purificatório dos pés simboliza a purificação do egoísmo, do pecado, só possível através do amor: aquele em que a pessoa que ama, ao tornar-se propriedade da que é amada, a penetra de tal modo, que ela é, por sua vez, transformada e capacitada para o mesmo amor. Passa a viver daquele e como aquele que a ama.

- Daí o segundo efeito, este relativo ao comportamento moral: "Se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós vos deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também" (13, 14-15). O mesmo é repetido, agora sem imagens, em 13, 34-35: "Dou-vos um mandamento novo:

que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Nisto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros".

Tem de ser assim entre os cristãos. É uma questão de identidade, de existência. Deixarão de ser cristãos se, pelo menos, não se tentarem amar-se uns aos outros com a radicalidade do amor de Jesus: sem reservas de espécie alguma e de um modo totalmente gratuito. É, portanto, uma obrigação. Mas totalmente livre, como é próprio de quem ama, e porque nasce do amor. Tudo o que somos e temos como cristãos devemo-lo ao amor divino de Jesus. Na prática, é Ele a amar em nós, Ele que, pelo seu amor, se tornou parte integrante da nossa vida, propriedade nossa. Ou melhor, nós é que somos propriedade sua, rendidos ao seu amor, do qual vivemos.

3. A Igreja vive do "voluntariado" …

Primeiramente do voluntariado de Cristo, tal qual acabou de ser descrito: do acto totalmente livre, e, portanto, voluntário, gratuito, do amor com que deu a vida por nós. Por isso, a Igreja o recorda permanentemente, em celebrações actualizantes da sua morte e ressurreição, particularmente a da Eucaristia. Segundo Bento XVI, "a Eucaristia arrasta-nos no acto oblativo de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o Logos encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação" (DCE, 13).

E esta doação manifesta-se depois no voluntariado complementar: naquele em que nos entregamos uns aos outros, entre nós cristãos, e nos entregamos a todos, à dimensão do amor de Cristo. Que é efeito da Eucaristia, é dito ainda pelo Papa: "A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram e tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo, projectando-me para Ele e, deste modo, também para a união de todos os cristãos. Tornamo-nos "um só corpo", fundidos todos numa única existência" (DCE, 14).

Por isso, o voluntariado, como uma das expressões mais vivas da caridade, acaba por ser parte constitutiva da Igreja. É o que se pode deduzir ainda das palavras de Bento XVI: "Com o passar dos anos e a progressiva difusão da Igreja, a prática da caridade confirmou-se como um dos seus âmbitos essenciais, juntamente com a administração dos Sacramentos e o anúncio da Palavra: praticar o amor para com as viúvas e os órfãos, os presos, os doentes e necessitados de qualquer género, pertence tanto à sua essência como o serviço dos Sacramentos e o anúncio do Evangelho" (DCE, 22).

A prática do amor pode ser mesmo, pelo menos em determinadas circunstâncias, o único modo de anunciar o Evangelho. "Quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca procurará impor aos outros a fé da Igreja. Sabe que o amor, na sua pureza gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar" (DCE, 31,c).

De qualquer modo, o anúncio e a catequese, que não forem acompanhados e apoiados pela vivência da mensagem por parte de quem a anuncia e transmite, dificilmente encontrarão ouvidos que os escutem e corações que os acolham. Qualquer catequista sabe isso por experiência própria.

OBJECTIVOS

– Descobrir que existem pessoas que dedicam a sua vida aos outros.
– Compreender que Jesus veio para nos ensinar a amar os outros.
– Comprometer-se em atitudes de ajuda e serviço.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

O tema desta catequese é a conclusão lógica e necessária dos temas das duas ou três catequeses anteriores: depois da criança descobrir que "Jesus gosta de mim" e de a isso responder "Eu gosto de Jesus", é convidada hoje a concluir: "Eu quero ser como Jesus". É a reacção mais normal: a de viver e agir como aqueles que nos amam e a quem, nós, por isso nos unimos pelo amor.

Daí que, nesta catequese, seja sugerida a utilização dos dísticos principais das catequeses 17 (e, eventualmente, 18) e 19. O relato da Última Ceia é mais uma ocasião para as crianças experimentarem o amor único e inexcedível de Jesus e, ao mesmo tempo, o ponto de apoio e de partida para uma vida em que o amor de Jesus é posto em prática.

Convém que, neste ponto, o catequista respeite a liberdade das crianças. Na reflexão e decisão conclusiva, quando muito sugere o que as crianças podem fazer. Mas tem de ser um acto livre, para ser gratuito, isto é, um verdadeiro acto de amor.

MATERIAIS

– Imagens: bombeiros; ambulância – maca; nadador salvador; médico (1.ª alternativa da experiência humana: cf documento 3);
– "Puzzle": carro de bombeiros ou vídeo; DVD; diaporama (2.ª alternativa da experiência humana);
– Dísticos: "Jesus é amigo de todos" (catequese 17);"Eu gosto de Jesus" (catequese 19);"Eu quero ser como Jesus".

MÚSICAS

– "Senhor, para ti o meu coração";
– "Jesus está vivo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1.

1ª Alternativa

Grupo grande

O catequista afixa imagens que mostrem instituições, serviços e pessoas cuja finalidade ou actividade é salvar vidas.

Que vêem nestas imagens? (…)
Pessoas que fazem serviços muito importantes. São serviços de risco. Arriscam as suas vidas para salvar os outros: os bombeiros, os nadadores salvadores…

Quem tem pessoas na família que faz trabalhos iguais ou parecidos com estes? (…)

Quem quer, quando for grande, fazer um trabalho como um destes ou parecido? (…)

Gostavam de salvar a vida às pessoas? Porquê? (…)

2ª Alternativa

O catequista entrega às crianças as peças de um "puzzle", depois convida-as a montá-lo e a descobrir, em conjunto, o que representa.
Devido às cores vermelho, preto e cinza, às rodas, etc., as crianças facilmente descobrem que se trata de um carro de bombeiros.

Parabéns! São inteligentes. Descobriram logo que é um carro de bombeiros.
Para que serve? Como se chamam os homens e as mulheres que trabalham neste serviço? (…) Que fazem eles? (…) Será fácil ser bombeiro? (…)
Não, porque eles arriscam muito a vida. Mas é para uma coisa muito boa: é para salvar outras pessoas.

Por que será que o fazem? Porque será que arriscam a vida para salvar outras? (…) Por que são corajosos e interessam-se pelos outros. São pessoas boas! Têm amor no coração.

Não usando o "puzzle", pode utilizar-se o vídeo ou DVD *"O meu amigo Rato Anjo", (cf documento 2) ou um outro, que mostre uma história relativa à vida e seu valor e apresente*

a importância da amizade e do amor, sobretudo em situações em que a vida corre perigo. No documento 1 é apresentado um desses casos.

2. (*Para qualquer das alternativas:)*
Como a nossa vida é tão importante! A vida de cada um de nós é mesmo muito preciosa. É por isso que algumas pessoas se especializam em certos serviços para poderem, com segurança, ajudar outras pessoas que estão mal ou em perigo.

Por exemplo: uma pessoa está quase a afogar-se. Só um bom nadador é que a pode e deve ir salvar. Porque, se for alguém que não saiba nadar bem, arrisca-se a morrer afogado. Mesmo pessoas preparadas para estas situações difíceis, muitas vezes arriscam a vida. Mas fazem-no por amor.

Todas as vidas são importantes. Como tanta coisa que há no mundo: as árvores, os campos, os animais, os alimentos… Tudo é muito importante para vivermos felizes.

Deus fez todas estas coisas para nós, para que tivéssemos uma vida feliz.

Já sabemos que, se não tivéssemos água, luz, alimentos, não poderíamos crescer saudáveis.

Mas, de tudo o que existe na terra, nada é tão valioso como a vida de cada pessoa. Por isso muitas pessoas dedicam-se a salvar a vida daqueles que precisam.

E porque será que essas pessoas gostam tanto dos que precisam, que até arriscam a vida por eles? (…)

Olhem: eu conheço algumas dessas pessoas, que o fazem porque querem seguir o exemplo de um nosso amigo muito, muito grande: o nosso maior amigo e que é amigo de todos. Sabem quem é? (…)

II. PALAVRA

1. Claro, é Jesus!
Jesus também pensava muito nestas coisas todas. Sabia que tudo neste mundo é importante. Gostava de olhar a natureza e o que nela se passa. Um dia, vendo os pássaros, disse aos seus amigos: "Se até os pássaros que foram criados por Deus, têm tanto valor, não vos esqueçais que vós valeis muito mais do que muitos passarinhos" (*adaptado de Mt 6, 26*).

Jesus sabia que a vida de cada um de nós é muito importante. Por isso, Ele fazia tanto bem: curava os doentes, acolhia as crianças, ajudava os que precisavam, não afastava ninguém… É que Jesus é mesmo amigo de todos, sem excepção.

O catequista afixa, no meio do quadro/placar (ao centro das figuras, no caso da 1ª alternativa) o seguinte dístico da catequese 17:

"Jesus é amigo de todos"

Jesus sabia que a vida é muito importante. Mas também conhecia pessoas egoístas: que faziam mal aos outros, não cuidavam dos doentes, abandonavam os mais pobres, afastavam as crianças… Algumas até matavam as pessoas, quando não gostavam delas…

Ainda hoje há pessoas assim, que não respeitam a vida dos outros e, em vez de salvarem, tiram-lhes a vida. Já viram coisas dessas na televisão? (…)

2. Jesus não queria que fosse assim. Por isso, além de fazer o bem, falava do amor de Deus Pai e dizia a todos quanto os amava. E dizia ainda uma coisa muito importante aos seus amigos. Querem ouvir? (…) É que também nós somos seus amigos. Somos ou não?... (*O catequista afixa, por baixo do dístico anterior, o seguinte da catequese 19*)

"Eu gosto de Jesus"

Cá está! Foi isto que nós aprendemos e dissemos na semana passada. Querem repetir todos comigo? Então digamos todos: "Eu gosto de Jesus".
Pronto. Se gostamos tanto de Jesus, de certeza que estamos dispostos a ouvir mais uma coisa que Ele tem para nos dizer… Então ouçam com muita atenção: (*o catequista abre a Bíblia em **Jo 13;15** e lê pausadamente:)*

"Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, façais vós também"

Sabem quando é que Jesus disse estas palavras? Eu vou contar. Foi quase, quase no fim da sua vida na terra. Fez um jantar com os seus maiores amigos, aqueles que andavam sempre com Ele. Foi a última vez que comeu com eles.

Então aconteceu uma coisa que nenhum dos seus amigos esperava. Às tantas, Jesus levantou-se, pôs um pano em volta da cintura, pegou numa bacia com água e começou a lavar os pés a cada um dos seus amigos. E estes ficaram mesmo muito admirados. Sabem porquê? É que nenhuma pessoa importante fazia isso. E agora estavam a ver a pessoa mais importante para eles a lavar-lhes os pés. Era mesmo para ficarem admirados, de boca aberta.

E, naturalmente, queriam saber por que é que Jesus lhes lavava os pés. Sabem porque foi? Foi para mostrar o seu grande amor por eles. Até lhes fazia uma coisa que mais ninguém importante faria. Mas quando a gente gosta muito, mesmo muito de alguém, então faz-lhe tudo. E foi então que Ele lhes disse as palavras que eu li. Querem ouvir outra vez?...

(*O catequista volta a ler Jo 13, 15*)

3. Portanto, fazer o que Jesus fez, isto é, seguir o seu exemplo, significa: fazer o bem, todo o bem por aqueles de quem gostamos. Mesmo que isso nos custe. E não é só lavar os pés. Isso hoje, às vezes, ainda é o que custa menos. E as pessoas de quem gostamos podem nem precisar disso. Mas precisam de outras coisas. Que coisas são? (…)

   Isso mesmo: essas coisas que vimos há pouco e que muitas pessoas fazem pelos outros.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Há mesmo muitas pessoas que fazem como Jesus: pensam muito nos outros, mais do que nelas próprias. Cuidam dos velhinhos com muito carinho, dos doentes e daqueles que nada têm. Outras procuram livrar as pessoas dos perigos. Por isso é que há bombeiros, polícias, guardas florestais.

   E muitas, muitas destas pessoas fazem coisas destas, porque querem ser como Jesus. São pessoas que dizem no seu coração: (*O catequista afixa, por baixo dos dois dísticos anteriores, o seguinte:*)

   "Eu quero ser como Jesus"

   Há muitas pessoas que, como Jesus, querem fazer os outros felizes!

2. E nós, também queremos ser? (…)
   Se Jesus é amigo de todos e cada um de nós é seu amigo, que podemos fazer para tornar os outros mais felizes? Não podemos fazer felizes, todos os que precisam, porque são muitos. Mas alguns, ou pelo menos uma pessoa podemos.
   Querem pensar um bocadinho? O que é que eu vou fazer para ser amigo dos que precisam, como fez Jesus?

   Depois de um breve momento de reflexão, o catequista sugere às crianças que desenhem no respectivo lugar do catecismo o que se propõem fazer. Conforme as circunstâncias, podem desenhar na sala da catequese ou em casa. De preferência, na sala, uma vez que em casa podem facilmente esquecer-se. Depois podem fazer uma oração de oferta a Jesus. Pode ser a da última catequese:

3. Já pensaram (e desenharam)? (…) E não querem agora oferecer a Jesus o que pensam fazer? (…)
   Podemos rezar a mesma oração que rezámos na última catequese: aquela em que oferecemos o nosso coração. (*Se tiverem desenhado*:) Então levantem os vossos catecismos para Jesus e digam todos comigo:

   "**Ó Jesus, aceita o nosso coração**".

(Também se pode cantar:)
"Senhor, para ti o meu coração"

Se tiver tempo, o catequista, como preparação para a próxima catequese, pode ensaiar o cântico "Jesus está vivo".

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

O HANS

Proposta suplementar a qualquer uma das alternativas da experiência humana.
Esta é uma história verídica que, pelo facto de o ser e de se ter passado com duas crianças, é altamente educadora dos sentimentos das crianças que a escutam.
Aconteceu durante a guerra dos ingleses com os Boers, província do Transvaal, na África do Sul, em meados do séc. XIX (cerca de 1825).
Com apenas 7 anos, Hans deu a sua vida para salvar a irmã, que tinha 4 anos.

Era Inverno, e as duas crianças perderam-se na vasta pradaria sul-africana. Tudo fizeram para as encontrar, mas sem resultados. Quando caiu a noite, a temperatura começou a baixar muito e o Hans e a irmã, que se viram perdidos, perceberam que tinham de encontrar um lugar para se abrigarem e passarem a noite, protegidos do frio e dos animais.

Ora quem conhece o Transvaal sabe que aquele terreno é plano e que não há lugares para se abrigarem.

Hans procurou, e o único lugar que encontrou foi um monte de terra, elevado do chão. Era um grande ninho de formigas (ferrão) abandonado.

Na pradaria sul-africana existe uma espécie rara de formigas, que em nada se parecem com as nossas. São muito maiores e cavam debaixo da terra buracos enormes, capazes de lá caberem animais grandes, como um gato ou mesmo um cão grande, ou até uma criança.

Hans, ao vê-lo, conseguiu fazer uma abertura, alargando o buraco e meteu lá dentro primeiro a irmã. Mas, tornava-se pequeno para os dois. Contudo, conseguiu ficar mesmo à entrada e assim tapou-a com o seu próprio corpo. Durante a noite, começou a arrefecer muito mais e a menina chorava com frio. Hans, vendo assim a irmã, apercebeu-se de que ela podia

morrer de frio, tirou toda a roupa do seu corpo, vestiu a menina com a sua roupa e voltou a tapar a entrada com o seu corpo.

Na manhã seguinte, as crianças foram encontradas. Hans tinha falecido durante a noite com o frio, mas a menina foi encontrada ainda com vida, graças ao amor e à coragem do irmão mais velho.

Hans percebeu muito bem que, se não defendesse a irmã, o mais certo era morrerem os dois, sobretudo ela que era mais pequenina e não poderia resistir ao frio. Por isso, preferiu dar-lhe toda a sua roupa e salvá-la.

Todas as pessoas, na província do Transvaal, quando souberam da coragem deste menino, ficaram impressionadas com o amor que Hans tinha à sua irmãzinha, de tal modo que preferiu dar a sua vida pela dela. Por isso, todo o povo e também os governantes lhe prestaram homenagem. E, para que as pessoas daquele país (África do Sul) nunca esquecessem aquele menino – que foi um autêntico herói, ao dar a vida pela sua irmã – mandaram erguer-lhe uma estátua.

Ainda hoje, na África do Sul, os pais contam aos seus filhos o que se passou com Hans. E, na escola do 1.º ciclo, todos os livros dos mais pequeninos trazem esta história, para que todos conheçam o bom exemplo de Hans.

DOCUMENTO 2

VÍDEO OU DVD: "O MEU AMIGO RATO ANJO"

As razões por que é sugerido este vídeo são várias:

Primeiro, porque se trata de uma banda desenhada, cujos protagonistas são animais, o que cativa a criança desta idade. Além disso, o "Rato Anjo" personifica um valor muito importante: praticar o bem é exigente, é uma tarefa, nem sempre fácil, e uma conquista de sempre. O filme mostra que os "anjos", ou seja, os bons, não nascem na terra, FAZEM-SE!

Outra razão é a questão do tempo: o vídeo contém 12 pequenos filmes, tendo o mais longo de todos a duração de 12 minutos, o que é ideal para a catequese.

Para a experiência humana proposta para esta catequese, podem também mostrar-se os filmes n.º 1 "O meu amigo Rato Anjo", ou o n.º 2 "A auréola perdida". Também estes filmes ajudam a realçar o valor do bem… quando ele conduz à vida.

DOCUMENTO 3

Bombeiros

Médico/Doente

Ambulância/maca

Helicóptero/emergência

Nadador/salvador

Hospital

CATEQUESE 21

CELEBRAMOS A PÁSCOA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Há males que vêm por bem**

   Há mesmo quem diga que aprende muito mais com os erros que comete do que com o que faz e diz acertadamente. E isto, tanto ao nível do ensino e aprendizagem, como da vida em geral. Um erro, talvez devido à situação desagradável em que nos coloca, alerta-nos para não o voltarmos a cometer.

   Depois, há aqueles erros ou males, dos quais até podemos não ter culpa nenhuma, mas de que somos vítimas. E alguns deles podem, por vezes e de repente, mudar o rumo da nossa vida: levar-nos a situações em que temos de mudar muita coisa e, por vezes, começar tudo de novo. Raramente nos resignamos a esses males ou desgraças. Pelo contrário: é nessas alturas que despertam em nós forças psíquicas e físicas adormecidas que nos levam não só a superar a contrariedade ou desgraça sofrida, mas até a alcançar uma vida com mais qualidade e vitalidade do que a que tínhamos antes.

   Isto deve-se sem dúvida ao facto de que a nossa vida nunca está acabada, mas consiste num processo dinâmico que cresce, quando circunstâncias ou acontecimentos adversos mais o exigem. E quando conseguimos isso, somos capazes até de pensar ou mesmo dizer: ainda bem que isso me aconteceu!

   Mas, pode haver casos em que se dá o contrário: em que somos mesmo esmagados pelo mal sofrido, e nunca mais nos endireitamos. Então, procuramos endireitarmo-nos por meios que, sobretudo da perspectiva moral, não são os mais correctos e, por isso, pelo menos à distância, fazem que um mal, em vez de vir por bem, venha para um mal maior.

   É sobretudo para casos ou situações como essas que é fundamental a abertura e o recurso Àquele a quem nada é impossível, ao Deus que tem a vida em plenitude e que a dá, apenas porque nos ama. E se a vida que dele recebemos é dom, então só pode ser vivida na dimensão do amor, a única em que a vida adquire pleno sentido.

A tradição bíblico-cristã está cheia desses casos: de revelações e intervenções de Deus, precisamente quando os Seus mais viam a vida a fugir-lhes; intervenções em que Ele, não só os libertou da desgraça em que haviam caído, como lhes proporcionou uma vida cujas condições são muitíssimo superiores às anteriores. São mesmo intervenções dessas que estão na origem da existência do povo de Deus.

Foi da libertação do Egipto, completada pela aliança no Sinai, que nasceu e vive Israel. Dizemos "vive", no presente, porque tal acontecimento salvífico é de tal modo fundamental para a existência deste povo que há necessidade de ser celebrativamente actualizado, pelo menos uma vez ao ano: na Páscoa em que a libertação do passado é revivida no presente de cada um.

Foi durante uma dessas celebrações pascais que se deu aquela que se tornou a maior intervenção de Deus na história dos homens: pelo acontecimento em si e pelos efeitos que têm superado todas as fronteiras do tempo e do espaço. Nunca tanto mal trouxe tanto bem ou, por outras palavras, nunca Deus escreveu tão direito por linhas tortas, como na morte e ressurreição do Seu Filho Jesus Cristo.

2. "Se o grão de trigo, caindo à terra, não morrer" … (Jo 12, 24)

É com estas palavras que o próprio Jesus interpreta o mistério da sua morte e ressurreição: com o processo de revitalização extensivo à própria natureza. Assim como uma semente só é fecunda e ganha uma vida que ultrapassa a dimensão exígua da sua individualidade, na medida em que morre, assim tinha de acontecer com Ele.

Com, pelo menos, uma diferença, como aliás sucede com todas as comparações: na morte de Jesus interveio, como factor dominante a sua vontade livre. "É por isto que meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois. Ninguém ma tira, mas sou eu que a ofereço livremente. Tenho poder de a oferecer e poder de a retomar. Tal é o encargo que recebi de meu Pai" (Jo 10, 17-18).

A diferença é, pois, a do amor: o amor que lhe vem da união vital com Deus, Seu Pai, e lhe permite enfrentar e assumir uma morte, que lhe é imposta e na qual é privado de toda a sua liberdade, no acto mais livre: aquele que é próprio do amor que só Ele tem, o amor que atinge a expressão máxima no dom da vida, de toda a sua vida.

É por isso que a morte de Jesus é interpretada no Evangelho de S. João, mais do que em qualquer outro Evangelho, como glorificação ou "elevação": a elevação na cruz coincide com a elevação na glória (cf Jo 3, 14; 8, 28; 12, 32). Porque é na cruz que Ele mais realiza aquilo para que fora enviado: "Tanto amou Deus o mundo, que lhe deu o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê, não se perca, mas tenha a vida eterna" (3, 16). Foi na cruz que este amor encontrou a sua plena consumação (cf 19, 28.30). Pela absoluta e definitiva comunhão com Deus, ofereceu-se totalmente pelo mundo.

O mesmo Espírito que na morte entregou (19, 30) é o que "sopra" aos discípulos para fazer deles mensageiros do seu perdão. Mas sopra-o, depois de lhes mostrar "as mãos

e o lado", isto é, na condição de crucificado e trespassado pela lança do soldado (cf 19, 31-37; 20, 19-23).

A ilimitada fecundidade da morte de Jesus tem uma das suas expressões mais visíveis naqueles que nele acreditam. Conquistados e transformados pelo seu amor, pela contemplação daquele "que trespassaram" (19, 37), tornam-se testemunhas vivas do mesmo amor. Não apenas e nem tanto pelo que dizem, mas sobretudo pelo que fazem: pela entrega da vida, a exemplo e com a força do Crucificado Ressuscitado. Uma entrega mais intensa, quando essa vida lhes é tirada: nas contrariedades e conflitos que sofrem, porque amam, é então que o mal de que são vítimas se pode tornar ocasião para um maior bem. E é então que o testemunho que dão de Cristo é mais vivo e mais fecundo.

3. "Nós queremos ver Jesus" (Jo 12, 21)

As citadas palavras de Jesus sobre o grão de trigo que dá muito fruto, fazem parte da resposta a este pedido, feito a Filipe: "Senhor, nós queremos ver Jesus". O pedido, no Evangelho, é formulado por alguns "gregos" que tinham subido a Jerusalém à "Festa" da Páscoa (Jo 12, 20).

Mas estes "gregos" são representantes de tantos homens e mulheres que, a começar pelo tempo em que foi redigido este Evangelho e até aos nossos dias, implícita ou explicitamente desejam ver Jesus. Desejam experimentar aquilo que, por muitas razões e em variadas circunstâncias, não sentem: o amor que seja verdadeiramente fecundo e, como tal, responda ao desejo tão humano de ter uma vida que o seja verdadeiramente, isto é, sem limites de tempo nem espaço. Todas essas pessoas – e são cada vez mais – pedem, mesmo sem o dizerem: "Nós queremos ver Jesus"! Isto é, Aquele em quem esse amor, que só Deus tem em plenitude, se manifestou de um modo único.

O pedido é feito aos seus discípulos, a nós cristãos. E não temos outra resposta senão aquela que Jesus nos põe nos lábios, ou melhor, na vida que levamos e em que tem de transparecer a radicalidade do amor com que Jesus deu a sua vida: a radicalidade do grão que morre para dar fruto, a radicalidade que Jesus, logo a seguir, formula com este desafio: "Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, que me siga, e onde Eu estiver, aí estará também o meu servo. E se alguém me servir, meu Pai o honrará" (Jo 12, 25-26).

De facto, Jesus está, e com Ele seu Pai, no cristão que, com Ele e como Ele, se desprende da sua vida em favor daqueles a quem a dá, a quem ama. É assim que Jesus nele se dá a ver, ao vivo e como fonte de vida, isto é, conquistando aqueles a quem se dá, os que O querem ver, para o mesmo amor, a mesma entrega de vida… até à vida eterna.

Tal é a missão do catequista: mostrar Jesus aos seus catequizandos. Tantas vezes em condições adversas, mas que, em união com Cristo, podem ser males que vêm por bem:

para o próprio e dos catequizandos, a quem, exactamente nessas condições, se entrega com redobrada intensidade.

Haverá melhor maneira de as conquistar para o mistério da Páscoa que celebramos…com tanta alegria?! …

OBJECTIVOS

– Tomar consciência do ciclo vida-morte na fecundidade da natureza.
– Saber que Jesus morreu e ressuscitou.
– Celebrar e viver o mistério da morte e ressurreição de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tratando-se da Páscoa, a maior festa dos cristãos, esta catequese tem uma especial solenidade, na qual se devem envolver as crianças. Para isso, procure-se que a sala esteja engalanada com flores e ramos e que cada criança tenha o seu ramo, inspirado na procissão do Domingo de Ramos.

Os ramos de trigo, verdadeiros ou pintados em cartaz, além de serem mais um elemento de decoração, ajudarão a compreender melhor a Palavra de Deus, em que Jesus explica o sentido da sua morte e ressurreição: também o trigo "dá a sua vida"; para que dele surja mais vida.

Embora não seja o significado explorado nesta catequese, o trigo também aponta para a Eucaristia, em que se recebe, através do pão feito de trigo, o Corpo de Jesus Morto e Ressuscitado. Convém que visualmente, haja uma harmonia entre o crucifixo e os grãos de trigos semeados e as espigas que deles nascem. Por isso faça-se, tanto quanto possível, uma sobreposição do crucifixo e dos grãos e ramos de trigo.

A expressão de fé deve decorrer com muita ordem e respeito. Isso depende muito do modo como são conduzidas as duas partes anteriores, particularmente a exposição da Palavra de Deus. Aí apela-se sobretudo à capacidade narrativa do catequista. Se as crianças nas catequeses anteriores já tiverem sido verdadeiramente tocadas pelo amor de Jesus, com certeza que ouvirão o catequista com todo o interesse.

O folar, embora seja proposto apenas para a 2.ª alternativa da experiência humana, pode também ser distribuído no final às crianças que seguirem a 1.ª alternativa. Como se explica no desenvolvimento, o folar está intimamente ligado à Palavra de Jesus e é expressão do seu amor. Sobretudo em terras onde seja usado, é uma bela ocasião para as crianças se aperceberem do seu significado.

MATERIAIS

– Flores e verdura para ornamentar a sala;
– Ramos ou bracinhas de árvores, uma para cada criança;
– Vaso com ramos de trigo ou cartaz correspondente;

– Vaso de vidro, baixo e relativamente largo, cheio de terra;
– Alguns grãos de trigo;
– Um folar (2.ª alternativa da experiência humana);
– Um pequeno folar para cada criança, se for possível;
– Um crucifixo de tamanho médio/pequeno, se possível com pedestal;
– Dois castiçais pequenos;
– Duas cestas para a recolha dos ramos das crianças;
– Dísticos: "Jesus é amigo de todos" (catequese 17); "Jesus gosta de mim" (catequese 18); "Jesus deu a vida por nós";

MÚSICA

– "Jesus está vivo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

*O catequista prepara a **sala** do seguinte modo:*

– ***Enfeita-a** com flores, ramos de árvores e outras verduras idênticas ou semelhantes às usadas no Domingo de Ramos. Pode pendurá-las nas paredes e, sobretudo, colocá-las à volta e em cima da mesa onde habitualmente se encontra a Bíblia.*

– *Na mesma mesa e por detrás da Bíblia, coloca um vaso com **hastes de espigas de trigo** (cf desenho do catecismo). Se for difícil obter tais hastes, pode substituí-las por um cartaz em que estejam representadas. Tal cartaz é afixado na parte inferior do 'placard´, junto à mesa.*

– *As crianças, se fizeram o que lhes foi pedido na catequese anterior e está sugerido no catecismo (cf "Em Família – Nota"), trazem, cada uma, um **ramo** semelhante aos que enfeitam a sala. Para a eventualidade de alguma se ter esquecido, o catequista procura ter alguns ramos, que, antes de entrarem para a sala, distribui por cada uma dessas crianças. O importante é que nenhuma esteja sem ramo.*

– *O catequista coloca ainda em cima da mesa, entre os ramos de trigo e a Bíblia, um **recipiente de vidro**, relativamente baixo e largo, cheio de terra. Servirá para nele "semear" alguns grãos de trigo, na altura própria.*

– *Se habitualmente está afixado no quadro/placar ou na parede da sala um **crucifixo**, este é retirado e guardado num lugar em que seja invisível para as crianças. Será apenas apresentado na altura própria, conforme é indicado no desenvolvimento da catequese.*

A catequese pode começar do seguinte modo:

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Que bonita está hoje a sala: ramos (e flores) por toda a parte! Gostam? (…)
E como se não chegassem os ramos (e as flores) da sala, cada um de nós trouxe um ramo, que temos nas mãos. Já viram bem os ramos uns dos outros? Ora mostrem lá, para todos verem bem. (…) Não é para ver quais são os mais bonitos. São todos bonitos!

Mas, para que será tudo isto? Parece que hoje vai haver aqui uma festa. Será? Sim, vai ser uma grande festa. E vai ser feita também por cada um de vós. Estão prontos para isso? (…) Claro. Senão, não tinham trazido os ramos. Só falta saber que festa é e por que a gente a faz. Eu vou explicar.

1ª Alternativa

Grupo grande

Já repararam que, além dos ramos de verdura, estão aqui outros ramos. Vejam lá se descobrem. (…)

Exactamente: até em cima da mesa (ou no quadro/placar) estão uns ramos que não são de verdura.

Alguém sabe de que são?... São ramos de trigo…

Em cada uma daquelas espigas estão uns grãozinhos de trigo, como estes (*o catequista mostra alguns grãos de trigo que tem na mão*).

E sabem para que serve o trigo? (…). Para fazer o pão. A maior parte do pão que a gente come, é feito de farinha de trigo. O trigo é moído, para dele se fazer farinha, e da farinha é feito o pão. Muitos de vós já sabiam!... Há alguém que saiba? (…)

(O catequista volta a mostrar os grãos que tem na mão e continua:)

O trigo nasce do trigo. Só que um grãozinho dá muitos. Reparem nestas espigas: cada uma delas tem uns dez ou vinte grãos, ou até mais. E cada espiga nasceu de um só grão.

E nasceu como? Eu vou mostrar. Primeiro o grãozinho é semeado (*o catequista enterra uns grãos no vaso de terra ou pede a uma ou duas crianças que o façam e depois continua*:)

Aqui, dentro da terra e por causa da humidade, o grãozinho morre… ou melhor, não é bem morrer. A casca, em que está envolvido, desaparece. Mas do resto começa a formar-se um grelinho que depois vai crescendo, crescendo, até sair da terra. E depois cresce mais e mais, até se formar uma haste, e na haste formam-se as espigas, cada uma com muitos grãos.

E o que é feito do grão que foi semeado? Depois de se formar o grelinho, o grão desapareceu na terra e morreu. E o que aconteceria, se ele não morresse? (…) Não tínhamos as espigas e o trigo… e não tínhamos a farinha e o pão para comer.

Portanto, podemos dizer que o pão que comemos é dado pelo trigo que morre. É um trigo nosso amigo, não acham? É um trigo que morreu, perdeu a vida por nós. Quase que tenho vontade de dizer ao grãozinho: "Obrigado, querido grãozinho, por seres tão nosso amigo e dares a tua vida por mim". Mas não vou dizer. Prefiro dizer daqui a pouco a um outro grão. Ou melhor, a alguém que é muito, muito mais amigo do que um grão de trigo. Quem será? (…)

2ª Alternativa

Grupo pequeno

(*O catequista pega no saco ou embrulho em que está o pão ou folar da Páscoa, abre-o e mostra às crianças*:)

Sabem o que é isto? (…) É um folar. É o folar que a gente dá ou recebe nesta altura do ano, na altura da Páscoa.

Quem já recebeu este ano um folar? Se não receberam ainda, muitos de nós vamos receber.

E quem o dá?... A mãe, o pai, (*se for o hábito na terra*) o padrinho, a madrinha. Pessoas que gostam de nós. Por isso nos oferecem um folar como este.

E de que é feito o folar? Quem sabe? (…) É feito de farinha (*se for o caso*) e tem um ovo lá dentro.

E sabem de que é feita a farinha? (…) É feita de trigo. Estão a ver aquelas espigas ali? São espigas de trigo. Cada uma delas tem uns dez ou vinte grãos de trigo. E muitas espigas juntas dão muito trigo. O trigo é moído e dá a farinha que serve para fazer o pão. Este folar é feito dessa farinha. O folar e a maior parte do pão que a gente come.

E sabem de que é feito o trigo? Como é que ele nasce e se forma? Eu vou mostrar. (*O catequista pega nuns grãos de trigo e continua*:)

O trigo nasce assim: enterram-se uns grãos na terra, para os semear (*o catequista enterra uns grãos no vaso de terra*). Depois de algum tempo, o grão, por causa da humidade da terra, começa a desfazer-se, a morrer. Mas, ao mesmo tempo, começa a formar-se dele um grelinho que, depois, vai crescendo até sair fora da terra. Depois cresce mais e mais, até se formar uma haste e na haste forma-se a espiga. Como aquelas que estão ali.

Estão a ver? Se o grão não se desfizesse, até morrer e desaparecer na terra, nós não tínhamos muito mais trigo e nem tínhamos o pão, como este e outros folares, para comer. Portanto, o pão que precisamos de comer, é dado por um grãozinho de trigo.

Podemos dizer que o grãozinho é muito nosso amigo, não acham? É tão nosso amigo que até se deixou morrer, perder a vida, para dar mais grãos e com os grãos, o pão que comemos.

Se houver tempo, o catequista pode explicar o mesmo processo com um ovo: também ele "morre", desaparece para nascer um pintainho e depois se formar uma galinha, que nos dá muitos ovos e a carne de que nos alimentamos.

Quase que poderíamos dizer ao grãozinho que morre, para que a gente viva: "Obrigado, querido grãozinho, por seres tão nosso amigo e dares a vida por nós". Mas não dizemos. Prefiro que a gente diga isso daqui a pouco a um outro grão. Não é bem um grão. Mas é uma pessoa que é muito, muito nossa amiga; muito mais do que um grão de trigo (e um ovo). Quem será? (…)

2. (*Para as duas alternativas:*)
É Jesus… Sim, Jesus é muito mais amigo do que qualquer grão. (*O catequista pode afixar os dísticos das catequeses 17 e 18, deixando entre eles o espaço suficiente para o próximo dístico:*)

"Jesus é amigo de todos"
"Jesus gosta de mim"

Já vimos muitas coisas nas quais Jesus mostra ser amigo de todas as pessoas sem distinção e amigo de cada um de nós!

II. PALAVRA

1. Mas, houve uma coisa que Jesus fez, na qual Ele mostrou ao máximo o amor que tem por todas as pessoas e por cada um de nós. Um amor tão grande, como ninguém é capaz de ter como Ele.
Quem souber, não diga o que foi que Jesus fez. Vamos deixar que seja o próprio Jesus a dizer-nos. E Ele vai dizer-nos duma maneira que todos já somos capazes de compreender. Querem ouvir?

(*O catequista abre a Bíblia em **Jo 12, 24** e lê, pausadamente:*)

"Se o grão de trigo, caindo à terra, não morrer fica só; mas, se morrer, dá muito fruto".

Afinal, nós até já sabemos isto. Acabámos de o aprender. Até está ali representado: no grão semeado, no trigo e *(se for o caso)* no pão.

Mas, o grão de trigo de que fala Jesus aqui, será só um grão como este que está em cima da mesa? (…) Não. Nestas palavras, o grão de trigo é Ele mesmo, Jesus. Nestas palavras, Ele compara-se a um grão de trigo.

O que se iria passar com Ele é parecido com o que se passa com o grão de trigo. E que foi o que se passou com Ele e em que Ele nos mostrou quanto nos ama? (…)

2. *Mesmo que as crianças respondam acertadamente, o catequista, em vez de comentar as respostas, pega, em silêncio e muito calmamente, num crucifixo e mostra-o às crianças para que elas o contemplem, durante um breve tempo de silêncio. Se houver mais catequistas, é preferível que seja um deles a entrar na sala com o crucifixo levantado e, se possível, ladeado de mais um ou dois, cada um com um castiçal aceso. Depois de breve contemplação, o catequista continua:*

Aqui está. Temos aqui representado o que aconteceu com Jesus e como é grande, grande o seu amor por nós. Eu vou contar como foi.

Jesus era amigo de todos e só fazia o bem. Mas havia pessoas que não gostavam dele. Ainda hoje há pessoas que só fazem o bem, e outras, talvez por isso, não gostam delas.

Pois bem: aconteceu que Jesus foi, com os seus amigos, a uma grande festa que havia no seu país. Era a festa da Páscoa e juntou-se lá muita gente.

E então sucedeu que, durante a festa, os inimigos de Jesus prenderam-no e fizeram-lhe tanto mal que os seus amigos até fugiram, cheios de medo. E Jesus ficou sozinho entregue àqueles malfeitores.

Estes, depois de lhe fazerem muito mal, resolveram mesmo matá-lo. E mataram-no da maneira mais feia e mais horrível que havia: trouxeram uma cruz, como esta, e pregaram lá Jesus. Espetaram-lhe uns pregos grandes nas mãos e nos pés, depois levantaram a cruz, e Jesus, depois de algum tempo e no meio de grandes dores, morreu.

Alguns de vós podem perguntar, por que é que Ele não se defendeu? Não foi só por estar sozinho. Mesmo que lá estivessem os seus amigos, Ele não lhes teria permitido que eles fizessem mal a alguém. Jesus só fazia o bem. Não fazia mal a ninguém, nem aos seus inimigos, nem aos que o matavam. Ele só queria o bem deles e, por isso, até lhes perdoava.

Estão a ver o grande amor de Jesus?! Amou tanto que até perdeu a vida. Ou melhor: deu a vida. Por isso é que Ele se comparou a um grão de trigo, que se deixa morrer, para dar a vida.

E, como um grão de trigo, também Jesus foi lançado à terra, foi enterrado.

3. *O catequista que detém o crucifixo, coloca-o, em silêncio, num sopé e, se possível, por cima do vaso em que foram "semeados" os grãos de trigo. À falta do sopé, pendura-o no*

quadro/placar, ao centro por cima do vaso com as espigas de trigo ou do cartaz que as representa. De seguida coloca, na parte superior ao crucifixo e entre os dois dísticos das catequeses 17 e 18, o seguinte dístico:

"Jesus deu a vida por nós"

(*Depois continua com estas ou outras palavras.*)
Jesus deu a vida por nós, como maior prova ou manifestação do seu amor. Como Ele nos ama! ...
Muito mais do que um grão de trigo. É que o grão de trigo depois de germinar, morre e desfaz-se na terra. Ora com Jesus não aconteceu isso. Ele não ficou no sepulcro a desfazer-se e a desaparecer para sempre. Então o que aconteceu? Vem aqui contado na Bíblia. Querem ouvir?

(*O catequista abre a Bíblia em **Mc 16, 5-6** e introduz a leitura assim:*)

Aconteceu que, três dias depois de Jesus ter morrido e ter sido sepultado, algumas mulheres, que faziam parte dos seus amigos, foram ao sepulcro onde tinham colocado o corpo de Jesus. Quando chegaram, ficaram logo espantadas, porque o sepulcro estava aberto. E, em vez do corpo de Jesus, estava lá um anjo que lhes deu uma linda notícia: a melhor notícia que elas podiam esperar. Qual foi?
Disse-lhes o anjo: (*o catequista lê*)

"Não vos assusteis.
Procurais a Jesus de Nazaré, o crucificado?
Ressuscitou, não está aqui".

Sabem o que quer dizer "ressuscitou"? Quer dizer que voltou à vida, para nunca mais morrer. Jesus, que tinha sido morto numa cruz, voltou à vida. Deus, seu Pai, não deixou que Ele ficasse morto. E porquê?

Por causa do amor de Jesus, que Ele manifestou sobretudo quando morreu, e para que esse amor fosse conhecido e experimentado por todas as pessoas do mundo, até hoje.

Por isso é que Jesus, depois de ressuscitar, apareceu aos seus amigos. E é por meio deles que a gente hoje sabe o que aconteceu com Jesus e como Ele nos ama. Porque ele nos ama tanto é que Deus o ressuscitou.

4. Jesus hoje está vivo, mesmo que a gente não o veja com os olhos da nossa cara. Mas a gente sente o seu amor: sobretudo naquelas pessoas que são hoje seus amigos e tanto nos falam dele…e fazem o bem que Jesus fez e ensinou a fazer.

Que bom termos Jesus vivo connosco e no nosso coração!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Por isso é que nós celebramos a festa da Páscoa. É a festa mais linda e mais importante para os amigos de Jesus.

E nós, aqui na catequese, também a queremos celebrar. Querem ou não? Para isso é que a nossa sala está hoje tão bonita e vós trouxestes os ramos.

Que vamos fazer com eles? Não os querem oferecer a Jesus, aqui representado na cruz, onde Ele mostra quanto é nosso amigo? (…)

Mas, não os vamos oferecer, sem mais nada. Quem quer fazer a Jesus mais alguma coisa, além de oferecer os ramos? (…)

Então, eu vou dizer o que nós podemos fazer. Por exemplo, podemos cantar uma canção em volta de Jesus. Eu sei uma muito linda. Querem ouvir? (*Ensaiar o cântico:*)
"Jesus está vivo
Ele não está morto
Jesus está vivo
no meu coração"

2. Mas, ainda podemos fazer mais. Podemos fazer um gesto em que mostramos o amor de Jesus e, ao mesmo tempo, que esse amor está em nós. É o gesto do sinal da cruz. Porque Jesus mostrou o seu amor na cruz. Querem fazer? (*O catequista faz e ensina a fazer o sinal da cruz:*)

"Em nome do Pai
e do Filho
e do Espírito Santo"

3. E que mais podemos ainda fazer? (…) Dar um beijo na cruz, quando formos entregar os nossos ramos. Estão de acordo?
Então vamos fazer uma fila, na direcção da cruz. Quando cada um de nós lá chegar, primeiro dá um beijo no crucifixo, depois entrega o seu ramo e no fim faz o sinal da cruz, voltado para Jesus. E tudo com muito respeito. Todos nós somos amigos de Jesus.

Um catequista pega na cruz e outros dois ou, na falta deles, duas crianças pegam em dois açafates, um de cada lado, para recolherem os ramos. Pode iniciar-se e terminar-se o beijo da cruz com o cântico: ***"Jesus está vivo".***

No final e para o caso de se ter seguido a 2.ª alternativa da experiência humana, o catequista pode partir o folar e distribuir um pedaço por cada criança. Se os meios o permitirem, pode também oferecer-se um pequeno folar a cada criança. Nesse caso,

convém dar-lhe um sentido pascal: o folar é oferecido como sinal e expressão do amor de Jesus, que morreu como um grão de trigo…para termos o pão que nos alimenta e nos é oferecido por quem nos ama. Tanto mais, quanto mais conhecer e amar Jesus.

Antes de saírem, dizer às crianças que, para a próxima catequese, tragam a vela do baptismo, as que já o tiverem recebido; e que, se for o caso, ela é na igreja juntamente com os pais e padrinhos.

CATEQUESE 22

A FESTA DA LUZ

CELEBRAÇÃO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O poder luminoso e vivificante do nome

É pelo nome que cada um de nós se identifica. De tal modo que, sem nome, seria quase como se não existíssemos, pelo menos para os outros. Daí que, quando nasce uma criança, um dos primeiros deveres seja dar-lhe o nome, com que é registada a sua existência. Socialmente adquire assim a sua individualidade e personalidade: pelo nome por que passa a ser tratada.

No nome está resumido o que cada pessoa é. São muitos os casos da Bíblia em que isso é expresso. Por exemplo, nas palavras ditas a S. José, a propósito do Filho que havia de nascer de Maria: "Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados" (Mt 1, 21). De facto "Jesus" no original hebraico, significa: "Yahwé é salvador". Será pelo Menino nascido de Maria que Deus, o Senhor, irá salvar o seu povo. Ou quando há mudança de nome, como acontece com o Apóstolo "Simão, filho de Jonas". Depois de ele confessar a sua fé em Jesus, "o Messias, o Filho de Deus vivo", este diz-lhe: "Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja" (Mt 16, 16.18).

Nestes casos é o nome que faz a pessoa, nas funções e missão que assume e realiza. O que ela faz e é está expresso no nome. Hoje dá-se, sempre ou quase sempre, o contrário: é a pessoa que faz o nome que tem. Daí dizer-se, por exemplo, que fulano tem (ou não) "um bom-nome". Não directamente devido ao seu nome próprio, mas porque o que essa pessoa faz e é, está ligado ao nome por que é conhecida. A sua fama é-nos recordada pelo seu nome. O que confirma a importância do nome, como identificativo da pessoa.

Percebe-se assim a satisfação que todos habitualmente experimentamos, quando somos tratados pelo nosso nome. Quase temos a sensação de, nesse momento, sermos

chamados à existência. Isso nota-se ainda mais numa criança, mais espontânea em exprimir o que sente. Chamamo-la pelo nome, e o seu rosto como que se ilumina. Sobretudo quando esse chamamento está inserido numa relação de amor, como seu início ou expressão. A criança, ao ser tratada pelo nome, é libertada do seu anonimato e vê-se conhecida e reconhecida na sua condição de pessoa, sente-se realmente amada. E, no amor, ganha vida nova: a vida que recebe e que partilha… a começar pela pessoa que a ama, chamando-a pelo seu nome.

Algo de semelhante acontece na cena exposta em **Jo 20, 11-18**. Aí, não com uma criança, mas com uma mulher:

2. "Maria!"

De facto, toda a cena está centrada neste nome, dito a Maria Madalena por Jesus Cristo Ressuscitado, no versículo 16.

Antes vemos uma mulher tão desanimada, tão perto do desespero, que não consegue conter as lágrimas. Já não bastava a morte terrível de Jesus na cruz. Agora, até o seu corpo, a parte visível de quem a morte levou, até esse corpo haviam também levado. O vazio do sepulcro esvazia ainda mais aquela mulher da vida que lhe restava. A escuridão tolda os seus olhos. Tanto, que nem Aquele que ela ansiosamente procurava e estava ali, de pé, cheio de vida, conseguia identificar. Nem mesmo quando Ele lhe falava, repetindo e completando a pergunta antes formulada pelos anjos.

Quando os olhos não vêem, também os ouvidos não ouvem. Ou melhor, não entendem aquilo que ouvem. A não ser que os ouvidos ouçam aquilo que só os olhos do coração podem apreender: o amor, em que a sintonia entre a visão e a audição é total; o amor em que a palavra daquele que ama é expressão viva do que Ele faz.

Não parece que Jesus tenha mudado de tom de voz, quando pronunciou o nome: Maria! O Evangelista não o diz. E nem era necessário. Porque o nome diz tudo. Quem o pronuncia, conhece a pessoa que o tem. E, na tradição e linguagem bíblica, o conhecimento é predominantemente um acto do coração. Quem conhece, ama. E quanto mais ama, mais conhece. Isto é, mais intensa é a presença da pessoa amada no coração e na vida de quem a ama.

Daí a reacção de Maria ao chamamento de Jesus: "Rabbuni", à letra:"meu Mestre"; ou, melhor ainda: "meu Grande". Se o Evangelista transcreve o título em Aramaico, a língua então corrente na Palestina, é certamente para acentuar o cunho pessoal da comunhão de amor entre Jesus e Maria.

Mas ela entrega-se, porque Ele, o "Mestre", o "Grande" a amou primeiro: "É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o Seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados" (1 Jo 4, 10; cf Rm 5, 6-8).

Foi nessa condição de Crucificado Ressuscitado, que Ele levou o seu amor "até ao extremo de dar a vida para nos libertar do pecado, isto é, da não-relação, do "desamor". É nessa condição que Jesus se manifesta a Maria Madalena. E é esse mesmo amor que Ele exprime ao vivo, quando chama por ela: "Maria!". Um chamamento que lhe abre os olhos, a ilumina, a transforma, a vivifica: com a vida que só o Ressuscitado pode dar, a vida que Deus tem em plenitude.

E quem experimenta tão grande amor, não pode deixar de dar testemunho dele.

3. "Vi o Senhor"

Cada um de nós cristãos passou por uma experiência semelhante, que nos marcou para toda a nossa vida: quando Deus, através de um sacerdote ou diácono, chamou pelo nosso nome e acrescentou: "Eu te baptizo, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo", ao mesmo tempo que derramou sobre nós a água que nos limpou do pecado que nos impede de ver e viver para além de nós próprios. A vela que então recebemos, acesa na luz de Cristo ressuscitado, mostra-nos o caminho a seguir para alcançarmos a única vida que nos faz verdadeiramente felizes: a do amor, o mesmo que se manifestou com uma intensidade inexcedível em Jesus Cristo, particularmente na sua morte redentora.

Para que este acontecimento baptismal não fique perdido no passado, sobretudo na inconsciência da idade infantil em que a maioria de nós foi baptizado, para isso é que ele nos é recordado periodicamente ao longo do nosso crescimento. Um dos momentos mais significativos é o da Vigília Pascal, em que associamos a água purificadora à luz do Ressuscitado, isto é, o Baptismo ao acontecimento salvífico então celebrado.

Se vivida em toda a sua beleza e densidade litúrgica, no final de cada vigília, cada um de nós quase pode dizer como Maria Madalena: "Vi o Senhor". "Quase", porque não O vemos com os olhos da carne, mas apenas com os do coração; que, porém, são os mais importantes: é sobretudo no coração que se processa a fé, é dele que brota o amor.

E se proclamamos: "Vi o Senhor", estamos a reconhecê-lo na sua condição divina. Desde a tradução bíblica dos LXX (entre os séc. III e I a.C.), "Senhor" tornara-se o título mais corrente dado a Deus. Com base nisso, era assim que os primeiros cristãos manifestavam a sua fé em Jesus Cristo glorioso: com a exclamação "Jesus é o Senhor" (Rm 10, 9; 1 Cor 12, 3; Fl 2, 11). Quem assim o reconhece, entrega-se, sujeita-se a Ele e, nele, ao Deus que o ressuscitou de entre os mortos, para participar dessa mesma vida que o Ressuscitado tem em plenitude e se manifesta, particularmente, no amor.

Ser catequista é ser mensageiro desse amor. Um amor que se exprime de muitos modos: até pelo simples chamamento do catequizando pelo seu nome. Se feito com o coração, pode ser luz para quem o ouve: a luz que vem do Ressuscitado. Ninguém como Ele viveu com mais intensidade o amor.

E que alegria será para o catequista, se o catequizando, depois da experiência feita, por sua vez puder proclamar com a convicção de fé: “Vi o Senhor!”

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A Páscoa, devido à sua importância central no cristianismo, tem de ser vivida também em forma celebrativa. Esta catequese pretende ser uma ocasião para isso.

É feita como “festa da luz”, devido ao simbolismo e ao lugar da luz na celebração da ressurreição de Cristo. A Vigília Pascal, que abre todo o tempo pascal até ao Pentecostes, começa com a bênção do lume novo, onde é acendido o Círio Pascal, a luz que surge da escuridão da noite e nos oferece um dos símbolos mais significativos de Cristo ressuscitado e glorioso: pela vitória sobre as trevas da morte e do pecado, tornou-se luz para todos os que nele crêem.

As crianças, apesar da sua tenra idade, já são sensíveis à luz, na mesma medida em que são sensíveis ao amor. Uma criança que não experimenta amor é uma criança triste, cujo rosto não brilha. Assim, a luz está aliada ao amor.

A **celebração** tem o seu ritmo e dinamismo:

Depois da ambientação em que se faz a ligação à catequese anterior, a união entre a morte e ressurreição de Cristo, é feita uma primeira oração, dirigida a Cristo, na sua condição de Crucificado Ressuscitado.

Com base na relação entre as trevas e a tristeza ou entre a luz e a alegria, é escutado o relato de Jo 20, 11-18: o que se passa com Maria Madalena é exactamente a passagem da ausência para a presença viva e vivificante de Cristo Ressuscitado.

As crianças são envolvidas no texto bíblico, não só pelo relato que deve ser tão vivo quanto possível (daí a intervenção de diferentes personagens), mas também pela luz que recebem da luz do amor do Ressuscitado. Este momento é muito importante: é a resposta de fé ao chamamento de amor personalizado, feito por Cristo, através do catequista. Ainda que seja um pouco demorado (dependendo do número de crianças) vale a pena apostar nesta expressão de fé.

Finalmente e ainda a exemplo do que aconteceu com Maria Madalena, as crianças são convidadas a serem mensageiras do Ressuscitado: a levarem a luz da Boa Nova do Seu amor. Para isso, podem contar com a presença de Cristo, a quem se entregam pela oração.

Não é contemplada a relação com o Baptismo, porque a maioria, senão mesmo, a totalidade das crianças, na fase da caminhada catequética em que se encontra, não está desperta para isso. E seria sobrecarregar a catequese, explorando essa vertente da luz, materializada na vela baptismal. Haverá ocasiões de abordar o tema da luz sob essa perspectiva.

E, nessa altura, poderá fazer-se uma alusão ao que é celebrado nesta catequese. Se a celebração for bem feita e conseguida, certamente ficará na memória das crianças. De

resto o Baptismo está ligado à morte e ressurreição de Cristo e, para já, interessa iniciar as crianças, com a intensidade possível, neste mistério que é celebrado.

A presença dos pais e outros familiares, não sendo fundamental, como seria numa catequese baptismal, pode ajudar a viver a celebração com mais intensidade: as crianças são convidadas a resumirem-lhes o que aprenderam na catequese anterior e, no final, irão levar-lhes a Boa Nova da Ressurreição de Cristo com a entrega ou comunicação da luz.

MATERIAIS

– Um crucifixo (catequese 21);
– Vela relativamente grossa e alta (que lembre o Círio pascal);
– Vaso com espigas ou cartaz correspondente (catequese 21);
– Cesto de verduras oferecidas pelas crianças (catequese 21);
– Flores e verduras para ornamentar a sala, o crucifixo e a vela;
– Velas pequenas, uma para cada um dos presentes, crianças e adultos (se possível com copo ou papel protector, para evitar pingos no chão);
– Dísticos: "Jesus é amigo de todos" (catequese 17); "Eu gosto de Jesus" (catequese 19); "Jesus deu a vida por todos" (catequese 21).

MÚSICAS

– "Jesus está vivo";
– "Jesus, tu és a luz";
– "Esta luz pequenina".

LOCAL DA CELEBRAÇÃO

Poderá, eventualmente, ser a **igreja**, por ser o lugar por excelência não só da maioria das celebrações dos cristãos, incluindo a da grande Vigília Pascal, mas também por ter, na devida dimensão, um dos símbolos centrais desta celebração: o Círio Pascal, recentemente benzido.

No entanto, a igreja pode não oferecer as condições ideais para uma celebração em que as crianças, devido sobretudo à sua tenra idade, facilmente se dispersam: por causa do espaço demasiado grande da igreja e por, eventualmente, ser difícil de aí colocar de modo harmonioso todos os outros elementos que entram sobretudo na ornamentação. Por tudo isso, talvez seja preferível optar pela **sala da catequese** ou outro lugar com condições idênticas ou semelhantes.

PREPARAÇÃO DA SALA

Para facilitar a ligação com a catequese anterior, sugere-se que a sala seja disposta e ornamentada tal qual ficou no final dessa catequese:

– Na parte superior do quadro/placar e da esquerda para a direita os dísticos: "Jesus é amigo de todos"; "Jesus deu a vida por nós"; "Jesus gosta de mim".

– Em cima da mesa, junto do quadro/placar, o vaso com espigas de trigo (ou o cartaz correspondente, neste caso afixado, na parte central e inferior do quadro/placar).
– Ao centro da mesa ou do quadro/placar o crucifixo, envolvido pelas espigas de trigo e pelos dísticos e ornamentado.
– Em cima da mesa, ao lado da Bíblia, uma vela relativamente grande (que lembre o Círio Pascal) apagada (será acesa na altura própria da celebração) e ornamentada.
– Em cima da mesa e perto do crucifixo, os cestos com verdura oferecidas pelas crianças (se, entretanto, tiverem secado ou murchado, substituí-las por outras que sejam frescas).
– Flores e verduras nas paredes da sala, a gosto do catequista, mas que contribuam para o ambiente festivo.
– As cadeiras para as crianças podem ser dispostas em semicírculo.
– Se houver pais ou outros adultos, ficam por detrás das crianças.
– A sala deve estar meio às escuras no princípio da celebração, isto é, só com a luminosidade suficiente para se verem as pessoas e os objectos da sala. Será plenamente iluminada no decurso da celebração, conforme se indica no desenvolvimento.

INTERVENIENTES NA CELEBRAÇÃO

Para a leitura da Palavra de Deus, sugere-se a intervenção de outros adultos, além do catequista que preside: este fará de narrador (mas sem ler, isto é, conta por palavras suas); um para as palavras dos anjos; outro para as de Maria Madalena e outro para as de Jesus. A leitura deve ser preparada antes da catequese. E imediatamente antes de ser feita, o catequista que preside indica às crianças quais as personagens que entram no relato e quem as assume na sua leitura.

II – CELEBRAÇÃO

ENTRADA

As crianças entram em fila, seguidas dos pais ou outros adultos, se os houver, cantando o cântico da catequese anterior:

Jesus está vivo

Pode repetir-se, até todos estarem nos seus lugares.

SAUDAÇÃO

Antes de mandar sentar as crianças, o catequista convida-as a fazerem o sinal da cruz, com estas ou outras palavras semelhantes:

Convido-vos a todos a fazermos o sinal da cruz que cada um de nós tão bem fez no último encontro. Então preparemos a nossa mão direita e agora digamos todos ao mesmo tempo, enquanto nos benzemos:
"Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Agora podem sentar-se.

ORAÇÃO INICIAL
O catequista prepara as crianças para a oração, com as seguintes palavras ou outras semelhantes:

Quem se lembra ainda do que significa o sinal da cruz? Por que é que a gente o faz? (…) Para nos lembrarmos da cruz na qual Jesus deu a vida por todos nós.

E que mais encontram aqui na sala e nos lembra esse amor de Jesus por nós? *(Se for o caso:)*

Não querem contar e explicar aos vossos pais?

Podemos começar pelo que está escrito no quadro/placar. Quem quer ler? (…) Exacto: Jesus é amigo de todos e gosta tanto, tanto de cada um de nós, que deu a sua vida por nós.

E já vimos como é que Ele deu a sua vida por nós. Como é que isso está representado ali em cima da mesa (ou no quadro/placar)? (…) Através do crucifixo. Por isso é que ele está hoje tão enfeitado. Gostam? (…)

E as espigas de trigo? O que é que significam? (…) O que Jesus nos diz para explicar a sua morte: "Se o grão de trigo, caindo à terra, morrer, dá muito fruto". Que fruto é esse? (…) São novos grãos, que cada grão que morre dá, os grãos precisos para fazer o pão.

Assim aconteceu com Jesus: Ele é o melhor "grão" que alguma vez deu a vida por nós.

Isto vem escrito também no vosso catecismo. Querem abri-lo lá? (*O catequista ajuda, indicando a página. Depois de todos abrirem:*) Vamos ler todos ao mesmo tempo:

"Se o grão de trigo, caindo à terra, morrer, dá muito fruto".

Muito bem. Agora podemos abrir na outra página. Estão lá umas palavras a que faltam algumas letras. Quem de vós completou o que faltava? (…) Então vamos todos ler:

"Jesus morreu, mas voltou à vida".

Lembram-se quem é que disse às senhoras, amigas de Jesus, que Ele ressuscitou? (…) Foi um Anjo.

Jesus está vivo e está connosco, no nosso coração. Então não querem agradecer-lhe por isso? (…) Podemos rezar-lhe com as palavras que vêm aí no catecismo.

Estão de acordo? (…)

Então vamos pôr-nos todos de pé. Agora olhemos um bocadinho para o crucifixo. Pronto: já podemos todos rezar essa linda oração do catecismo. Digamos todos ao mesmo tempo:
"Obrigado Jesus,
por me aceitares
como eu sou sou.
Dou-te graças,
por teres dado a vida
por mim e por todas as pessoas.
Obrigado Jesus,
por teres ressuscitado
e ficado para sempre connosco.
Amen".

Podem sentar-se e fechar os catecismos. (…) Muito bem.

PALAVRA (Jo 20, 11-18)

O catequista prepara as crianças para escutarem a leitura bíblica com as seguintes palavras ou outras semelhantes:

Há aqui duas coisas na nossa sala que não havia na semana passada. Certamente já repararam. O que é? (…)

Primeiro é aquela vela bastante grande. E até está enfeitada. Mas ainda está apagada. Para que será a vela e por que está ela apagada?...

Ainda por cima, temos outra coisa: estamos um pouco às escuras. Até é um pouco difícil a gente ler e ver-nos uns aos outros. Por que será? De certeza que não é por falta de corrente eléctrica.

Eu vou explicar. Primeiro é por causa de uma história que já a seguir vamos ouvir. Passou--se com uma senhora que era dos amigos de Jesus, já antes de ele morrer e ser sepultado. Essa senhora chamava-se Maria. Não era a mãe de Jesus. Era uma outra Maria: Maria Madalena. Era assim que ela se chamava.

Ora bem, Maria Madalena andava, um dia, muito às escuras. Não era por falta de luz. Só que ela, mesmo com luz, não via aquilo de que andava à procura. Andava à procura do corpo de Jesus, três dias depois de Ele morrer. Ela não sabia ainda que Ele tinha ressuscitado, voltado a viver.

Chegou ao jardim onde estava o sepulcro em que tinham posto Jesus e reparou que o sepulcro estava aberto, mas não estava lá o corpo de Jesus.

O que pensou ela logo? Que tinham roubado o corpo de Jesus. E então é que ela ficou ainda mais às escuras: ficou muito mais triste. Tanto, que até se largou a chorar. Uma pessoa que

anda triste é como uma pessoa com a cara às escuras. Quando uma pessoa anda alegre, até lhe brilha a cara. Mas ela, coitada, estava tão triste que tinha mesmo a cara às escuras. Por duas razões: tinham matado o seu maior amigo, Jesus, e agora, ainda por cima, não encontrava o corpo dele.

Só que então aconteceu uma coisa de que ela não esperava. Vamos ver como foi. Vamos fazer aqui, quase como se fosse então.

(*Se a cena for representada por várias personagens, o catequista apresenta-as. Se não, ele mesmo vai lendo na Bíblia o que é próprio dessas personagens).*

O que se passou com Maria Madalena e mais algumas pessoas que vão ser aqui representadas?

Eu conto a história. Depois há uns anjos que vão der representados por (N.). Pode vir para aqui para junto de mim. Outro vai ler as palavras de Maria Madalena e outro, as palavras de Jesus. (*Aproximam-se*).

Agora, para ouvirem com mais atenção e respeito, ponham-se todos de pé. (…) Então o que é que se passou? Quando Maria estava assim triste, como que às escuras, a olhar para dentro do sepulcro, viu uns anjos que lhe disseram:

***Anjos*:** "Mulher, porque choras?"
***Narrador*:** Maria disse-lhes porquê:
***Maria*:** "Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram".
***Narrador*:** Naquela altura, Maria voltou-se para trás e quem é que ela viu? … Jesus, de pé. Mas só que ela, talvez por estar tão triste e desesperada, nem via que era Jesus. Pensava que Ele estava morto e por isso não podia imaginar que fosse Ele que estivesse ali de pé. Jesus ainda lhe perguntou:
***Jesus*:** "Mulher, porque choras? A quem procuras?"
***Narrador*:** Nem sequer a voz de Jesus ela foi capaz de reconhecer. Estava mesmo às escuras, de tanta tristeza. Sabem quem é que ela pensava que era? O jardineiro, o homem que cuidava do jardim. Por isso lhe disse:
***Maria*:** "Senhor, se foste tu que o levaste, diz-me onde o puseste e eu vou lá buscá-lo".
***Narrador*:** É claro que não podia ir buscá-lo. Porque Ele estava ali à frente dela. E como é que ela finalmente o reconheceu? Quando Jesus lhe disse:
***Jesus*:** "Maria!"
***Narrador*:** Foi nessa altura que ela voltou os olhos para Ele e O chamou, até na língua que então se falava lá. Disse ela a Jesus:
***Maria*:** "Rabbuni!"
***Narrador*:** "Rabbuni" quer dizer Mestre. Era assim que os amigos de Jesus o tratavam. Parece que ela ficou tão, tão contente que se agarrou a Jesus. Não admira: encontrá-lo outra vez e ainda por cima, vivo, a falar com ela.

Mas Jesus queria que ela fizesse outra coisa, também muito importante. Foi o que Ele lhe disse a seguir:
***Jesus*:** "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai. Vai, antes, ter com os meus irmãos e dizer-lhes que vou subir para meu Pai, meu Deus e vosso Deus".
***Narrador*:** Os irmãos eram os outros amigos de Jesus que também ainda não sabiam que tinha voltado a viver, para ir para sempre para junto de Deus.
E será que Maria lhes foi mesmo dar aquela notícia tão feliz? Claro que foi. Era impossível guardar tão bela notícia para si. Deve ter ido mesmo a correr para onde eles estavam e disse-lhes, com muita alegria:
***Maria*:** "Vi o Senhor".

Que lindo, não acham? Estão contentes? Então, em sinal da nossa alegria, vamos pôr-nos de pé e cantar o mesmo **cântico** que cantámos há pouco:

"Jesus está vivo"

Podem sentar-se.

O catequista, nesta altura e em silêncio, acende a vela/círio que está em cima da mesa. Enquanto isso, se for o caso, os outros intervenientes na leitura afastam-se para os seus lugares.

EXPRESSÃO DE FÉ

Viram bem como é que Maria Madalena reconheceu Jesus? Quem se lembra? (…) Foi quando Jesus chamou por ela, dizendo o seu nome: Maria! Foi então que ela percebeu mesmo que era Jesus, Aquele Jesus que não só sabia o seu nome, mas a tratava com esse nome. Ao dizer o nome dela, Jesus mostrava-lhe quanto amor lhe tinha.

As pessoas que nos amam e gostam de nós sabem o nosso nome e chamam-nos por ele. Não é? …

Foi então que o rosto de Maria se iluminou. Tão feliz, ela ficou! Por isso é que eu já acendi a vela que está ali em frente do crucifixo e ao pé da Bíblia: está ao pé do livro que nos fala mais de Jesus e ao pé da imagem dele, em que ele nos mostra quanto nos ama. Aquela vela está mesmo no sítio certo, não acham? É a vela que representa Jesus: o seu amor por nós, e nos faz felizes.

Sim, aquela vela acesa significa, também, a alegria que Jesus nos dá: por ter dado a vida por nós e ter ressuscitado para sempre. Se Ele tivesse ficado morto, os seus amigos ficariam para sempre tristes, às escuras.

Mas, felizmente não. Por isso Maria ficou toda iluminada. Tão feliz, que teve de ir levar a sua alegria, aos restantes amigos de Jesus.

Ora bem, Jesus também gosta de cada um de nós. Foi por nós que Ele deu a vida e ressuscitou. E hoje quer mostrar a cada um de nós quanto nos ama.
E vai dizer-nos de um modo parecido como disse a Maria Madalena. Eu vou explicar: Ele vai chamar por cada um de vós. Não o faz directamente, mas fá-lo através de mim, que estou aqui a falar-vos dele.

Então ouçam bem: Em nome de Jesus ressuscitado, eu vou chamar por cada um de vós, dizendo o nome de cada um. Quando eu disser o nome, esse menino ou menina levanta-se e vem aqui à frente acender uma vela nesta vela grande que representa a luz de Jesus ressuscitado. Estão de acordo? (…)

Depois de cada um acender a sua vela na de Jesus, volta-se para os outros, levanta a sua vela acesa e diz:

"Eu gosto de Jesus:
Ele é a minha luz!"

Querem que eu diga outra vez, para não se esquecerem? "Eu gosto de Jesus: Ele é a minha luz!". Se algum se esquecer, quando chegar a sua vez, eu ajudo-o. Está bem?
Depois de um menino acender a sua vela, volta para o seu lugar e fica lá, de pé, com a sua vela acesa.
De vez em quando, depois de alguns meninos terem acendido as suas velas e terem dito "Eu gosto de Jesus: Ele é a minha luz!", cantaremos um cântico em que diremos, a cantar, o mesmo. O **cântico** é este:

"Jesus, Tu és a luz"

Quando cantarmos, os que têm a vela acesa, podem levantá-la.

Antes de começar o acendimento das velas, o catequista ensaia o cântico. Pode ser cantado entre vários acendimentos, conforme o número de crianças. É importante que cada criança ouça o seu nome, acenda a sua vela e faça a sua profissão de fé. Mas convém não demorar demasiado. Por isso o cântico, que serve para quebrar a monotonia e reforçar a confissão de fé individual, não deverá ser cantado mais vezes do que as 4 estrofes que dele fazem parte. Se forem muitas as crianças, podem deixar-se as estrofes ou cantar-se apenas uma no princípio e/ou outra no fim. Procure-se fazer tudo com ordem e dignidade. A vela será entregue a cada criança pelo catequista que chama por ela e depois de o fazer.
Se houver mais catequistas, também eles são chamados, acendem as velas e fazem a sua profissão de fé. O catequista que preside fará isso no fim. Em vez de chamar pelo próprio nome, di-lo-á antes de fazer a sua profissão de fé, deste modo:" Eu (N.) gosto de Jesus"…
Se estiverem presentes pais ou outros adultos, receberão num momento posterior da celebração, as suas velas, como se indica mais à frente.

Depois de todas as crianças e catequistas terem as velas, devem acender-se todas as luzes da sala e, se for o caso, abrir todas as persianas e/ou cortinas. Isto pode ser feito, enquanto se canta o cântico pela última vez.
Então o catequista continua:

ORAÇÃO
Que bonito! Tanta vela acesa! Tanta luz! Tanta alegria!

Como Jesus é bom para connosco! É Ele que nos ilumina: Ele que deu a vida por nós e ficou para sempre connosco, ao ressuscitar. A luz que cada um de nós tem na mão significa o seu amor, que temos no nosso coração.

Vamos pedir-lhe que este amor esteja sempre em nós, para nós o mostrarmos aos outros. De acordo? É que, se não amarmos os outros, então seria como se as nossas velas se apagassem.

Então vamos rezar-lhe, olhando para a sua imagem no crucifixo.

Digam todos depois de mim:
"**Senhor Jesus ressuscitado,**
habita em mim.
E então eu poderei ser
luz para os outros.
Brilha através de mim
e todos aqueles que eu encontrar
poderão sentir a Tua presença".

Se houver tempo, pode cantar-se, antes e/ou depois da oração, o ***cântico****:*

"Deixe a luz do céu entrar"

COMPROMISSO E DESPEDIDA

Ainda há pessoas que não têm a luz de Jesus. Algumas, porque ainda O não conhecem, nem amam. Mas, mesmo às pessoas que já O amam temos de lhes levar a luz do amor de Jesus. Temos de fazer como fez Maria Madalena que foi a correr anunciar aos outros amigos de Jesus: "Eu vi o Senhor". Foi assim que ela os ajudou a acabarem com a sua tristeza.

(*Se estiverem adultos na sala:*) Vamos primeiro levar a luz às pessoas da nossa família que estão aqui e ainda não têm a vela acesa. Assim, cada menino vai levar a sua vela acesa e, com ela, acende a vela que já têm os seus familiares.

Entretanto, um outro catequista ou um dos adultos presentes distribui uma vela por cada um deles. Depois de todos terem as velas acesas, o catequista continua:
Agora, para que cada um de nós conserve bem acesa a luz do amor de Jesus, vamos cantar mais um cântico:

"Esta luz pequenina"

Cantam-se as estrofes, conforme o tempo que houver e a frescura que as crianças ainda conservem. O catequista conclui:

Agora podem apagar as vossas velas. Não podemos ir para casa com elas acesas Lá em casa, não se esqueçam de fazer os trabalhos do catecismo e rezar as orações que lá se encontram. Está bem?

Então,
"Ide em paz
e que o Senhor vos acompanhe".

Nós somos do grupo de Jesus

3º BLOCO

Os últimos encontros realizam-se no contexto do tempo pascal. As crianças, como os discípulos de então, são convidadas a anunciarem a Boa Nova de que Jesus ressuscitou e actua no meio de nós, nomeadamente através da presença do Espírito Santo. Deste modo a própria criança entra no mistério: é o Espírito Santo que faz crescer o número dos cristãos e que Jesus esteja para sempre connosco.

CATEQUESE 23

JESUS ESTÁ VIVO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **O medo dos cristãos**

   Quando S. João escreveu o seu Evangelho (entre os anos 90 e 100) o medo dos cristãos vinha "das autoridades judaicas" (Jo 20,19) e do conflito no interior da sinagoga, onde os cristãos persistiam em permanecer, mas de onde, devido à sua fé em Jesus como Messias e Filho de Deus, acabaram por ser expulsos (cf 9, 22; 12, 42; 16, 2). É mesmo provável que alguns deles tenham sido perseguidos e martirizados (cf Jo 16, 2).

   Daí a reacção, humanamente compreensível em situações idênticas: o medo e o refúgio em lugar seguro, isto é, com "as portas fechadas" (Jo 20, 19). Um isolamento possivelmente agravado por razões de ordem teológica: sentiam-se "órfãos" (Jo 14, 18), isto é, abandonados por Aquele em quem acreditavam. Onde estava o poder e a protecção divina de Quem até sobre a morte havia triunfado?!

   Por outro lado, um cristianismo cuja vida se reduza ao espaço em que os seus membros se reúnem, não só corre sério risco de desaparecer, como sobretudo contradiz a dimensão pública e universal da mensagem que está na base da existência. Que fazer então?

   Passados cerca de vinte séculos, a situação repete-se pelo menos em parte. Não só em sociedades onde, por falta de liberdade religiosa, há cristãos que são impedidos de exprimir abertamente a sua fé. Alguns dos que se atrevem a fazê-lo têm pago a sua coragem com a própria vida.

   Mas, talvez pior do que isso, é o que se passa em meios tradicionalmente cristãos e em que a maioria das pessoas ainda se reconhece como tal. Mas sem efeitos, pelo menos à vista. Pelo contrário: em muitas dessas sociedades, como está a ser cada vez mais a nossa, o que vai progressivamente dominando são modos de viver, pensar e agir que estão em contradição aberta com os valores cristãos. Se, entre nós, todos os baptizados fossem, na sua prática de vida, coerentes com a mensagem em que dizem acreditar, muita coisa mudaria. São cristãos cuja prática se reduz às quatro paredes em que de

vez em quando (cada vez menos!) ainda se reúnem. Cristãos que, visto bem, têm medo ou pelo menos vergonha de o ser. Que fazer para acabar com esse medo ou vergonha?

No fundo é esta pergunta que está por detrás do desafio lançado pelo Papa João Paulo II para uma nova evangelização. Nova, mesmo e talvez antes de mais, para esses cristãos, cujo modo de viver leva seriamente a duvidar se, de facto, acreditam no Deus de Jesus Cristo. O Deus que rompe com todas as barreiras, a começar por aquelas que o medo nos impede de vencer.

2. "A paz esteja convosco"…

Foi com estas palavras que Jesus Cristo glorioso se apresentou aos seus discípulos, tolhidos pelo medo (Jo 20, 19.21.26). Trata-se de uma saudação usual, ainda hoje, entre os judeus. Só que a paz que Ele lhes deseja e oferece tinha adquirido novos contornos e uma nova energia: aquela que n'Ele próprio se manifestara com a vitória sobre a morte, aquilo que ainda hoje mais medo causa. E que morte! Indica-o, quando "lhes mostrou as mãos e o lado" (Jo 20, 20): as mãos com que tinha sido pregado na cruz; o lado que havia sido perfurado pela lança do soldado e do qual brotou "sangue e água" (19, 34).

Quer dizer que Aquele que havia triunfado sobre a morte é o mesmo que agora vence as paredes da casa, em que os Seus se haviam fechado, e pode levá-los a ultrapassar o medo em que se encontram encerrados. O caminho, o único que não contém fronteiras, é o mesmo: o do amor. Na cruz consumou o Seu amor até à entrega da última gota de vida. De tal modo que, quando "entregou o Espírito" a Deus seu Pai (19, 30), passou a participar definitivamente da Sua glória, do Seu poder, o poder invencível do amor. Assim, a sua elevação na cruz foi, ao mesmo tempo, a elevação na glória (cf 3, 14; 8, 28; 12, 32).

É deste amor que brota a Sua paz, a que Ele dá "não como a dá o mundo" (14, 27). Da sua paz faz parte a harmonia em todas as direcções: com o próprio, com os outros, com a natureza e, acima de tudo, com Deus. Porque, sem Deus, são sempre limitadas as restantes vertentes: limitadas pelo pecado ou, pelo menos, pela fragilidade e fraqueza humana, que tem no medo uma das suas maiores manifestações.

Compreende-se assim a exortação de Jesus, quando, em plena Última Ceia, diz aos discípulos, depois de lhes prometer a sua paz: "Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde" (14, 27). Na saudação com que a eles agora se dirige, como Crucificado Ressuscitado, podem finalmente experimentá-lo: "Encheram-se de alegria, por verem o Senhor" (20, 20). Viram-no, também e principalmente, com os olhos do coração, os únicos que apreendem plenamente o amor. Daí que o medo se transforme em alegria… e na coragem necessária para realizar a missão a que Ele os chama:

3. "Como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós" …

A estas palavras junta o sopro do "Espírito Santo" (20, 22). Recebem-no para serem mediadores do perdão, a expressão máxima do amor: "Àqueles a quem perdoardes os

pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos (20, 23). Isto é, a eficácia salvífica do perdão depende também da resposta de fé daqueles a quem é oferecido. Se a Ele aderem, a sua vida, liberta do pecado, ganha uma dimensão ilimitada, a dimensão do amor que só Deus tem em plenitude.

E então não há medo que os detenha. Pelo contrário: até a perda da vida é transformada em acto de amor e em fonte de nova vida. O sangue dos mártires sempre foi e continua a ser gerador de vida nova para a Igreja.

Hoje, esta energia e coragem, este perdão e esta paz de Cristo Ressuscitado são oferecidas e experimentadas de diversos modos na vida da sua Igreja. Alguns deles são as celebrações dos sacramentos, com destaque para a Eucaristia. Não é por acaso que aí, entre a consagração e a comunhão, Cristo nos diz, através de quem preside, o mesmo que disse na tarde daquele primeiro dia da semana: "A paz esteja convosco". E nós, tendo ainda nos ouvidos e no coração as palavras de quem pouco antes se dera todo por nós, no Seu "Corpo" e Seu "Sangue", reagimos àquela saudação, já "in loco", com um gesto expressivo de paz e do amor que a todos une: o amor de Cristo.

E, se somos sinceros no que aí dizemos e fazemos, então acontece também o que o Papa Bento XVI escreve na Exortação Apostólica Pós Sinodal "Sacramento de Caridade": "Não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar nele (…). Não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos!" (SC 84).

Que o digam os catequistas, nomeadamente nesta catequese, em que serão mediadores da paz de Cristo, o Ressuscitado que tudo vence, incluindo as paredes do medo!

OBJECTIVOS

– Reconhecer que Jesus está vivo.
– Acolher a paz que Ele comunica, como Ressuscitado.
– Comprometer-se em ser mediador da sua paz.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta catequese, no seu tema pascal, é, a diversos níveis, a continuação das duas anteriores: pela sequência da palavra bíblica (a leitura de Jo 20, 19-21 é precedida da de Jo 20, 11-18); pelo alargamento da mensagem pascal de uma testemunha (Maria Madalena) ao grupo de discípulos; pela concretização da presença e acção do Ressuscitado no dom da paz, que brota do amor manifestado na sua morte.

Esta ligação é tida em conta na estruturação da catequese: pela conservação das imagens, a ornamentação da sala, pela referência explícita ao tema anterior, pelo próprio esquema proposto no desenvolvimento, por alguns cânticos, etc.. Há, pois, uma ligação necessária, mas não numa repetição. Daí que alguns símbolos ou dísticos sejam substituídos por outros;

que, em vez da entrega da luz, se faça a "entrega" da paz, que é, na prática, a concretização da luz. É nessa paz, que nasce do amor, que mais se verifica e visibiliza o mistério da Ressurreição de Jesus: a vitória sobre a morte, o pecado, o ódio… e o medo!

A 1.ª alternativa da experiência humana baseia-se no que, socialmente, é mais visível no tempo pascal. O objectivo é dar um sentido e um fundamento cristão àquilo que as crianças experimentam, sem provavelmente conhecerem a sua origem profunda, pelo menos para nós cristãos. Daí que a proposta se deva adaptar aos hábitos da terra ou região. Se, em vez das amêndoas e/ou ovinhos de chocolate, houver outras coisas mais típicas do lugar, que se opte por elas. Tenha-se, entretanto, o cuidado de não fazer da catequese uma simples repetição do que as crianças encontram fora dela. Por exemplo, nas amêndoas não se distribuam mais de meia dúzia por cada criança. E que estejam higienicamente bem cuidadas. O gesto deve ser apenas evocativo do seu fundamento e, como símbolo, orientativo para a vivência da mensagem.

Na 2.ª alternativa, são propostas duas hipóteses: as pagelas propostas podem ser recortadas na forma do que nelas é representado, ou o objecto ou símbolo pode estar figurado em desenho ou fotografia. Nesta segunda hipótese, é mais fácil escrever no verso a mensagem: "Cristo vive! A paz esteja contigo!". No sentido de personalizar a mensagem, o catequista pode escrever o nome da criança e a data da entrega e assinar.

MATERIAIS

– Vaso ou gravura com ramos de trigo (Catequese 21);
– Crucifixo ornamentado (Catequese 21);
– Vela/círio ornamentado (Catequese 22);
– Flores de diversas cores e espécies;
– Balões com o dístico "Cristo vive! Aleluia!";
– Fitas ou papel a cores para ornamentação;
– Pacotinhos de amêndoas ou ovinhos de chocolate, um por cada criança (1ª alternativa da experiência humana);
– Pagela com motivos como: vela, coração, flor, Cristo…, uma por cada criança (2ª alternativa da experiência humana);
– Lápis de cores ou outros meios para pintar;
– Dístico a cores: "Jesus vive! Aleluia!".

MÚSICAS

– "Jesus Tu és a luz";
– "A Paz esteja connosco";
– "Jesus está vivo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala: *Da catequese/celebração anterior mantêm-se os seguintes elementos: o vaso ou gravura com as espigas de trigo sob o Crucifixo envolvendo-o ou envolvendo a Bíblia e a vela/círio (apagada) em cima e ao centro da mesa. A ornamentação pode variar: em vez (ou para além) das verduras, podem predominar as flores (se possível, variadas nas cores e nas espécies), podem dependurar-se fitas de várias cores nas paredes, assim como alguns balões (se possível com as palavras: "Jesus vive! Aleluia"). O importante é que a sala tenha uma atmosfera alegre e festiva. No quadro/placar, por cima do crucifixo (ou a envolvê-lo), o dístico: "Jesus vive! Aleluia!" (também em cores alegres)*.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois ou durante o* ***acolhimento****, o catequista deixa, em silêncio, que as crianças observem a sala (pode mesmo, por exemplo, através do seu próprio olhar, incentivá-las a isso). Pode colocar-se uma música pascal de fundo: de preferência uma que seja conhecida das crianças, porque usada na igreja ou numa das catequeses anteriores. Depois desse breve tempo de observação, segue uma das seguintes alternativas*:

1ª Alternativa

Grande Grupo

O catequista pega num ou dois pacotes de amêndoas ou de ovos de chocolate (dos que depois serão distribuídos) e mostra-os às crianças. Em seguida, diz-lhes estas ou outras palavras semelhantes:

Sabem o que é isto! (…)

Exacto: são amêndoas (ou ovinhos de chocolate). De certeza que todos (ou muitos de) vós já receberam alguns, nesta(s) semana(s). Quem já recebeu? (…)

E que mais coisas fizeram de especial nestes últimos tempos?

Deixar que as crianças contem as suas experiências pessoais: férias, passeios, participação nas celebrações litúrgicas, visitas de boas festas… O catequista pode juntar as suas.

2ª
Alternativa

Pequeno Grupo
O catequista pega numa ou duas pagelas (das que depois irá distribuir) e depois mostra-as às crianças. Deixa que elas as observem e, em seguida, pergunta:

Quem me sabe dizer o que é que está aqui representado? (…)

Exacto: *(conforme for o caso)* é uma flor, uma vela, um coração …

E para que será isto? … Não vou dizer já. É uma surpresa.

Mas, posso dizer que tem a ver com as festas que temos estado a celebrar. Já repararam que, nesta altura do ano, nós os amigos de Jesus, fazemos coisas que não fazemos no resto do ano?

Quem quer dizer o que fez nestas últimas semanas?
(Deixar que as crianças contem as suas experiências pessoais, como na 1ª alternativa).

2. (*Qualquer que seja a alternativa, o catequista continua*:)
E nós aqui também fizemos festa. Ou melhor: estamos ainda a fazer festa. Reparem na nossa sala: como ela está bonita! (…) Estão aqui algumas coisas que já cá estavam no último encontro. Quais são? (…)

É o Crucifixo, a Bíblia, as flores, a vela …

E lembram-se o que fizemos com a vela? Quem quer contar? (…)

E, quando acendemos as nossas velas, o que dissemos? (…)

"Eu gosto de Jesus: Ele é a minha luz!"

E até cantámos "Jesus, Tu és a luz".

Querem cantar outra vez?
(Pode cantar-se o refrão, uma ou duas vezes e com as crianças de pé. Depois de os mandar sentar, o catequista continua:)

II. PALAVRA

1. Por que razões é que nós cantamos este cântico?... Reparem bem na sala e nalgumas coisas novas que temos aqui.
(*Deixar que observem e que tentem descobrir. Depois continuar*:)

Temos mais flores e de muitas cores *(se for o caso)* … Temos os balões *(se for o caso)*… E o que está escrito ali no quadro por cima da imagem de Jesus crucificado? (…) Exacto: **"Jesus vive! Aleluia!"**

Foi por causa disso que nós cantámos e acendemos as nossas velas: Jesus, depois de o terem matado e sepultado, voltou à vida e está vivo.

Lembram-se a quem é que Ele apareceu? (…)
Muito bem: a Maria Madalena. Ela descobriu que era Jesus, quando Ele a chamou pelo …? Nome: Maria!

Foi nessa altura que o rosto de Maria Madalena se tornou brilhante com uma luz. Tanta era a sua alegria!

E nós também ficámos tão contentes por Jesus estar vivo, que cada um acendeu a sua vela.

2. Mas, estou a reparar: a nossa vela grande, que representa a luz que é Jesus vivo, ainda está apagada… Não, não foi por esquecimento. É que hoje ainda não chegou a altura de a acendermos.

Só o podemos fazer, depois da história que vos quero contar. E posso dizer que é mais uma história muito linda. Em parte é a continuação da história do encontro de Jesus com Maria Madalena.

Lembram-se de que Maria Madalena, depois de reconhecer Jesus, foi logo a correr contar aos amigos de Jesus: "Vi o Senhor". Só que eles não o tinham visto ainda. Por isso, continuavam um pouco tristes, como que às escuras. Tristes e com medo. De quê? Medo de que lhes fizessem o mesmo que tinham feito a Jesus: que os prendessem e até os matassem.

O que é que vós faríeis, se fosse convosco: se vos quisessem prender e fazer mal? (…) Escondiam-se.

Pois foi exactamente isso que fizeram os amigos de Jesus: com medo, meteram-se numa casa, e com as portas fechadas. E o que é que se passou então?...

(*Se houver outro catequista, ou um adulto, pode fazer o papel de Jesus. Nesse caso, é apresentado a crianças nessa função; se não, o catequista, que conta a história, pega na Bíblia e lê, de* ***Jo 20, 19-21****, na altura própria, as palavras de Jesus*).

Foi na tarde daquele mesmo dia em que Jesus apareceu a Maria Madalena. Quando os discípulos, cheios de medo, estavam fechados numa casa, Jesus apareceu no meio deles. E disse-lhes:
– "A paz esteja convosco!"

Depois, para eles verem que era o mesmo Jesus, que tinha sido crucificado, mostrou-lhes as mãos e o lado (*o catequista pode fazer o gesto: mostrar as suas mãos e apontar para o lugar do coração*).

Agora podem imaginar a reacção dos discípulos… Claro, ficaram cheiíssimos de alegria, por verem Jesus, o Senhor.
Ainda estavam assim, quando Jesus lhes disse outra vez:
– "A paz esteja convosco!
Como o Pai me enviou
também eu vos envio a vós".

3. *Neste momento, em silêncio, o catequista acende a vela/círio. Se for possível, pode fazer-se mais claridade na sala: por exemplo, acendendo mais algumas luzes. Enquanto isso e se for o caso, a pessoa que leu as palavras de Jesus afasta-se para o seu lugar*.

Agora já percebem por que é que só agora acendi a vela: para indicar a alegria que os discípulos sentiram. Ficaram como que iluminados.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Se nós estivéssemos lá, de certeza que também sentíamos muita alegria…
Olhem: para mostrar que também nós estamos muito contentes, vou propor-vos uma coisa: abram os vossos catecismos (*o catequista indica a página*). Estão a ver aí a figura de Jesus e dos seus discípulos ou amigos? (…) E que está escrito por debaixo? (…) "Os discípulos encheram-se de alegria por verem o Senhor". Também está indicado onde é que isso vem escrito aqui na Bíblia.

Então, a minha proposta é esta: vão pintar as figuras de Jesus e dos discípulos ou amigos de Jesus. Cada um pinta como lhe parecer melhor: com as cores que, na vossa opinião, melhor mostram a alegria dos discípulos e a nossa. Está bem?

Depois de algum tempo, conforme o disponível, e mesmo que nem todas as crianças tenham completado o seu trabalho, o catequista continua com estas ou outras palavras semelhantes:

2. Querem mostrar ao vosso colega do lado como é que pintaram? (…) Gostam? (…) Como vêem, aí os amigos de Jesus já não têm medo nenhum. E não é só por Jesus lhes aparecer.
É também por aquilo que Ele lhes disse, quando lhes apareceu. São palavras que afastam o medo todo. Quem se lembra de que palavras foram? (…)

Podem abrir o catecismo na página a seguir. Que está aí escrito?
"A paz esteja convosco"

A paz é que afasta o medo. Jesus, ao aparecer-lhes, mostrou quanto os amava. Então passou-se o mesmo que se passa connosco: quando temos medo, ajuda-nos muito a

afastar o medo, termos alguém ao pé de nós que nos ame e nos proteja. Temos medo, porque não temos ninguém ao pé de nós. Não é assim?

Pois bem, Jesus, hoje, quer dar-nos aqui a sua paz, para mostrar o seu amor por cada um de nós. Querem receber essa paz? (…)
Então vamos fazer assim: eu vou chamar por cada um de vós e vou, em nome de Jesus, comunicar-vos a paz que Ele vos quer dar.
(*O catequista chama por cada criança individualmente e, uma vez junto de si, dá-lhe um beijo ou um aperto de mão e entrega-lhe, conforme a alternativa da experiência humana, um pacotinho de amêndoas/ovinhos de chocolate ou uma pagela, dizendo no acto da entrega*:)

"(N.) Jesus está vivo!
A paz esteja contigo!"

3. (*Depois de todas as crianças receberem a sua prenda pascal, diz estas ou outras palavras semelhantes*:)
Que belo! Cada um de vós recebeu a paz de Jesus e dois sinais do seu amor: um beijo (ou aperto de mão) e uma prenda para a gente se alegrar ainda mais. A paz e o amor de Jesus vivo é que nos faz felizes e afasta de nós o medo. Estão contentes? (…) Então vamos manifestar a nossa alegria, cantando:

"A paz esteja connosco"
(*ou outro cântico semelhante; no final*:)

4. Falta ainda uma coisa que Jesus nos mandou fazer. Eu vou recordar-vos. Depois de Ele dizer, pela segunda vez "A paz esteja convosco", disse-nos ainda: "Como o Pai me enviou também eu vos envio a vós". Portanto, Jesus quer enviar-nos.
Mas a fazer o quê? O mesmo que fizeram então os seus amigos: a dizerem às outras pessoas que Jesus ressuscitou dos mortos, que Ele está vivo e quer dar a sua paz, o seu amor, a todas as pessoas, para que nenhuma tenha medo, mas viva em paz e alegria.
Digam-me: querem fazer o mesmo? Mostrar que Jesus está vivo, dando aos outros a mesma paz que Ele nos dá? (…)
Então, vamos fazê-lo já aqui: vamos transmitir a paz de Jesus uns aos outros. De acordo?

Fazemos assim: primeiro, formamos uma roda (*esperar que se unam em círculo, incluindo o(s) catequista(s)*). Agora, fazemos um gesto de paz aos colegas que estão ao nosso lado, primeiro ao da direita e depois ao da esquerda. Antes de lhes darmos um beijo (ou um aperto de mão), dizemos-lhes o nome deles e depois as palavras: "A paz esteja contigo!" Prontos? – Então podemos começar.

5. (*No final do gesto da paz*:)
Agora podemos cantar, ainda com mais alegria, o **cântico** que cantámos há pouco. Para isso damos uma das mãos (ou dos braços) ao colega do lado. Agora cantemos:
"A paz esteja connosco!" *(ou outro semelhante)*

6. Há ainda duas coisas que vos proponho para fazerem em casa:
Primeiro é pintar as figuras e as palavras do vosso catecismo, onde estão desenhados meninos com as palavras de Jesus: "A paz esteja convosco". Nessas figuras, sois vós que estais representados: vós a dizer com muita alegria as palavras de Jesus. Isto é, a fazer o que Ele nos pede para fazermos.

E essa é a segunda coisa que Jesus nos pede: dizer, pelo menos lá em nossa casa, que Jesus vive e que Ele nos ama, dando-nos a sua paz.

Podem fazer isso, mostrando a prenda que hoje receberam aqui, sinal da paz e do amor que Jesus nos tem. E, quando o fizerem, podem dar também um beijo (ou um aperto demão) às pessoas com quem se encontrarem. E digam-lhes mesmo: foi Jesus que me enviou a fazer isto, a ser a sua paz.

Para não se esquecerem, vamos cantar o **cântico** que aprendemos, há umas semanas:

"Jesus está vivo,
Ele não está morto:
Jesus está vivo
no meu coração!"

CATEQUESE 24

JESUS DÁ O ESPÍRITO SANTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Vivemos do Espírito

A palavra "espírito" provém do latim "spiritus" e significa, em sentido próprio e original, tal como o grego "pneuma" e o hebraico "ruah", o ar que inspiramos e expiramos, ou simplesmente respiramos. Sem ele não podemos viver.

Por isso se diz em Gn 2, 7: "O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo". O texto bíblico situa num passado mítico o que se passa cada dia com todo o ser humano que nasce: a primeira coisa que um bebé tem que fazer, logo que sai do seio materno, é respirar. E, quando deixar de o fazer, volta, sem vida, ao pó da terra.

Mas nós não vivemos apenas do ar que respiramos. Ao sopro da vida, o texto bíblico junta, primeiro o alimento que a natureza produz (cf Gn 2, 8-17) e depois, as relações inter-humanas, que têm a sua expressão mais elementar na união entre o homem e a mulher (2, 18-24). É na medida em que se tornam "numa só carne" que a vida que têm é geradora de novas vidas, isto é, vence as barreiras da individualidade da pessoa.

Compreende-se assim a felicidade dos pais, quando vêem os seus filhos a nascer e a crescer. É a sua vida a prolongar-se naqueles a quem a dão. Para isso se alimentam e respiram.

Mas, com uma condição: que não percam a relação com o Autor da vida, o único que a tem em plenitude. Nisto o texto de Gn 3, 1-19 é muito claro: quando o homem e a mulher cedem à tentação de quererem ser "como Deus", prescindindo dele e deixando de respirar o seu "sopro de vida", então vêem-se não apenas reduzidos à sua nudez de frágeis criaturas, mas tudo aquilo que para eles pode ser fonte de vida torna-se, directa ou indirectamente, instrumento de morte. Veja-se o que se passa no nosso mundo, nas relações dos indivíduos consigo próprios, com os outros, com a natureza: quantos atentados à vida, quantas vidas sem rumo nem sentido… porque sem Deus, sem o seu Espírito de vida!

2. **O poder vivificante do Espírito e da palavra de Deus**

"Está escrito: "Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus"". É assim que Jesus, segundo Mt 4, 4, responde à primeira tentação a que é sujeito, antes de iniciar a sua actividade messiânica: com uma citação de Dt 8, 3.

Nela, em vez do Espírito, é a Palavra o que sai da boca de Deus. Ou se quisermos: é o Espírito em forma de Palavra. Isto, já por uma razão natural: o ar que expiramos é o veículo dos sons que as cordas vocais produzem; quanto articulados, são sons cheios de sentido, expressivos dos pensamentos ou sentimentos de quem por eles se comunica. Daí o poder da palavra: por meio dela, é a pessoa que se comunica; vinda de Deus, é transmissora da energia vivificante, que o mesmo é dizer, do Espírito que só Ele tem.

Leia-se por exemplo, o que é dito por Ez 2, 2, a propósito da sua vocação para profeta: "O Espírito de Deus penetrou em mim, enquanto me falava, e fez-me pôr de pé". E foi tal a energia divina que se apoderou do profeta, que as suas palavras se tornavam fonte de vida que só Deus pode dar (cf Ez 37, 1-14).

Mas, foi em Jesus Cristo que este poder atingiu o grau máximo. Por isso S. João lhe chama o Logos, ou Verbo, ou Palavra, "que estava em Deus" e "se fez carne e veio habitar entre nós" (1, 1-14). Palavra que se exprimiu pelas palavras que disse e pelas obras que realizou. Numa sintonia perfeita, fruto da união absoluta com Deus: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10, 30). Por isso, as obras que Ele faz são as obras do Pai (cf 5, 17.19.36; 10, 25.38; 14,11); e, das suas palavras, pode dizer que "são espírito e são vida", isto é, são transmissoras do "Espírito que dá Vida", a vida que Ele tem do Pai e com o Pai (6, 63). Daí a confissão de fé de Pedro: "Tu tens palavras de vida eterna!" (6, 68).

É eterna esta vida que Jesus oferece, porque alimentada pelo amor que vem de Deus: "Tanto amou Deus o mundo, que lhe deu o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16). O amor que atingiu o seu auge na hora em que Ele, o Filho, "passou deste mundo para o Pai": foi então que Ele, "tendo amado os seus que estavam no mundo, os amou até ao extremo", isto é, no total dom da vida (Jo 13, 1). O amor que, a partir da sua morte gloriosa, vai continuar vivo nos seus discípulos: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. É nisto que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 14, 34-35).

Para isso lhes promete o envio do Espírito Santo Paráclito.

3. **O Espírito "há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse**" (Jo 14,26)

No Evangelho de S. João, Jesus "chama-lhe o "Paráclito", que à letra, quer dizer: "aquele que é chamado para junto", "advocatus" (Jo 14, 16.26; 15, 26; 16, 7). "Paráclito" traduz-se habitualmente por "Consolador". O próprio Senhor chama ao Espírito Santo "o Espírito da Verdade" (Jo 16, 13)" (CIC, 692).

Trata-se de uma verdade primariamente de ordem existencial: a transparência, pureza e fidelidade que existem entre pessoas que se amam verdadeiramente. Entre o Pai e o Filho, e entre Jesus e nós. É essa verdade que nos "fará livres" (8, 32) do egoísmo, do pecado, porque vinda daquele que é o "caminho, a verdade e a vida" (Jo 14, 6).

Promete-a especialmente para depois da sua partida para o Pai, porque é nesse momento que ela, no amor supremo, mais se manifesta. Foi na aparição aos seus discípulos, em que lhes mostrou as mãos e o lado, que Ele soprou sobre eles e lhes comunicou o Espírito Santo, que os capacita para continuarem a missão que Ele havia recebido do Pai: a de transmitirem o amor, que tem no perdão a sua maior expressão (cf Jo 20, 19-23).

É uma missão, a cumprir pela palavra e a vida: o amor e a verdade nas relações entre os cristãos são parte integrante do conteúdo da mensagem, que transmitem por palavras. E é por isso que mais necessitamos do Consolador: sobretudo nos momentos de fraqueza ou desânimo, provocados de modo especial por conflitos entre cristãos ou destes com não cristãos. É então que o Espírito traz à nossa mente e ao nosso coração tudo o que Jesus disse e fez. Porque é então que mais necessitamos da consolação, da verdade, da energia, do amor que, por meio dele, encontramos em Jesus, o Filho Único de Deus.

Foi sobretudo nesse contexto que se formou e foi escrita a maior parte dos livros. do Novo Testamento, nomeadamente o Evangelho de S. João. Por isso eles são inspirados: foram escritos sob a acção do Espírito, o mesmo com que o lemos ou escutamos… por exemplo, nos encontros da catequese.

OBJECTIVOS

– Descobrir que Deus Pai e Jesus Ressuscitado enviam o Espírito Santo.
– Tomar consciência da acção do Espírito Santo em Jesus e nos cristãos.
– Unir-se ao Espírito Santo pela palavra de Deus e pela oração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta catequese, mais do que uma exposição teórica sobre a terceira pessoa da Santíssima Trindade, deve ser uma experiência e vivência da sua acção. Como aliás todas as catequeses: mesmo sem uma consciência clara da sua acção, é sempre ao Espírito Santo que se deve a abertura à palavra de Deus e a resposta de fé, esperança e amor a que Deus nos abre e nos convida.

Por isso se parte das expressões concretas da vida cristã em que as crianças estão directa ou indirectamente envolvidas.

Na primeira alternativa da experiência humana, é fundamental a ligação da história proposta não só à catequese, mas sobretudo à inspiração cristã das personagens nela envolvidas: o que a mãe da criança lhe recomenda, faz parte do amor que tem por ela, um amor que tem origem na sua relação vivencial com Jesus Cristo.

Na segunda alternativa, a revisão das catequeses anteriores deve ser orientada na perspectiva da fé, vivida nos encontros da catequese e do amor a que esses encontros desafiam.

O objectivo é fazer descobrir que essa fé e esse amor se devem a Deus, que se revela e actua particularmente através de Jesus Cristo seu Filho e se torna eficazmente presente na Igreja e no mundo pelo Espírito Santo que Ele e Deus infundem, de modo especial, nos corações dos crentes.

Procure-se que as crianças se abram a essa acção, particularmente na escuta da Palavra e na Expressão da Fé. A oração a que são convidadas, além de ser dirigida ao Espírito Santo, deve ser vivida como o auge da sua acção no coração e na vida das crianças. Daí o seu envolvimento no sinal da cruz e o gesto das mãos abertas sobre o coração. Escusado é dizer que o catequista deve fazer também o mesmo gesto. Da sinceridade com que ele próprio reza depende muito a profundidade da oração das crianças e a presença do Espírito nas suas vidas.

De resto, tanto nesta como em todas as catequeses, a missão do catequista é ser mediador do Espírito, pelo que diz e sobretudo pelo que faz. Quanto mais o for, mais viva será a presença do Espírito na sua vida. É como no amor: cresce, na medida em que se põe em prática.

MATERIAIS

– Folhas de papel e esferográficas para cada criança (2ª alternativa);
– Dísticos: “Jesus gosta de todos” (Catequese 17); Jesus gosta de mim” (Catequese 18) e outros possíveis (conforme o desenvolvimento da catequese); “O Espírito Santo”; “lembrar-vos-á as minhas palavras”; “Pai, Filho e Espírito Santo”.

MÚSICA

– “Vem Espírito Santo”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1.

1ª Alternativa

Grupo grande

Querem ouvir uma história?...

Passou-se com uma menina, mais ou menos da vossa idade, e com um seu amigo.

A menina chamava-se Beatriz, mas toda a gente a tratava por Bia. O amigo, que, como ela, também ia à catequese chamava-se Miguel.

Quase nunca faltavam. A não ser que estivessem doentes. A princípio, como a Bia ainda era novita, era a mãe que a acompanhava: ensinava-lhe assim o caminho e recomendava-lhe que tivesse sempre muito cuidado, sobretudo quando atravessasse a estrada. Como vós também sabeis, devia atravessar sempre pela passadeira, ver quando o sinal estava verde para os peões e olhar bem para um lado e para o outro, para não ser atropelada.

Passado algum tempo, quando a Bia já conhecia bem o caminho, passou a ir sozinha. Às vezes ia com o colega Miguel, que entretanto conhecera na catequese. E os dois tinham mesmo cuidado em fazer como a mãe da Bia recomendara.

Um dia, porém, a Bia e o Miguel lembraram-se de ir a correr, para ver quem chegava primeiro. Como, se calhar, alguns de vós às vezes também fazem. Ora aconteceu que, naquela correria, a pensar na brincadeira com os outros colegas da catequese, iam mesmo, mesmo para atravessar a estrada, sem reparar que estava vermelho para eles e, ainda por cima, vinha lá um carro a grande velocidade.

O que é que pensam que aconteceu? … Não, não atravessaram. Felizmente. Senão, tinha sido uma desgraça. E não atravessaram porquê? Porque a Bia, de repente se lembrou, a tempo, das recomendações da mãe. E, por isso, até segurou o Miguel, evitando que o seu amigo tivesse um desastre.

Que vos parece: foi bom que a Bia se tivesse recordado das recomendações da mãe? Claro, salvou a sua vida e a do seu amigo.

E por que é que a Bia se lembrou? Naturalmente por causa do perigo. Mas, se as recomendações fossem de outra pessoa, talvez não se tivesse lembrado. Mas, as recomendações da mãe não esquecemos com tanta facilidade. Aquilo que é a mãe a dizer, ouvimos com muita mais atenção. É ou não? E quem diz da mãe, pode dizer do pai, da avó ou do avô. Isto é, de qualquer pessoa que goste muito de nós e só quer o nosso bem, em tudo o que faz por nós e em tudo o que nos faz.

As palavras das pessoas que gostam de nós, não as esquecemos com tanta facilidade. Essas palavras como que soam aos nossos ouvidos e guardamo-las no coração. E, quando precisamos delas, daquilo que elas dizem, lembramo-nos logo. Porque são palavras cheias de amor, palavras de que nós gostamos.

Alguém se lembra assim de palavras dos pais ou de outras pessoas amigas? Quem se lembra e quer contar? (*Deixar que se exprimam. Depois, continuar com estas ou outras palavras semelhantes*:)

Sabem por que é que mãe da Bia, como tantas outras mães e pais, gosta tanto da sua filha, ao ponto de se preocupar tanto por ela e lhe dizer palavras que a Bia não se

esquece? Porque será? No caso da mãe da Bia, eu sei por que é. Querem também saber? (*O catequista afixa um dos seguintes dísticos, ou os dois*:)

"Jesus é amigo de todos"
"Jesus gosta de mim"

(*Depois de ler e deixar contemplar por uns brevíssimos momentos, continua*:)

A mãe da Bia sabe o que nós também sabemos: que Jesus é muito, muito nosso amigo. Por isso ela manda a filha à catequese, a leva à Igreja, à casa de Deus, e, em casa dela, fala muito de Jesus e lhe reza todos os dias. É de Jesus que a mãe da Bia aprende e ganha tanta vontade de ser amiga da sua filha e lhe fazer tanto bem, às vezes com muito sacrifício.
Isto é, a mãe da Bia percebeu tudo o que Jesus nos ensina e o que Ele fez por nós. E não se esquece com facilidade de Jesus. Porque Jesus é verdadeiramente nosso amigo. E das palavras de quem gosta tanto de nós, não nos esquecemos. Pelo contrário: estamos a lembrar-nos delas todos os dias.

2ª Alternativa

Grupo pequeno
Hoje vamos fazer um jogo. Todos participam. Vão ver que gostam. De acordo?

É assim: todos vós já aprendestes muitas coisas aqui na catequese: sobre Deus, o Pai de Jesus, sobre Jesus, a sua mãe… Tantas coisas que Jesus disse e fez. É verdade ou não?

Pois bem, o nosso jogo tem duas partes: na primeira, cada um de vós vai procurar lembrar-se das coisas que já aprendeu aqui na catequese. Quem se lembrar de mais coisas é que ganha. Vão pensar um bocadinho, e podem até escrever ou desenhar aquilo de que se lembram ter aprendido aqui na catequese. Estão prontos? Então podem começar a pensar e, se for preciso, a escrever ou desenhar.

O catequista dá uns três minutos para este trabalho. Se notar que as crianças têm dificuldade, pode ajudá-las, em particular, e, mas só em último caso, permitir que consultem o catecismo. É importante que as crianças usem apenas a sua memória.

Então vamos lá a ver quem se lembrou de mais coisas que aprendeu na catequese. Só vale dizer aquelas em que já pensaram. Pode acontecer que muitos se lembrem das mesmas coisas. Isso até é bom sinal. O que não vale é copiar o que os outros e só eles disserem.

Quem quer começar?

O catequista procura anotar os temas sugeridos por cada criança, juntamente com o seu número, para, no fim, poder dizer qual ou quais foram as crianças que mais temas apresentaram. Naturalmente terá uma palavra de louvor para com essas crianças.

Agora, falta a 2.ª parte do jogo. Consiste em escolhermos, de tudo o que disseram, aquilo de que mais gostaram de aprender na catequese. Isto é, cada um vai dizer aquilo de que gostou mais e de que gosta mais de se lembrar. Quem quer começar?

O catequista depois de ouvir as primeiras 3 ou 4 crianças, vai afixando (ou escrevendo) no quadro os dísticos ou gravuras que se referem aos temas mais preferidos. No final, mantém, pela mesma ordem de preferência, os três a cinco temas mais escolhidos. Depois de todos se exprimirem, proclama quais os três temas vencedores e continua com estas ou outras palavras semelhantes:

Sabem por que é que nós, como muitas outras pessoas, nos lembramos bem do que aprendemos de Jesus? Por que será? …
(*Mesmo que as crianças se exprimam, o catequista sintetiza as suas opiniões com um dos seguintes dísticos, ou os dois, que afixa em silêncio*:)

"Jesus é amigo de todos"
"Jesus gosta de mim"

Se esses dísticos já estiverem afixados, por terem sido referidos pelas crianças, o catequista apenas lhes dará o relevo necessário, colocando-os no centro do quadro/ placar, envolvidos por todos os outros, se for o caso.

Lembramo-nos tão bem do que Jesus nos disse e fez por nós, porque Ele é muito, muito nosso amigo. É sempre assim: das pessoas que gostam de nós, é que nos lembramos com mais facilidade. Por exemplo, dos pais, professores e outras pessoas amigas. E Jesus está em primeiro lugar. Ninguém gosta tanto de nós como Ele. E muitas das pessoas que gostam de nós é também por causa de Jesus. Aprendem de Jesus a gostar dos outros. De maneira que também essas pessoas se lembram muito das palavras de Jesus. Comigo aconteceu isso.

2. *(Para qualquer das duas alternativas)*
Mas, por que razão é que nós e tantas outras pessoas gostamos tanto de nos lembrarmos do que Jesus disse e fez? Será só porque Ele, no que disse e fez, gosta tanto de nós? Ou haverá mais alguma coisa que Ele dá aos seus amigos e que faz com que eles se lembrem das suas palavras?

II. PALAVRA

1. (*O catequista pega na Bíblia e abre-a em* ***Jo 14, 25-26***).
Eu vou contar uma coisa que se passou um dia com Jesus.
Foi num dia, pouco antes da sua morte. Ele estava a tomar a última refeição com os seus amigos. Olhem: foi na mesma refeição em que Ele lhes lavou os pés. Lembram-se?
Pois bem, depois de lavar os pés aos seus amigos, Jesus disse-lhes muitas coisas: aquilo que iria acontecer com a sua morte e o que os seus amigos deviam fazer, para nunca mais se esquecerem dele. Para isso disse-lhes o seguinte:
(*O catequista lê pausadamente a Bíblia*):

"Fui-vos revelando todas estas coisas, enquanto tenho permanecido convosco; mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo e há-de recordar-vos tudo o que eu vos disse."

O catequista pode voltar a ler o versículo 26 e, depois, coloca a Bíblia no seu lugar, mas aberta na passagem lida. Em seguida afixa, na parte superior dos dísticos e/ou imagens, o seguinte dístico:

"O Espírito Santo"

(*Na parte inferior coloca o dístico*:)

"Lembrar-vos-á as minhas palavras"

(*Isto é, os dois dísticos envolvem os outros dísticos e/ou imagens já afixadas*).

2. Aqui está: o Espírito Santo que Jesus então prometeu aos seus amigos é que os leva a nunca mais se esquecerem das palavras que Ele lhes tinha dito. E porquê?
É que o Espírito Santo é como que uma força, uma coragem que Jesus tinha dentro dele, sobretudo no seu coração. E era devido ao Espírito Santo que Ele dizia e fazia tantas coisas boas. Por exemplo: o Espírito Santo é que lhe deu tanta coragem para dar a vida por nós; foi devido ao Espírito Santo que Ele ressuscitou e hoje está vivo. O amor que Jesus tinha e tem por todos é do Espírito Santo que ele tinha dentro dele.
(*O catequista pode completar os exemplos da acção do Espírito através de Jesus, com aqueles que antes foram indicados pelas crianças*).

E de quem é que ele tinha o Espírito Santo? Ele disse-nos há pouco nas palavras que eu li: era de Deus seu Pai. Deus amava tanto Jesus, Seu Filho, que o Espírito Santo que Deus tem, também estava em Jesus. Por isso é que dizemos que este Espírito é Santo: porque vem de Deus.

3. Foi este Espírito Santo, do Pai e de Jesus seu Filho, que, depois de Jesus morrer e voltar à vida, foi este Espírito Santo que Deus enviou aos amigos de Jesus. E foi Ele, o Espírito Santo, que fez com que os amigos de Jesus não se esquecessem das suas palavras. E não se esqueceram mesmo. Como é que a gente sabe que eles não se esqueceram?
(*O catequista, pega outra vez na Bíblia e diz*:)

Sabemos que os discípulos de Jesus não se esqueceram das palavras dele também por este livro: o Livro da Palavra de Deus. Foi o Espírito Santo que os levou a escrever este Livro. Por isso este Livro é tão importante para nós: por meio deste Livro sabemos o que Deus e Jesus fizeram e disseram. Foi com a ajuda do Espírito Santo que ele foi escrito.
(*O catequista volta a colocar a Bíblia no seu lugar*).

4. Que bom Deus ter dado o Espírito Santo aos seus amigos! Aos amigos que conheceram e andaram com Jesus, e aos seus amigos de hoje. É o Espírito Santo que nos leva a gostarmos tanto, tanto de Jesus, que nos lembramos das suas palavras. Lembramo-nos delas para sermos bons como foi Jesus. Nós e tantas outras pessoas que aprendem de Jesus.
(*O catequista pode recordar os casos já apontados na experiência humana*).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Mas, nós até já tínhamos falado aqui do Espírito Santo. Talvez não soubessem quem Ele é, mas falámos dele. Há algum de vós que se lembra como? Foi juntamente com um gesto que fazemos. Quem sabe?
(*Mesmo que as crianças respondam acertadamente, o catequista afixa, na parte superior do quadro/placar, em silêncio, o dístico ou a gravura com as palavras do sinal da cruz*).

Quando fazemos o sinal da cruz, também o fazemos dizendo o nome do Espírito Santo, juntamente com o nome de Deus Pai e do seu Filho Jesus. Porque o Espírito Santo vem de Deus e de Jesus.

E já repararam em que lugar está a nossa mão, quando dizemos o nome do Espírito Santo? Ora pensem bem? (…)
Exacto: é no peito, onde está o nosso coração. Aqui. (*O catequista aponta no seu peito*)
É mais uma ajuda para nos lembrarmos que é o Espírito Santo que nos dá um coração bom, um coração amigo de Deus e de Jesus e amigo das outras pessoas.

2. Como o Espírito Santo é tão importante para a gente se lembrar das palavras de Jesus e para as realizarmos, proponho-vos que lhe vamos rezar. Estão de acordo?

Então, vamos rezar assim: primeiro faremos o sinal da cruz, com muito respeito. Depois, deixam ficar as mãos sobre o coração, enquanto dizem comigo uma oração ao Espírito Santo. Quando acabarmos a oração, voltaremos a benzer-nos.
(*Em vez da oração que se segue ou juntamente com ela, o catequista pode também usar o* ***cântico "Vem Espírito Santo"*** *ou outro semelhante, mas em forma de prece*).

Então ponham-se de pé… E agora digam todos:

"Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!"

Agora coloquem as mãos sobre o vosso coração e repitam as minhas palavras:

"Espírito Santo,
ajuda-me a acolher
no meu coração
as palavras de Jesus.

Espírito Santo,
ajuda-me a fazer sempre
a vontade de Deus
e a escutar-te
no meu coração"

"Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

(*Pode terminar-se com um dos cânticos sugeridos ou outro, ao Espírito Santo*).

CATEQUESE 25

OS DISCÍPULOS FALAM DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Novas terras de missão

À missão da Igreja "ad extra" hoje, talvez mais do que nunca, tem de juntar-se a sua missão "ad intra". Se, na primeira, a Igreja se dirige "ad gentes", isto é, a povos ou pessoas que não conhecem o Evangelho, com a missão "ad intra", é aos seus próprios membros que a Igreja se vê obrigada a fazer o primeiro anúncio. E uma e outra, mesmo entre nós, um país da Europa tradicionalmente cristã.

É o próprio Papa João Paulo II a reconhecê-lo: "Em várias partes da Europa há necessidade do primeiro anúncio do Evangelho aos não baptizados". Mas, além disso, "por toda a parte há necessidade de um renovado anúncio, mesmo para quem está baptizado… Muitos baptizados vivem como se Cristo não existisse… O desafio não consiste tanto em baptizar os novos convertidos, mas em levar os baptizados a converterem-se a Cristo e ao seu Evangelho (Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*, 46- 47).

Aliás, o fenómeno chega até às próprias salas da catequese: são cada vez mais as crianças que aparecem, umas sem nem sequer terem recebido o Baptismo, outras, embora baptizadas, sem a mínima ideia, teórica e prática, da mensagem e vida cristãs. Cristãos, filhos de cristãos, mas que não vivem como cristãos.

O que leva a perguntar como é que ainda querem os filhos na catequese. É possível que, nalguns casos, cada vez mais raros, seja ainda por influência do meio ambiente sócio-cultural. Há outros que talvez o façam por causa dos valores morais que consideram fundamentais para a vida dos filhos e que não encontram na sociedade.

Mas, é bem possível que, juntamente com isso ou por detrás disso, esteja uma razão muito mais profunda: a de que "desejar a Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus", de tal modo que "só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que não se cansa de procurar" (CIC, 27).

Uma busca com tendências para aumentar, sobretudo naqueles meios em que mais se tem tentado viver sem Deus. São tais as frustrações e o medo causados por correntes e sistemas secularistas e ateístas, que os homens acabam, mais do que antes, por sentir necessidade do Deus que antes era rejeitado.

Seja como for, em muitos casos e cada vez mais, é nos encontros de catequese que tem de ser feito o primeiro anúncio de Jesus Cristo… para uma conversão e uma vivência de fé que leve a anunciá-lo a outros. Por que razão?

2. A Igreja é por natureza missionária…

Basta darmo-nos conta do modo como terminam os quatro Evangelhos. Em todos eles, Jesus Cristo Ressuscitado envia os seus discípulos em missão: segundo Jo 20, 22-23, soprou sobre eles o Espírito Santo, para serem mensageiros do seu perdão; em Mt 28, 19 diz-lhes porquê: "Para fazerem discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"; Mc 16, 15-16 regista o mesmo âmbito universal do envio e acrescenta a fé no Evangelho como condição para a salvação; em Lc 24, 46-48 é indicado o conteúdo do Evangelho a anunciar, a mesma dimensão universal e o testemunho, como modo de o fazer. Uma missão cuja realização é exposta pelo mesmo Evangelista nos Actos dos Apóstolos: aí se mostra como os Apóstolos, levados pela força do Espírito Santo, foram testemunhas de Jesus "em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo" (1, 8).

A estes cinco livros podemos juntar todos os restantes escritos do Novo Testamento: directa ou indirectamente, em todos eles se nota a preocupação por manter as comunidades cristãs, fiéis ao Evangelho que está na origem da sua existência. Neste sentido, pode dizer-se que todo o Novo Testamento e a Igreja, que nele se reflecte e dele vive, são essencialmente missionários.

O motivo da missão é este: "É ao *amor* de Deus por todos os homens que, desde sempre, a Igreja vai buscar a obrigação e o rigor do seu ardor missionário: «Porque o amor de Cristo nos impele…» (2 Cor 5, 14). Com efeito, «Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tm 2, 4). "Deus quer a salvação de todos, mediante o conhecimento da verdade. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito da verdade estão já no caminho da salvação. Mas a Igreja, a que a mesma verdade foi confiada, deve ir ao encontro do seu desejo para lha levar. É por acreditar no desígnio universal da salvação que a Igreja deve ser missionária" (CIC, 851).

O que se diz da Igreja, no seu conjunto, vale para cada um dos seus membros.

3. Todo o cristão tem de dar testemunho de Cristo…

Há alguns que o fazem a tempo inteiro. Especialmente aqueles que, durante toda ou parte da sua vida, deixam as suas terras e partem para os países que habitualmente são

classificados “de missão”. Quer pela sua opção, quer pela dedicação e pelo modo como se dão, são testemunhas no sentido mais forte do termo: falam de Jesus Cristo, não apenas por palavras, mas sobretudo pela entrega total e gratuita e, tantas vezes, cheia de perigos, àqueles a quem O anunciam. Isto é, a mensagem que transmitem, reflecte-se no modo como vivem, de tal modo que na sua vida se pode ver a mensagem ao vivo. Esses, sim, têm razão mais que suficiente para confessar com S. Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20).

E é tal a felicidade que sentem nessa sua missão, que muitos deles se vêem na “obrigação” de exclamar ainda como S. Paulo: “Ai de mim, se não evangelizar!” (1 Cor 9, 16). Só o amor os pode obrigar a tanto: o amor daquele que se deu por nós e se torna tanto mais vivo em nós, quanto mais deixarmos que Ele ame através de nós.

Esses cristãos, sacerdotes, religiosos e religiosas e leigos, merecem toda a nossa admiração. Ou melhor: Aquele que neles e por eles actua. Uma admiração que é, tantas vezes, contagiante. Quantas vocações não nascem exactamente do contacto, do convívio com esses cristãos, em que é mais viva a presença e a acção salvífica de Cristo!

E, mesmo que a vocação não seja para seguir as suas pegadas com a mesma radicalidade, pelo menos pode levar-nos a descobrir que dar testemunho de Cristo, onde quer que vivamos, nos enche de uma felicidade que, uma vez experimentada, não se deixa facilmente.

É aliás esse o único caminho para sermos e nos mantermos verdadeiramente cristãos: o do testemunho. Não se pode ser cristão sem que Ele, Cristo, se manifeste no que dizemos e, sobretudo, no que fazemos. É que o amor é essencialmente prático. E é impossível falar de Cristo, sem aquilo que mais o identifica: o amor ilimitado!

E se, pelo testemunho que damos de Cristo, conquistamos outros para Ele, então sim: sentir-nos-emos verdadeiramente realizados. Que o digam tantos catequistas que têm tido a graça de fazer essa experiência! E tantas crianças que acabam por ser os evangelizadores dos seus pais. Cada vez mais. Felizmente!

OBJECTIVOS

– Descobrir a missão dos cristãos de dar testemunho de Jesus.
– Compreender como a mensagem cristã se difunde pelo mundo e as razões da sua difusão.
– Comprometer-se na expansão da Boa Nova do amor e da ressurreição de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta catequese está na sequência das anteriores, principalmente das que tratam de temas pascais: o anúncio da Boa Nova da manifestação única de Deus, na morte e ressurreição de Jesus, faz parte da economia divina da salvação. A missão é mesmo parte integrante da

mensagem: a salvação nela anunciada exige o seu anúncio, já que Cristo morreu e ressuscitou por todos.

É fundamental que as crianças se apercebam disso. Elas próprias usufruem dessa actividade missionária e devem sentir-se motivadas para nela participarem.

Por isso, na 1.ª alternativa da experiência humana, têm ocasião de conhecer pessoalmente alguém que se entrega ou entregou a tempo inteiro à difusão do Evangelho por terras de missão. É um testemunho que é actualizado no encontro da catequese. Isto é, pela exposição da experiência feita, acaba por dar testemunho de Cristo às crianças a quem se dirige, um testemunho através do próprio testemunho. Isso tem uma força especialmente convincente.

Procura-se, por isso, alguém, sacerdote, religioso(a) ou leigo, que tenha realizado ou esteja a realizar a actividade missionária como parte constitutiva da sua vida. À falta de uma pessoa assim, pode recorrer-se a um dos muitos jovens que, durante algum tempo, tenham feito uma experiência missionária. Se nem tal for possível, pode ser um familiar ou amigo de um missionário, que possa falar dele e em nome dele. Em último caso, até o próprio catequista o pode fazer, se se sentir à altura e depois de se preparar, sobretudo com material ilustrativo suficiente.

Na 2.ª alternativa, tenha-se o cuidado de, pelo globo terrestre, conduzir as crianças para aquilo que ele ajuda a evocar: como a mensagem cristã atinge todos os cantos da terra e, sobretudo, através de quem o faz. É para elas que as crianças são conduzidas. Ou melhor: para a mensagem e Aquele que, pelo anúncio, é dado a conhecer.

MATERIAIS

– Todos os materiais necessários à pessoa sugerida na 1.ª alternativa;
– Um globo terrestre de um tamanho que permite às crianças terem uma ideia das proporções do planeta representado (2.ª alternativa);
– Uma mesa para colocar o globo terrestre (2.ª alternativa);
– Uma folha e material para escrever/desenhar para cada criança;
– Uma imagem com a aparição de Jesus aos discípulos;
– Os dísticos: “Ide por todo o mundo”; “Anunciai esta boa nova a toda a gente”; “Jesus é amigo de todos” (catequese 17); “Jesus está vivo” (catequese 23); “Espírito Santo” (catequese 24).

MÚSICA

– “Eu irei cantar pelo mundo”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1.

1ª Alternativa

Grande grupo

O catequista apresenta a pessoa que vai dar o testemunho missionário, conforme se sugere nas orientações pedagógicas, com palavras adaptadas à pessoa em causa.

Como estão a ver, hoje temos aqui, na nossa catequese, uma nova pessoa. É o Sr(a) (N.) que (alguns de) vós já conheceis (ou, que ainda não conhecem). Quem já conhecia o Sr(a) (N.)? (…)
Está aqui, porque tem uma coisa muito bonita para nos contar. De certeza que todos o (a) vamos escutar com muito interesse.

A pessoa introduzida identifica-se com mais alguns dados biográficos, sobretudo se têm implicações na sua actividade missionária. É nesta que procurará insistir, expondo-a mais longamente, mas sem ir além de uns dez minutos. Procurará ser muito concreta, referindo sobretudo factos que falem por si: o que fez, com quem o fez, as condições em que o fez, qual a reacção das pessoas, etc. Deve ter o cuidado de dar uma perspectiva eclesial à sua exposição, referindo-se, se possível, às três áreas da vida da Igreja: anúncio da Palavra, celebração litúrgica e vivência da caridade. E não se esqueça de ligar tudo isto a Cristo. Tanto quanto possível, ilustre o que apresenta com imagens: fotografias, imagens, objectos de que se servia, ou/e até mesmo um filme. Durante ou no final da exposição, disponha-se a responder a perguntas feitas pelas crianças. Ao terminar, o catequista retoma a palavra:

Têm (ainda mais) alguma pergunta que queiram fazer? …

Certamente que estão muito contentes com tudo o que o (a) Sr (a) (N.) nos contou e mostrou. É verdade? Então vamos agradecer-lhe com uma salva de palmas. (…)
O(a) Sr(a) (N.) vai continuar aqui até ao fim da catequese *(se for o caso; e convém que o seja).*
O que ele(a) fez (faz), é feito por muitas, mesmo muitas outras pessoas e em muitas outras partes do mundo. Alguém conhece pessoas dessas? (*Deixar que as crianças se exprimam. O catequista pode juntar outros casos e, se possível e o tempo for suficiente, ilustrar com imagens. Tudo, porém, em função da pergunta central*:)

2ª Alternativa

Pequeno grupo

(O catequista pega no globo terrestre ou aponta para ele. Para facilitar a visão, o ideal é que o globo esteja numa mesa, entre o catequista e as crianças. Depois diz:).

Sabem o que é isto? (…)

Exacto: é um globo terrestre. Aqui nesta bola está desenhada/pintada a terra inteira, que é, como possivelmente já sabem, redonda e gira, roda sobre si própria *(o catequista pode exemplificar no globo).*

Também aqui está o nosso país. É aqui (*o catequista aponta*). E a nossa terra. Só que é tão pequena, que não se pode ver…

O nosso país fica na Europa. Mas há mais quatro continentes. Alguém sabe como se chamam? *(O catequista ajuda na resposta e vai mostrando o lugar onde estão representados no globo*).

Como vêem, o planeta terrestre é muito grande. Algum de vós já foi a outro país, diferente do nosso? (…) E o que é que lá viu? (…) Mas há outros que conhecem pessoas de outros países. Quem conhece? … Pelo menos pela televisão podemos ver o que se passa em outros países. E pelo telefone e a internet podemos comunicar com algumas pessoas…

Há uma coisa que eu gosto muito de saber. E vós possivelmente também. É isto: se nessas terras, algumas bem longe da nossa, também há catequese, pessoas que conhecem Jesus e gostam dele, rezam, vão à missa… Haverá? (…) Claro que há. Em todo o planeta existem cristãos como nós. Já tinham pensado nisso? (…) É claro que nalguns países vivem mais cristãos do que noutros. E há mesmo alguns que são muito poucos ou mesmo nenhuns.

E como é que lá chegou o conhecimento de Jesus? É que, mesmo na nossa terra, há muitos séculos, Jesus não era conhecido. Olhem, a princípio Jesus só era conhecido aqui na terra dele (*o catequista aponta no globo*). Daqui é que Ele passou a ser conhecido. Como foi? Foi porque houve pessoas, os amigos de Jesus, que partiram da sua terra e foram pelo mundo além a falar dele. E assim é que Ele se tornou conhecido e teve novos amigos, como nós.

E ainda hoje há muitos cristãos, amigos de Jesus, que fazem o mesmo: deixam a terra onde vivem e vão para outros países e continentes a dar a conhecer Jesus. Conhecem alguma pessoa que o faça? (*O catequista pode, se for o caso, completar com informações suas*).

São pessoas que anunciam Jesus, dão catequese ou ajudam, levam as pessoas à igreja, fazem-lhes o bem e ajudam-nas a ser boas, como Jesus foi e nos ensinas a ser. E às vezes com grandes sacrifícios e até com perigo de perderem a vida.

2. *(Continuação para as duas alternativas:)*
Há uma pergunta que eu tenho de fazer. E, possivelmente, é uma coisa que também vós quereis saber. É isto:
Porque é que essas pessoas foram e vão levar Jesus às pessoas de outras terras, algumas tão longe? O que é que as levas a fazer isso? Tanto mais que algumas ficam lá a vida inteira. E fazem tudo com muito amor. Isto é para a gente se admirar, não é? Tem de haver alguma coisa que as leva a fazer isso? O que será?
Querem ouvir a resposta?

II. PALAVRA

1. *(O Catequista pega na Bíblia e abre-a em **Mc 16, 15-16**. No caso da 1.ª alternativa da experiência humana, pode entregar a Bíblia à pessoa que deu o testemunho missionário, para ser ela a fazer a leitura. Antes disso, diz:)*
A resposta está aqui (ali) no livro da Palavra de Deus.

Pois bem, conta-se aqui como Jesus, depois de morrer e ressuscitar, apareceu mais uma vez aos seus discípulos, os amigos de então. Já vimos como Ele uma vez lhes apareceu, quando eles estavam fechados numa casa, com medo que lhes fizessem o mesmo que tinham feito a Jesus. E como Jesus lhes tirou o medo e lhes deu a sua paz. Lembram-se? …
Desta vez, aparece-lhes para lhes comunicar outra coisa: dizer-lhes o que é que eles agora, depois de Ele ressuscitar, deviam fazer.
Querem ouvir? … Então eu leio (*ou na 1.ª alternativa*: o(a) Sr(a) (N.) vai ler):

Jesus “disse-lhes: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado será salvo; mas quem não acreditar será condenado»”.

Pode ser repetida a leitura do v. 15. A Bíblia é colocada de novo no seu lugar. Se for lida pela pessoa convidada, pode continuar nas suas mãos. O catequista afixa a imagem com a aparição de Jesus aos discípulos e depois continua com estas ou outras palavras semelhantes:

Estão a ver ali no quadro/placar como Jesus se manifestou aos seus discípulos?! (*Deixar contemplar*).

E o que é que Ele lhes disse? (*O catequista afixa, se possível a envolver a imagem, o seguinte dístico*:)

"Ide pelo mundo inteiro e anunciai esta boa notícia a toda a gente".

(*Depois, lê e pode pedir às crianças que repitam as palavras que vai lendo*).

Agora já percebemos por que razão os discípulos de Jesus, de então e de hoje, foram e vão por todo o mundo. Foi Jesus que os convidou a isso.

2. Mas, o que quererão dizer estas palavras "boa notícia"? Que notícia será essa? Quem quer tentar dizer qual é? (…)

(*O catequista afixa, por debaixo da imagem, os dísticos*:)

"Jesus é amigo de todos"; "Jesus está vivo"

A boa notícia é esta: Jesus é amigo de todos e Ele venceu a morte e está vivo para sempre. Afinal até já sabíamos todos.
É muito importante as pessoas, todas as pessoas, saberem que Jesus é amigo de todos, também dessas pessoas que ainda O não conhecem. Para quê? (…) Para elas experimentarem o mesmo que nós: que Jesus, porque nos ama, até ao ponto de dar a vida por nós, por isso é que ficamos a gostar muito dele. Tanto, que procuramos também ser amigos dos outros, como Jesus. E todos nós sabemos que, se formos amigos uns dos outros, como fez Jesus, todos somos muito mais felizes. Não é verdade?

3. E o que é que Ele nos dá para isso?
(*O catequista afixa, por baixo dos dois dísticos anteriores, o seguinte*:)

"O Espírito Santo"

O que Ele nos dá é o Espírito Santo: aquela força e coragem que Ele tinha e que o fazia ser tão bom. Foi a mesma coragem que Ele deu aos seus amigos de então e que lhes tirou o medo. E por isso, é que eles foram pelo mundo inteiro a anunciar a boa notícia do amor e da ressurreição de Jesus. Com muita coragem e também com muita, muita alegria.

Mas alegria porquê? *(No caso da 1.ª alternativa:)* O Sr(a) (N.), vimos que tudo o que tem feito para dar a conhecer Jesus, é com muita alegria que o faz. É ou não verdade?
Então porque será que todas as pessoas que, desde o tempo de Jesus, anunciaram a sua boa notícia, sentem alegria por isso?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Digam-me uma coisa: Quando vós tendes um amigo muito, muito grande, não falais dele às outras pessoas? (…) Eu (também) falo. Por ser meu amigo é uma pessoa que anda sempre comigo. Isto é, está no meu coração, penso nele muitas vezes, procuro ser como ele, no bem que me faz e me ajuda a fazer aos outros.

Jesus é ainda mais amigo do que essas pessoas. Por isso é que eu não sou capaz de viver, sem falar dele. E vós também. Quem de vós tem falado de Jesus aos outros, por exemplo, em vossa casa? (…)

Muito bem. É assim que Jesus se torna conhecido. E nós ficamos muito, muito contentes por isso: por arranjar novos amigos para o nosso maior amigo.

Quem sabe se um dia, quando forem grandes, alguns de vós não vão mesmo fazer como os amigos de Jesus que deixam a sua terra e vão por esse mundo além anunciá-lo a todas as pessoas. Não gostavam disso? (…)

E mesmo que não possam ou não queiram ir pelo mundo, podem ao menos fazê-lo já aqui. Não é preciso ser grande para isso. Afinal até já o têm feito. E, a partir de agora, vão fazê-lo com mais coragem, interesse e alegria. Estão dispostos a isso?

2. Então, eu proponho-vos uma coisa: durante um bocadinho vão pensar numa ou mais pessoas que já conhecem e a quem querem falar de Jesus. Depois, vão desenhar essa pessoa ou essas pessoas ou escrever o seu nome. Está bem? (…) Podem começar.
(*Depois: de uns breves minutos para os trabalhos individuais, o catequista, depois de ele próprio escrever a sua folha, continua*:)
Querem mostrar aos vossos colegas do lado o que desenharam ou escreveram? …

3. Muito bem. Agora vamos mostrar a Jesus: O nosso maior amigo. Vamos mostrar-lhe qual a pessoa ou pessoas a quem vamos falar dele.
Fazemos assim: pomo-nos de pé… Agora levantamos com as duas mãos as folhas que escrevemos, como quem está a oferecer (*o catequista exemplifica*). Muito bem. Agora rezemos todos a Jesus, mas a cantar, em sinal da nossa alegria. O cântico é este:
"Eu irei cantar pelo mundo"

Pode cantar-se mais de uma vez. Se o cântico não for ainda conhecido, deve ser ensaiado antes da oração. Pode também ser substituído por outro que exprima a mesma mensagem.

4. Vejam lá, não se esqueçam de cumprir o que prometemos a Jesus. Se se lembrarem, até podem cantar o cântico, antes de fazerem o que ele diz. Vamos a ver, para a semana, quem fez o que prometeu. Eu, depois, vou perguntar.
(*No caso da 1.ª alternativa, o catequista agradeça de novo à pessoa convidada e deseje-lhe que continue a sua actividade missionária*).

CATEQUESE 26

O GRUPO DOS AMIGOS DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Será possível ser-se cristão sozinho?**
   A pergunta não teria, possivelmente, razão de ser se, de facto, não houvesse pessoas que, pelo menos na prática de vida, vivem ou procuram viver a sua relação com Cristo de um modo mais ou menos solitário. E dá a impressão de que são cada vez mais.

   Por várias razões, umas fazem-no provavelmente influenciadas pelo individualismo crescente da sociedade em que se vive, sobretudo em grandes aglomerados populacionais. Quantas pessoas, a viver no mesmo bairro, na mesma rua e até no mesmo prédio, não se conhecem nem se falam. Quando muito saúdam-se, quando se encontram.

   A isso está provavelmente associada uma deficiente ou até falsa noção de liberdade. Ser livre é, para muitos, fazer o que se quer. E o que se quer é, na maioria dos casos, o que apetece a cada um. Quando os outros interferem nesses apetites ou interesses pessoais, são ignorados ou até desprezados, senão mesmo combatidos. Procura-se o outro, quando se tem necessidade dele e não quando ele tem necessidade de nós. Os resultados de uma tal atitude estão à vista: separações, mesmo no seio de famílias; xenofobia e racismo; solidão, sobretudo entre idosos e crianças; luta exclusivista pelos próprios direitos; corrupção, etc..

   Há outros, nomeadamente cristãos, que apenas se servem da religião como de uma espécie de mercadoria, para satisfazer necessidades de ordem mais ou menos espiritual. É aquilo a que podemos chamar o consumismo religioso.

   Daí o desinteresse ou medo em integrar-se e comprometer-se em comunidades cristãs. Saltita-se de um lugar ou de uma igreja para a outra, à procura daquela que melhor corresponde aos gostos pessoais. Tudo isso, facilitado pelos meios de transporte e comunicação cada vez mais rápidos e confortáveis.

Sem entrar no íntimo das pessoas que assim vivem e actuam, podemos, a partir do seu comportamento, perguntar se de facto vivem a verdadeira fé. Não há dúvida de que esta tem de começar por ter uma dimensão pessoal. Ninguém pode acreditar em Deus por mim. Mas, se eu creio firmemente no Deus de Jesus Cristo, tenho também de acreditar na sua Igreja. Acreditar, entendido no sentido de confiar e confiar-se a Deus e, por Ele, aos outros. É impossível amar verdadeiramente a Deus sem amar também os outros, todos os outros… que Deus tanto ama, como nos mostra sobretudo em seu Filho Jesus Cristo.

2. A Igreja nasce e vive do Evangelho de Jesus Cristo

Para nos apercebermos disto, basta seguirmos o processo de evangelização descrito nos Actos dos Apóstolos. Logo no primeiro anúncio feito por Pedro, acompanhado dos restantes Apóstolos, na manhã do Pentecostes: pela conversão e adesão de fé, confirmada pelo Baptismo, «juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas», que passaram a ser «assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações» (Act 2, 41-42).

Actividades, todas elas centradas no mesmo Evangelho: do ensino dos Apóstolos fazia parte sobretudo a mensagem salvífica de Jesus Cristo, como mostram mais tarde os restantes livros do Novo Testamento; a união fraterna resultava da adesão ao amor de Jesus Cristo, manifestado sobretudo na sua morte e ressurreição; na fracção do pão celebrava-se, com base na Última Ceia, o memorial actualizante da morte redentora de Cristo; as orações, se dirigidas a Deus, passavam a ser feitas pela mediação de Jesus Cristo.

Era tal a união com Cristo, que Paulo, *escrevendo* às suas comunidades, lhes chamava "Igreja de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo" (1 Tes 1, 1), ou "Igreja de Deus", constituída pelos "santificados em Jesus Cristo" (1 Cor 1, 2) ou simplesmente "santos em Cristo" (Fil 1, 1; cf Ef 1, 1; Col 1, 2) ou ainda "chamados a ser de Cristo" que o mesmo é dizer "chamados a ser santos" (Rom 1, 6). A relação de pertença a Deus, própria da sua condição de *santos*, devia-se à medição salvífica de Jesus Cristo.

Dai também a sua identificação da Igreja como "Corpo de Cristo" (1 Cor 12, 27; cf Ef 1, 23; 4, 4; 5, 23; Col 1, 18; 2, 19): não apenas porque os seus membros, na diversidade das suas funções e seus dons, estavam, à maneira do corpo humano, unidos pelo mesmo Espírito "para proveito comum" (1 Cor 12, 7); mas também e sobretudo porque o pão que partiam na celebração eucarística "é comunhão com o Corpo de Cristo; por isso é que uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão" (1 Cor 10, 16-17). E esse pão é o seu corpo, isto é, a sua pessoa, entregue na cruz para nossa salvação (cf 12, 24).

Se a Igreja é assim o corpo visível de Cristo na terra, se é o sacramento universal da sua salvação, então pode chegar-se a seguinte conclusão:

3. **É na Igreja que encontramos Jesus Cristo**

Encontramo-lo de um modo visível, isto é, na visibilidade da vida da sua Igreja, na medida em que nela os cristãos realizam entre si o mandamento do amor a que são exortados por Cristo, precisamente na Última Ceia (cf Jo 13, 34-35; 15, 17).

De facto, é para a união fraterna que convergem todas as restantes actividades da Igreja: pela adesão da fé ao Evangelho e seu aprofundamento na catequese somos orientados para a oração e a celebração, particularmente da Eucaristia, em que a fé é posta em prática e fortalecida, "uma fé que actua pelo amor" (Gal 5, 6). O que significa também que é da fé, alimentada pela Palavra e pela celebração, que depende a união do amor entre nós.

Sendo assim, e no dizer dos nossos Bispos, "a comunidade cristã é o sujeito, o ambiente e a meta da catequese. Na verdade, a vida cristã é um facto comunitário, recebe-se, aprende-se e vive-se na Igreja, mistério da comunhão. Na vida da comunidade, a fé cristã torna-se um acontecimento vivido e actual, incarnado em pessoas, testemunhado em gestos e formas de viver. Nas actividades eclesiais da comunidade que realizam a missão pastoral global, a Palavra de Deus alcança a sua plena realização como Palavra proclamada no anúncio do Evangelho, celebrada na liturgia e praticada no serviço fraterno da caridade. A comunidade cristã apresenta, deste modo, um testemunho vivido de fé no qual a catequese encontra a sua base de apoio" (Conferência Episcopal Portuguesa: *Para que acreditem e tenham vida: orientações para a catequese actual,* Edição do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa 2005, pp.20-21)

Que os catequistas, como membros e enviados das comunidades cristãs a que pertencem, tenham bem presente esta dimensão comunitária da catequese, nomeadamente no presente encontro.

OBJECTIVOS

– Tomar consciência de que pertencemos a um grupo fundado no amor de Jesus Cristo.
– Descobrir quais as actividades específicas da Igreja que formamos.
– Despertar para a necessidade de participarmos nestas actividades.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta é mais uma catequese em que a mensagem é para ser apreendida de um modo vivencial: as crianças descobrem que são cristãos, membros da Igreja, na medida em que, nos encontros catequéticos, incluindo este, experimentam entre elas o amor que recebem de Jesus Cristo e o põem em prática.

Para isso, já na experiência humana, mostram esse amor através do conhecimento mútuo que tem vindo a crescer ao longo do ano e mostram ter: um conhecimento afectivo, que o cântico em comum exprime pela mensagem e pela execução.

Na 2ª alternativa, tratando-se de um pequeno grupo, é possível personalizar esta consciência através dos nomes ou fotografias, que o catequista vai dispondo no quadro/placar em forma circular. Nas cartolinas em forma de coração, despertam para o amor que experimentam e exprimem. Se se optar por cartolinas em forma de pétalas, pode formar-se uma flor, expressiva da alegria.

É importante que, descubram que na origem e no centro do amor que as une, está Jesus Cristo. Só em união com Ele se forma a sua Igreja.

Assim, as quatro actividades específicas da vida da Igreja estão, todas elas, relacionadas com Cristo.

Finalmente, podem ver que no centro está Cristo, com um título que deu origem ao nome mais corrente por que são conhecidos os seus discípulos: o nome de cristãos.

Como se vê, o painel, que vai sendo construído ao longo do encontro, pode contribuir para uma melhor compreensão e visualização da mensagem.

Sugere-se que as várias partes do painel sejam de cores diferentes: não só porque as crianças são muito susceptíveis à quantidade e variedade de cores, mas ainda porque as diferentes cores correspondem às diferenças entre as pessoas e suas actividades.

MATERIAIS

1.ª Alternativa:

– Um pano para o jogo da *cabra-cega*;

2.ª Alternativa:

– Pequenas cartolinas, recortadas em forma de coração ou de pétalas de uma flor, cada uma com o nome ou a fotografia de cada criança do grupo;
– Saco ou outro recipiente fechado, onde estão colocadas as referidas cartolinas e de onde vão sendo retiradas;
– Dísticos*:* "O grupo dos amigos de Jesus", escrito numa cartolina recortada em forma circular e de uma medida que permita colocar no centro dela os dísticos seguintes:
  – CRISTO *e* CRISTÃOS escritos um em cada metade de uma cartolina em forma circular: «Cristo» na parte superior; «Cristãos» na parte inferior
  – Quatro cartazes: um com um grupo na catequese; outro com um grupo de crianças com gestos mútuos de amizade; outro com a celebração da Eucaristia; outro com pessoas em atitude de oração *(veja-se a explicação e interiorização da Palavra de Deus).*

MÚSICA

– "Nós somos amigos" *(com o refrão em suas versões: 1ª "Somos amigos… somos irmãos"; 2ª "Somos amigos… somos cristãos").*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Durante o acolhimento o catequista pergunta às crianças qual delas cumpriu o compromisso assumido no encontro anterior de falar de Jesus a outra(s) pessoa(s): quem foi (ou foram) a(s) pessoa(s), como reagiu (ou reagiram) e o que é que a criança sentiu com o que fez. Se o grupo for composto de pequenos grupos, é nestes que a pergunta deve ser feita.*

1ª Alternativa

Grupo grande

Querem fazer um jogo? É possível que alguns de vós já o tenham jogado ou visto jogar. É o *jogo da cabra-cega*. Quem já conhece? (…)

Joga-se assim: com um pano, vou vendar os olhos a um de vós. E este, de olhos vendados, aproxima-se de outro menino ou menina e, só a tocar-lhe com as mãos, tenta descobrir de quem se trata. Se demorar a descobrir, o menino ou menina que for tocado, pode dizer qualquer coisa a quem o toca. Mas não o nome. Tem que o reconhecer só pela voz. Quem quer começar?

O catequista venda os olhos à criança que se oferecer. Se nenhuma se oferecer, pede a uma. Entretanto, pede às outras para mudarem de lugar, onde devem ficar paradas, para evitar desordem. Retira a venda logo que a criança seja identificada. Mas, antes de vendar os olhos a esta, pergunta àquela que a reconheceu, que mais coisas sabe sobre ela. As outras crianças podem completar. Só depois repete o processo seguido para a primeira, convidando as outras crianças a mudarem outra vez de lugar. O jogo não deve ir além dos dez minutos. Apenas serve de preparação para o que se vai dizer a seguir:

Estou muito contente, porque vejo que se conhecem uns aos outros, até de olhos fechados. Se tivéssemos feito o jogo no primeiro dia da catequese, se calhar não conseguiam reconhecer-se. Desde então já aprendemos muitas coisas juntos… Já somos um verdadeiro grupo de amigos. Somos ou não? (…) Eu também tenho vindo a gostar cada vez mais de vós e considero-me também muito vosso amigo.

2ª
Alternativa

Grupo pequeno

O catequista leva dentro de um saco (ou outro recipiente fechado) uns cartões, recortados em forma de coração ou de pétalas de flor e com o nome de cada uma das crianças escrito em cada um dos cartões. Em vez do nome pode colar a fotografia. Depois convida cada criança, uma a uma, a tirar à sorte um cartão. Se lhe calhar o próprio, volta a colocá-lo dentro do saco e tira outro. Se isto só acontecer com a última, serão todas as outras a dizer dela o que cada uma é convidada a dizer daquela cujo nome/ fotografia lhe calhou. À medida que cada criança tira um nome/ fotografia, é convidada a dizer sobre esse colega, durante um minuto, o máximo de coisas que sabe. Depois de o fazer, o catequista afixa o cartão no quadro/placar, fazendo com eles um círculo de uma amplitude que permita afixar no centro os dísticos indicados mais à frente. Se for uma pétala de papel, disponha-as como pétalas de uma flor.
Depois da última criança, diz o seguinte:

Estou muito contente convosco, porque vejo que se conhecem bastante bem uns aos outros *(pode recordar pormenores mencionados).*
No primeiro dia de catequese não nos conhecíamos tão bem. E mesmo que nos conhecêssemos, não éramos tão amigos: não tínhamos os outros tão dentro do nosso coração.
Mas agora, depois de nos termos encontrado tantas vezes e termos feito tantas coisas juntos, já somos um verdadeiro grupo de amigos. Somos ou não? (…) Até eu me sinto muito mais vosso amigo.

2. *(Continuação das duas alternativas:)*
Sabem no que é que eu estou a pensar?... Em cantarmos todos juntos uma canção. Como sinal da nossa amizade, vamos unir as nossas vozes e dizer isso mesmo: "Nós somos amigos!" É mesmo assim o nome da canção:
"Nós somos amigos"

(O catequista ensaia e canta com as crianças a primeira e a segunda estrofe. Depois continua com estas ou outras palavras semelhantes:)

Digam-me uma coisa: quem mais tem feito de nós amigos uns dos outros? Quem é capaz de dizer? (…)
Exactamente: o nosso maior amigo, Jesus. Nós até já falámos várias vezes disso: Ele é amigo de todos e de cada um de nós.
É Ele que nos ensina e nos ajuda a sermos amigos uns dos outros. É Ele que nos leva a rezar. E às vezes é a Ele que todos rezamos.

Portanto, não somos um grupo qualquer. Como é que nós nos havemos de chamar? (...) O grupo de amigos de Jesus. Estão todos de acordo?

*(O catequista afixa, ao centro do quadro/placar, o cartão recortado em círculo e com o dístico: **"O grupo de amigos de Jesus"**. No caso da 2ª alternativa, é no interior do círculo formado pelos cartões).*

II. PALAVRA

1. Mas, não somos só nós que formamos um grupo de amigos de Jesus. Há muitos outros grupos, não há? Quem se lembra de outros grupos de amigos de Jesus? (…)

Além de outros grupos de catequese, temos grupos em que entram as pessoas grandes. Na nossa terra e em muitas outras partes do mundo. Ainda se lembram de nós termos falado nisso na última catequese? (…)

Isso mesmo: não há ninguém no mundo que tenha tantos grupos de amigos como Jesus. E estão sempre a formar-se mais. Por isso é que muitos amigos de Jesus vão por esse mundo além, anunciando Jesus: para que outras pessoas o conheçam e se tornem seus amigos.

E todos, todos juntos formamos um enorme grupo de amigos de Jesus. Mesmo sem nos conhecermos todos uns aos outros. É bonito sabermos isso, não é? É que, se essas pessoas todas são amigos de Jesus, também são nossas amigas e nós somos amigos delas. Temos amigos em todo o mundo. E a unir-nos a todos está Jesus.

2. Mas não foi sempre assim. No princípio, logo depois de Jesus morrer e ressuscitar, ainda eram poucos. Mas Jesus, como vimos a semana passada, enviou-os a anunciar a Boa Nova do seu grande amor,e foi desde então que o número dos amigos de Jesus começou a crescer.

Querem saber como era o primeiro grupo que se formou? E como é que eles viviam? Isto é, o que é que já faziam para serem amigos de Jesus? Querem saber? (…) É muito importante. Porque naquilo que eles faziam é que mostravam ser amigos de Jesus.

Então, eu vou contar como era esse primeiro grupo. Era formado por pessoas que viviam na terra onde Jesus tinha sido morto e tinha ressuscitado. Chama-se Jerusalém. Foi aí que os primeiros amigos de Jesus começaram a dizer e a anunciar que Ele tinha ressuscitado e que é o maior amigo que Deus alguma vez nos deu.

Então, as pessoas que acreditavam naquilo que eles anunciavam e começavam a ser amigos de Jesus, faziam o seguinte. Ouçam com atenção, porque o que eles faziam é o mesmo que nós devemos fazer, para formarmos um grupo dos amigos de Jesus.

*(O catequista pega na Bíblia, aberta em **Act 2, 42-44** e lê:)*

Todos os que acreditaram em Jesus "eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum".

Querem ouvir outra vez, para verem bem o que o primeiro grupo de amigos de Jesus fazia?...
(O catequista repete, calmamente, a leitura apenas do v. 42).

3. Então, vejamos o que eles faziam. Eram quatro coisas. Quem se lembra da primeira? (…)
Iam sempre ao **"ensino dos Apóstolos"**. Os Apóstolos eram os homens a quem Jesus tinha aparecido depois de ressuscitar.
E, como eles tinham conhecido muito bem Jesus, ensinavam aos novos amigos muitas coisas acerca dele. E os novos amigos gostavam muito de os ouvir. Tanto, que nunca faltavam.

O catequista afixa o cartaz ou gravura correspondente no lado superior esquerdo no quadro/placar, junto do círculo formado pelo dístico "o grupo dos amigos de Jesus" e, na 2ª alternativa, os cartões. Deixa contemplar, dizendo:

Esta era a primeira actividade do primeiro grupo de amigos de Jesus. Será que nós hoje fazemos alguma coisa parecida? Quem é capaz de adivinhar?...
Exactamente: a catequese. Hoje não são os Apóstolos de então a ensinar, porque morreram há muito tempo. Mas houve pessoas que escreveram muito do que eles ensinaram. Sabem em que livro é que isso está escrito? (…) Exacto: aqui na Bíblia *(o catequista aponta)*. Hoje, é sobretudo pela Bíblia que aprendemos a conhecer a Jesus. Quer dizer que, afinal, até são os mesmos Apóstolos de então que nos dão catequese… através dos catequistas. A nós e a todos os outros amigos de Jesus pelo mundo além. Que bonito: os Apóstolos a darem-nos catequese! Com eles estamos muito mais perto de Jesus, não acham?

4. Bom, vamos à segunda actividade do primeiro grupo dos amigos de Jesus. Se calhar já não se lembram, mas eu digo: eram assíduos à **"união fraterna"**. Isto é, viviam tão unidos, tão amigos uns dos outros, que eram como verdadeiros irmãos e irmãs. "Fraterno" quer dizer que eram irmãos. Formavam uma verdadeira família, ajudando-se muito uns aos outros.

O catequista afixa o cartaz correspondente, no lado superior direito do quadro/placar, isto é, à mesma altura do cartaz/ gravura anterior. Deixa contemplar, dizendo:

Será que nós hoje também somos assim tão amigos uns dos outros? (…) Claro que somos. Senão, não éramos amigos de Jesus. Pelo menos neste nosso grupo, somos como irmãos. Até cantámos há pouco uma canção a dizermos isso. Querem cantar outra vez?
*(Pode cantar-se a 1ª ou a 2ª estrofe do **cântico**: **Nós somos amigos**).*

Muito bem. É mesmo bonito nós sermos irmãos e irmãs uns dos outros!

5. Mas, quem é que faz de nós pessoas tão amigas? (…) Já vimos: é Jesus. Mas como? O que é que Ele faz hoje para a nossa amizade?...

É a mesma coisa que acontecia com a terceira actividade do primeiro grupo dos amigos de Jesus. Eu vou lembrar qual foi: eles eram todos assíduos à ***fracção do pão***.

O que é que será isto da *fracção do pão*. Bom, o pão todos sabem o que é. *Fracção* quer dizer que o partiam em pedaços. Para quê? Para o comerem, claro.

Só que não era uma refeição qualquer. Era uma refeição parecida com uma que todos vós já vistes na casa de Deus, na igreja. Também lá está uma mesa, o altar. E, naquele altar, lembram-se de o Sr. Padre pegar num pão pequenino e redondo e partir?

Pois bem, o Sr. Padre está a fazer como Jesus fez na última Ceia, a última refeição que fez com os discípulos, antes de o matarem. De tal maneira que, naquele pão que o Sr. Padre dá na Missa, vai o próprio Jesus. Não sabiam? (…) Um dia haveremos de explicar melhor.

Mas já estão a ver que, nisto, nós estamos a fazer como fazia o primeiro grupo de amigos de Jesus.

O catequista afixa o cartaz correspondente, no lado inferior esquerdo do quadro/placar, alinhado pelo lado superior esquerdo. Deixa contemplar, dizendo:

Cá está: a Missa que já se celebrava então pelo primeiro grupo dos amigos de Jesus. Ainda se lembram como é que eles lhe chamavam? *Fracção do pão*. Ora repitam todos, para que não se esquecerem: *Fracção do pão*.

6. Muito bem. Só falta vermos uma actividade desse primeiro grupo de amigos de Jesus. Eu vou lembrar qual era: «todos eram assíduos às ***orações»***:

(O catequista afixa o respectivo cartaz no lado inferior direito do quadro/placar. Deixa contemplar, dizendo:)

Orações, todos sabem o que é… Exacto: falar com Deus ou com Jesus. E não há dúvida de que todos nós fazemos isso, pelo menos aqui na catequese. Quem reza também fora da catequese? (…).

Muito bem! E até já aprendemos muitas orações. Como nós, todos os verdadeiros amigos de Jesus não podem passar um dia sem falar com Ele ou com Deus, seu Pai. Assim é que mostram que são amigos dele e tornam-se até muito mais amigos. Não é verdade? É o mesmo que acontece entre nós aqui e lá em nossa casa. Nós precisamos de falar com os nossos pais e eles connosco. Então, devemos fazer o mesmo ou ainda mais com o nosso maior amigo, que é Jesus!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. De certeza que muitos de vós estão mesmo com vontade de rezar já a Jesus. Eu estou. Querem fazê-lo comigo?
Então, ponham-se de pé e comecemos pelo sinal da cruz:
Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Agora repitam comigo:
Obrigado, ó Jesus,
Porque nos enviaste os teus discípulos
para nos anunciarem as tuas palavras
e convidarem a pertencer
ao grupo dos teus amigos!

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

Podem sentar-se. Muito bem. Agradecemos a Jesus tudo o que dele aprendemos hoje nesta catequese e nas outras.

2. Vamos olhar outra vez para o quadro e lembrar o que aprendemos. Isto é, o que fazem os amigos de Jesus: o que é? – Vir à catequese, sermos amigos uns dos outros, ir à Missa e rezar!... Tudo isto são coisas que fazemos, para sermos amigos de Jesus e para sermos mais amigos uns dos outros: É a Ele que nós rezamos, é Ele que se recebe na Missa, é d'Ele que nós aprendemos na catequese e é Ele que nos leva a sermos irmãos e irmãs uns dos outros.
Fazemos tudo isto nós por causa d'Ele. Nós e todos os outros amigos de Jesus, de hoje e desde o primeiro grupo. Todos unidos a Jesus!

Sabem que, por causa disso, isto é, pela grande amizade de Jesus, os seus amigos passaram um dia a ter um nome especial, que nós temos ainda hoje? Quem sabe como se chamam os amigos de Jesus?

(Mesmo que as crianças respondam acertadamente, o catequista começa simplesmente por afixar a metade inferior da cartolina redonda, com o dístico ***«CRISTÃOS»*** *ao centro do quadro/placar, isto é, no interior inferior do círculo, rodeado pelas palavras «*O grupo dos amigos de Jesus*». Só depois comenta:)*

Cristãos! Assim é que nós, os amigos de Jesus, nos chamamos. Já sabiam? (…)
Mas, talvez ainda não saibam porquê? Ou há alguém que saiba? (…)

(Seja qual a for a resposta, o catequista começa simplesmente por afixar a outra metade superior da cartolina redonda, esta com o dístico «CRISTO», de modo a completarem-se e a ficarem no centro de tudo. Para indicar isso às crianças, diz-lhes:)

Cá está! Cristão é uma palavra parecida com Cristo.
Cristo é o nome principal que os amigos de Jesus Lhe passaram a dar, depois de Ele ressuscitar. Por isso Lhe chamamos hoje Jesus Cristo. Já sabiam?... Muitas vezes até dizemos apenas Cristo. Por causa deste nome é que nós somos chamados cristãos. Não se esquecem mais?
Então olhemos todos para o quadro! Está lindo não está! Nós e Jesus estamos no centro. Ou melhor: os cristãos e Cristo.
Porque todos aprendemos de Jesus a fazer o que devem fazer todos os cristãos. Como Jesus é nosso amigo, somos amigos uns dos outros.

3. Querem voltar a cantar a canção em que falamos dessa amizade? – Vamos fazê-lo, mas com uma pequena mudança: quando cantamos lá, lá, lá, em vez de dizermos "somos irmãos", dizemos "somos cristãos". Eu vou cantar uma vez para verem como é.
(O catequista canta e ensaia o refrão, com a mudança sugerida)

É que, por sermos cristãos, é que somos irmãos e amigos. Não é verdade?
Pronto! Então agora podemos cantar. Mas, com mais uma coisa: demos as mãos, enquanto cantamos… Muito bem! Podemos começar:
"Nós somos amigos"

(Podem cantar se a 1ª e a 2ª estrofes)

4. Foi mesmo lindo cantarmos como irmãos e como cristãos. Olhem, podem cantar lá em casa esta canção, com os amigos de Jesus, os cristãos que vivem connosco. E podem também mostrar-lhes o que hoje aprendemos aqui, para sermos cristãos. Até porque alguns cristãos podem andar esquecidos de algumas destas coisas. Prometem fazer isso? (…)

Muito bem. Jesus vai ficar contente com isso e os outros cristãos certamente também.

CATEQUESE 27

JÁ SEI REZAR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Fátima e a oração

Fátima é hoje um lugar incontornável no nosso País. São muito poucos os portugueses que já lá não foram, pelo menos uma vez. E não há, provavelmente, algum meio de comunicação social, que não fale do que lá se passa.

Mas, mesmo para além das fronteiras do nosso país. Aumenta constantemente, o número de peregrinos ou, pelo menos, turistas, vindos do estrangeiro. Sobretudo, na sequência das visitas papais, de modo especial, as três de João Paulo II. Isto é, Fátima tem-se tornado cada vez mais naquilo que há muito se diz ser: o altar do mundo.

A expressão é particularmente significativa, porque diz o que Fátima realmente é ou deve ser: um ponto de ligação entre o céu e a terra, que o mesmo é dizer, um lugar por excelência de oração. Basta entrar no recinto para se sentir isso: o convite repetido ao silêncio e ao recolhimento, as celebrações quase permanentes dos sacramentos da Eucaristia e Penitência, a recitação constante do Rosário, a postura orante da maior parte dos peregrinos, tudo isto contribui para um ambiente convidativo a voltar o coração para o alto.

E é exactamente isso que mais gente atrai: a calma e serenidade interior, a força e a coragem recebidas fazem com que as pessoas voltem diferentes, mais em harmonia consigo próprias e com o mundo em que vivem.

Fátima tem de ser isso mesmo, porque foi para isso que nasceu. Quer nas três aparições do Anjo, quer nas seis de Nossa Senhora, o convite foi sempre o mesmo: a oração. O Anjo, mais numa perspectiva trinitária e eucarística. Nossa Senhora, com uma insistência permanente do Rosário. Acabou mesmo por, na última aparição, se identificar com Nossa Senhora do Rosário, o título por que é oficialmente conhecida.

Se é por isso e para isso que cada vez mais pessoas se deslocam a Fátima, então pelo menos uma coisa é certa: o cristão, senão mesmo o ser humano em geral, precisa de oração, tanto ou mais do que o ar que respira. Porquê?

2. Que é a oração

A esta pergunta responde o Catecismo da Igreja Católica, em primeiro lugar, com as seguintes palavras de S. Teresa do Menino Jesus: "Para mim a *oração* é um anelo do coração, um simples olhar do céu, um grito de reconhecimento e de amor no meio da provação como no meio da alegria" (in: Ms. Autor. C 25x).

"Um anelo do coração". De facto, reza quem respira, ou melhor, quem precisa de respirar: de inspirar o sopro vital de Deus, presente sobretudo na palavra que sai da sua boca, e o expirar para o mesmo Deus, para, por Ele, ser renovado e se tornar fonte permanente da vida, aquela vida ilimitada que só Ele tem e pode dar.

Uma respiração por vezes ofegante: só reza bem quem tem a consciência das suas limitações e fragilidades, fraquezas e pecados. Não admira que, em momentos em que são mais fortes tais sentimentos, se reze também com mais frequência e intensidade. Mas, mesmo nessas alturas, o verdadeiro motor e promotor da oração é o próprio Deus, através do seu Espírito. É Ele que "vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis" (Rom 8, 26). Porque faz de nós filhos adoptivos, é por Ele que clamamos: "Abbá, ó Pai! (8, 15; cf Gal 4, 6). Isto é, entramos na intimidade de Deus, tratando-o com o mesmo título de extrema familiaridade com que Jesus a Ele se dirigia, sempre que rezava (cf Mc 14, 36).

Por isso mesmo, sai-nos do "coração", o centro vital, sede de todos os sentimentos, especialmente do amor. E porque se trata assim de um "anelo do coração", na oração está envolvida a pessoa na totalidade do seu ser: a sua inteligência e vontade, a sua alma e o seu corpo. O corpo, sobretudo como veículo para exprimirmos, de um modo mais acentuado, o que nos vai na alma. Nem podia ser de outro modo: se a oração nasce da fé e é mesmo a fé em acção, então nada do nosso ser pode ficar de fora. A Deus entrega-se tudo, porque afinal é dele que tudo se recebe.

Seja qual for a situação em que nos encontramos: tanto na provação ou sofrimento, como no bem-estar ou na alegria. Só varia o modo como nos voltamos para Deus: a dor leva-nos mais à lamentação e à prece, por nós ou pelos outros; se contentes, precisamos sobretudo de agradecer e de louvar.

Sabendo sempre que não estamos sós. Mesmo na oração individual, eu continuo membro do Corpo de Cristo. É que, "se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria" (1Cor 12, 26). Hoje como no passado.

Quanto temos de aprender dos outros: até como se reza!

3. Maria e a oração

Para nós, a Mãe de Jesus é, antes de mais, um modelo de oração.

Pelas vezes que rezava: sempre, desde a Encarnação ao Pentecostes. E pela intensidade com que o fazia: entregando-se totalmente como "escrava do Senhor", pronta a fazer em tudo a sua vontade (Lc 1, 38), e elevando para Ele a alma e o espírito, isto é, todo o seu ser, pelas maravilhas que oferece nela e por ela (cf Lc 1, 46-55).

E, de facto, foi assim, por esta via da oração da fé mais intensa, que Deus a fez Mãe do próprio Filho. Por isso nos podemos dirigir também a ela, quando rezamos. "Jesus, único mediador, é o caminho da nossa oração; Maria, sua Mãe e nossa Mãe, é para Ele toda transparente: Ela «mostra o caminho» (…), é «o sinal» do caminho, segundo a iconografia tradicional do Oriente e do Ocidente" (CIC, 2674).

"Foi a partir desta singular cooperação com a acção do Espírito que as Igrejas desenvolveram a oração à santa Mãe de Deus, centrando-a na pessoa de Cristo manifestada nos seus mistérios. Nos inúmeros hinos e antífonas em que esta oração se exprime, alternam habitualmente dois movimentos: «um magnifica» o Senhor pelas «grandes coisas» que fez pela sua humilde serva e, através d'Ela, por todos os seres humanos; o outro confia à Mãe de Jesus as súplicas e louvores dos filhos de Deus, pois Ela agora conhece a humanidade que n'Ela foi desposada pelo Filho de Deus" (Ibidem, 2675).

É o duplo movimento expresso, respectivamente, na Ave Maria e na Santa Maria (cf Ibidem, 2676-2677), a oração mais repetida no Rosário que "a piedade popular do Ocidente propagou (…) como substituto popular da Liturgia das Horas" (Ibidem, 2678), um oração centrada em Cristo, em cujos mistérios se medita.

Que Maria acompanhe o catequista, particularmente nesta catequese, em que ensina as crianças a rezar… rezando com elas e por elas.

OBJECTIVOS

– Motivar, através das aparições de Nossa Senhora em Fátima, para a importância, o valor e a prática da oração.
– Descobrir em Maria, na sua relação com Deus e seu Filho Jesus Cristo, um modelo de oração.
– Iniciar nalguns gestos de oração e na recitação do Rosário.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta catequese está facilitada pelo facto de tratar de um tema que é posto em prática em cada encontro. O que deve levar, neste encontro, a rezar ainda com mais convicção e concentração.

Parte da oração praticada em Fátima, por ser um lugar incontornável na devoção e prática cristã no nosso País. A proximidade temporal do dia 13 de Maio pode facilitar a compreensão

e o interesse das crianças. Mesmo que elas nunca tenham ido a Fátima, poderão ter visto imagens, por exemplo, através de transmissões televisivas.

O catequista não perca de vista, que o tema é o da oração. A referência a Fátima serve fundamentalmente, para a compreensão do que é rezar, como se deve rezar, o seu valor, importância e lugar na vida do cristão.

As duas alternativas de experiência humana estão pensadas não apenas, nem tanto, para as diferenças no número de crianças do grupo. Nesta catequese, mais importante do que isso é a relação das crianças com Fátima. Na 1ª alternativa, passa-se de Fátima para Nossa Senhora; na segunda, de Nossa Senhora para Fátima. A 1ª alternativa será de preferir para crianças menos familiarizadas com Fátima; a 2ª, para crianças mais familiarizadas.

De resto, todo o texto proposto está pensado para crianças menos familiarizadas, pouco conhecedoras. Por isso, o catequista tem de fazer as devidas adaptações. Sobretudo se se tratar de crianças que, pelo lugar de residência ou por outros motivos, conheçam muito da história e da mensagem das aparições.

MATERIAIS

– Uma imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima de tamanho médio (conforme o número de crianças);
– Um pano para cobrir completamente a imagem, até ao momento indicado no desenvolvimento;
– Quatro imagens sobre Fátima: recinto (se possível, cheio de peregrinos), basílica (antiga); pastorinhos; capelinha das aparições;
– Dísticos: “A minha alma glorifica o Senhor”; “E o meu espírito se alegra em Deus meu salvador”, em cartolina em cores e com recortes, cuja forma corresponde ao tema alegre do dístico;
– Um cartaz/ imagem com o texto da Avé Maria e outro com o texto da Santa Maria;
– Um rosário (ou simplesmente uma dezena) para o catequista e, se possível, para cada criança;
– Leitor de cassetes ou CD’s (se necessário).

MÚSICA

– “Avé de Fátima - A treze de Maio” *(se possível, também gravado)*.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1. *Durante o* ***acolhimento****, o catequista informa-se junto das crianças quais delas realizaram o compromisso assumido no final da catequese anterior: falar a outras pessoas das actividades principais dos cristãos (catequese, união fraterna, eucaristia e oração).*

Procurar realçar a oração, com uma palavra especial para as crianças que a fizeram, mas sem lhes dizer ainda que é o tema da presente catequese.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª Alternativa

Grupo grande

Começa com o ***cântico "Avé de Fátima - A treze de Maio".***

Pode ser escutado de uma gravação ou cantado pelo catequista.

A primeira hipótese tem a vantagem de, depois da 1ª estrofe e do refrão, manter-se em tom baixo, como música de fundo ambiental, até ao final das estrofes.

Seja qual for a opção, o catequista introduz o cântico com as seguintes palavras ou outras:

Hoje vamos começar por escutar um **cântico**, que, provavelmente, já conhecem e de que, se calhar, até gostam muito. É este:

"Avé de Fátima - A treze de Maio…"

Já conheciam. *(Se for o caso:)* Alguns até começaram a cantar.

Sabem-me dizer onde é que este cântico deve ter sido cantado pela primeira vez e onde as pessoas hoje o cantam mais? (…)

Exacto. É em Fátima. Ou melhor: na Cova da Iria que pertence à cidade de Fátima.

Algum de vós já foi a Fátima, ou pelo menos, viu imagens de lá? (…)

(Se for o caso:) E o que é que lá viram? *(Se nenhuma criança conhece, o catequista expõe o seu conhecimento pessoal)*.

Vemos lá um largo muito grande. Com muita gente. Alguns dias, está mesmo cheio de pessoas. *(O catequista afixa, no canto superior esquerdo do quadro/placar, uma imagem do recinto, se possível, cheio de peregrinos e deixa contemplar).*

Depois, há lá uma Igreja, no alto de uma escadaria. As pessoas que lá vão, habitualmente entram nessa igreja. *(O catequista afixa, no canto superior direito do quadro/placar, uma imagem da basílica antiga).*

Olhem: vai lá tanta gente que já nem cabem nesta igreja. Por isso, tiveram de fazer outra do outro lado daquele grande recinto.

Digam-me uma coisa: porque é que há tantas pessoas, muitas vindas até de outros países, que vão a Fátima? O que é que as leva lá? (…)

(Sem comentar as respostas, o catequista descobre a imagem de Nossa Senhora de Fátima que está em cima da mesa e diz:)

Estão a ver? Em Fátima apareceu Nossa Senhora, a Mãe de Jesus, de um modo como mostra esta imagem. É uma imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Por que ela apareceu lá, é que lá vão tantas pessoas.

Alguém sabe contar como foi? Quando é que ela apareceu e a quem? *(Deixar que as crianças se exprimam e completar ou comentar com as seguintes palavras ou outras:)*

Apareceu a três meninos, ou melhor: a duas meninas e um menino. O menino chamavase Francisco e as meninas chamavam-se Jacinta e Lúcia. A Jacinta era a mais nova: tinha sete anos. E a Lúcia, a mais velha, tinha dez anos. O Francisco tinha nove anos.

Eram três meninos que guardavam rebanhos de ovelhas. Eram pastores. Porque eram novitos, chamamos-lhes pastorinhos.

Pois bem, um dia, já lá vão quase 100 anos, quando andavam a pastar os rebanhos nessa terra, a Cova da Iria, onde ainda não havia nenhuma casa, de repente viram um relâmpago. Era cerca do meio-dia e estava um sol lindo. Mesmo assim julgaram que vinha lá uma trovoada com chuva.

Mas, depois de outro relâmpago, viram uma Senhora, vestida de branco e cheia de luz, por cima de uma arvorezita, uma azinheira. Tiveram medo, mas depois aquela Senhora falou com eles e tirou-lhes o medo. Disselhes que era Nossa Senhora, a Mãe de Jesus, que tinha descido do Céu para falar com eles.

Isto passou-se no dia 13 de Maio de 1917, como se canta no cântico que ouviram. Mas, Nossa Senhora prometeu-lhes que lhes haveria de aparecer todos os meses até Outubro. Assim aconteceu: apareceu-lhes seis vezes, quase sempre no dia 13.

A notícia começou a espalhar-se e, quando foi na última aparição, já lá se juntaram muitos milhares de pessoas. Mas só os pastorinhos é que viam Nossa Senhora.

O catequista afixa as imagens dos pastorinhos num canto inferior do quadro/placar, de modo que estejam voltados para a imagem de Nossa Senhora, e no outro uma imagem da capelinha das aparições e depois diz:

Ali está a imagem do Francisco, da Jacinta e da Lúcia e ali a imagem de uma capelinha, isto é, uma igreja pequenina, que Nossa Senhora pediu para construirem lá, precisamente onde estava a azinheira em que ela apareceu.

2ª
Alternativa

Grupo pequeno
Alguns de vós já devem ter perguntado o que será que está ali em cima da mesa, coberto por um pano. O que será? (…)

Depois de breves momentos, para aumentar a curiosidade das crianças o catequista tira o pano que cobre a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Deixa que as crianças a contemplem e depois continua com estas ou outras palavras:

Estão a reconhecer o que é? (…)

Exacto: é uma imagem de Nossa Senhora, a Mãe de Jesus. Mas é uma imagem especial: chama-se de Nossa Senhora do Rosário de Fátima…

E por que é que tem este nome? (…) Porque foi em Fátima que ela apareceu. Ou melhor, num lugar chamado Cova da Iria, que pertence à cidade de Fátima.

Algum de vós já foi a Fátima ou, pelo menos, viu imagens de lá? (…)

Continua como na 1ª alternativa, a partir do ponto do texto em que é feita a mesma pergunta. No momento em que, nessa 1ª alternativa, a imagem é descoberta, nesta 2ª alternativa o catequista limita-se a apontar para a imagem já descoberta.

2. *(Continuação para qualquer das alternativas:)*
Querem saber o que é que Nossa Senhora veio dizer aos pastorinhos? (…)

Foram várias coisas, que provavelmente alguns de vós já conhecem.

Mas, de todas elas, há uma coisa muito importante. Talvez seja mesmo a mais importante.

É uma coisa que mudou muito a vida dos pastorinhos. E é principalmente por causa dessa coisa, pedida por Nossa Senhora, que lá vai tanta gente. O que será? (…)

Posso ainda dizer que é uma coisa muito querida de Nossa Senhora, que ela gostava muito de fazer, quando andava cá na terra.

O que é que Nossa Senhora gostava tanto de fazer e quer que todas as pessoas façam? (…)

(Mesmo que as crianças respondem acertadamente, o catequista aguarda a confirmação para a leitura da Palavra de Deus).

II. PALAVRA

1. Em vez de ser eu a dizer o que era, prefiro que vocês descubram através do livro da Palavra de Deus, a Bíblia.

*(O catequista pega na Bíblia e abre-a em **Lc 1, 46-48**. Depois prepara as crianças para escutarem a leitura, com as seguintes palavras ou outras:)*

Lembram-se ainda daquela vez em que um Anjo apareceu a Nossa Senhora para a convidar a ser Mãe de Jesus? (…) Podem abrir os vossos catecismos lá *(o catequista ajuda a localizar a catequese 9. Depois continua:)*

Pois bem, depois de Nossa Senhora ter aceitado ser Mãe de Jesus, o Filho de Deus, saiu logo da sua terra para visitar uma prima, chamada Isabel. É que ela havia sido informada pelo anjo de que também Isabel, que era muito mais velha, ia ter um filho.

Ora aconteceu que, quando Isabel viu a sua prima, ficou cheia da alegria, por ver que ela ia ser mãe de Jesus, o Filho de Deus. Ficou tão contente que disse a Maria:
Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!"

Já conheciam estas palavras? Elas até fazem parte de uma oração que já aqui aprendemos.

E como é que Nossa Senhora reagiu a estas ou outras palavras de Isabel? Eu vou ler:

"Maria disse, então:
«A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador
porque pôs os olhos na humildade da sua serva.
De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações»".

2. *(Depois de uma brevíssima pausa, o catequista continua:)*
Sabem quem é esta serva de que Nossa Senhora fala aqui?... É ela mesma.

Deus olhou para ela, isto é, escolheu-a para ser Mãe do seu Filho. Por isso é que todas as pessoas, de todos os tempos, até hoje, consideram Maria bem-aventurada, isto é, feliz. Nós também achamos que Nossa Senhora foi muito feliz, não é verdade?

Mas Nossa Senhora, em vez de nos agradecer só a nós, ela agradece em primeiro lugar e antes de tudo, a quem?

A Deus que a escolheu. É o que ela diz no princípio. Eu vou ler outra vez:

«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador».

Maria está a agradecer e a louvar a Deus, de todo o seu coração, isto é, com a sua alma e o seu espírito.
Por outras palavras, Maria está a rezar a Deus. Uma das maneiras de lhe rezar é agradecer-lhe e louvá-lo, dizer bem dele.
São palavras muito lindas, não acham?

Então para a gente não se esquecer delas, vou afixá-las ali no quadro.
(O catequista pousa a Bíblia e afixa, no centro do quadro/placar, os dois dísticos:)

"A minha alma glorifica o Senhor"
"E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador"

(Depois continua:)
Querem repetir comigo esta linda oração da Nossa Senhora?
Então digam depois de mim:

"A minha alma glorifica o Senhor
e meu espírito se alegra
em Deus, meu Salvador".

3. Muito bem. Estou muito contente convosco, e Nossa Senhora, de certeza, também. Sabem porquê? Porque acabámos todos de fazer aquela coisa de que ela gostava tanto de fazer: rezar.
Estivemos mesmo a rezar, e, ainda por cima, com as mesmas palavras com que Nossa Senhora rezou.

Pois bem: foi, precisamente isso que ela pediu aos pastorinhos de Fátima para eles fazerem. Eles e todas as pessoas.

Porque rezar, isto é, falar com Deus ou com o Seu Filho Jesus, é uma coisa que faz muito bem às pessoas: faz-nos melhores, mais amigos de Deus e uns dos outros. É parecido com o que acontece, por exemplo, quando falamos com os nossos pais: eles ficam a conhecer-nos melhor, a ser mais nossos amigos; e nós, a falar com eles e a ouvi-los, aprendemos a fazer as coisas boas que nos pedem para fazer e, muitas vezes, dão-nos coragem para isso. Se isso acontece com os nossos pais, quanto mais com Deus e com Jesus.

Foi o que aconteceu com os pastorinhos de Fátima: Depois de ouvirem as recomendações de Nossa Senhora para rezarem muito, começaram logo a fazê-lo muito mais. Às vezes, o Francisco até se afastava dos outros, por exemplo, para uma Igreja, para poder rezar mais e com mais atenção. E isso fazia-lhes muito bem: passaram a ser muito mais amigos uns dos outros e de toda a gente. Como Nossa Senhora. Também ela, como vimos, rezava muito e bem.

4. Já repararam bem na imagem dela? Não parece mesmo que está a rezar? Olhem por exemplo, para as mãos dela… Como é que estão? (…)

   Estão juntinhas e voltadas para onde? – Estão erguidas para cima, para o Céu, não estão? Parece que formam uma seta a apontar para Deus.

   Com as mãos assim, está a querer dizer que devemos rezar, voltando os olhos do nosso coração, para Deus. E as nossas mãos assim, erguidas para cima, podem ajudar-nos. Pelo menos, lembram-nos como devemos rezar.

   Querem experimentar a rezar assim?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Então, proponho que hoje rezemos uma oração a Nossa Senhora. É uma oração que (alguns de) vós já conheceis. Aprendemo-la, pelo menos uma parte, naquela catequese em que falámos da Mãe de Jesus. Mas eu, para a gente poder rezá-la melhor, vou afixá--la ali no quadro.

   O catequista afixa, do lado esquerdo dos dois dísticos anteriores, o texto da Avé Maria, e, do lado direito, o texto da Santa Maria. Depois ajuda as crianças a lê-lo, uma ou duas vezes, até elas quase o saberem de cor. Em seguida, convida-as à oração:

   Pronto. Já estamos em condições de rezar as duas partes da oração. Vamos fazê-lo de mãos erguidas, assim *(o catequista exemplifica).*
   Mas antes e depois, vamos benzer-nos.
   Então ponham-se de pé… Olhemos todos para a imagem de Nossa Senhora e digamos:

   "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo
   Avé Maria…
   Santa Maria…
   Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ámen"

2. Sabem por que sugeri que rezássemos esta oração? Primeiro por ser muito antiga: a primeira parte foi feita pelo Anjo que apareceu a Maria e pela sua prima Isabel. Depois, porque é a oração mais rezada em Fátima. Foi Nossa Senhora que pediu. E os pastorinhos rezavam-na muitas vezes.
   As pessoas até se servem de uma espécie de cordão para rezarem muitas vezes a Avé Maria e a Santa Maria. É isto. *(O catequista mostra um rosário e, se for possível, distribui um ou uma dezena por cada criança).*

   Habitualmente, chamamos-lhe terço. Mas também tem o nome de rosário, por ser parecido com um cordão de rosas. E há quem lhe chame "as contas". Porque, por meio dele,

podemos “contar” quantas vezes rezamos a Avé Maria e Santa Maria. É uma bolinha para cada Avé Maria e Santa Maria. Se o rezarmos todo, são 50 vezes. Estão divididos em grupos de dez, porque, entre cada dez, rezamos outras orações e às vezes cantamos.

Há alguém de vós que já o tenha rezado?... Todo inteiro? E é bonito, não é? Estarmos a dizer tantas vezes Avé Maria, Santa Maria! É como estarmos a dizer a uma pessoa muitas vezes: eu gosto de ti. E de Nossa Senhora todos gostamos.

No fim, aqui nesta ponta *(o catequista mostra)* está um crucifixo, isto é, Jesus na cruz. Sabem porquê? (…)

É que, quando estamos a rezar a Maria, estamos também a rezar a seu Filho Jesus e a Deus Seu Pai. Pelo menos pensamos neles. Senão reparem bem nas palavras desta oração: na Avé Maria falamos de Jesus *(o catequista aponta no texto afixado)*; e na Santa Maria, dizemos que ela é Mãe de Deus, por ela estar muito unida a Deus, por meio do seu Filho Jesus.

Por isso vem aqui no fim o crucifixo, com Jesus na cruz.

3. *Se houver tempo, o catequista pode convidar as crianças a rezarem um mistério ou, pelo menos, três vezes a Avé Maria. Podem fazê-lo em dois coros: o da esquerda reza a Avé Maria e o da direita a Santa Maria. Pode também cantar-se no princípio e/ ou no fim o Avé de Fátima, com a estrofe que fala da oração.*

Se não houver tempo, o catequista, pelo menos, convide as crianças a rezarem-no em casa, se possível, com os pais e/ou outros familiares.

Pode, seja qual for a opção, terminar-se o encontro com o cântico “Avé de Fátima”.

CATEQUESE 28

APRENDO A AGRADECER

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A gratidão nas relações humanas

O mais tardar, logo que uma criança é capaz de falar, uma das primeiras coisas que os pais habitualmente têm a preocupação de lhe ensinar, é ser agradecida e agradecer. Com razão: a gratidão alimenta as relações humanas na sua componente mais vivificante. É resposta de amor a um gesto ou expressão de amor e, como tal, contribui para mais amor, mais vida, já que esta só é possível numa sadia relação social. A confirmar isso, repare-se como se sentem chocadas as pessoas que são vítimas das ingratidões.

Por isso, são muitas as formas de agradecer: palavras que se dizem ou escrevem; gestos que podem ir do beijo ao abraço, do aperto de mãos a um simples sorriso ou inclinação; objectos que se oferecem, como prendas ou presentes, etc..

A variedade já é um sinal de que no agradecimento entra a pessoa toda. E é bom que a pessoa a quem se agradece se aperceba disso. De contrário, o gesto ou a palavra fica vazia de sentido e pode até ser tão cínico. O que acaba por ser mais destrutivo do que se não fosse expresso.

Sinal do sentido profundo de gratidão é ainda o modo variado como é expressa nas diversas línguas. O inglês *thank* e o alemão *danken* têm a ver respectivamente com *think* ou *denken,* que significam *pensar*: a pessoa a quem se agradece está, pelo que disse ou fez, no *pensamento* da pessoa agradecida. Pelo francês *merci*, proveniente do latim *mercês,* reconhece-se que o bem recebido merece recompensa. Com o espanhol *gracias* e o italiano *grazie*, oriundo do latim *gratias*, foca-se a gratuidade do dom recebido. O português *obrigado*, provem do latim *ob-ligatus* e exprime a *ligação*, obtida por livre sujeição ao *peso* do dom recebido e da pessoa que o oferece.

Estes diferentes significados são complementares e entram também na relação do homem com Deus. Aí com particular intensidade.

2. «Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom» …

É com este convite que começa o Salmo 136, tal como, no original hebraico, os Salmos 106, 107 e 118. Todos eles são, por isso mesmo, classificados como salmos da acção de graças. Uma atitude, de resto, expressa em muitos outros salmos. Alguns deles até começam por lamentações ou preces, mas terminam no louvor e na acção de graças.

O que significa, para já, que é um dos modos de rezar mais repetido e ajustado ao Autor e Senhor da vida, o Deus cujo ser consiste em estar com os seus, isto é, que vive na medida em que comunica a vida que tem (cf Ex 3, 14). A um Deus assim, todo o crente se sente *ob-ligado* pela *obediência* da fé, que se exprime pela oferta de si próprio, tantas vezes expressa ou acompanhada por palavras e gestos.

Os motivos variam, como variados são os dons recebidos e as situações em que se recebem. "Como na oração da petição, qualquer acontecimento e qualquer necessidade podem transformar-se em oferenda de acção de graças" (CIC 2638).

No Sl 136, o motivo são as intervenções de Deus, primeiro na criação do mundo (v.4-9) e depois na libertação do seu povo da escravidão do Egipto e sua condução para a terra prometida (v.10-22). Em tudo isto se manifesta a bondade do Senhor, que os crentes repetidamente, à maneira de ladainha, reconhecem e proclamam, como expressão da sua gratidão.

Jesus, como bom judeu, uniu-se a esta oração do seu povo: nomeadamente na recitação dos Salmos durante a liturgia na sinagoga e no templo e na celebração da ceia pascal. Esta ceia era envolvida pelo chamado grande *Hallel*: um conjunto de Salmos que começa com o Sl 111, um hino de louvor, e termina com o 118, uma acção de graças.

De resto, as "duas orações mais explícitas" que os evangelistas retiveram de Cristo, "ambas começam por uma acção de graças": Mt 11, 25-27 par e Jo 11, 41-42. Esta é seguida pela prece relativa à ressurreição de Lázaro. "Assim, apoiada na acção de graças, a oração de Jesus revela-nos como devemos pedir: Antes de lhe ser dado o que pede, Jesus adere Àquele que dá e Se dá nos seus dons. Aquele que dá vale mais que o seu dom. Ele é o «tesouro» e é n'Ele que está o coração do Filho: o dom é dado «por acréscimo»" (CIC 2603-2604).

A prática de Jesus é seguida pelos cristãos. "As cartas de S. Paulo muitas vezes começam e acabam por uma acção de graças, e nela o Senhor Jesus está sempre presente: «Dai graças em todas as circunstâncias, pois é esta a vontade de Deus, em Cristo Jesus, a vosso respeito» (1 Tes 5, 18); «perseverai na oração: sede, por meio dela, vigilantes em acções de graças» (Col 4, 2)" (CIC 2638).

Há uma celebração em que esta acção de graças é mais rica e intensa e, por isso, particularmente vivificante: a Eucaristia.

3. A Eucaristia na vida da Igreja

É significativo que, entre os vários nomes dados ao maior de todos os sacramentos ao longo da história do cristianismo (cf CIC 1328-1332), um dos que mais prevalecem seja o da Eucaristia. Um termo de origem grega que significa, à letra, *boa acção de graças*.

Foi, envolto no louvor e na acção de graças da Última Ceia, que Jesus instituiu e fundou o sacramento da Eucaristia (cf Mc 14, 22-26; Mt 26,26-30). É por Ele que a comunidade crente melhor responde à maior graça que Deus alguma vez concedeu aos homens: a da morte e ressurreição do seu Filho, cujo memorial actualizante é feito a seguir à grande acção de graças com que inicia a segunda parte da missa.

Esta é uma das razões que levou João Paulo II a escrever, como titulo de uma Encíclica, publicada em 2004: *A Igreja vive da Eucaristia*. Palavras que Bento XVI, na Exortação Apostólica pós-sinonal *Sacramento da Caridade,* retoma e comenta: "A Eucaristia é Cristo que se dá a nós, edificando-nos continuamente como seu Corpo. A possibilidade que a Igreja tem de «fazer» a Eucaristia está radicada totalmente na doação que Jesus faz de si mesmo" (SC 14).

E, na medida em que a Igreja vive daquele que por ela sacramentalmente se dá no sacrifício eucarístico, aumentam as razões para a acção de graças, isto é, para cantar com crescente intensidade: "Dai graças a Senhor, porque Ele é bom, porque é eterna a sua bondade".

Repare-se na forma imperativa como a acção de graças aqui é feita: será tanto mais intensa quantos mais forem os que aceitam o convite que lhes é feito e se tornam, por sua vez, agentes de convite, num crescimento em quantidade e qualidade que assim se aproxima da dimensão eterna daquele cuja bondade se agradece.

O catequista é um dos elos nesta cadeia. Dá graças ao Deus da bondade eterna, na medida em que convida outros a juntarem-se ao seu convite: as crianças que, por sua vez, lançam o mesmo convite àqueles de quem vivem, ou melhor, àqueles que Deus lhes vai concedendo para poderem viver… nomeadamente a partir da celebração eucarística em que participam, também pela acção de graças.

OBJECTIVOS

- Descobrir que agradecer é um acto de resposta ao amor e seu elemento constitutivo.
- Pôr em prática, por palavras e gestos, a gratidão para com Jesus e, por Ele, para com Deus.
- Despertar a criança para compreender a Eucaristia e nela participar, como momento máximo de acção de graças dos cristãos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tal como na catequese anterior, o melhor meio para expôr o tema desta é o da prática: aprende-se a agradecer, sobretudo agradecendo. Daí que já a experiência humana culmine com um acto e um gesto de acção de graças.

As duas alternativas propostas distinguem-se não tanto pelo número de crianças, como sobretudo pela sua situação familiar.

Assim, a primeira pressupõe um bom relacionamento entre as crianças e as suas mães. A relativa proximidade temporal do dia da mãe ajuda a evocar esse relacionamento. Para que haja verdadeiramente surpresa na apresentação das prendas oferecidas às mães, convém que o catequista recorra a elas, sem conhecimento dos respectivos filhos. Deverá mesmo pedir às mães que nada lhes digam.

Se houver dificuldade em encontrar mães que (ainda) conservem as prendas oferecidas pelos filhos, o catequista pode recorrer ao seu caso pessoal, como mãe ou como filho/a. Pode ainda socorrer-se de objectos que poderiam ser oferecidos no dia da mãe. Nestes casos, tem de adaptar a exposição proposta no desenvolvimento da catequese. O importante é que as crianças se apercebam de que a gratidão é fundamental na educação e na vida de cada pessoa.

Tanto nesta primeira alternativa como na segunda, tudo se orienta para Jesus: como destinatário e modelo de acção de graças; ou melhor, destinatário enquanto modelo.

O destinatário último é Deus. É para Ele que as crianças, como todos os cristãos, devem dirigir toda a sua gratidão. Neste caso, Jesus aparece como mediador da acção de graças, por Ele ter sido e ser o maior mediador das graças concedidas por Deus.

A alusão à Eucaristia, como acção de graças por excelência da Igreja, é feita inicialmente de um modo indirecto: transpondo para a sala e para o encontro de catequese alguns dos elementos constitutivos da celebração realizada nos lugares de culto. Procura-se, deste modo, iniciar as crianças no significado e na importância da Eucaristia, como motivação para nela participarem.

A catequese culmina com uma oração e um gesto de gratidão dirigida a Deus em que todos participam: as crianças e catequistas em união com Cristo e com todas as pessoas a quem os participantes estão ligados por laços de amor e gratidão. Agradece-se a essas pessoas, agradecendo a Deus por elas e com elas.

Daí que, no final, as crianças sejam convidadas a transmitirem-lhes a experiência vivida, para as levar, na prática, à mesma atitude de acção de graças.

MATERIAIS

– Prendas oferecidas por duas ou três crianças do grupo às respectivas mães no último dia da mãe (1ª alternativa da experiência humana);
– Cartolinas do tamanho máximo de A/5, uma para cada criança;
– Material para nelas se desenhar e ornamentar, suficiente para todas as crianças;
– Dois castiçais (ou, ao menos um), se possível dos usados na celebração da Eucaristia numa das igrejas frequentadas pelas crianças;

– Um cartaz com a imagem frontal de Cristo em atitude de louvor a Deus e de convite ao mesmo louvor;
– Dísticos: «Dai graças ao Senhor» *e* «porque é eterna a sua bondade»;
– Alfinetes ou outro meio para afixar as cartolinas desenhadas pelas crianças.

MÚSICAS
– "Obrigado Jesus, porque és meu amigo";
– "Dai graças ao Senhor".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1.

1ª Alternativa

Grupo grande
O catequista vai mostrando uma, duas ou três (no máximo) prendas que outras tantas crianças do grupo tenham oferecido às suas mães no dia da mãe, e, para cada prenda, vai perguntando:

Quem de vós já conhecia este/a *(dizer o nome do objecto)*?
E este/a *(nome do objecto)?* E este/a *(nome do objecto)?*

Se as crianças respectivas não reconhecerem imediatamente os objectos como oferecidos por si próprias, o catequista chame por elas. Depois de se identificarem, pode chamá-las para junto de si, para que as outras crianças as vejam melhor e para poder mais facilmente dialogar com elas:
Então digam-nos lá por que é que reconheceram estes objectos. Quer dizer que já passaram pelas vossas mãos. Expliquem aos vossos colegas que objectos são estes e o que é que vós fizestes com eles.

O catequista pode mesmo colocar nas mãos das crianças as respectivas prendas. Depois de todas elas se explicarem, o catequista agradece-lhes o contributo que deram, podendo exprimir a sua gratidão com um beijo ou outro gesto adequado. Depois de as mandar para os seus lugares, continua:
Não pensem que eu fui tirar estas prendas às mães do/a *(nome das crianças)*. Não. Apenas as fui pedir emprestadas, para esta catequese. Depois volto a entregá-las.

Trouxe estas para aqui, para ver se vós ainda vos lembrais do que oferecestes às mães no dia da mãe. Quem se lembra?

Deixar que as crianças se exprimam, evitando que caiam em pormenores, para não prolongar demasiado. Se o grupo for muito grande, não se podem ouvir todas as crianças. Neste caso, o catequista explica-lhes as razões, e não se esqueça de ir agradecendo a cada criança o respectivo testemunho. No final, e depois de recolher as prendas expostas, continua:

As prendas que oferecestes às vossas mães foram para quê?
O que é que vós, com elas, quisestes mostrar às vossas mães? (…)
(O catequista orienta as respostas para o seguinte:)

O que vós oferecestes às vossas mães foi um sinal da vossa gratidão, não foi? Vós quisestes mostrar-lhes que lhes estais agradecidos por tantas coisas boas que elas vos dão. E, possivelmente, até lhes dissestes ou escrevestes algumas palavras a agradecer. Quem disse e/ou escreveu? (…)
E quem fez um gesto a agradecer? Um beijo, um abraço? (…)

Muito bem. Vós sois mesmo maravilhosos. Fazeis uma coisa que todas as pessoas bem-educadas devem fazer, quando recebem alguma coisa: Agradecer! Estou convencido de que assim as vossas mães ficaram muito contentes convosco: com a prenda e por vos terdes mostrado tão bem educados, agradecidos.

E estou a ver outra coisa: tendes mães muito boas. Dão-vos tantas coisas, fazem-vos tanto bem, educaram-vos tão bem.
Mas digam-me uma coisa: de quem é que as vossas mães terão aprendido a serem tão boas? Quem as ensina e lhes dá força para isso? (…)

(Orientar as respostas no seguinte sentido:)
Para mim, como mãe (ou filho/a) é Jesus. Dele é que eu aprendo mais a ser boa, amiga, bem educada, agradecida. E estou convencida de que se passa o mesmo com muitas outras mães. Sobretudo as que mandam os filhos à catequese, vão com eles à missa, rezam e ensinam a rezar: para pedirem a Jesus para serem melhores e para lhes agradecer. Que bom haver tantas mães assim!

Mas isto quer dizer que devemos agradecer também a Jesus por tão boas mães que nos dá, não acham?
E olhem: se agradecermos a Jesus por isso, as mães ainda ficam mais contentes connosco. Querem agradecer a Jesus? (…)
Para ser melhor, até vamos agradecer a cantar. É assim:
Obrigado, Jesus, porque és meu amigo!

Depois de cantarem uma vez o refrão, o catequista propõe que, a seguir, o repitam com os seguintes gestos: "obrigado", com os braços abertos e erguidos para o alto; "porque és meu amigo", com os braços cruzados no peito; "porque gosta de mim", com as mãos sobrepostas no coração.

Mas, além das mães, temos muitos outros amigos: muitas outras pessoas que nos ensinam, ajudam, fazem bem. Também para essas pessoas devemos ser agradecido; e agradecer a Jesus por nos dar tantas pessoas boas.
Querem pensar um bocadinho nessas pessoas? E até podem desenhá-las numa folha de papel. Estão de acordo?

Muito bem. Então cada um de vós vai desenhar, na folha que eu vou distribuir, as pessoas que são amigas de cada um.

Depois, se tiverem tempo, podem enfeitar a folha, por exemplo com flores, corações. É um sinal de que lhes estão agradecidos.

E, no fim, não se esqueçam de escrever o vosso nome.

(O catequista distribui por cada criança uma cartolina. Dá-lhes cinco minutos para o trabalho).

2ª
Alternativa

Grupo pequeno
Há uma canção que eu gostava muito de cantar hoje convosco. *(se for o caso:)* É um cântico que nós até já conhecemos e cantámos aqui.
Por isso, eu sei que também vós gostais dele. É este:
Obrigado, Jesus, porque és meu amigo!

(Depois de cantar duas vezes, só o refrão, com as crianças, o catequista continua:)
É um cântico lindo, não é? E ainda vão gostar mais dele, depois de saberem por que é que nós o cantamos. Por que será? (…)

Pensem bem nas palavras que cantamos: "Obrigado, Jesus, porque és meu amigo! Obrigado, Jesus, porque gostas de mim!"

Além da palavra Jesus, há uma outra que dizemos duas vezes.

Qual é? (…)

Exacto! É a palavra *obrigado*. Com este cântico, dizemos duas vezes obrigado a Jesus: por ele ser amigo e gostar de cada um de nós.

Ele é mesmo o nosso maior amigo. Por isso lhe agradecemos, como pessoas bem-educadas.

Mas, como é que Ele mostra que é nosso amigo? O que é que Ele faz por nós para lhe agradecermos? Quem sabe?

Deixar que as crianças respondam. Se necessário, podem socorrer-se do catecismo. Mas não prolongar. Bastam alguns motivos de gratidão, a manifestar pela repetição do cântico:

Então cantemos outra vez, mas agora também com gestos. *(O catequista exemplifica: "Obrigado, Jesus" com os braços abertos e elevados para o alto; "porque és meu amigo" com os braços cruzados no peito: "porque gostas de mim" com as mãos sobrepostas sobre coração*).

Por todas as coisas que Jesus nos fez e vós dissestes, cantemos:
Obrigado, Jesus, porque és meu amigo!

Depois de repetirem uma vez o refrão, o catequista continua:

Mas se nós agradecemos a Jesus por essas coisas boas, é porque temos pessoas que nos ensinam a conhecer Jesus e a gostar dele: falam-nos dele; ajudam-nos a encontrar-nos com Ele, na catequese e na Igreja; ensinam-nos a rezar e rezam connosco.

E há muitas outras pessoas que, mesmo que não falem tanto de Jesus, dão-nos coisas boas, fazem-nos bem, ajudam-nos a crescer, ensinam-nos a ser bem-educados. Pessoas a quem nós devemos ser também agradecidos.

Querem pensar um bocadinho nessas pessoas e agradecer a Jesus por nós as termos? (…) Então vamos fazer assim: vão desenhar essas pessoas amigas numa folha de papel que eu vou dar a cada um.

Depois podem enfeitar o desenho, por exemplo, com flores, corações, beijinhos… Para mostrar que lhes estamos agradecidos.

E, no fim, escrevam o vosso nome.
(O catequista distribui as cartolinas e dá cerca de cinco minutos para o trabalho).

2. *(Continuação para qualquer das alternativas:)*

Enquanto as crianças desenham, o catequista prepara a mesa de modo a tornar-se o mais semelhante possível ao altar de uma Igreja: a Bíblia ao centro; em cima de uma almofada ou estante, dois castiçais, um de cada lado da mesa (ou apenas de um lado) com as velas acesas; um cartaz grande com a figura de Cristo de braços abertos para o alto (ou um crucifixo) afixado no centro do quadro/placar por detrás da mesa. No final do trabalho das crianças, introduz a oferta com estas ou outras palavras:

Algum de vós quer dizer as pessoas que desenhou?
(Deixar que as crianças se pronunciem, mas não prolongar).

Muito bem. É pena que nem todos possam dizer. Mas, o mais importante não é dizerem a mim e aos outros. O mais importante é mostrarem a Jesus. Foi para Ele que vós desenhastes: para lhe agradecer pelo amor que Ele nos tem, ao dar-nos essas pessoas. Vamos então agradecer-lhe?

3. Mas, antes disso, olhem bem ali para a nossa mesa!... Está linda, não está?
Não vos lembra uma mesa que encontramos noutro lugar?
Quem sabe dizer que lugar é esse e de que mesa se trata lá?...
Exacto: é a nossa igreja, e àquela mesa que lá está chamamos-lhe altar. A nossa mesa da catequese parece mesmo um altar: com o livro da Palavra de Deus que fala de Jesus; com as duas velas acesas e a figura de Jesus bem ao meio!
É a Ele, representado naquela figura, que nós vamos agradecer pelas pessoas amigas que cada um de vós desenhou.

4. Vamos fazer assim: primeiro, levantamos o papel com o desenho das pessoas amigas, como quem está a oferecê-las a Jesus.
(O catequista exemplifica: com as mãos abertas, de palmas para cima, e os braços estendidos à altura do peito).

Ao mesmo tempo, cantamos a Jesus o nosso cântico de agradecimento. Depois de cantarmos uma vez, cada um de vós, em fila, aproxima-se da mesa que lembra o altar e coloca de um lado ou do outro da Bíblia a folha que desenhou. Assim estamos a oferecer a Jesus essas pessoas, em sinal da nossa gratidão: oferecemos-lhe aquelas pessoas que mais gostam de nós e de quem nós mais gostamos. E vamos sempre cantando **Obrigado Jesus, porque és meu amigo**!

Se o grupo for grande, podem formar-se duas filas. Quando todas as crianças tiverem feito a sua oferta, pode cantar-se o refrão do cântico, pela última vez, com gestos. Podem, pelo meio, cantar-se algumas estrofes.

II. PALAVRA

1. Gostaram? Eu também gostei. Foi muito lindo! Oferecemos os nossos amigos ao nosso maior amigo!
E olhem: de certeza que Ele, Jesus, também gostou. Primeiro, porque lhe mostrámos que somos bem-educados, ao agradecermos. E depois, porque fizemos o mesmo que Ele fazia. Sim, Jesus era muito agradecido: a Nossa Senhora e a S. José, aos colegas, aos amigos…

E era agradecido ainda a uma outra pessoa, muito importante. Sabem quem é? (…) *(No caso de ser a figura do quadro/placar:)* Olhem bem para a figura dele, que adivinham já a quem é que Ele mais agradecia… Quem seria?...

Exacto! Era a Deus, seu Pai que está nos céus!
De certeza que o fazia todos os dias, em casa e fora de casa.
Ele rezou muito ao Pai do Céu e, muitíssimas vezes, para lhe agradecer. Por isso Ele era tão bom, fazia tanto bem.
Era o Espírito Santo que estava n'Ele que o fazia ser tão bom.

Mas havia uns dias em que agradecia mais ao Pai do Céu e, juntamente com outras pessoas. Era naquele dia da semana em que as pessoas da sua terra e os seus amigos iam à casa de Deus, à casa de oração. Como nós hoje fazemos ao domingo e em outros dias de festa em que vamos à igreja e à missa.
E já no tempo de Jesus havia umas orações que todas as pessoas rezavam, quando, nesses dias de festa, iam à casa de Deus. Muitas dessas orações eram mesmo para agradecer.
Querem ouvir um pedacinho de uma dessas orações de agradecimento que Jesus rezava?...
Então eu vou ler. Vem aqui no livro da Palavra de Deus.
*(O catequista abre a Bíblia no **Sl 136, 1** e lê-o, na seguinte tradução, usada na liturgia:)*

Então ouçam:
"Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom,
porque é eterna a sua bondade!"

(O catequista, depois de uma brevíssima pausa, repete, mas voltado para as crianças, como a fazer-lhes o convite para a acção de graças).

2. Isto é só o princípio da oração de agradecimento. Depois diz-se as coisas boas em que Deus, o Senhor, manifesta a sua bondade. E nunca, nunca deixa de ser bom. É isso que quer dizer a palavra *eterna*. Foi sempre bom e é bom para sempre. Por tudo isso é que Jesus dava graças ao Senhor, isto é, a Deus, seu Pai e nosso Pai!...

(O catequista pousa a Bíblia no seu lugar e afixa, na parte superior, acima da figura de Jesus, o dístico:)
«Dai graças ao Senhor,
porque é eterna a sua bondade!»

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Já repararam que parece mesmo que Jesus está a dizer aquelas palavras de agradecimento. Com os braços levantados para o Céu, parece que está a dizer: "Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque é eterna a sua bondade!"

E se nós fossemos dizer o mesmo com Ele? Até porque, se calhar, vós já tínheis ouvido esta oração. Quem já a conhecia? (…)
Os meninos e as meninas que vão à igreja, à Missa, provavelmente já a tinham ouvido. É que as pessoas que lá vão, às vezes rezam-na. Ou melhor: até a cantam. Muitas cantam com esta música:
(o catequista, ou outra pessoa no seu lugar, canta uma vez:)
Dai graças ao Senhor…

Já tinham ouvido?... Mas (ou, e) querem aprender?
(O catequista ensaia e, depois das crianças saberem a melodia, convida-as à oração:)

Então agora já podemos cantar com Jesus; ou melhor, é Jesus que vai cantar por meio de nós: porque Ele está no nosso coração e Ele é que nos leva a agradecer a Deus.
Então cantemos, em união com Jesus, levantando também as nossas mãos para cima, para Deus, o Senhor.
Para isso, ponham-se de pé.
Dai graças ao Senhor…

(Depois de cantarem uma vez, o catequista continua:)

2. Estou a pensar numa coisa: se nós estamos a agradecer a Deus, cantando unidos a Jesus, podíamos pôr-nos ainda mais perto dele. Querem saber como?
Eu explico: podemos afixar os nossos desenhos junto da imagem de Jesus e, ao mesmo tempo, cantar a Deus como Ele fazia. Acham bem?...

(*Um ou, de preferência, dois catequistas vão pegando sucessivamente em cada cartolina das crianças, dizem o nome da criança que a desenhou, podem mostrá-la às outras e vão-nas afixando no quadro/placar em volta da imagem. Em pequenos intervalos, conforme o número de crianças, convidam as outras a cantar, de braços levantados, dizendo:)*
Por estes amigos de *(nome das crianças autoras)*, com Jesus, demos graças ao Senhor cantando:
Dai graças ao Senhor…

3. *(Depois de todos os desenhos afixados, o catequista diz:)*
Que lindo! Não acham? Todos nós, com os nossos amigos em volta de Jesus, a agradecermos ao Senhor, nosso Deus e nosso Pai!

Vós estais contentes? Eu estou e Jesus também. Estamos a fazer o que Ele fez e faz connosco.

Assim estamos muito mais unidos a Deus, a Jesus e ao Espírito Santo que Ele põe no nosso coração. Estou mesmo com vontade de os louvar e lhes agradecer: ao Pai, ao

Filho e ao Espírito Santo. Sei uma oração muito bonita para o fazermos. Querem conhecê-la? É assim:
"Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio agora e sempre. Amen".

(Repetir, até as crianças a saberem. O catequista pode, para isso, socorrer-se do catecismo. Depois de a saberem, convida-as a rezá-la. Se houver tempo, pode explicar que a primeira parte pode ser recitada, inclinando a cabeça, em sinal de respeito. Para isso, convém que exemplifique).

Então vamos rezar esta oração de louvor, como a aprendemos. Comecemos pelo sinal da cruz:

"Em nome do Pai...
Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio agora e sempre. Amen".

O Glória pode ser recitado mais de uma vez e em 2 coros, ou com o catequista a dizer a primeira parte e as crianças a segunda. No final voltam a benzer-se. Antes de despedir as crianças, o catequista diz-lhes:

4. Não se esqueceram do cântico de agradecimento que cantámos com Jesus? (…) Então podem cantá-lo lá em vossa casa e convidar os vossos pais (e irmãos) a cantar convosco. Assim, são mais pessoas a agradecer a Deus. Podem, por exemplo, cantá-la antes (e depois) da refeição. E podem também rezar o "Glória ao Pai" com os vossos pais.
Está bem?

E não se esqueçam de mais uma coisa: para serem muito mais agradecidos a Jesus e a Deus, o melhor lugar é na nossa igreja e na missa, com tanta gente a agradecer connosco! Digam isso aos vossos pais.

Eu lá estarei! E que bom será se vos lá encontrar!

(O catequista recolhe o material desta catequese, particularmente as cartolinas desenhadas pelas crianças e conserve-as até à catequese 30, em que serão de novo necessárias).

CATEQUESE 29

JESUS ESTÁ SEMPRE CONNOSCO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Os discípulos que "duvidavam" (Mt 28,17)**

   É muito possível que, nesta altura do ano, haja catequistas que se sintam cansados: por uma prolongada falta de repouso; por experiências menos positivas na realização da sua missão, que se foram acumulando ao longo do ano: crianças irrequietas e/ou desinteressadas; pais e outros familiares que não colaboram; falta de apoio da comunidade cristã e seus principais responsáveis…

   Motivos, infelizmente, não faltam. E, nestas condições, facilmente se pode passar do cansaço ao desinteresse e até ao desânimo.

   Para quê tanto esforço sem resultado? Mais: onde está o Deus Omnipotente, cujo poder se manifestou de modo único na ressurreição do seu Filho, se aqueles que nele acreditam não O sentem? Mais ainda: se essa ausência se nota precisamente na missão em que procuram pôr em prática a sua fé e, em muitos casos, se deve mesmo a essa prática? Se isso é fonte de incompreensão, críticas destrutivas e até mesmo rejeições e perseguições?

   Estas questões não são exclusivas dos catequistas, nem de outros cristãos de hoje.

   Apareceram em toda a história da Igreja, a começar pelos tempos em que se formou e se escreveu a Bíblia, que documenta o seu início e está na base da sua existência.

   Um dos exemplos é o de Mt 28, 16-20, um dos textos em que se expõe a transição do tempo de Jesus para o da Igreja. Já então os discípulos "duvidavam", os mesmos que, pela adoração, reconheciam o Ressuscitado e a Ele se entregavam.

   O que significa que, afinal, a dúvida sempre acompanhou a fé. Mais: a dúvida deve-se à fé, no sentido acima exposto. Veja-se o que aconteceu com Pedro em Mt 14, 25-33: se ele, confiado na palavra de Jesus, não se tivesse lançado ao mar, não teria corrido perigo de se afundar.

O vento contrário que então se levantou é o mesmo que, em inúmeras situações, de várias proveniências, tem soprado até aos nossos dias.

Mas, se a adesão de fé é ocasião e até motivo de dúvidas, o contrário também acontece: é pela dúvida que a fé se pode tornar mais consistente, mais convicta, a fé que vence todo o desânimo e cansaço. Como?

2. "Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28, 20) …

Na expressão "Eu estarei convosco" reflecte-se o nome com que o Deus da Bíblia se revela e identifica em Ex 3,14:"Eu sou aquele que sou". Isto é, sabemos que Deus é, existe, na medida em que está com os Seus, para os libertar de toda a opressão e lhes dar a vida que só Ele tem em plenitude. Sentiram-no primeiro Moisés e depois o Seu povo, particularmente nos momentos da história em que se depararam com obstáculos mais difíceis de vencer.

Foi num desses momentos que surgiu a profecia de Is 7,14: perante o perigo que ameaçava a autonomia do povo de Deus e as dúvidas do rei, o profeta promete, em nome de Deus, que a jovem rainha "dará à luz um filho e pôr-lhe-á o nome de Emanuel".

Para Mt 1, 23, a profecia teve a sua realização definitiva no Filho de Maria: será Ele o "Emmanuel, que quer dizer: Deus connosco". Uma promessa que se repete no final do mesmo Evangelho, mas aí proferida por Aquele a quem o título havia sido atribuído e com uma dimensão que ultrapassa os limites temporais da sua vida terrena: Ele será o Deus connosco "até ao fim dos tempos", porque antes lhe havia sido dado "todo o poder no Céu e na Terra" (Mt 28,18).

Um poder que só Deus tem plenamente e se manifestara na vitória sobre a morte. Pela sua ressurreição, Jesus Cristo adquiriu uma vida que ultrapassa todos os limites do tempo e do espaço.

Mas não, sem, também Ele, ter passado pela prova da rejeição, da ignominia da cruz, e da sensação de ter sido abandonado pelo próprio Deus. Venceu-a pelo único meio possível: o da entrega total ao Deus de quem se sentia abandonado.

Expirou, depois de clamar com voz forte: "Eli, Eli, lema sabacthani?", isto é: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?" (Mt 27,46). Tal o poder da oração; ou melhor: da fé expressa na oração; a fé sujeita à prova de dúvida; a dúvida que, pela oração, é integrada na fé e a fortalece.

Se é a este Emanuel que os discípulos se confiam, então estão em condições de, n'Ele, vencerem todos os obstáculos com que se deparam, na realização da missão de que Ele os investe e a que Ele os envia.

3. "Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos" (Mt 28, 19) …

Como se vê, é ilimitado o âmbito desta missão. Como e porque ilimitado é o poder daquele que envia. Como indica a ligação gramatical entre as duas frases, da totalidade

do “poder no Céu e na terra” passa-se à totalidade dos povos a que os Onze e, depois deles, todos os cristãos são enviados.

Uma amplitude que se estende ao objectivo da missão: a conquista de novos discípulos para Cristo processa-se em dois momentos com uma dimensão igualmente totalizante. Primeiro o Baptismo, a que conduz a fé no Evangelho: por ele, o cristão confia-se e fica a pertencer a Deus na totalidade da sua revelação e constituição trinitária de “Pai, Filho e Espírito Santo”. Uma comunhão com Deus que necessita, em segundo lugar, de ser aprofundada pela catequese em que se ensina a cumprir “tudo” quanto Jesus havia mandado (cf 28,20). “Tudo” refere-se não apenas a todo o conteúdo do ensinamento de Jesus, antes exposto no mesmo Evangelho, mas inclui, pelo menos implicitamente, a totalidade da pessoa que é instruída, nas suas relações tanto com Deus como com o próximo.

Inclui, por exemplo, a proclamação de que felizes são “os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos “Céus” (5,3). Ou o mandamento: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (5,44). Ou a exortação a quem vai em missão de anúncio do “Reino”: “Recebestes de graça, dai de graça” (10,8). Ou o convite a rebaixar-se ao nível de uma criança, para se ser o maior no Reino dos Céus (cf 18, 2-5).

Em tudo isto está em jogo a radicalidade da fé, da esperança e do amor. A um Deus que nos dá tudo o que temos e somos e todo se dá, em Jesus Cristo seu Filho, só se pode responder com o dom total do nosso ser. Um dom mais difícil nas horas difíceis do cansaço, da frustração, do desânimo… Mas, por isso mesmo, mais autêntico. É na situação de mais fragilidade e fraqueza humana que há mais lugar em nós para o Seu poder, a vitalidade que só nele podemos encontrar. Vale a pena arriscar… a exemplo e com a força de Jesus Cristo, o Emmanuel até ao fim dos tempos.

OBJECTIVOS

– Fazer, em conjunto, uma revisão dos temas e actividades do ano.
– Descobrir como Jesus vai continuar presente na nossa vida.
– Sentir e exprimir a alegria de viver em comunhão com Jesus e com os outros.

MATERAIS

– Cartolina em branco ou com a figura de Jesus (1ª alternativa);
– Lápis de cores;
– Cartaz com a figura de Jesus a abraçar o mundo e as respectivas palavras (catecismo) recortado em tantas peças quantas as crianças (o mínimo de cada peça – ¼ duma folha A4) e numeradas.

MÚSICA

– “Guiado pela mão”.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Por ser uma das últimas, propõe-se que nesta catequese se faça uma revisão de todas as outras. Não uma revisão exaustiva. Seria exigir demasiado às crianças. Nem pela ordem em que foram dadas. Para uma participação activa das crianças, propõe-se que inicialmente sejam elas a apresentar o que mais lhes ficou na memória e mais marcou as suas convicções e os seus comportamentos.

O catequista procure apoiar e completar as suas respostas, sugerindo temas centrais que elas, eventualmente, não apresentem, e fazendo a ligação entre os sucessivos temas.

A participação das crianças permite que a revisão seja feita na perspectiva vivencial da sua relação de fé com Deus e de amor recebido e partilhado. Uma fé e um amor que, na medida em que de novo são postos em prática neste encontro, ganharão mais consistência, nomeadamente em relação ao futuro da vida cristã das crianças. É aí que se insere a mensagem da Palavra de Deus, também ela, na sua origem, situada no encontro de despedida entre Cristo Ressuscitado e os Seus discípulos de então. De modo semelhante, as crianças são enviadas a anunciar o que aprenderam, sobretudo de Jesus, e com a promessa de que Ele, assim, estará com elas, onde quer que se venham a encontrar.

É também para isso que estão orientadas as duas propostas da experiência humana: cada criança, com a sua mão na mão de Jesus, será portadora da mensagem que dele recebeu…

A 2ª alternativa permite uma visualização mais clara desta missão: cada criança é como a peça de um “puzzle”, cuja face externa evoca o reinado universal de Deus iniciado em Jesus Cristo.

A mesma alternativa pode também ajudar a compreender mais facilmente a dimensão eclesial da mesma missão: Cristo só está “completo”, na medida em que cada cristão é fiel a essa missão, em união com Cristo e a sua Igreja

Se alguma criança, na expressão de fé, rejeitar que a cartolina que desenhou seja entregue a outro colega, o catequista procure dissuadi-la, expondo o significado e os efeitos do gesto. Se, mesmo assim, não conseguir convencê-la, respeite a sua opção. Na fé e no amor é fundamental a liberdade.

O catequista pode completar esta comunhão eclesial se, durante o tempo em que não há catequese, se mantiver em comunicação com as crianças. Hoje há tantos meios para isso: desde o tradicional correio até à “Net”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Hoje sinto-me um bocadinho triste… Não, não é porque me tenha acontecido alguma coisa de mal… também não é porque algum menino ou menina se tenha portado mal, cometido alguma maldade. Às vezes, isso acontece. Mas hoje felizmente (ainda) não!
Então por que é que me sinto um pouco triste?
É que estamos quase a acabar os nossos encontros da catequese. Depois deste, só temos mais outro.
É por isso que me sinto um tanto triste: ver que, depois do próximo encontro, não voltaremos todos a encontrar-nos, pelo menos durante alguns meses. Vou sentir muitas saudades de vós.

E vós, não estais também um pouco tristes?...
Eu sei que ides para férias. E alguns, só ao pensarem nisso, já estão todos contentes. É ou não verdade?
A propósito: quem já sabe onde vai nas férias e o que vai fazer? (…)
(Se nenhuma criança souber, o catequista pode perguntar:)

O que gostavam mais de fazer nas férias, onde gostavam de ir? (…)

Faço votos para que consigam mesmo isso.

Mas, apesar de estarem contentes com as férias, não sentem também um pouco de tristeza por não nos voltarmos a encontrar na catequese, pelo menos até depois das férias?

De certeza que gostam de vir à catequese. Ganhámos aqui novos amigos, aprendemos tantas coisas novas, fizemos aqui tantas coisas lindas, cantámos, rezámos…
Quem quer dizer do que mais gostou?...

O catequista procura inserir e situar as respostas em temas concretos, tratados na catequese, sobretudo se têm a ver com Deus, Cristo, a Igreja… Pode, por sua vez, juntar mais algumas actividades, em forma de perguntas. Convém que sejam as crianças, tanto quanto possível, a lembrarem-se. No final da breve partilha, que não deve durar mais duns cinco minutos, conclui:

2. E não ficam tristes, por deixarmos de fazer estas coisas, de que, tanto gostaram? (…)
Eu (também) fico com pena.
E se nós fossemos tentar encontrar uma maneira de, ao menos, não nos esquecermos do que aqui aprendemos? De não nos esquecermos de Jesus, do Seu e nosso Pai do

Céu, de Nossa Senhora… E uns dos outros…E de continuarmos a fazer, mesmo longe uns dos outros, muitas das coisas que aprendemos aqui.
Eu sei de uma maneira de conseguirmos isso: de continuarmos a catequese, Jesus continuar com cada um de nós, continuamos a ser amigos uns dos outros, mesmo separados.
Querem saber como é?

1ª Alternativa

Grupo grande
Vamos fazer assim: eu vou distribuir uma cartolina por cada um de vós.

(Se a cartolina já tiver a figura de Jesus:)
Nessa cartolina já está desenhada a figura de Jesus, mais ou menos como está na capa do nosso catecismo. Mas, falta outra figura: a de cada um de vós. Isto é, cada um de vós vai desenhar a sua própria figura, de mão dada com Jesus.

Depois, podem desenhar ao vosso lado aquilo de que gostaram mais de aprender ou fazer aqui na catequese. Pintam tudo com as cores de que mais gostam e que mostram a vossa alegria por terem Jesus como nosso maior amigo. E podem também enfeitar com flores, corações, beijos, etc, para mostrar mais essa alegria. No fim escrevam o vosso nome.

(Se a cartolina ainda não tiver a figura de Jesus, o catequista pede que primeiro a desenhem. O resto é como se indica atrás. Procure-se que a actividade não dure mais de uns dez minutos. O(s) catequista(s) vai observando e ajudando as crianças nos seus trabalhos.)

2ª Alternativa

Grupo pequeno
Um catequista, tenha previamente recortado o cartaz com a figura de Cristo a abraçar o mundo e as respectivas palavras (catecismo p.119) em tantas peças quantas as crianças, para com elas reconstruírem o cartaz em forma de "puzzle". Convém que cada peça tenha o tamanho, no mínimo, próximo de ¼ de uma folha A4, isto é, suficiente para cada criança desenhar no verso o que lhe vai ser pedido.
Se forem muitas as crianças, ou se amplifica o cartaz ou, mas só como último recurso, usem-se dois ou mais cartazes idênticos.

Cada peça deve estar numerada, para facilitar a reconstrução. Sendo vários os cartazes, a numeração tem de ser diferente para cada um
Antes de distribuir as peças, o catequista explica a tarefa a realizar:

Vamos fazer assim: eu vou distribuir por cada um de vós uma pequena cartolina *(pode mostrar)*. Cada cartolina é uma peça de um "puzzle". Por isso, tenham cuidado em não as danificarem. Senão, depois não se pode reconstruir o "puzzle". Nem escrevam na parte colorida, mas só no verso *(o catequista mostra)*.

E escrevem o quê? Vão desenhar em primeiro lugar a figura de Jesus como está na capa do nosso catecismo, mas em ponto pequenino. Desenham também a vossa figura de mão dada com a mão de Jesus. Depois, ao lado desenham o que mais gostaram de aprender ou fazer aqui na catequese. Podem pintar tudo e até enfeitar com coisas que mostrem a vossa alegria por aquilo que fizeram e desenharam. No fim, escrevam o vosso nome.

(O catequista vai acompanhando o trabalho de cada criança, como na 1ª alternativa.)

II. PALAVRA

1. *Depois das crianças preencherem as cartolinas, fazem, uma a uma, a sua apresentação. As que seguiram a **1ª alternativa**, vão sendo chamadas pelo catequista, de uma ponta à outra dos lugares em que se encontram: só depois de uma se apresentar e voltar para o seu lugar, se chama pela seguinte. Cada uma, junto do catequista, mostra aos colegas o desenho, dizendo sinteticamente o que fez. Entrega a cartolina, que o catequista afixa ao placar, começando pelos extremos e de modo a deixar, no centro, o espaço suficiente para nele afixar o cartaz correspondente ao puzzle da 2ª alternativa, depois de afixadas as cartolinas de todas as crianças.*
Se o grupo for numeroso, pode dar-se a palavra só a algumas crianças, no momento em que se apresentam. Além disso, o catequista pode entregar a afixação a outros catequistas. Evita-se assim que a apresentação seja demorada e maçadora.
No final da apresentação o catequista comenta, apontando para o quadro/placar:

Que lindo! Cada um de vós com Jesus, de mão na mão! … E a pensar naquilo que aprendeu e/ou fez na catequese com Jesus!

2. Só falta ali uma coisa. Não adivinham o que é?...
São umas palavras de Jesus que vêm mesmo a propósito do que vós desenhastes. Querem ouvir?
São palavras que Ele disse, pela primeira vez, aos seus discípulos, precisamente quando, depois de ressuscitar, se despediu deles para voltar para junto de Deus Pai. Portanto, é quase como hoje connosco: também nós estamos quase no último dos encontros que

temos tido aqui com Jesus. E até estamos um pouco tristes por isso. Mas também estamos à procura de uma maneira de Ele continuar connosco. Já começámos a encontrar, mas falta uma palavra de despedida de Jesus. E qual é?
Ouçam então com atenção.

*(O catequista abre a Bíblia em **Mt 28,19-20** e lê, a seguinte parte do texto:)*

"Ide (…), fazei discípulos de todos os povos, ensinando-os a cumprir quanto vos tenho mandado. E sabei que eu estarei convosco até a fim dos tempos".

(O catequista pode repetir, voltado para as crianças, a última frase. Depois, mostra o cartaz correspondente e, antes de o afixar no placar, comenta:)
Estão a ver? Jesus promete estar connosco para sempre!...

3. Portanto, não somos só nós que queremos estar com Ele. Ele também quer. Para onde quer que nós vamos com Ele e Ele vai connosco. E vamos de mãos dadas, a fazer o que cada um aprendeu aqui com Ele. Posso colocar este cartaz, com Jesus e as suas palavras, no meio das cartolinas desenhadas e pintadas por vós?... Eu também acho que fica muito bem! *(o catequista afixa).*

***Para as crianças que seguiram a 2ª alternativa**, a apresentação pode ser feita assim: o catequista chama uma por uma, indicando o número da peça do puzzle e começando pelos extremos superiores, de modo que só no fim surja a figura de Jesus, seguida das suas palavras. No caso de ser mais do que um cartaz, procure-se que todos se vão reconstituindo simultaneamente.*

***O resto da apresentação decorre à semelhança da 1ª alternativa**.*
A diferença maior tem a ver com a progressiva reconstituição do cartaz.
Isto é, o catequista, além de uma palavra de comentário e apreço para cada criança, vai suscitando nelas a curiosidade por verem o resultado final da reconstituição. Antes de surgirem as palavras de Jesus pode dizer, por exemplo:

Já temos Jesus a abraçar o mundo. O mesmo Jesus que vós desenhastes de mãos dadas e a pensar no que Ele nos ensinou a ser e a fazer durante todo o ano da catequese. Ele está a abraçar o mundo, possivelmente porque cada um de nós se vai afastar *(se for o caso:)* e alguns até vão para bem longe *(exemplificar, se for o caso)*.

4. Vão com alegria, mas também com um pouco de tristeza.

É que estamos a acabar os nossos encontros de catequese. Mas estamos à procura de uma maneira de não nos esquecermos dele, onde quer que nos encontremos: por isso é que já se desenharam com a mão na mão de Jesus. Isto é, vós quereis mesmo ir, levados por Ele. É ou não verdade?

E será que Ele também tem gosto em ir connosco?

5. Querem ouvir o que Ele nos diz a este propósito?

Olhem: são umas palavras que Ele disse pela primeira vez, quando, depois de ressuscitar, se despediu dos seus amigos para ir para o céu. Como é que os seus amigos podiam ficar sem o verem mais ao pé deles? É quase o mesmo que se passa hoje connosco aqui, não é? Como é que nós podemos ficar unidos a Jesus, mesmo fora dos encontros de catequese? Nós não O queremos deixar. Mas será que Ele também quer ir connosco? E como?

Então, vamos ouvir com muita atenção o que Ele disse aos amigos de então e hoje repete para nós aqui. Ouçam.

*(O catequista, abre a Bíblia em **Mt 28, 19-20** e lê a seguinte parte do texto:)*

"Ide (…), fazei discípulos de todos os povos, ensinando-os a cumprir quanto vos tenho mandado. E sabei que eu estarei convosco até ao fim dos tempos".

(O catequista pode repetir, voltado para as crianças, a última frase. Depois comenta:)
Estão a ver? Também Jesus quer ficar connosco para sempre. Será isso que está escrito no que falta no nosso "puzzle"?

(O catequista chama pelas últimas crianças e no final comenta:)
Cá está precisamente o que Jesus nos disse há pouco. Querem repetir comigo as palavras dele?... Então digamos todos juntos:
"Eu estarei sempre convosco
Até ao fim dos tempos!"

Ele está connosco para onde quer que vamos. E nós damos-lhe a nossa mão, queremos ir com Ele. É o que está por detrás do "puzzle": cada um de vós com a mão na mão de Jesus e a pensar no que dele mais gostamos de aprender. Por detrás está aquilo que nós queremos fazer para que Jesus fique sempre connosco.
Está mesmo lindo o que acabámos de fazer, não acham!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Estão contentes por Jesus ir connosco?...
Olhem: eu conheço uma canção, para mostrarmos a alegria por Jesus estar sempre connosco! Querem aprender?

*O catequista ensaia o **cântico "Guiado pela mão"**. Depois convida as crianças a levantarem-se e a cantá-lo umas três vezes, mas de modo cada vez mais intenso: a segunda pode ser acompanhando com os pés, como quem vai a caminhar, e a terceira, batendo palmas! Depois convida-as a sentarem-se e diz:*

2. Só falta uma coisa. Jesus vai connosco, de mão na mão, de tal modo que não nos sentimos sós como uma ovelhinha sem pastor. Portanto, dele não nos vamos esquecer.

E os colegas? Como é que não nos vamos esquecer deles?

Eu tenho uma ideia: cada um de vós pode levar o desenho feito por outro colega e amigo. Assim podemos pensar pelo menos nele. Que tal, acham bem? Querem que o vosso desenho, com Jesus na vossa mão, seja levado por outro amigo do grupo? Então vamos a isso.

O catequista vai distribuindo as cartolinas, uma por cada criança. Pelo meio, podem cantar de novo o cântico ensaiado. Sendo muitas as crianças, pode ser ajudado por outros catequistas. No final, comenta:

Já viram o colega que vos calhou? Pelo menos dele não se vão esquecer.

(Se houver tempo, cada criança pode dizer qual o colega que lhe calhou e até ser cumprimentado por ele. Pode cantar-se de novo o ***cântico****, agora dando-se as mãos uns aos outros: Para isso o catequista pode dizer:)*
Agora já não damos a mão só a Jesus, mas também aos nossos amigos. E se fizermos o que Jesus manda e nós aprendemos aqui, então é que ainda somos mais amigos uns dos outros.

3. *(Depois do* ***cântico****, conclui:)*
Agora já não estou tão triste, como no princípio. Mesmo fora da catequese, continuamos unidos uns aos outros e todos com Jesus. Até lhe podem rezar pelo colega do desenho que vos calhou e depois, nas férias, podem escrever-lhe ou telefonar-lhe. Querem fazê-lo?

4. Mas ainda falta um encontro. E nesse encontro podemos já fazer a outra coisa que Jesus nos dizia. Lembram-se? Era isto: ensinar aos outros o que Jesus nos mandou fazer aqui na catequese; mostrar aos outros como Ele é nosso amigo.

E quem podem ser os outros? Em primeiro lugar os nossos pais (e avós e irmãos).

Até calha bem, porque vamos convidá-los para o último encontro, que vai ser uma festa. Nesse encontro, vão ter ocasião de mostrar aos vossos pais alguma coisa do que aprendemos aqui. Para isso, vejam lá se eles não faltam. Com todos, vai ser uma festa muito bonita!

CATEQUESE 30

A FESTA DA FAMÍLIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Família e catequese

A este propósito, escrevem os nossos Bispos no documento *Para que acreditem e tenham vida – orientações para a catequese actual*: "A família precisa de reconhecer-se como o primeiro lugar social das crianças, dos adolescentes e dos jovens com uma influência decisiva na educação da fé" (Edição da CEP, Lisboa 2005, p. 11).

Ao escreverem "precisa", já dão a entender que isso, de facto, não está a acontecer. Ou melhor: está, cada vez menos, a acontecer.

Basta darmo-nos conta do número crescente de crianças que (ainda!) começam a catequese sem o mínimo de iniciação, nem sequer religiosa.

Significa que o tema e a prática cristãs são, simplesmente, ignoradas nas famílias em que crescem. Muitas dessas crianças, cada vez mais, nem sequer baptizadas são.

E das que frequentam a catequese, muitas delas reduzem a sua prática cristã ao que fazem nos encontros semanais. Mesmo nas paróquias em que a catequese é dada ao Domingo, em lugares e horários próximos dos da celebração da Eucaristia, mesmo aí há muitas crianças que não participam na celebração, a exemplo dos seus pais.

E não se tenham ilusões: a prática cristã, reduzida a uma hora por semana, sem contar o tempo de férias, muito dificilmente ganhará raízes nas convicções e prática de vida dos catequizandos. E ainda mais, se estas forem crianças, isto é, estiverem na fase da vida em que é mais decisiva a dependência dos pais. Uma catequese em que eles, ou por opção própria ou por descuido dos responsáveis, não dêem o mínimo da colaboração, está à partida condenada ao fracasso. Mais ainda: muitas destas crianças, que um dia mais tarde serão pais e mães de família, nessa altura já nem sequer se hão-de preocupar por que os filhos vão à catequese.

Como enfrentar este fenómeno? Antes de uma resposta mais precisa, convém apercebermo-nos das outras razões que tornam essencial a participação da família no processo catequético.

2. A catequese na família

Os nossos Bispos, no mesmo Documento, apresentam-nos duas espécies de razões. A primeira tem a ver com o que é transmitido na catequese, que, como se sabe, se não reduz a meros conteúdos doutrinais e a princípios e orientações morais. Na base de tudo isso está algo de mais profundo, e é aí que o papel dos pais é insubstituível: "Os pais são chamados a comunicar o seu gosto de viver, a sua maravilha perante a vida e a transmitir uma arte de viver em referência ao Evangelho. O seu contributo é insubstituível, porque a fé é uma vida que se comunica, uma osmose que se realiza e não uma doutrina a inculcar". Ou ainda: "A comunidade do amor familiar, envolvida pelo ambiente de ternura, de afecto e de respeito, contribui de forma marcante para o despertar da fé, pois esta é uma relação de amizade, respeito e confiança em Deus nosso Pai" (Ibidem, pp. 11.22).

Por outras palavras: as crianças estarão tanto mais aptas para se abrirem e se confiarem a Deus nosso Pai, não só na medida em que encontram nos seus pais, carnais ou adoptivos, aquilo que é especifico de Deus em grau infinito, mas sobretudo quando essa experiência é completada por uma relação permanente e visível de fé, da parte dos mesmos pais, com Deus nosso Pai. As crianças confiam-se a Deus Pai, na medida em que confiam nos pais e estes se confiam a Deus.

A isto junta-se uma razão, mais específica da educação: "Actualmente, torna-se necessário sensibilizar e formar os pais para que retomem a sua responsabilidade de primeiros e principais educandos. De facto, algumas décadas atrás, muitos pais deixaram-se cair no descuido ou nalguma confusão quanto ao seu papel de educadores. Ora a família que dá origem à vida tem também a responsabilidade de dar sentido e contribuir para o pleno desenvolvimento dessa existência, enriquecendo-a com o património moral e espiritual que vem do cristianismo" (Ibidem, p. 23).

Numa e noutra perspectiva, é de tomar como modelo a Sagrada Família de Nazaré, nomeada-mente no que sobre ela se diz em Lc 2, 22-24. Quer na purificação de Maria, quer na oferta ao Senhor do seu filho primogénito, há uma insistente referência ao cumprimento da Lei do Senhor: a Lei pela qual se orientava o seu povo na constituição e manutenção da sua identidade; a Lei que, vinda de Deus, convidava à união com Ele pela fé.

Como conquistar tantos pais de hoje para uma semelhante atitude e prática de vida?

3. A família na catequese

Veja-se de novo o que dizem os nossos Bispos, depois de insistirem no papel insubstituível dos pais: "Sendo assim, a comunidade cristã não pode substituir os pais, mas deve colaborar com eles na educação dos filhos. Como frequentemente não estão esclarecidos nem preparados para esta missão, é hoje urgente e indispensável que as comunidades, seus pastores e responsáveis definam um projecto de sensibilização e de formação de pais que integre um conjunto de propostas adequadas às suas situações e

possibilidade, como: reuniões periódicas bem preparadas, formação orgânica de pais aproveitando até os tempos dos encontros da catequese dos filhos para uma catequese paralela com os pais" (Ibidem, p. 23).

Na prática, significa que hoje são muitos os filhos a levar os pais à Igreja e, por ela, a ajudá-los a reencontrar Deus. É que, felizmente, muitos pais, pelos filhos, estão dispostos a tudo. Um amor que, sem talvez o saberem, lhes vem do próprio Deus, a fonte última de todo o amor e da vida que dele deriva. Não será de tentar partir daí para os ajudar a tomarem consciência daquele Deus que afinal já neles actua, sem talvez o saberem?

Nesta perspectiva e seguindo as sugestões dos nossos Bispos, há que aproveitar este último encontro do ano… para que os pais redescubram Deus nos filhos que tanto amam e que Ele, como Pai, ama muito mais.

Esta conquista é tanto mais necessária e urgente, quanto no próximo ano as crianças serão especialmente orientadas para a comunhão com Deus, que aprenderão a invocar como Pai, na oração que Jesus nos ensinou.

OBJECTIVOS

– Agradecer a Deus pelas graças concedidas ao longo do ano da catequese.
– Aprofundar a comunhão com Deus e com os irmãos na fé.
– Comprometer-se em família a continuar a caminhada da fé.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta catequese tem uma estrutura predominantemente celebrativa. É a melhor maneira de terminar o ano catequético: em oração comunitária de acção de graças. Para isso, recorre-se sobretudo à catequese 28, que teve por lema o que nesta é vivido em celebração. O que lá foi apresentado numa perspectiva predominantemente doutrinal, é aqui realizado na prática. O que não impede que a celebração tenha a sua componente didáctica. Toda a oração, como diálogo com Deus, exige a escuta.

Dada a idade das crianças, a celebração não pode ser rígida, nem no esquema, nem muito menos na linguagem utilizada. Daí o protagonismo que é sugerido para o catequista. O objectivo único das suas intervenções é motivar as crianças e outros presentes, para uma participação mais consciente e activa na celebração propriamente dita.

É de toda a conveniência a participação dos pais e/ou outros familiares. São eles os principais responsáveis pela educação cristã dos filhos; o que aparece sobretudo no texto bíblico que vai ser proclamado. Para pais com menos prática religiosa, é até uma bela ocasião para os despertar para a vivência da fé e sua transmissão aos filhos.

Para isso, o catequista recorre a todos os meios que puder para que estejam presentes: desde um convite pessoal, ao pedido às crianças para que pressionem os pais.

Se necessário, mude-se o dia da catequese. Para tal, convém que os pais sejam informados com tempo.

O(s) catequista(s) é convidado a escrever-lhes uma mensagem pessoal, cujo teor fica ao seu gosto e imaginação. Pode fazer uma apreciação sobre o comportamento e a participação do filho na catequese.

Procure realçar o lado positivo. As crianças têm sempre algo de bom que pode ser referido. Convém que tudo seja situado na temática do ano. Isto é, a mensagem aos pais pode e deve ser usada com objectivos catequéticos.

Nesse sentido, sugere-se que a mensagem seja colada no verso do desenho feito pelas crianças na catequese 28. Deste modo são as próprias crianças, sem o saberem, a entregar aos pais a mensagem do catequista. O que ajuda a realçar a complementaridade entre a missão educativa dos catequistas e a dos pais.

No final da celebração pode fazer-se um convívio, se as condições o permitirem. É uma boa ocasião para o contacto pessoal entre todos os que estão envolvidos na catequese. Podem ser os pais a contribuir com a comida e bebida. Também isso contribui para cimentar os laços de união necessários na catequese.

Se, na paróquia, se realizar uma festa de encerramento para todos os grupos de catequese, pode aproveitar-se este convívio para se ensaiar e preparar as crianças para nela intervirem, como grupo. Convém que apresentem algo que tenham aprendido ao longo do ano: por exemplo, um ou outro cântico.

MATERIAIS

– Cartaz com a figura de Cristo, usado na catequese 28;
– Dísticos: “Dai graças ao Senhor”: “porque é eterna a sua bondade (catequese 28);
– Cartolinas desenhadas e assinadas pelas crianças na catequese 28;
– Dois castiçais (cf catequese 28);
– Flores para ornamentação;
– Mensagem do catequista aos pais das crianças (afixar no verso das cartolinas desenhadas na catequese 28);
– Alimentos e bebidas para o convívio final (caso se realize).

MÚSICAS

– “Guiado pela mão” (Catequese 29);
– “Dai graças ao Senhor” (Catequese 28);
– “Eu vim para escutar” (Catequese 6);
– “Obrigado Jesus” (Catequese 28);
– “Tenho um amigo que me ama” (Catequese 5);
– ou “Eu tenho um amigo” (Catequese 18).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

CELEBRAÇÃO

PREPARAÇÃO DA SALA

Na frente *devem estar os mesmos elementos com que terminou a catequese 28:*

– *Em cima da mesa: ao meio a Bíblia (aberta em Lc 2, 22–24), entre dois castiçais acesos. Podem juntar–se algumas flores, a gosto do catequista.*
– *No quadro/placar: ao centro um cartaz ou com a imagem de Jesus, de braços levantados, em atitude de louvor; acima da imagem de Jesus, os dísticos "Dai graças ao Senhor", "porque é eterna a sua bondade"; em volta da imagem e dos dísticos as cartolinas desenhadas pelas crianças (e completadas no verso com uma mensagem do(s) catequista(s) para os pais das crianças), se possível , cada um no mesmo lugar em que ficou nessa catequese.*

No corpo *da sala:*

– À frente, as cadeiras/bancos para as crianças, se possível em semicírculo.
– Atrás as cadeiras para os pais, na mesma disposição.

ENTRADA E ACOLHIMENTO

– *Entra-se na sala pela seguinte ordem: à frente o catequista que preside, seguido das crianças, se possível em duas filas, de modo que cada par possa dar as mãos; no final, os restantes catequistas e os familiares das crianças.*
– *Depois do catequista, ainda no exterior, explicar a referida ordem e introduzir o cântico de entrada (e, se necessário, ensaiar, inclusivamente os familiares), entra-se a cantar.*
– *Cântico de entrada:* ***Guiado pela mão****;*
– *Depois de todos estarem nos seus lugares, o catequista diz, como acolhimento e saudação, as seguintes palavras ou outras semelhantes:*

Gostei muito de ver e ouvir cada um de vós a cantar "guiado pela mão com Jesus eu vou". E os vossos familiares de certeza que também gostaram. Jesus é mesmo o nosso maior amigo.
Por isso desejo, neste último encontro, que Ele, Jesus, esteja connosco, no coração de cada um de nós e no meio de nós todos, para nos unir com o seu amor!

Mas, digam-me uma coisa: nós não entrámos com a mão na mão de Jesus. A vossa mão estava era na mão do vosso colega de lado.

Como é que então, nós, com a mão na mão do colega, pudemos cantar que era Jesus que nos guiava com a sua mão? Quem é capaz de explicar? (…) *(se as crianças hesitarem, o catequista lembra o encontro anterior, dizendo:)*

De facto, no nosso último encontro, ficámos mais unidos a Jesus e aos colegas: cada um de vós desenhou a sua figura com a mão na mão de Jesus; mas, no fim, cada um recebeu o desenho de um colega. Ainda se lembram o colega que vos calhou? *(Depois de algumas crianças se exprimirem, o catequista continua:)*

Muito bem. Cada um de vós está ao mesmo tempo unido a Jesus e unido aos colegas. E levaram os desenhos uns dos outros, para não se esquecerem nem de Jesus, nem dos colegas.

Quem é amigo de Jesus também é amigo dos colegas, porque Jesus é amigo de todos. É Ele que nos faz amigos uns dos outros. E quando somos amigos uns dos outros, Jesus está connosco.

Querem cantar outra vez? (…) Agora já nos lembramos melhor por que é que, com a mão na mão do colega, também estamos com a mão na mão de Jesus.

Então ponham-se de pé… E demos as mãos uns aos outros. Os vossos familiares também podem dar as mãos.

Cantemos outra vez, com muita alegria:

Guiado pela mão…

(Depois de se sentarem, o catequista prepara as crianças para a:)

ORAÇÃO

Gostam de ver aqui os vossos familiares? (…)

(Se alguma criança veio sem familiares, o catequista procura que não se sinta inferiorizada. Diga, por exemplo, que, se não veio, foi porque certamente de todo lhe foi impossível).

Mas, se repararem bem, os vossos familiares e outros amigos, de certo modo, já cá estavam, mesmo antes de entrarem.

Olhem para o nosso quadro. Estão a ver os vossos desenhos? E quem é que está desenhado neles?...

Quem desenhou a mãe e/ou o pai, ponha o braço no ar?

Muito bem. Nos vossos desenhos, ali no quadro, estão os vossos amigos, as pessoas que vos fazem bem. E (alguns) desenharam também os pais.

Lembram-se para que é que fizeram aqueles desenhos? Quem sabe? (…)

Foi para fazer o mesmo que Jesus está a fazer.

Olhem bem para a figura dele. De braços erguidos para o alto… Que está ele a fazer?

Exacto. Está a agradecer a Deus, seu Pai. Até lá estão escritas as palavras de agradecimento que Ele dizia. Vamos todos lê-la ao mesmo tempo:

"Dai graças ao Senhor,
Porque é eterna a sua bondade."

Pois bem, na catequese em que desenhámos os nossos amigos, foi para dar graças por eles a Deus, Pai de Jesus e nosso Pai. Ele mostra a sua bondade, dando-nos pais tão bons, tão nossos amigos. E nós agradecemos-lhe com tanta alegria que até o fizemos a cantar. Eu vou ajudar a lembrarem-se como é que cantámos, e os vossos familiares podem também aprender.

(Depois de um rapidíssimo ensaio, o catequista continua:)
Além deste cântico, aprendemos também uma outra oração para dar graças. Lembram--se?...

"Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Ámen."

E se nós fossemos dar graças outra vez, rezando e cantando?

Agora, até temos mais razão para agradecer: porque estão aqui algumas das pessoas pelas quais agradecemos a Deus. E os vossos pais também gostam de dar graças a Deus: por vós, por serdes tão bons filhos, por tudo o que aprendemos aqui na catequese e tantas outras coisas boas que Deus nos tem dado.

Então, eu vou explicar como é que podemos fazer: primeiro iremos **benzer-nos**; depois **cantaremos**, **de braços levantados**, com Jesus, o cântico que Ele rezava e que está ali no quadro; em seguida, **rezaremos o "glória ao Pai"** de mãos erguidas, assim *(o catequista mostra)*; voltaremos a **cantar** e a **benzer-nos**.

Vamos fazer tudo de pé, está bem?
(Feita a oração, como se indicou, o catequista pede para que se sentem e introduz a:)

PALAVRA

O Pai do Céu e Jesus devem estar muito contentes connosco: porque lhe agradecemos todos, vós e os vossos pais.

E os vossos pais também estão contentes. Porque é para isso que eles vos trazem à catequese, levam à igreja e rezam convosco lá em casa. Eles querem que cada um de vós seja cada vez mais amigo de Jesus, do Pai do Céu e do Espírito Santo.

E quando eles querem isto e fazem tantas coisas para sermos amigos de Jesus, estão a fazer a vontade de Deus. Olhem: estão a fazer como fazia a Mãe de Jesus e S. José, desde quando Jesus era pequenino, muito mais novo do que cada um de vós.

Querem saber uma coisa que eles fizeram, quando Jesus tinha pouco mais de um mês de idade?...

Foi uma coisa que então faziam todos os pais da terra de Jesus. Foram a Jerusalém, à cidade onde ficava a casa de Deus… E foram lá para quê?...

Em vez de ser eu a dizer, vai ser um pai/mãe de um de vós *(pode dizer o nome).* Ele/a vai ler do livro da Palavra de Deus o que aconteceu então em Jerusalém com Maria, José e o Menino Jesus.

Mas antes de ele/a ler vamos preparar-nos para escutar com muita atenção.

(O catequista pode sugerir o ***cântico: Eu vim para escutar****. Para isso, convém que o introduza, com as seguintes palavras ou outras:)*

Vamos mesmo mostrar o nosso interesse em ouvir a Palavra de Deus, por meio de uma oração que até podemos cantar. É assim:

(Caso não seja conhecido, o catequista ensaia rapidamente. Depois de aprendido, o pai/mãe que faz a leitura, vem para a frente, pega na Bíblia em ***Lc 2, 22-24****; depois as crianças, de pé, cantam e, em seguida, escutam a* ***leitura*** *na versão seguinte:)*

Os pais de Jesus, "segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor: todo o primeiro filho que nascer e for um menino será consagrado ao Senhor. E fizeram a oferta, estabelecida na Lei de Moisés: duas rolas ou duas pombas".

(O catequista manda sentar as crianças, enquanto o/a leitor(a) continua no seu lugar de Bíblia aberta, até o catequista terminar a ***reflexão*** *que se segue:)*

Estão a ver o que fizeram os pais de Jesus? Levaram-no à casa de Deus, em Jerusalém, para o oferecerem a Deus. Com isto, estavam a agradecer a Deus por Ele lhes ter dado aquele filho. Era assim a vontade de Deus. E os pais de Jesus cumpriam sempre e em tudo a vontade de Deus. Eram mesmo uns pais muito bons.

Estou a lembrar-me: os vossos pais *(ou, a maioria, no caso de haver crianças por baptizar)* também fizeram uma coisa parecida convosco: quando ainda eram pequeninos, levaram-vos à Igreja, para vos oferecerem a Deus. Não se lembram quando foi, porque ainda eram muito pequeninos. Mas eles lembram-se. *(Apontando para o leitor/a:)* Por exemplo aqui o Sr(a), pai/mãe do/a *(nome da criança)* ainda se lembra quando levou o/a filho/a à Igreja para ser baptizada e ficar a pertencer a Deus. Diga lá quando foi.

(O/a pai/mãe em causa pode indicar o dia, lugar e mais um ou outro pormenor do baptismo do/a filho/a, mas sem alongar).

E o mesmo aconteceu com a maioria dos vossos pais. Afinal, desde pequeninos eles levaram-vos à Igreja, e foi nessa altura que também prometeram diante de toda a gente que um dia haviam de trazer-vos à catequese.
Que bons são os vossos pais! Afinal, também eles procuram ser como os pais de Jesus: fazer a vontade de Deus, em tudo o que vos fazem e ensinam, a começar lá por vossa casa.

EXPRESSÃO DE FÉ

Não há dúvida: eles merecem mesmo que a gente lhes agradeça. Querem fazê-lo?...Pode ser já aqui.

Eu tenho uma ideia: podemos agradecer-lhes de uma maneira muito bonita, de que eles certamente vão gostar e vós também.

É assim: cada um de vós vai **oferecer**-lhes o **desenho** que fez e que está ali no quadro, o desenho com os vossos amigos. Até porque (alguns de) vós desenhastes também a figura deles. Que tal? Acham boa a ideia?

Mas ainda podíamos fazer mais uma coisa. Como é Jesus que nos ensina a sermos amigos dos pais e das outras pessoas, podíamos, ao mesmo tempo, agradecer a Jesus. Neste caso, também os vossos pais agradecem convosco. Todos juntos, eles e vós, agradecem ao maior amigo.

E ainda se lembram da canção que aprenderam para agradecer a Jesus? Vamos ensiná-la aos vossos pais, para eles também cantarem convosco.

*(O catequista ensaia rapidamente o **cântico**: **"Obrigado, Jesus, porque és meu amigo".** Depois continua:)* Pronto! Uma vez que os vossos pais também já sabem, podemos começar: agradecem aos pais, oferecendo-lhes o desenho, e, ao mesmo tempo, agradecemos todos a Jesus pelo amor que Ele nos tem.

Se o grupo não for demasiado numeroso, o catequista chama, sucessivamente, por cada criança, entrega-lhe o desenho, e cada criança entrega-o ao pai ou à mãe, que, para isso, virá à frente, junto da mesa, para o receber.

Se forem muitas as crianças, podem ser também os outros catequistas a fazer o mesmo. Neste caso, cada criança pode deslocar-se ao lugar onde se encontra o pai e/ou a mãe.

O acto da entrega ao pai ou à mãe pode ser completado com um beijo.

Se houver crianças, cujos pais ou seus representantes não estejam presentes, diz-lhes que façam a oferta em casa.
Pode começar-se com o cântico, com todos de pé, acompanhado dos gestos sugeridos na Catequese 28. O mesmo cântico pode ir sendo repetido, entre algumas entregas dos

desenhos, procurando-se que tudo não seja demasiado demorado. Depois de todos fazerem a sua entrega, o catequista introduz, com as seguintes palavras ou outras, o:

CÂNTICO FINAL

Alguns de vós certamente já repararam que, por detrás do vosso desenho, ia mais alguma coisa. São umas palavrinhas que eu *(ou nós, se forem vários catequistas)* achei que devia escrever aos vossos pais. Porque eu (nós) também estou muito feliz e agradecido pela colaboração dos vossos pais. Com a ajuda deles é que eu vos pude ensinar melhor a sermos todos amigos de Jesus: cada um de vós, eu (nós), como catequista, e os vossos pais e outros amigos.

E se nós fossemos cantar isso? Podemos fazê-lo com a **canção**
"Tenho um amigo que me ama".

*(Ou **"Eu tenho um amigo"**. O primeiro pode ser acompanhado a bater as palmas. No final, o catequista convida as crianças e os pais para o convívio que se segue, se for o caso. No fim de tudo, procure despedir-se pessoalmente de cada criança e respectivos pais e/ou amigos presentes).*

REUNIÕES DE PAIS E FAMILIARES

(PROPOSTA)

1. Acolhimento:
– A sala deve estar preparada;
– É bom que haja alguns catequistas a receber os familiares, logo à chegada;
– Pode cantar-se uma canção, distribuindo a letra ou projectando-a.

2. Introdução à reunião:
– Saudação inicial;
– Para que estamos aqui? (Objectivos)
– Como vamos organizar a reunião?
– Apresentação dos participantes (se for oportuna).

3. Apresentação do tema:
– Com recurso a audiovisual ou a um esquema fotocopiado;
– Diálogo sobre o tema ou trabalho de grupos;
– Plenário ou resumo com as principais conclusões.

4. Encontro com os catequistas:
– Se necessário, fazer a apresentação de cada um;
– Dialogar sobre o grupo(como é que se pode ajudar no crescimento da fé);
– Se houver casos delicados, falar em particular (ex. no final).

5. Conclusões
Se for o caso, pode-se ainda voltar ao grande grupo:
– Agradecer a presença;
– Avaliar a reunião, pode ser com esquema (ficha);
– Avisar a próxima, se for o caso;
– Terminar com uma oração ou um cântico.

CÂNTICOS

Catequese 1: Já vou à catequese

EU VENHO À CATEQUESE

Eu venho à catequese
Onde há verdade e luz
Eu venho à catequese
Para conhecer Jesus

Que bom estarmos aqui
De mãos nas mãos
E Deus é nosso Pai
E Deus é nosso irmão

Catequese 2: Tenho mais amigos

NÓS SOMOS AMIGOS
Rosária Nunes – A. Cartageno

Nós somos amigos
Aqui e agora
Seremos amigos
Ao ir embora

Lá, lá, lá, lá, lá, lá
Somos amigos
Lá, lá, lá, lá, lá, lá
Somos irmãos

Nós somos amigos
Dêmo-nos as mãos
Nós somos amigos
Nós somos irmãos

Somos o futuro
Do mundo que avança
Trazemos no peito
A chama da esperança

Catequese 3: Visitamos a casa de Deus

VAMOS ENTRANDO NA CASA DE DEUS
J. Rocha Monteiro

Vamos entrando na casa de Deus (Bis).
Vamos fazer a festa com Jesus (Bis).

Vinde, amigos vinde, vinde,
vinde a Jesus! (Bis).

Vinde, amigos vinde, vinde
à casa de Deus! (bis)

Catequese 5: Na Igreja reúnem-se os amigos de Jesus

DOMINGO VOU À MISSA

Domingo vou à missa
Rezar é estar com Deus
Milhões de seres humanos
Falam com Jesus,
O sol da minha vida
Lá em qualquer lugar...
Digo

Sim ao bom humor
Digo sim à amizade
Digo sim à alegria
E sim à solidariedade

A Igreja é a casa de Deus
E a missa, a festa do pão
As pessoas, os amigos de Jesus
Que vivem em comunhão

TENHO UM AMIGO QUE ME AMA
Gabarain

Tenho um amigo que me ama,
Que me ama, que me ama.
Tenho um amigo que me ama,
Seu nome é Jesus.

É um amigo que me ama,
Um amigo que me ama,

Um amigo que me ama,
É Jesus

Tens um amigo que te ama,...

Temos um amigo que nos ama,..

Catequese 6: Na Igreja Jesus fala-nos

EU VIM PARA ESCUTAR
Pe. Zezinho

Eu vim para escutar Tua palavra,
Tua palavra, Tua palavra de amor.

Eu gosto de escutar Tua palavra,
Tua palavra, Tua palavra de amor.

Eu quero entender melhor Tua palavra,
Tua palavra, Tua palavra de amor.

O mundo ainda vai viver Tua palavra,
Tua palavra, Tua palavra de amor.

Catequese 7: Deus cria tudo para nós

MINHA ALMA A CANTAR

Pelo céu e pelo mar, aleluia
Pelas aves a cantar, aleluia
Pelas fontes a correr, aleluia
Minha alma a cantar, aleluia

Catequese 8: Deus faz-nos crescer

FAZES-ME VIVER
R. Nunes/A.Aparício – A. Cartagena

Eu quero, Senhor
Dizer-te a cantar
Que já sou capaz
De correr e brincar

Fazes-me viver
E pensas em mim
Obrigado, obrigado
Obrigado sem fim

Eu já Te conheço
Senhor, meu amigo
Eu já sei rezar
Já falo contigo

Quero receber-Te
No meu coração
Quero agradecer-Te
Com esta oração

Eu estou contente
Por te comungar
Faz-me em cada dia
Sempre mais te amar

Catequese 9: Chama-se Maria

PALAVRA DE GABRIEL
Os grandes sucesssos de Natal em Português
Moviplay, 1994 (excerto)

Que mistério é a vida
Lida na voz do anjo Gabriel.

Catequese 10: O Natal de Jesus

NOITE FELIZ

Noite feliz, noite feliz
o Senhor Deus de amor
pobrezinho nasceu em Belém
eis na lapa Jesus nosso bem
dorme em paz ó Jesus
dorme em paz ó Jesus

Noite de paz noite de amor
tudo dorme em redor
entre os astros que espargem a luz
indicando o Menino Jesus
brilha a estrela da paz
brilha a estrela da paz

Noite feliz, noite feliz
Ó Jesus, Deus de luz
Quão amável é Teu coração

Que quiseste nascer nosso irmão
E a nós todos salvar
e a nós todos salvar

Noite feliz, noite feliz!
Eis que no ar vêm cantar
Aos pastores os anjos do Céu
Anunciando a chegada de Deus
De Jesus Salvador
De Jesus Salvador

SENHOR PARA TI O MEU CORAÇÃO
C. Silva

Senhor para Ti
O meu coração (Bis)

Jesus é o amigo das crianças
Dos pobres, dos simples, dos pequeninos

"Deixai vir a mim as criancinhas;
seus anjos contemplam a Deus no céu"

O Reino dos céus é dos humildes
Dos rectos e puros de coração

Aquele que acolhe uma criança
Acolhe Jesus, filho de Deus

Catequese 11: Jesus tem visitas

OS TRÊS REIS DO ORIENTE

Os três reis do Oriente
Tiveram um sonho profundo
Os três reis do Oriente
Tiveram um sonho profundo
Julgaram que era nascido
O supremo rei do mundo
Julgaram que era nascido
O supremo rei do mundo

Os três reis como eram santos
Uma estrela os guiou
Em cima de uma cabana
A estrela se poisou

A cabana era pequena
Não cabiam todos três
Adoraram Deus-menino
Cada um por sua vez
Todos três lhe ofereceram
Ouro, mirra e incenso
Não lhe ofereceram mais nada
Porque era Deus imenso

Catequese 14: Jesus crescia em graça

CORAÇÕES GENEROSOS
Mariano Fuertes

Nós temos um coração
Nós temos um coração
Tão generoso
Com muitas portas
Todas abertas
De par em par
Ajuda com alegria
A teu pai e tua mãe
Faz feliz toda a gente
Que nunca se encontres
Sem teu amor

Espalha muitos sorrisos
Com teu pai e tua mãe
Faz feliz toda a gente
Que em ti anda sempre
Um bom coração

Quando vais caminhando
Com teu pai e tua mãe
Olha e vê que a teu lado
Caminho e de ajuda preciso Senhor

Ama muito as crianças
A teu pai e tua mãe
Ele quer ir contigo
E ser teu amigo
Jogar e sorrir

Catequese 15: Jesus gosta de seu pai

DEUS NOSSO PAI QUE SOIS TÃO BOM
Liturgia – C. Silva

Deus nosso Pai
Que sois tão bom
Bendito sejais
Glória a vós Senhor

Catequese 16: Jesus fala com o seu pai

DEUS É BOM PARA MIM

Deus é bom para mim
Deus é bom para mim
Ele faz a chuva e o sol
Deus é bom para mim

Deus é bom para mim
Deus é bom para mim
Ele dá-me a mão
e põe-me em pé
Deus é bom para mim
Deus é bom para mim
Deus é bom para mim
Eu sou pequenino
Ele ouve o meu grito
Deus é bom para mim

Catequese 17: Jesus é amigo de todos

COM JESUS
Pe. João Eleutério

Jesus é o amigo das crianças
Ele acolhe sempre os pequeninos
Também nós queremos dar-lhe o coração
P'ra que Ele viva em nós.

Com Jesus vou ser livre e ser feliz
Com Jesus toda a vida tem valor
Vou fazer tudo quanto Ele diz
E com Ele vou dizer sim ao amor

Jesus quer que todos sejam simples
Puros, transparentes como as flores
Também nós queremos branquear a alma
P'ra que Ele viva em nós.

Catequese 18: Jesus gosta de mim

OBRIGADO, JESUS
C. Silva

Obrigado, Jesus
Porque és meu amigo
Obrigado, Jesus
Porque gostas de mim

Quando me levanto e falo contigo
Eu sei que Tu estás em mim
Quando amo os outros como Tu gostas
Eu sei que Tu estás em mim

Quando trabalho de boa vontade
Eu sei que Tu estás em mim
Quando obedeço e falo a verdade
Eu sei que Tu estás em mim

DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS
Acácio Santana

Deixai vir a mim as crianças
Um dia disseste, Jesus
Por isso, com muita esperança
Viemos buscar Tua luz

Hoje novamente chamas todos nós
Viemos escutar tua voz

Hoje novamente acolhes todos nós
Viemos escutar tua voz

Hoje novamente guardas todos nós
Viemos escutar tua voz

EU TENHO UM AMIGO
Rosaria Nunes – A. Cartagena

Eu tenho um amigo
Que teu é também
Amigos de todos
Do pai e da mãe

Ó, ó, ó, ó, chama-se Jesús (bis)

Este meu amigo
Está no meu coração
Está no teu coração
Chama-se Jesus.

Catequese 19: Eu gosto de Jesus

TÃO PERTO DE MIM
C. Gabarain

Tão perto de mim
Tão perto de mim
Que até eu Lhe posso tocar
Aqui está Jesus

Não procuro a Cristo nas alturas
Nem O encontrarei na escuridão
Sinto que Jesus está juntinho a mim
Dentro do meu ser, no coração

Vou contar-Lhe toda a minha vida
Como a um amigo falarei
Eu não sei se é Ele que habita em mim
Ou se sou eu já que habito n'Ele

Olha que Jesus vai a teu lado
Entre as alegrias e as dores
A teu lado vai sempre a caminhar
Ele nunca te abandonará

Catequese 20: Eu quero ser como Jesus

JESUS ESTÁ VIVO

Jesus está vivo
Ele não está morto
Jesus está vivo
no meu coração

Catequese 22: A festa da luz

JESUS TU ÉS A LUZ
J. Pedro Martins

Jesus é como a estrela
que brilha lá no céu
A sua luz é bela
É luz que o Pai nos deu

Jesus, Jesus
Tu és a nossa luz
Jesus, Jesus
Tu és a nossa luz

Jesus é um amigo
Que nos traz pela mão
Diz muitas coisas belas
Ao nosso coração

Como um farol nas trevas
Jesus nos alumia
Por isso Lhe cantamos
Com vozes de alegria

Eu tenho um grande amigo
Que se chama Jesus
Em todos os momentos
É Ele a minha luz

ESTA LUZ PEQUENINA
DR – Rocha Monteiro

Esta luz pequenina vou deixá-la brilhar,
Esta luz pequenina vou deixá-la brilhar,
Esta luz pequenina vou deixá-la brilhar,
Vou deixá-la, vou deixá-la brilhar.

Esta luz de Cristo...

Onde quer que eu vá...

Catequese 23: Jesus está vivo

A PAZ ESTEJA CONVOSCO

A paz esteja convosco
A paz esteja convosco
A paz esteja convosco
Sempre convosco
Sempre, sempre esteja a paz

Catequese 24: Jesus dá o Espírito Santo

VEM ESPÍRITO SANTO

Vem Espírito Santo
Mostrar a palavra de Jesus
Vem Espírito Santo
Trazer-nos tua luz

Catequese 25: Os discípulos falam de Jesus

EU IREI CANTAR PELO MUNDO

Eu irei cantar pelo mundo
Falar de Ti, meu Salvador.
Eu irei dar a Boa Nova,
Dizer aos homens: "Jesus é Amor".

Eu irei, falarei a todos
Que esperam receber Teu fogo;
Eu irei levar essa chama
Que iluminará o mundo.

Eu irei e já voltarei,
E virei mais rico de Amor;
Eu irei e já voltarei,
Bem mais preso a Ti, Senhor.

Catequese 27: Já sei rezar

AVÉ DE FÁTIMA - A TREZE DE MAIO

A treze de Maio
Na Cova da Iria,
Apareceu brilhando
A Virgem Maria.

Avé, Avé, Avé Maria!
Avé, Avé, Avé Maria!

A Virgem Maria
Cercada de luz,
Nossa Mãe bendita
E Mãe de Jesus.

Foi aos pastorinhos,
Que a Virgem falou,
Desde então nas almas,
Nova luz brilhou.

Com doces palavras,
Mandou-nos rezar,
A Virgem Maria,
Para nos salvar.

Catequese 28: Aprendo a agradecer

DAI GRAÇAS AO SENHOR

Dai graças ao Senhor,
porque é eterna a sua bondade!

Catequese 29: Jesus está sempre connosco

GUIADO PELA MÃO

Guiado pela mão
Com Jesus eu vou,
E sigo como ovelha
Que encontrou pastor.
Guiado pela mão
Com Jesus eu vou,
Aonde Ele vai.

Se Jesus me diz : "Amigo
Deixa tudo e vem comigo!",
Como posso resistir ao seu amor ?
Se Jesus me diz : "Amigo
Deixa tudo e vem comigo!",
Minha mão porei na sua e irei com Ele.

Se Jesus me diz: "Amigo
Deixa tudo e vem comigo!",
Como posso ser feliz sem ir com Ele?
Se Jesus me diz: "Amigo
Deixa tudo e vem comigo!",
Seguirei o seu caminho, e irei com Ele.

INDICE

PÁG.

Siglas 3

Apresentação 5

Itinerário de Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência 7

Introdução 9

1º BLOCO – JESUS CHAMA-NOS

Catequese 1 – **Já vou à catequese** 31

Catequese 2 – **Tenho mais amigos** 39

Catequese 3 – **Visitamos a casa de Deus** 49

Catequese 4 – **Festa do acolhimento** 59

Catequese 5 – **Na igreja, reúnem-se os amigos de Jesus** 73

Catequese 6 – **Na igreja Jesus fala-nos** 83

Catequese 7 – **Deus cria tudo para nós** 91

Catequese 8 – **Deus faz-nos crescer** 99

Catequese 9 – **Chama-se Maria** 109

Catequese 10 – **O Natal de Jesus** 119

2º BLOCO – UM MENINO CHAMADO JESUS

Catequese 11 – **Jesus tem visitas** 133

Catequese 12 – **Jesus crescia como nós** 145

Catequese 13 – **Jesus crescia em sabedoria** 155

Catequese 14 – **Jesus crescia em graça** 165

Catequese 15 – **Jesus gosta de seu Pai** 175

Catequese 16 – **Jesus fala com o seu Pai** 185

Catequese 17 – **Jesus é amigo de todos** 195

Catequese 18 – **Jesus gosta de mim** 205

Catequese 19 – **Eu gosto de Jesus** 215

Catequese 20 – **Eu quero ser como Jesus** 227

Catequese 21 – **Celebramos a Páscoa** 239

Catequese 22 – **A festa da luz** 251

3º BLOCO – NÓS SOMOS DO GRUPO DE JESUS

Catequese 23 – **Jesus está vivo** 267

Catequese 24 – **Jesus dá o Espírito Santo** 277

Catequese 25 – **Os discípulos falam de Jesus** 287

Catequese 26 – **O grupo dos amigos de Jesus** 297

Catequese 27 – **Já sei rezar** 309

Catequese 28 – **Aprendo a agradecer** 321

Catequese 29 – **Jesus está sempre connosco** 333

Catequese 30 – **A festa da família** 343

Proposta para reuniões de Pais e familiares 353

Cânticos 355

GRÁFICA ALMONDINA – Zona Industrial - Torres Novas

Telefone 249 830 130 – Fax 249 830 139